

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE

**ANUÁRIO DO MUSEU IMPERIAL**



PETRÓPOLIS  
1954



## Índice

- D. Pedro II e a poesia popular – *Walter Spalding*, **5**  
A queda da monarquia vista pela legação americana no Rio  
de Janeiro – *Manuel Cardoso*, **25**  
Henrique Oswald – *Luís Heitor*, **41**  
Diários, cadernetas e apontamentos de viagem de d.  
Pedro II – *Hélio Viana*, **69**  
Acréscimos e retificações ao Arquivo Nobiliárquico –  
*Laurênio Lago*, **83**  
Arquivo do Museu Imperial, **221**  
Noticiário, **243**



**DOM PEDRO SEGUNDO E  
A POESIA POPULAR**



## Dom Pedro Segundo e a poesia popular

Artur de Oliveira, boêmio inveterado, conversador erudito, talento extraordinário, que Teófilo Gauthier cognominou “Père de la foudre” e Machado de Assis, apelidou “Saco de espantos”, foi, certa vez, abordado por um organizador de dicionário bio-bibliográfico e enciclopédico: desejava a biografia do ilustre “Causeur”.

Este, entretanto, negou-se dizendo:

– No dicionário só se entra de chapéu na mão.

Hoje, figurar num dicionário semelhante é a coisa mais trivial deste mundo. Qualquer analfabeto pode figurar, principalmente nestes internacionais: basta ser ousado e... ter um pouco de dinheiro para gastar.

Mas, de qualquer forma, figurar em dicionários não significa popularidade, mesmo porque, tais obras são, muitas vezes, simples sepulturas onde jazem para uma posteridade... limitada de curiosos. Popularidade, autêntica popularidade é a que se conquista na voz do povo que não admite imposições e, principalmente, na poesia popular, imortal, que é a própria alma do povo quer glorificando, quer achincalhando, mas sempre consagrando.

Não são muitos os nomes de heróis e bandidos, de intelectuais e políticos, que aparecem na poesia popular do Brasil. Entre estes nomes lugar de destaque teve o último imperador do Brasil, o magnânimo senhor dom Pedro Segundo. Já logo após o nascimento, cantaram-no em Minas Gerais as mães ninando seus filhinhos:

Lá vai o sol entrando  
arraiando pelo mundo;  
no dia 2 de dezembro  
nasceu dom Pedro Segundo.

Foi o prelúdio de uma série de trovas e poesias que o acompanhariam durante o reinado e, mesmo, no exílio e na sepultura.

Quando se esboçou a campanha da maioria, o povo desde logo se manifestou, cansado como estava das experiências regenciais. E a quadra

Queremos Pedro Segundo  
embora não tenha idade;  
a Nação dispensa a lei  
e viva a maioria!

tornou-se popularíssima em todo o país, refletindo a vontade do povo brasileiro.

No nordeste, por essa mesma ocasião, e com referência a d. Pedro I, que falecera em 1834, em Lisboa, cantavam:

Morreu Dom Pedro Primeiro  
ficou Dom Pedro Segundo,  
batendo com as pestanas,  
governando sempre o mundo.

No Pará, os movimentos revolucionários da Cabanagem deram algumas poesias populares, entre as quais, com alusão ao imperador, o hino das “Novas Amazonas” ou “Iluminadas” associação de senhoras, de feição maçônica, fundada em 1833, que se propunha, entre outras coisas, salvaguardar a independência do Brasil, a liberdade e a glória do Pará. Desse hino, de autor desconhecido e, por isso incorporado ao populário, destaca-se esta quadra alusiva a d. Pedro I:

Perde a coroa, cai por terra  
quem de pai quis ser tirano;  
não vegeta o despotismo  
no jardim americano.

Um jornal paraense, – *Sentinela Maranhense na Guarita do Pará*, – estampou, em 1834, esta quadra popular como legenda:

Sem rei existe um povo;  
sem povo não há nação;  
os brasileiros só querem  
federal constituição.

Mas legitimamente popular era esta trova recheada de amor pátrio, religiosidade e ardor guerreiro dos cabanos:

Viva Deus e viva a Pátria,  
viva a nossa Religião;  
viva o nosso Imperador,  
viva o nosso Batalhão;

Mas a popularidade de d. Pedro II começou, mesmo, com a maioria, pois cansado estava o povo das revoltas e experiências. Ansiava outra coisa e pôs no jovem monarca, por isso, todas as esperanças:

Suba ao trono o jovem Pedro  
exulte toda a Nação;  
os heróis, os pais da Pátria,  
aprovaram com união.  
vista a seda, traje a púrpura,  
exulte toda a Nação;  
os heróis, os pais da Pátria,  
aprovaram com união.  
Foi abaixo a camarilha  
de geral indignação;  
os heróis, os pais da Pátria,  
aprovaram com união.

Há, destas quadras, uma síntese que colhemos em Santa Catarina, em 1940:

Sobe ao trono o jovem Pedro  
com geral satisfação;  
foi abaixo a camarilha!  
exulte toda a Nação!

A par dessa satisfação, atacavam o velho padre Diogo Feijó numa quadra-epigrama verdadeiramente profética:

Ontem, bispo,  
hoje, regente;  
amanhã no campo  
matando gente,

que, parece, fazia parte de algum lundu ou “pasquim”.

Sabe-se que Feijó não chegou a ser bispo apesar de indicado e, também que, depois de ter sido regente do Império, foi revolucionário em 1842 ao lado de Tobias de Aguiar, marido da marquesa de Santos, à qual o senador por Goiás, José Antônio da Silva Maia dirigiu o seguinte epigrama:

De couro se fazem selas  
e cobrem-se mesas;  
também de ruins atanados  
se fazem marquesas...

No Rio Grande do Sul, que andava às voltas com os farroupilhas, a maioria não teve eco maior. A 14 de agosto de 1840 recebia a Câmara a notícia através ofício do presidente da província, conforme se lê na ata respectiva (14/08/1840):

“Apresentado e lido um ofício de sua excelência o senhor presidente da província com data de treze do corrente, comunicando que pela repartição dos Negócios do Império lhe fora comunicado em aviso de vinte e cinco de julho findo que Sua Majestade o senhor dom Pedro segundo assumira as rédeas do governo do Império brasileiro no dia vinte e três do mesmo mês, cumprindo portanto que a Câmara fizesse constar solenemente por bando esta fausta notícia, convidando aos cidadãos desta capital a iluminarem suas casas por três dias a contar de hoje em diante, e bem assim a darem todas as demonstrações de regozijo por tão interessante motivo; e incluindo um exemplar da proclamação, que fez o mesmo augusto senhor aos habitantes desta província, para ter toda a publicidade neste município; e inteirada a Câmara, resolveu se lavrasse edital com o teor do ofício recebido e da proclamação incluída, para ser hoje pelo meio-dia publicado solenemente com assistência da mesma Câmara, e que assim se participasse a sua excelência em resposta ao seu referido ofício, pedindo-lhe uma guarda, e banda de música para acompanhar a publicação, e neste auto se expediu o respectivo ofício, aprovada a sua redação, foi assinado pela Câmara, a qual, logo que se apostou a guarda em frente dos paços da mesma, saiu em corporação pelas ruas do costume a publicar o bando ordenado, convidando por ele aos cidadãos moradores desta capital a iluminarem as frentes de suas moradias por três noites sucessivas a contar de hoje, e a prestarem todas as demonstrações

de público regozijo, o que praticado, e recolhendo, continuando a sessão, resolveu que o bando sobredito fosse também publicado pela imprensa, e que tudo se desse parte a Sua Majestade o Imperador, felicitando-o pela sua elevação ao, aliás felicitando-o pelo motivo recontado, e da mesma forma a Assembléia Geral Legislativa”.

Infelizmente a proclamação de d. Pedro II não existe, nem mesmo em cópia, nos arquivos da Câmara e da prefeitura municipal de Porto Alegre.

O entusiasmo pela maioria foi, como se vê, igual ao entusiasmo por qualquer outro acontecimento como, por exemplo, o nascimento de algum príncipe. Mas não foi assim um ano mais tarde, isto é, por ocasião de ser coroado o imperador menino. Já aí encontramos, nos jornais governistas, a par de notícias como esta, várias poesias anônimas:

#### VIVA SUA MAJESTADE O IMPERADOR DO BRASIL

“Idéias, expressões, estilo, tudo tudo nos falta, para quanto ser deve, celebrar o magno, o festivo, o sempre memorável dia 23 de maio próximo passado; dia glorioso, que ao Brasil pressagia uma infinidade de venturas; dia de regozijo que aos brasileiros afiança a mais segura estabilidade de suas sacras instituições; dia brilhante e em tudo feliz não só para os que nele existentes tiveram a glória de solenizar a sagração e coroação do magnânimo monarca, como para aqueles, que nascendo, e criando-se no Brasil encontram para o futuro em seu solo natal toda a sorte de bens, toda a espécie de fortunas, e um sem número de felicidades; dia por mil causas jocundo, e que pelos brasileiros deve ser contemplado, como um dos primários em sua história; dia finalmente, em que o adorado monarca brasileiro, o sr. d. Pedro II, luminoso sol da terra de Santa Cruz, no meio das mais pomposas festi-vidades, no meio do mais vivo entusiasmo de seus vassallos colocou, em sua augusta cabeça o majestoso diadema e empunhou o potente cetro, que para fortuna nossa se acha sustentado por mão justiceira, reta, humana, clemente e forte.

Ó dignos, e leais brasileiros! Quem descrever pode as lisonjeiras e venturosas esperanças que encheram de nímio prazer todos os sensíveis corações em tão solene dia? Que pena poderá com exa-

tidão apresentar um resumido quadro dos numerosos e diferentes bens, que ao Brasil prometeu o esplêndido ato da sagração e coroação do augusto monarca, ínclito, e o melhor dos soberanos que digno do mais profundo respeito pelo seu poder e posição na sociedade, muito mais inda se torna querido, estimado, e adorado por todos aqueles que se ufanam em ser vassallos de tão magnânimo monarca, em quem reconhecem e confessam existir inúmeras qualidades morais, que sendo também reconhecidas pelas nações estrangeiras, não cessam estas de continuamente elogiá-lo e de admirar, que em tão curta idade exista em tão sublime ponto a prudência, a circunspecção, a gravidade, a perspicácia, a clemência, e o saber.

Com extremo e geral entusiasmo, com as mais expressivas demonstrações de perene júbilo, com os mais evidentes sinais de respeito e amor foi festejado, e ainda é na corte, e será também em todas as províncias do Império o ameníssimo ato de 23 de maio, conseqüência do não menos prazenteiro e memorabilíssimo ato do magno dia 23 de julho de 1840.

Neste dia, graças ao Onipotente, que tanto vela sobre nosso Império; neste dia ganhou o Brasil a mais completa vitória; neste dia, Ó prazer! Ó júbilo! agarraram os brasileiros a única e felicíssima tábua da salvação: neste dia (podemos assim dizer) entrou em porto seguro e bonançoso a quase soçobrada nau do Império do Brasil, por todos os lados combatida pela discórdia, pelas rivalidades, pela ambição, e pelas guerras civis, que passavam de uma a outra extremidade do Brasil: neste dia, enfim por irresistível força de urgentes circunstâncias, protegendo a Providência tão agigantado passo, o Brasil expelindo emprestados governantes, que com vacilante e trêmula mão, sob mil perigos dirigiam o leme do Estado, o entregou com toda a confiança nas mãos daquele que a natureza tinha criado e conservado entre nós para ser nosso protetor, nosso salvador, fonte inesgotável de contínuas felicidades, para ser finalmente, Ó gratidão! Digno sucessor de seu benemérito pai, nosso ínclito ex-monarca, autor sempre memorável de nossa preciosa Independência.”

O artigo continua, ainda, numa série de invocações ao augusto monarca terminando com um apelo aos riograndenses. (*O Comércio*, nº 137; de 25 de maio de 1840. – Nota: na transcrição supra modificamos apenas a ortografia).

As poesias anônimas que também figuram no mesmo número do jornal portoalegrense, são duas que reproduzimos a seguir:

**ODE**

Sobre as asas do Estro arrebatado  
Transponho espaço imenso  
e além de inúmeros Sóis, além dos Céus,  
diviso o Templo eterno,  
onde habita o Destino, e seus ministros  
imutáveis como ele.  
Chego; no santuário, ao Deus me inclino,  
e assim lhe falo intrépido:  
Deus dos Deuses, Destino inexorável,  
atende-me propício!  
De ti saber desejo o porvir claro  
Do Brasília Monarca,  
honra da Pátria, que extremosa hoje  
lhe cinge o diadema!!  
Ó Deus, menos severo, fito a fito  
um pouco me contempla:  
– Ousado jovem (diz) o teu arrojo  
transcende a humana audácia,  
mas ele me compraz, e exorável  
acolho a tua súplica.  
Assim falando o férreo livro toma  
que jaz em altar de bronze;  
e co'a suprema voz, que fala os mundos,  
os deuses, e os homens,  
Estas palavras leu irrevogáveis,  
(e os astros se inclinaram)  
“Será PEDRO Segundo justo, forte;  
e Seu reinado santo  
do Brasil será glória, paz, grandeza;  
viverá longos anos,  
e sua Prole Augusta sobre o Trono,  
marchando a par dos séculos,  
a ventura fará dos Brasileiros!  
Ouviram Céus, e Terra,  
ouviu todo o universo a voz fatídica:  
abrandaram-se os ventos,  
os mares procelosos se aquietaram,  
e sobre o Firmamento  
mais puras fulguraram as estrelas!  
Oh! ditoso Brasil,  
Império da riqueza, e dos talentos!  
tal é o fado teu!...

Traja brilhantes galas, sê contente,  
e mostra ufano ao mundo  
teu monarca imortal – PEDRO SEGUNDO.

A segunda é esta glosa, em nada, poeticamente, melhor à *Ode*,  
sobre a seguinte quadra popular, aparecida mais ou menos na mes-  
ma ocasião:

Qual no berço Alcides forte  
serpe horrível despedaça,  
Pedro Segundo na infância  
salva o Brasil da desgraça.

#### GLOSA

Rotos os diques sagrados,  
que a Lei opõe à licença,  
nós vimos com dor intensa  
partidos desenfreados;  
vimos seus Chefes malvados  
espalhar do Sul ao Norte  
os crimes, o luto, a morte...  
Mas Jove opôs aos insanos  
um Monarca em verdes anos,  
qual no berço Alcides forte.

Alcides, que tanta glória  
obteve entre os humanos,  
que puniu ímpios tiranos,  
deixou seu nome em memória:  
dos Deuses na clara história  
ele tem distinta praça,  
da hidra extinguiu a raça,  
mandou Caco ao Estígio lago,  
e evitando, infante, o estrago,  
serpe horrível despedaça.

Assim PEDRO ainda infante  
doma as fúrias da anarquia;  
Ele foi preclaro guia  
ao Império vacilante:  
o povo aflito, anelante  
jazia em tristeza, em ânsia,  
e da mágoa na abundância,  
qual ao nauta serve o Sol,  
era-lhe excelso farol  
PEDRO Segundo na infância.

Mas hoje, que empunha o Cetro,  
que cinge Pedro a Coroa,  
já muito longe revoa  
do mal o medonho espectro:  
alça, pois, ó Musa, o plectro,  
a lira sonora abraça,  
celebra com pompa e graça  
de PEDRO o Nome potente,  
que desde a idade inocente  
salva o Brasil da desgraça.

O entusiasmo foi grande e houve festas e luminárias. Até o presidente da província, dr. Saturnino de Sousa e Oliveira poetou:

Grato o Brasil com mui pomposa C'roa  
te adorna, ó Pedro, a Fronte Majestosa;  
de bênçãos cheio à Estância luminosa  
o grande Nome Teu cintila, e voa:

Em balde da anarquia o brado troa,  
a Nação, que Te afaga carinhosa,  
esmaga a fúria infame, que raivosa  
nos arrancos mortais a terra atroa.

Se os turvos olhos a ambição fremente  
fitando do Poder, ousou, insana,  
pela guerra trocar perdão clemente,

em trêda ingratidão vingar-se ufana  
de cortes leais bando valente,  
que inflama em pátrio amor Tua Voz Sob'rana.

Os farroupilhas, entretanto, a tudo isso, respondiam:

Unidos, amantes, briosos  
da feliz fraternidade,  
seremos republicanos,  
justa lei da liberdade.

Temos nosso presidente  
na vila de Piratinim,  
o ilustre José Gomes  
de Vasconcelos Jardim.

Defendendo a liberdade,  
não nos assusta morrer;  
mas vale sofrer a morte  
do que cativo viver.

Mas se o povo assim cantava, Bento Gonçalves da Silva, festejava a 2 de dezembro de 1840, a data natalícia de S. M. conforme oficiou ao presidente já então o dr. Francisco Álvares Machado que estava disposto a tratar da pacificação da província e tudo fazia para atrair a si os farroupilhas.

Ao ofício de Bento Gonçalves respondeu Álvares Machado com data de 5:

“Foi-me sobremaneira agradável o ofício que v. s. me dirigiu com data de ontem, não só pelas esperanças que me dá da sua próxima e verdadeira adesão à pessoa de sr. d. Pedro II, como pelos festejos feitos por v. s. e pela força ao seu mando aos anos do mesmo agosto senhor”, etc.

Dois anos mais tarde, nada tendo conseguido o dr. Álvares Machado, apesar dos esforços de Bento Gonçalves, a luta continuou, crua e violenta.

Os jornais governistas ou legalistas, em Porto Alegre, não poupavam os farroupilhas e em janeiro de 1842 estampava *O Comércio* em suplemento extraordinário, uma proclamação de Bento Gonçalves e o seguinte soneto apócrifo – *Proclamação* – dizendo ser obra de Bento Gonçalves:

Não vos assuste, amigos, nosso estado,  
levado sovas tem muita gente boa,  
na América, Paris, Londres, Lisboa,  
e depois de sovada tem reinado.

Não desanima a sova ao bom soldado,  
que de mártir da Pátria aspira a C' roa;  
mais sovas suportou a altiva proa  
de um Bolívar, de um Washington honrado.

Se a sova, que levamos, foi famosa,  
outra não conte a Imperial Gazeta  
da glória de seus bravos tão vaidosa.

Abra-se, enfim da liberdade a greta,  
só p'ra os que em jugo gemem, duvidosa,  
que isto de Trono no Brasil é peta.

Todas essas coisas dão perfeita idéia da popularidade do monarca brasileiro, o sr. d. Pedro II, endeusado por um lado e menosprezado por outro ainda que, no geral, veladamente. E é

curioso notar-se que nunca, d. Pedro II foi atacado pessoalmente pelos chefes farroupilhas ou pela imprensa revolucionária e não existe nenhuma poesia popular, mesmo simples trova, de caráter agressivo ou ataque formal. Entretanto, rudes golpes eram vibrados contra os áulicos, os ministros e altos funcionários nomeados nas províncias, que nem sempre satisfaziam, ou por incapazes, ou por serem remanescentes das regências, ou por outros motivos mais ou menos particulares.

Por isso o povo, descontente dizia, como os pernambucanos:

Por subir Pedrinho ao trono  
não fique o povo contente;  
não pode ser boa cousa  
servindo com a mesma gente.

Ao mesmo tempo, de norte a sul do país, dizia a musa popular:

Atirei um limão n'água,  
de vereda foi ao fundo;  
os peixinhos responderam  
– viva D. Pedro segundo! (Rio Gr. do Sul)

Atirei um cravo n'água  
de tão alto foi ao fundo;  
os peixinhos estão dizendo  
– viva D. Pedro Segundo! (Minas Gerais)

Atirei um cravo n'água,  
de tão alto foi ao fundo;  
os peixinhos responderam:  
– viva D. Pedro Segundo! (Rio de Janeiro)

Outras desse mesmo teor, com leves variantes, apareceram em outros pontos do Brasil. Algumas, porém, com alterações maiores, como esta que figura no cancioneiro capixaba:

Atirei com o jarro n'água,  
de redondo foi ao fundo.  
os peixinhos responderam:  
– viva D. Pedro Segundo!

Ou como esta, também do Espírito Santo, mais expressiva:

Eu joguei um cravo na água,  
o cravo não foi ao fundo.  
Os peixinhos me gritaram:  
– viva D. Pedro Segundo!

Mas a pouco e pouco, d. Pedro se foi desvencilhando daquela mesma gente que os pernambucanos viam com maus olhos, fazendo com que os liberais da maioria se desiludissem e o próprio povo se sentisse insatisfeito fazendo com que a musa popular, liberal, proclamasse:

Quem põe governança  
na mão de criança,  
põe geringonça  
no papo da onça.

Mas a popularidade do jovem monarca continuou, vitoriosa, registrada em trovas anônimas em todos os recantos do país.

Por ocasião de sua visita a Minas Gerais, o povo cantou, aludindo ao aulicismo e à pompa com que d. Pedro foi recebido:

– Meu papai, eu quero, quero  
um chalinho de Toquim,  
um anel... e de brilhante.  
e um leque de marfim.

– Seu papai na quebradeira,  
como isso pode ser?

– Meu papai na quebradeira,  
como isso pode ser?

– Na chegada do Imperador  
muita seda se rasgou;  
muito rico ficou pobre,  
muita casa se quebrou...

– Seu papai na quebradeira,  
como isso pode ser?

– Meu papai na quebradeira,  
como isso pode ser?

Mas, à chegada, jubilosos, cantaram todos:

Chegou, chegou, chegou,  
agora, agora, agora,  
chegou agora mesmo,  
inda não há meia hora.

Conseqüência da recepção e das homenagens, choveram títulos nobiliárquicos. D. Pedro II premiou, assim, os que o receberam com tanta pompa. Mas o povo não perdoou os novos barões e começou a cantar com a música de *La donna è mobile*, do *Rigoletto*:

Barão sou feito  
de Vila Rica;  
– eis a rubrica  
que me puseram.

Barão sou feito  
de Vila Rica;  
eis a rubrica  
do Imperador.

Pura sátira, pois tal barão nunca existiu. Pelo menos não o encontramos entre os titulares do Império brasileiro.

Em Mato Grosso, porém, d. Pedro era o “*primus inter pares*”. Mas... veja-se o registro desta sextilha de um ABC daquela província:

O til pode ser pequenino  
contém um prazer jocundo;  
relógio para baiano  
é mais que Pedro Segundo;  
botina e chapéu de sol  
são as grandezas do mundo.

No Rio de Janeiro, quando as barbas do monarca foram branqueando, o povo, no seu entusiasmo, ovacionava-o sempre que o via na rua. E, com o entusiasmo, a irreverência “*Carinhosa*”, proverbial do carioca:

Ó raio, ó Sol!  
Suspende a Lua!  
Bravos ao Velho  
que está na rua.

Em compensação, os pernambucanos, respeitosamente, cantavam:

Os leais pernambucanos  
bradam deste ponto ao mundo:  
de outros reis cale-se a fama,  
viva D. Pedro Segundo!

A Guerra do Paraguai foi cultuada de todo o jeito pela literatura e pela musa popular. Mas quase nada com referência ao imperador. Pelo menos não foi conservado mesmo porque, terminada a guerra, começou a campanha republicana que absorveu o povo quer em defesa ao Império, quer na propaganda. Pouca coisa conhecemos e conseguimos reunir:

O Lopez quis tomar conta  
do Brasil e meio mundo:  
não pensou nos *aliados*,  
Osório e Pedro Segundo.

Note-se, nesta quadra que nos foi comunicada pelo negro centenário Gaudêncio, falecido em 1940, as distinções – aliados, Osório e d. Pedro, pondo os três em igualdade de condições. Este mesmo preto mina fez parte dos escravos libertados em Porto Alegre, em 1884. Dele ouvimos ainda a seguinte quadra:

Fazendeiro qué escravo,  
Dom Pedro diz que não qué.  
Dona Isabel deu liberdade...  
Não fosse ela muié.

Após a rendição de Uruguaiana, foram dados vivas “Ao herói de Uruguaiana, o senhor d. Pedro II”, conforme se lê no diário de viagem militar do conde d’Eu. Provavelmente, em consequência, apareceu esta trova glosando os vivas:

Cercado, batido, preso  
jaz o paraguaio imundo;  
viva o herói de Uruguaiana,  
Senhor Dom Pedro Segundo!

À propósito da Abolição, havia em São Paulo certa cantiga cujo final dizia:

Viva o santo Jabaquara  
que foi santo e inda é...  
viva o treze de maio!  
Viva a princesa Isabé!

As outras quadras anteriores são simples endeusamento aos abolicionistas.

A propaganda republicana figura no populário brasileiro com diversas trovas, mas sem alusão a d. Pedro. É que o povo, de modo geral, ficara à margem, acompanhando, apenas, o movimento. D. Pedro era, ainda, o velho rei respeitável que apoiara, entusiasmado, o ato de dona Isabel...

Esse sentimento e juízo sobre d. Pedro era reflexo que vinha de longe e do que se dizia a respeito do magnânimo. Uma senhora octogenária que acha mais decente seu tempo de moça, mas mais aprazível a época atual, à propósito da propaganda recitou-nos uma quadra que, segundo outros, seria do período farroupilha:

Minha mãe, eu lhe dou parte,  
não me chame de tirano;  
vou seguir a minha sorte  
porque sou republicano,

e mais esta que, dizia, “era muito comum no Rio Grande do Sul quando se fazia a propaganda republicana nos clubes”, conforme seus pais lhe afirmaram também:

Em Minas Gerais – o ouro;  
Em Montevidéu – a prata;  
na Corte – Pedro Segundo  
e no Rio Grande esta ingrata.

A 1<sup>o</sup> de janeiro de 1884 aparecia o órgão oficial do partido republicano, – *A Federação*, – que não poupava o Império e atacava rudemente os príncipes imperiais que na segunda metade do ano visitariam a província do Rio Grande do Sul, sendo festivamente recebidos pelas autoridades e pelo povo. Dessa época, porém, e dessa visita, não existe (pelo menos não conhecemos) uma só trova popular. Mas, proclamada a República cinco anos mais

tarde, a musa do povo se fez ouvir tanto no Rio Grande como nos demais pontos do país mas frouxamente. Simples alusões como estas:

Ninguém diga neste mundo  
desta água não beberei:  
os doutores também morrem  
e até se desmonta o Rei!

A desgraça quando fere,  
não escolhe qualidade:  
fere o pobre, fere o rico,  
fere a própria Majestade.

Esta última talvez venha de mais longe, do tempo em que d. Pedro esteve enfermo e andou pela Europa em busca de melhoras. A República, é bem provável, reavivou a memória da quadrinha que, por isso, ficou mais popular.

Em São Paulo, porém, a causa foi outra. Houve maiores manifestações da lira anônima. Aí apareceram as seguintes, a primeira aludindo à d. Teresa Cristina:

A Rainha foi s'imbora,  
coitadinha, foi chorando,  
pra amor de sua coroa  
que ela tava governando.

A segunda é a maldição que “a mãe” do marechal Deodoro lhe teria lançado por ter proclamado a República:

A mãe de Deodoro disse:  
– Este filho já foi meu;  
agora tá amaldiçoado  
de minha parte e de Deus.

A terceira alude ao embarque do ex-imperador:

D. Pedro já s'imbarcou  
no vapor americano;  
eu vi no barco de guerra  
bandeira republicana.

Embora apareça entre as quadras colhidas em São Paulo, parece-nos que sua origem é carioca ou fluminense.

Depois, em plena República, no tempo de Canudos, no arraial de Antônio Conselheiro e sua grei, cantavam:

Saiu D. Pedro Segundo  
para o reino de Lisboa.  
Acabou-se a Monarquia,  
o Brasil ficou à toa.

Este povo está perdido,  
está sem arrumação,  
e o culpado disso tudo  
é o chefe da nação.

Era a sobrevivência da idéia monárquica na rebeldia fanática do povo de Canudos que, entretanto, ecoava em outros pontos do país, pois a quadra foi repetida, a primeira pelo menos, de sul a norte.

Em Bagé, no interior do município, contaram-nos que muitos anos após a proclamação da República, – talvez lá por 1892, – pois em 1893 rebentou a revolução federalista que não deixou recanto sossegado, – certo cidadão já idoso perguntara a um viajante que por acaso ali passava e pedira pousada:

– E como vai a política? O imperador já está bom?

– O imperador?... Mas ele já morreu, e desde 1889 estamos com a República proclamada!

O velhote, a estas palavras, esbugalhara os olhos:

– Mesmo?... E, baixando os olhos, visivelmente triste, murmurara:

– Coitado do imperador! Era tão bom! Porque fizeram esta injustiça?

O viajante teria procurado justificar o ato do marechal Deodoro, mas o velho não se conformava:

– Coitado do imperador! Era um santo!...

Novas explicações sobre o que era República e o que significava. O velho campeiro, porém, estava longe do mundo e indiferente a tudo pela distância e isolamento em que se encontrava. Não podia conceber o fato consumado. Finalmente, encerrando a palestra, teria dito:

– É por isso que tudo vai tão mal... Coitado do imperador!...

*Walter Spalding*

## Bibliografia

- BOLETIM da Comissão Catarinense de Folclore.
- CALMON, Pedro. *História do Brasil na Poesia do Povo*.
- CUNHA, Euclides da. *Os Sertões – Campanha de Canudos*.
- GÓIS, Carlos. *Mil Quadras Populares Brasileiras*.
- HURLEY, Jorge. *A Cabanagem*.
- JORNAIS. Diversos de 1835 a 1842, publicados em Porto Alegre e no Rio Grande do Sul, especialmente *O Comércio, O Justiceiro, O Povo, Sentinela da Liberdade e O Recopilador Liberal*.
- LOPES NETO, J. Simões. *Cancioneiro guasca*.
- NEVES, Guilherme Santos. *Cancioneiro capixaba de trovas populares*.
- PINTO, Alexina de Magalhães. *Cantigas das Crianças e do Povo e Danças Populares*.
- PORTO ALEGRE, Apolinário. *Cancioneiro da Revolução de 1835*.
- ROMERO, Sílvio. *Cantos Populares do Brasil*.
- SETTE, Mário. *Anquinhas e Bernardas*.
- SILVA, José Calasans Brandão da. *O Ciclo Folclórico do Bom Jesus Conselheiro*.
- SILVA, Francisco Augusto Pereira da. *Folclore Pernambucano*.
- SPALDING, Walter. *Poesia do Povo*. Diversos escritos. Pesquisas pessoais, inéditas.
- TEIXEIRA, Múcio. *Os Gaúchos*.

**A QUEDA DA MONARQUIA VISTA  
PELA LEGAÇÃO AMERICANA  
NO RIO DE JANEIRO**



## **A queda da monarquia vista pela legação americana no Rio de Janeiro**

A proclamação da República tomou a legação americana de surpresa. Não estava suficientemente preparada para sustar o golpe que, de um momento para outro, acabou com a monarquia no Brasil. Através da correspondência do ministro dos Estados Unidos ao Departamento de Estado, vê-se claramente que a legação não imaginava, nem de longe, o que se tramava contra o regime. Nestas circunstâncias, quando os acontecimentos se precipitaram, limitou-se o ministro, porque não teve outro remédio, a enviar a Washington notícias tão-somente de fatos consumados, crônicas bastante corriqueiras que nos permitem ver, no entanto, a presteza com que o representante americano se resignou à nova situação. Mesmo assim, apesar da relativa pobreza dos dados que eles contêm, os ofícios da legação americana no Rio de Janeiro são elementos interessantes para descrever o que foi o ocaso do Império. Nos parágrafos que seguem, publico alguns trechos dessa correspondência, copiados dos originais que se conservam no Arquivo Nacional de Washington. Creio que não deixarão de ser úteis aos que se ocupam deste período da história.

### **I**

A agitada situação da corte revela-a Thomas J. Jarvis <sup>1</sup> na sua carta de 12 de março de 1888, dirigida de Petrópolis a Thomas F. Bayard, secretário de Estado. Trata-se da queda do gabinete Cotegeipe, atribuindo-a Jarvis à Questão Militar. "... however much the late Ministry may, rightly or wrongly, have fallen in the esteem of the country by their evident passive resistance to the speedy abolition of slavery, the fact remains that, in

---

1. Enviado extraordinário e ministro plenipotenciário dos Estados Unidos no Rio de Janeiro de 11 de julho de 1885 a julho de 1889.

the opinion of the most judicious foreign observers here, the apparent cause of their fall was after all the real one, namely, the disposition and the *successful effort* of the military arm of the Government to resist the control of the civil power. In this view, if it be the correct one, the fall of the Ministry is much to be regretted by all friends of constitutional liberty. As according to the Constitution of Brazil, all its powers are delegated by the nation – the whole people – the old Roman doctrine, *Cedant arma togae*, must prevail here, if the Empire would escape the great political heresy that has caused the chief troubles of the South American Republics and of Mexico, and that has furnished their citizens with no better arbiter of public disputes than the sword.”

Na mesma carta refere-se Jarvis mais pormenorizadamente à Questão Militar e às suas possíveis conseqüências: “... another and still more serious trouble (because it may repeat itself) was what is known here as the military question. Some six or eight months ago an army officer published articles in the newspapers, defending certain acts of army officers and criticizing certain Government officers. The Minister of War reprimanded the officer, who in turn was supported by his fellow officers; and finally the Minister put some of the officers under arrest for insubordination. Army officers then commenced holding meetings and passing resolutions to such an extent that the matter was taken up by the General Assembly, which was then in session, and the Government was interrogated as to its intentions. The Ministry announced their purpose to compel the army to submit to proper discipline and to subordination to the civil authorities. The army was not without friends and supporters in Parliament, and the questions at issue excited a good deal of feeling in and out of the General Assembly. The discussion and excitement went on day after day, till finally it was adjusted by the passage of a compromise resolution by the Senate, which was something of a victory for the army, but which the Ministry accepted as a means of settling what threatened to be a dangerous difficulty. I have referred to this occurrence because I think its influence can be seen in the events of last week, which were the direct occasion of the fall of the Ministry. One night in the early part of last week an officer of the Navy in citizen’s dress was arrested by the police on the street in Rio for disorderly conduct, and was imprisoned for several hours. When his fellow officers heard of it, they became

very indignant at what they termed an outrage upon the dignity and rights of Navy. They held meetings, appointed committees and demanded the dismissal of the Chief of Police and the punishment of the chief offending persons. The Ministry not disposed to yield to these demands, and conflicts followed between the police and squads of marines on the streets, to such an extent that persons were wounded and property was destroyed. The disorder, and the insecurity of life and property became so serious that it was found necessary to withdraw the police from the streets, and to substitute for them a regiment or more of soldiers. It is said – I do not know how truly – that the Princess Regent sympathized with the Navy; but it is certain that under these circumstances the Ministry tendered their resignations, in a body, and they were promptly accepted.”

## II

Sobre a abolição da escravidão e a lei Áurea de 13 de maio de 1888, tem Mr. Jarvis bem pouco que dizer na sua carta do dia imediato. “While I expected the speedy enactment of such a law, I did not anticipate such unanimity in its passage. Every indication of public sentiment is in hearty accord with this action of the General Assembly, and I may add that this sentiment has been well prepared for the changes expressed by some as to its immediate effect on the various industries.

“The maturing coffee-crop is exceptionally large, and some, either honestly or for purposes of speculation, have expressed the apprehension that the immediate effect of emancipation would be so to disorganize labor as to render it difficult, if not impossible, to save the crop. In my view, the country has been so well prepared for this action, that its present effect will not be deleterious, and its future results will be most advantageous, as we all know it has proved in our own land, to the general prosperity of the country.”

## III

Foi por esta altura que se nomeou João Artur de Sousa Correia, que depois acabou a vida no serviço da República como chefe da representação diplomática brasileira em Londres, para o cargo

de ministro em Washington.<sup>2</sup> Temos a propósito as palavras de Jarvis de 21 de agosto de 1888. “In a very pleasant interview, yesterday, with Mr. Rodrigo A. da Silva<sup>3</sup> touching the proposed International Congress of American States he remarked to me that he desired to appoint Mr. Joao Arthur de Sousa Correa Minister to Washington, if it was agreeable to me, but that he would not do so unless it was. I thanked him for his consideration and desire shown to please my government, in his selection, but I disavowed any desire or authority, on my part, to influence his choice of his Representative. I said to him, however, that I knew so well his kind feelings and good will for my country that I would not hesitate to recommend his appointee to the favorable consideration of my government and that I felt that I could assure him that he would be most cordially received at Washington. With that understanding, he said, he would make the appointment at once.

“Since the interview I have made inquiries about Mr. Correa and all I hear of him is favorable and, much of it, complementary. His diplomatic service has been about this. He entered the service in 1859 in the Legation at London from which he went, after four years, to Paris and to which he returned, after four years at Paris, in 1873. He served as Secretary of Legation at London till he was made Chargé at Paraguay in June 1885. In November 1885 he was made Minister Resident at Madrid where he has since been; and a part of that time, he was Envoy, ad interim, to the Pope. From all I hear of him I believe you will be pleased with him.

#### IV

Na sua carta de 31 de agosto de 1888 a Thomas F. Bayard, volta Jarvis a falar do novo ministro em Washington e, principalmente, da chegada de dom Pedro II da Europa.

“On the 22. Inst. I sent you a cablegram, in the following words: Emperor arrived in good condition, amid great enthusiasms. Correa, Brazilian Minister to Madrid, appointed to Washington.

---

2. Conselheiro J. A. de Sousa Correia, enviado extraordinário e ministro plenipotenciário do Brasil em Washington de 20/08/1888 a janeiro de 1889.

3. Ministro de Estrangeiros no gabinete João Alfredo (10/03/88) onde substituiu o conselheiro Antônio Prado.

“Of the new Brazilian Minister to Washington, I have already spoken in my N<sup>o</sup> 141 of the 21<sup>st</sup>. inst. He is now here, but I have not yet had the pleasure of meeting him; and consequently cannot inform you when he may be expected to arrive at his post.

“Of the arrival of the Emperor and its importance to the Empire, I will now give you a brief account, supposing it may be of interest to you. He arrived, as I telegraphed you on the 22<sup>nd</sup>, in good condition, and he was joyfully received by a vast concourse of people, composed of all classes of society, and of all shades of political opinion.” À hora do desembarque, não se sabia publicamente se a saúde do imperador o permitiria aparecer ao povo. “It was under these circumstances that he made his appearance in good condition before an anxious multitude of people who gave him a *heart felt* ovation rarely accorded to human beings. The news of his arrival was received with great demonstrations of joy throughout the Empire. He is much esteemed and beloved by the people of all classes and opinions; and, while he lives, there will be no effort to make any changes or experiments in the present order of Government. There was some anxiety and unrest in political circles, before his arrival, growing out of the agitation, by some of the dissatisfied ex-slave owners, for a Republic. This has all disappeared since his arrival. Some of the slave owners were very loth to part with their slaves without some compensation for them; and, as they lost their slaves under the reign of the Princess Regent, they blame her; and, it is said, they are very bitter against her. They set to work to organize, in some of the more important Provinces, a political party called the Republican Party whose open and avowed object was and is the establishment of a Republic. In some local elections they developed a surprising strength; and in a few cases, elected their candidates. To fully comprehend their political influence it is necessary to remember the fact that suffrage is very much restricted in Brazil; and, that, while these dissatisfied ex-slaves owners are insignificant in numbers when compared with the entire male population, they are numerous in the body of electors. Their determined action and the unfavorable reports, in wide circulation, as to the condition of the Emperor’s health created, in political circles, a feeling of anxiety and uncertainty. It is to be hoped that the Emperor may be spared yet many years and that he may have the strength and health necessary to the full discharge

of his duties. This will give the ex-slaves owners, as well as all other classes of people, time to take council of their judgments and not of their passions and to give to public affairs that direction which their *Judgment* tells them is for the best interests of the country.

“I had the honor of shaking hands with the Emperor on the day of his arrival and, on the 29<sup>th</sup> inst, I attended his first formal diplomatic reception. I can therefore speak from personal observation of his condition and I am happy to report that his health seems to be good. He is not as robust as he was some years age but he has the appearance of a man still possessed of much mental and physical vigor.”

## V

Houve depois, a 15 de julho de 1889 um atentado contra a vida do imperador. Quatro dias depois recebia Robert Adams Júnior, o novo ministro americano no Rio de Janeiro <sup>4</sup> um telegrama do secretário de Estado interino Wharton, autorizando-o a apresentar as felicitações do presidente dos Estados Unidos ao imperador por ter saído ileso. O ministro, por não ter ainda entregue as suas credenciais quando o caso se deu, só o pôde fazer no dia 22, em nota ao ministro dos Negócios Estrangeiros. Nessa altura dom Pedro já estava em Minas Gerais, como se vê da carta de Adams ao seu governo de 23 de julho.

## VI

O novo ministro americano bem depressa se inteirou da situação política. No dia 9 de setembro de 1889 escrevia a James G. Blaine, secretário de Estado:

“I have been informed, confidentially, through a diplomatic source which I deem reliable, that the Republicans have sent emissaries secretly to the United States to inquire if that Government would give moral and material support to them in an attempt by revolution to overthrow the Imperial Government. Such being the case I deem it my duty, as far as I am able alter such a short residence, to inform the Department of the political situation.

---

4. Assumiu as funções a 20 de julho de 1889.

“The conservative party when in power emancipated the slaves without compensation to the planters. Which aroused their strong hostility. This together with some dissatisfaction on the manner of the letting of certain contracts overthrew the ministry.

“The Liberals formed the present ministry, but only held a majority with the assistance of the Republicans and the dissatisfied Conservatives. As none of the three parties had a majority in Parliament, it was dissolved and a new election was ordered on the 31<sup>st</sup> of August. The Republicans were much elated, and predicted they would carry the country, relying greatly on the disaffection of the planters. Before the Parliament adjourned the new ministry succeeded in passing a bill granting authority to the Government to issue loans to the planters at a low rate of interest to assist them during the period of changing from slave to free labor. This mollified the opposition of the opposition of the (*sic*) planters and with the attempt made on the Emperor’s life caused a reaction of feeling which enable the Liberals to sweep the country. The Republicans scarcely carried a district.

“This should firmly seat the Liberal Party in power, but in this mercurial country one can never predict the future. The Liberal Party support the Empire and at present the Republicans are without force. The present ministry is an able and for Brazil a very active one in all departments. They are very friendly to the United States, in evidence of which I cite the distinguished commission recently sent by them to the International Congress and the very cordial manner in which I was received as the representative of my country. (Integravam a comissão o conselheiro Lafayette Rodrigues Pereira, Dr. Salvador de Mendonça, e Dr. J. G. do Amaral Valente.)

“Of the absolute truth of the above information I cannot vouch. It was given to me in good faith and I deem it of sufficient importance to furnish it to the Department.”

## VII

Chegou finalmente o 15 de novembro, e no dia imediato expediu Robert Adams Junior o seguinte telegrama ao Departamento de Estado: “Revolution by army and navy yesterday ministry deposed prime minister imprisoned minister marine wounded Emperor prisoner in palace provisional government issued proclamation imperial

dynasty deposed council state abolished parliament dissolved republic declared principal provinces acquiesce order maintained opinion republic successful await instructions Adams”. Um segundo telegrama foi expedido a 17 de novembro: “Imperial family sailed today Government defacto with ministry established perfect ordered (*sic*) maintained important we acknowledge republic first Adams”. E ainda um terceiro no dia 19: “Letter foreign minister announcing formation government treaties intact requesting relations continue await instructions Adams”.

Já com mais vagar, Adams pôde tratar pormenorizadamente da revolução republicana na sua carta de 19 de novembro de 1889.

“I have the honor to report on the Revolution which has just taken place in this country, the most remarkable ever recorded in History. Entirely unexpected by the Government or people, the overthrow of the Empire has been accomplished without bloodshed, without riotous proceedings or interruption to the usual avocations of life.

“I will endeavor to give a succinct account of the events which led to this result.

“In my nº 9. Sept., 9<sup>th</sup>, I intimated to the Department that the Republicans had not accepted the result of the Elections of August 31<sup>st</sup>; although the Liberal candidates were elected almost universally, with the Liberal Ministry so strongly entrenched the Emperor began to take measures to secure the succession to the Princess Isabel, as his health is much impaired. Being distrustful of the army, a National Guard was formed and the regular troops were being gradually transferred to the interior. The idea was to rely on the National Guard to maintain order in Rio and protect the succession against any opposition from the people. On Friday, Nov. 15<sup>th</sup>, another battalion was ordered from Rio; but, on that morning, all the garrison marched to the Great Square, called “Campo da Aclamação”, joined also by the officers and sailors of the Navy, the city police and firemen, all of whom are armed, where they declared for a Republic, arrested and deposed the Ministry, Baron Ladário, Minister of Marine, resisted arrest, drew a pistol on the officers which missed tire when he was immediately shot down, wounded in four places. He served in the United States Navy during the Rebellion and was the only one in the city who made any resistance.

“I am happy to state he will probably recover. Marechal Deodoro formed a Provisional Government, which issued a Proclamation, a copy of which is enclosed.

“The Emperor was summoned from Petropolis and naturally could hardly realize the situation, the Ministry having resigned; at midnight he attempted to form a new one, whereupon, he was made a prisoner in the Palace, all communication denied and the imperial family ordered to leave Brazil in 24 hours.

“The S. S. *Alagoas* was placed at their service with the Iron Frigate *Riachuelo* to escort them. At this stage, I telegraphed the Department simply stating existing facts for its information and asking instructions, a copy of which is enclosed.

“As a censorship has been placed over the Telegraphic Office, I send open cables. From midnight Saturday till mid-day on Sunday all communication by cable was prohibited. On Sunday a Constitution was promulgated and a complete Ministry formed.

“The Imperial family sailed at 3 o’clock that afternoon, of which time I telegraphed the Department of that fact also of the existence of a *de facto* government and urged the recognition of the “United States of Brazil”, a copy of telegram is enclosed. In my opinion the Republican form of government is securely established, even though the present ministry should fall. Our constitution and flag have been copied and looking to future relations I desire our country to be first to acknowledge the Republic.

“I mail copies of *Diario Oficial* of November 16<sup>th</sup>, 17<sup>th</sup> and 18<sup>th</sup>, containing all official decrees, etc. of Provisional Government. Decree n<sup>o</sup> 2 confers a settlement in money on the late Emperor, his acceptance of which, is considered an *abdication*.”

## VIII

Adams continuava a esclarecer a situação para o Departamento de Estado. Da sua carta de 27, de novembro de 1889, extraímos os seguintes períodos:

“I have the honor to continue my report on the recent revolution. Before the departure of the ex-Emperor the continuance of his present income from the State was guaranteed to him by the Provisional Government, at least until the meeting of the new assembly and further, in consideration of his immediate and pea-

ceful departure, 500:000\$000 (aliás 5.000:000\$000) was offered to him and upon its acceptance the grant was confirmed by Decree nº 2, a translation of which is enclosed.

“It is proper to state that on the morning of the 16th my Colleagues proposed that the Diplomatic Corps should make a demonstration on behalf of the Emperor, by going in a body to the Palace and demanding to see him. This proposition was politely but firmly declined, in which position I was sustained by the French Chargé d’affaires. Later, we both separately called at the Palace but were refused admittance by the Guards, altho’ I stated my official position and requested my card be sent to the Emperor.

“On Monday 18<sup>th</sup> inst. Rio resumed its usual avocations. The military patrol was withdrawn...

“The Provisional Government continues to perfect its organization and so far perfect order reigns in the Provinces. Some of its acts are of doubtful wisdom. The former Presidents of the Provinces have all been removed and new ones appointed with absolute powers, chosen chiefly from the Military Class. The Provincial Assemblies have also been abolished and no word is heard of an election for a National Congress to adopt a Constitution. Many of the men formerly prominent in Public Affairs, both Imperialists and Liberals, while accepting the present order of things stand aloof and seem to be waiting. The future is not assured and no one can predict for this Country of the unexpected.

“... On the 17<sup>th</sup> inst. when the ex-Emperor had accepted the Payment of money, thereby acknowledging the new Government and sailed away, I felt justified in advising the Government to recognize the Republic, fully assured it would redound to our future advantage. The frequent allusions, in all demonstrations here, to our Country and the numerous telegrams and congratulations received at this Legation tend to confirm this opinion.”

## IX

Efetivamente, o governo dos Estados Unidos não vacilou; reconheceu logo a nova República; mas o ministro americano, apesar de ter aconselhado este passo, que ele julgava de utilidade para as futuras relações entre os dois países, não se mostrou satisfeito com a ditadura militar. “... I must express serious doubts”,

escreveu Mr. Adams a 17 de dezembro de 1889, “as to the outcome of the acts of the present Military Dictatorship. The very wording of the Decrees by the authority of the Army and Navy in the name of the Nation shows what little regard is paid to the voice of the people. The recent speech of the Minister of Agriculture in the name of his associates, giving the program and sentiments of the Government, is a most remarkable utterance, and breathes but little Republican ideas.”

Dias depois, na sua carta de 28 de dezembro, descreve o motim contra a República de 18 do mesmo mês, e as medidas que o governo tomou contra a oposição. “On the 18<sup>th</sup> inst. a mutiny (*sic*) occurred in the 2<sup>d</sup> artillery Regiment. At about 2 o’clock some fifty Privates left their Quarters carrying an Imperial Flag and attempted to seduce other Regiments into a Pronunciamento, but were repelled driven back and besieged in their Quarters. They fortified themselves and turned artillery against their pursuers. At midnight they surrendered (*sic*). The Government announced this to be a drunken brawl of the Privates, all the officers being absent at a Reception on the Chilean Man of War. This occurrence was at once followed by a Decree... banishing the late Premier and other citizens, followed by another Decree... practically declaring Martial Law. On dec. 23<sup>d</sup> a Decree was issued... revoking the grant made to the late Emperor, at the time of his departure. His reconsideration of his acceptance of this grant, made this action on the part of the Provisional Government necessary...”

“On all these acts of the Government there are two pronounced opposite opinions here. The one contending they are a necessity or anarchy would reign, the other that want of popular support and fear actuates the ministry.”

## X

J. Fenner Lee <sup>5</sup>, que ficou de encarregado de Negócios depois da saída de Robert Adams Junior para a Europa, relacionou-se muito bem com o governo provisório e ainda com outros republicanos. Deles naturalmente conseguiu as informações sobre a situação política do Brasil que enviou a Washington no seu ofício de 31 de maio de 1890.

5. Secretário de Legação.

“As far as I can learn there does not appear to exist among the people any marked desire to return to a monarchical form of government; the friends of the Empire I fancy will not raise that question in the elections: – they will content themselves with endeavoring to secure a sufficient number of the members of Congress to elect a President who is friendly to them.

“The great danger that has been threatening the Republic is the want of proper organization, and the threat of private ambitions and jealousies that might divide the friends of the Republic and thus cause the election of an unfriendly President.

“The almost daily indications are that organization is being perfected and that political differences are being smoothed over so that I think the Republicans will enter the field at the elections with a solid front for Deodoro the Present chief of the Provisional Government.

“Deodoro has the confidence of a large portion of the conservative element – having always been a decided monarchist up to the 15<sup>th</sup> of November last.

“It is said his reason for entering into the revolution was not because, even at that time, he was a republican but that it was to protect his comrades in the army from the antagonistic drift of political action that had been inaugurated by the then existing ministry. It is said that the intention of the last Imperial ministry was to send the army to the most distant parts of the Empire, organize a national guard of a military organization under some other name, which would be selected men, officered by friends of the Premier Ouro Preto and of the Imperial Princess the Countess d’Eu, when everything was ready the Emperor was to abdicate and the Princess was to be proclaimed Empress, she was almost immediately to abdicate in favor of the young prince her son – Prince de Grao Para – who was to be proclaimed Emperor under the regency of his mother and the then Prime Minister and the regency was to be maintained by force if necessary by the new organization.

“As soon as this plan became known to the army & navy, they organized for resistance and the signal for the revolution was to be the first order to send any of the garrison of Rio away.

“The order was issued for one of the regiments to embark on November the 17<sup>th</sup>, but the Imperial Government, learning that

resistance would be made, changed the order to November 15<sup>th</sup>, which precipitated events.

“The Army & Navy having a large republican contingent thought themselves unjustly treated by both the Imperial parties and the imperialists measures reacted against them by driving many who were not otherwise hostile into the arms of the Republicans.”

*Manuel Cardoso*



**HENRIQUE OSWALD**





H. OSWALD EM 1867  
Fotografia de Carneiro & Gaspar,  
cedida pelo prof. Carlos Oswald.



## Henrique Oswald

O homem, o artista e a obra

O compositor Henrique Oswald, cujo centenário do nascimento ocorreu em 1952, foi um dos muitos artistas brasileiros aos quais dom Pedro II, estendeu sua proteção. Durante vários anos, vivendo na Europa, ele recebeu a ajuda financeira que o imperador lhe fazia servir de seu próprio bolso; e só na Europa teve oportunidade de encontrar o seu protetor. A tradição familiar guardou lembrança dessas ocasiões, que marcaram vivamente o espírito do jovem músico, do qual nunca mais se apagaram.

Nas páginas que se seguem o autor procurou evocar a figura de Henrique Oswald, tão popular nos círculos musicais e na sociedade do Rio de Janeiro entre 1910 e 1931, ano de sua morte. Em Petrópolis, onde tinha casa e onde passava os meses estivais, seu vulto miúdo, de barbas brancas, charutinho apertado entre os lábios, também era muito conhecido. Na vivenda da rua Carlos Gomes o autor o encontrou, pela primeira vez, em 1930; e com ele entretive a primeira de uma série de conversações durante as quais Henrique Oswald se comprazia em recordar fatos de sua vida e discretamente opinar sobre homens e coisas que o cercaram. É bem provável que alguns reflexos dessas velhas palestras ainda se projetem sobre as páginas que o leitor vai percorrer, as quais muito devem, por outro lado, à compilação biográfica publicada em 1952, para comemorar o centenário, por uma sua ex-aluna, dona Leosinha F. Magalhães de Almeida.

### Infância e mocidade

Henrique Oswald foi um dos artistas mais completos, mais bem formados, que o Brasil já produziu. Mas pelas vicissitudes de sua vida e caráter de sua obra ele se sentia tão pouco nacional que certa vez, encontrando Renato Almeida, que acabava de publicar a primeira edição de sua *História da Música Brasileira*,

mostrou-se surpreendido pelo fato de haver, nesse livro, páginas que lhe eram consagradas; pretendia que em obra de tal natureza não havia lugar para ele <sup>1</sup>.

Filho de pai suíço, o verdadeiro nome da família era Oschwald, simplificado no processo de naturalização paterna para Oswald, a fim de tornar-se menos rebarbativo à fonética latina. Seu avô paterno – que não conheceu o Brasil – havia mesmo assinado Hoschwald. Jean Jacques Oschwald, o pai do nosso compositor, desposara, em 1840, em Livorno, uma jovem italiana de nome Carlota Cantagalli e dessa união já haviam nascido dois filhos, que o casal perdeu, quando veio ao mundo esse Henrique, que recebeu na pia batismal os nomes de Henrique José Pedro Maria Carlos Luís. Jean Jacques e Carlota haviam vivido na ilha de Malta, na Argélia e em Constantinopla, antes de se transferirem, em 1850, para o Rio de Janeiro, onde o suíço, homem de negócios, vinha tentar fortuna. Foi nessa cidade, à rua dos Ourives, num 14 de abril de 1852, que o menino viu a luz do dia, sendo batizado na igreja do Santíssimo Sacramento.

Um ano depois a família se mudava para São Paulo, partindo primeiro o pai, que naquela cidade aguardaria a chegada da esposa e do filhinho. No dia 1 de junho de 1853 estes deixavam a corte, a bordo do paquete *Rio de Janeiro*. Uma quase catástrofe os espreitava. Ao passar pela ilha Grande, essa embarcação, que consignava um importante carregamento de pólvora, foi presa das chamas. Tripulação e passageiros puderam ser desembarcados na praia, mas todos os seus haveres e documentos perderam-se na violentíssima explosão que, pouco depois, reduziu a nave a estilhaços. Segundo o depoimento de dona Leosinha Magalhães de Almeida “esse quadro e as tremendas detonações ficaram no subconsciente do menino Henrique durante a vida inteira. Causaram-lhe impressão tão profunda que, daí por diante, sempre que o céu anunciava temporal, mandava, cheio de inquietação, fechar todas as janelas e, se a ameaça se tornava realidade, recolhia-se ao leito, cerrava os olhos, cobria-se todo e tapava as orelhas, no pavor de lhe chegarem aos ouvidos os estrondos da trovoada e de ver, interminente, a fulguração dos relâmpagos!” <sup>2</sup>. Em São Paulo Jean Jacques Oschwald recomeçava

1. O fato foi relatado pelo próprio Renato Almeida.

2. Leosinha F. Magalhães de Almeida. *Henrique Oswald, 1852-1931* – Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1952, p. 7.

mais uma vez a vida e instalava uma fábrica de cerveja, a primeira, ao que parece, que se fundou naquela cidade <sup>3</sup>. Esse negócio, também, não lhe saiu bem, ou porque a cerveja não fosse boa, ou porque os paulistas não estivessem acostumados a ela... A situação financeira do casal era periclitante e uma nova experiência foi tentada. A jovem senhora, que tão corajosamente secundava o marido, pôs-se a lecionar piano, obtendo discípulas entre as melhores famílias da sociedade paulista. E Jean Jacques, muito habilmente, resolveu passar-se para o comércio de música. Abriu na rua da Casa Santa um negócio onde se vendiam os pianos utilizados pelas alunas de sua mulher. O negócio prosperou e o nosso suíço, que já então se assinava Oswald, simplificarmente, veio a ter uma situação de destaque, cônsul do seu país na velha paulicéia.

O menino Henrique passou, pois, a sua infância em São Paulo, brincando entre o velho maquinário enferrujado da fábrica de cerveja e os pianos do depósito paterno.

Era o destino dos negociantes de música em São Paulo verem seus rebentos celebrizarem-se no cultivo dessa arte. Henrique Luís Levy, um clarinetista francês, fundador da Casa Levy, que ainda hoje existe, havia de dar ao Brasil um de seus primeiros compositores de tendências nacionalistas: Alexandre Levy <sup>4</sup>. Jean Jacques, graças à coragem e dedicação de sua jovem esposa, e aos ensinamentos que ela prodigalizava ao pequeno Henrique, tornava-se pai de um pianista precoce, que viria a ser uma das glórias do Brasil: o compositor de que estamos tratando, o grande Henrique Oswald.

Enquanto fazia seus estudos gerais no Seminário Diocesano de São Paulo o pequeno Henrique não descurava a música. Com sete anos de idade apresentou-se pela primeira vez em público, tocando piano, e o sucesso obtido foi de tal ordem que Jean Jacques resolveu entregar a formação musical do filho a um dos professores de mais nome em São Paulo, por essa época: o francês Gabriel Giraudon. Não se decidiu, contudo, a admitir que o menino prodígio devesse converter-se num artista adulto. Sonhava para o filho, como era natural, uma carreira menos espinhosa e de mais senso. Já adolescente, entretanto, e organista do Semi-

---

3. *Ibidem*, p. 8.

4. *São Paulo*. 1864-1892.

nário Diocesano, Henrique Oswald sente-se fortemente chamado para as lides artísticas. E em 1868, estando com quinze anos de idade, consegue finalmente demover a resistência paterna e obtém a permissão de embarcar para a Europa, a fim de completar e apurar os seus conhecimentos musicais. Depois de um concerto triunfal, realizado no Teatro São José, o jovem Henrique deixa o Brasil, acompanhado por sua mãe. Gênova foi o porto de desembarque. E em Florença os dois se fixaram. Fixaram-se por longos anos, pois que tendo pouco depois falecido Jean Jacques, nada mais os prendia ao Brasil. Carlota era italiana e na terra dos seus continuou a viver. Para Henrique Oswald, como para tantos outros jovens artistas nascidos no Brasil, a Itália era a Meca de todos os sonhos. Lá já se encontrava Carlos Gomes, desde o retumbante sucesso de sua ópera *Joana de Flandres*, cantada no Rio de Janeiro em 1863. Milão, em 1870, havia de dar-lhe nomeada internacional, com a triunfal recepção reservada ao *Guarani*. Mas Henrique Oswald, muito menino ainda, não chegaria a encontrá-lo. Carlos Gomes habitava Milão. Os Oswald permaneciam em Florença.

Na cidade toscana, berço da Renascença, o jovem brasileiro ouviu as lições do grande pianista Giuseppe Buonamici, que voltava da Alemanha impregnado dos ensinamentos de Hans de Bülow e revestido da autoridade que, apesar da sua pouca idade, lhe era conferida pela permanência de cinco anos em Munique, onde fora nomeado professor de uma classe superior de piano, no conservatório. Admirava Wagner e pautava seus ideais artísticos pelos do grupo Liszt-Hans de Bülow, em cuja escola se formara. Isso explica a singularidade da atitude artística de Henrique Oswald que, embora vivendo na Itália, não se interessou praticamente pela ópera, desprezou os efeitos baratos, as melodias de pacotilha, tudo o que constituía o receituário habitual da música italiana na segunda metade do século XIX. Para a composição Henrique Oswald teve como guias Reginaldo Graziani e o maestro Mazzoni, com o qual concluiu os estudos. Algumas aulas de piano com o célebre virtuoso húngaro Henri Ketten, completaram sua formação.

Em novembro de 1871, quando por ocasião de sua primeira viagem à Europa o imperador dom Pedro II visitou Florença, onde, além do puro interesse turístico, atraía-o a realização de uma “Exposição Beatriz”, organizada por De Gubernatis para

LE FIGARO - SAMEDI 8 NOVEMBRE 1902

# NOTRE CONCOURS MUSICAL

1<sup>er</sup> Prix du Concours de Morceaux pour Piano  
**IL NEIGE!...**  
Morceau inédit de M. HENRI OSWALD

The image shows a page from the French newspaper 'Le Figaro' dated Saturday, November 8, 1902. The page features a musical score for a piano piece titled 'IL NEIGE!...' by Henri Oswald. The score is presented in two columns of staves. The left column contains the first system of music, starting with a piano (p) dynamic and a tempo marking of 'Andante a moto moderato'. The right column contains the second system, starting with a forte (f) dynamic and a tempo marking of 'a Tempo'. The score includes various musical notations such as notes, rests, and dynamic markings like 'pp' and 'ppp'. The piece is identified as the first prize of a piano competition. At the bottom right of the page, there is a small line of text: 'Propriété exclusive de M. Broussé et Co., éditeurs.' The overall layout is typical of a newspaper's musical section, with the title and composer information prominently displayed above the score.

Página do jornal "Le Figaro" de 8 de novembro de 1902.



comemorar o 650º aniversário da morte de Dante Alighieri, Henrique Oswald deu um recital em sua homenagem. O imperador compareceu ao recital e, condoído pelas dificuldades por que então passava o jovem brasileiro, cujo pai havia falecido, mandou conceder-lhe, de seu próprio bolso, uma pensão de 100 francos mensais “enquanto durarem as precárias circunstâncias em que se acha”<sup>5</sup>. Por mais de quinze anos Henrique Oswald recebeu a pensão imperial.

Vivia sempre em Florença. Em 1872 tenta o teatro completando uma primeira ópera de que deu a conhecer algumas páginas, reduzidas para piano, no recital que ofereceu a dom Pedro II. *La Croce d'oro* era o título dessa ópera, em três atos, que nunca foi representada. Igual destino tiveram, em vida do compositor, as duas outras óperas que escreveu: *Il Néó*, libreto em um ato de Eduardo Filippi, baseado num conto de Alfred de Musset, partitura composta em 1900<sup>6</sup>, e *Le Fate*, em dois atos, terminada em 1902, pouco antes do seu regresso ao Brasil. Em maio de 1952, para celebrar o centenário do mestre, *Il Néó* foi finalmente apresentado, por um elenco nacional, no Teatro Municipal do Rio de Janeiro.

Com o seu casamento, celebrado em 1881, Henrique Oswald ainda se sente mais radicado à Itália, onde nasceram seus quatro filhos. Conheceu Laudomia em Fiesole, o poético arrabalde de Florença, de cuja elevação se domina a ondulada paisagem da Toscana, com suas colinas vinhateiras e seus campanários de pedra. Filha de um professor de liceu – Guido Gasperini, que também foi bibliotecário do Conservatório de Nápoles – Lau, como era chamada na intimidade, era uma jovem cultíssima e de uma grande firmeza de espírito. Colaboradora do pai nos trabalhos do professorado, fora educada no protestantismo, que era a confissão de sua família. Mais tarde, sob o influxo de Henrique Oswald, católico fervoroso, ela havia de converter-se à religião

---

5. Cf. Heitor Lyra. *História de Dom Pedro II (1825-1891)*, volume 2º, *Fastígio (1870-1880)*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1939, p. 200.

6. *Il Néó*, é, em italiano, a pinta negra graciosa e provocante que constituía, para as faceiras do século XVIII, um sinal de beleza: “sur l'épaule frêle, blanche et mignonne de madame de Pompadour, il y avait un petit signe noir qui ressemblait à une mouche tombée dans du lait”. (Alfred de Musset *Contes*. Paris, Ernest Flammarion, p. 164). O protagonista, por artes do destino, descobre esse escondido encanto; a sua discreção posterior é recompensada.

do marido. “Cantava como anjo”, dizia o compositor <sup>7</sup>. E foi, durante meio século, uma incomparável companheira para Henrique Oswald, a quem ainda sobreviveu um ano.

Dois episódios curiosos assinalam o matrimônio Henrique-Laudomia. O jovem artista recebia, por esse tempo, aulas de aperfeiçoamento pianístico de Buonamici, a quem não anunciara o seu casamento, celebrado na mais estrita intimidade, às oito horas da manhã do dia 24 de outubro. Depois da cerimônia religiosa Oswald se apresentou em casa do mestre, como de costume, para uma aula, e por ele soube que as religiosas do Colégio Sacré Coeur estavam à procura de um professor de piano. O nosso artista – a quem a perspectiva de poder aumentar os seus modestos recursos financeiros, sobretudo no momento exato em que tomava estado, era das mais agradáveis – logo pediu a Buonamici que o recomendasse. Este retrucou que isso era impossível, pois as religiosas exigiam que o professor fosse um homem casado. Oswald sorriu e insistiu em sua pretensão. “Desde quando você é um homem casado?”, perguntou-lhe Buonamici. E, cheio de espanto, ouviu a resposta: “Desde hoje de manhã”. Assim foi que Henrique Oswald passou a lecionar as alunas do Colégio do Sacré Coeur, encargo que conservou durante todo o tempo que residiu em Florença.

O outro episódio liga-se à viagem de núpcias. O jovem casal, que passaria a residir em companhia da mãe do compositor, não estava em condições de poder enfrentar as despesas de uma lua-de-mel itinerante. Mas por outro lado não sorria a nenhum dos dois a idéia de passar esses primeiros dias de intimidade conjugal sob o teto comum. Resolveram pois a dificuldade de uma maneira mais econômica e assaz original; pediram à boa senhora que viajasse por eles, e à custa deles. E assim, em Florença, os dois sozinhos, puderam iniciar, sem olhares indiscretos – se bem que tão carinhosos – a sua nova existência...

Alguns anos mais tarde, estando novamente o imperador dom Pedro II de passagem por Florença, Henrique Oswald teve a oportunidade de apresentar-lhe a jovem esposa, que se achava em estado interessante. O imperador relanceou-a, e disse cumprimentando-a: “Salve, senhora! O Brasil precisa de brasilei-

---

7. Cf. Leosinha Magalhães de Almeida, op. cit., p. 19.

ros!”<sup>8</sup>. A solicitude do monarca pelo artista ainda desconhecido, que longe de sua terra natal se formava e lutava, solicitude concretizada na pensão que mandou conceder-lhe, despertando em seu coração bem formado sentimentos de gratidão imperecível, devemos, sem dúvida, o fato de hoje contarmos Henrique Oswald, e os seus descendentes, entre os nossos compatriotas. Os laços que por esse tempo ligavam Henrique Oswald ao Brasil eram demasiadamente tênues e, sem essa intervenção ter-se-iam certamente desfeito. Por que havia de considerar-se brasileiro esse jovem; que por acaso nascera no Brasil, e que, filho de pais estrangeiros, passara a residir no país de origem de sua mãe, lá constituindo família e organizando a sua própria vida? No Brasil ele não deixara nem um parente, pois o pai falecera, e a mãe com ele vivia em Florença. A atitude do imperador determinou, no caso de Henrique Oswald, a opção pela nacionalidade brasileira. Anos mais tarde, chamado a servir o Brasil, ele não hesitaria. Aqui viria residir, e para aqui traria a família.

Em Florença, e em grande parte graças a Buonamici, em cujos salões tinha a oportunidade de encontrar quase todas as celebridades musicais que transitavam pela cidade, Oswald pôde formar um excelente círculo de relações. Conheceu Johannes Brahms e conheceu Franz Liszt. Do primeiro contava como, certa noite, ele e um grupo de amigos presenciaram, entre estarrecidos e divertidos, uma cena verdadeiramente inédita. O autor do *Deutsches Requiem*, amigo do bom vinho toscano, perambulava pelas ruas da cidade, com passos mal firmes, esforçando-se por apagar, com poderoso sopro, os lampiões de iluminação pública... De Franz Liszt a família Oswald ainda conserva, até hoje, uma ponta de charuto... Henrique Oswald a recolheu certa vez que, a pedido de Buonamici, fazia companhia ao famoso compositor, numa caleche que o conduzia à casa. Tendo Liszt terminado o seu Havana, Oswald pediu permissão para guardar o que restava, como recordação.

E em sua própria casa, Lau e Oswald recebiam, às quintas-feiras, sendo visitados por inúmeros artistas – músicos, pintores, escultores ou poetas – que nela encontravam um ambiente ameno e estimulante, propício aos jogos do espírito e às demonstrações

---

8. *Ibidem*, p. 23.

do talento criador. Mascagni, Franchetti, Nicolas Rebikoff, Pedro Américo, Décio Vilares, Sen Benelli, contavam-se entre os seus convivas habituais.

#### Composições do período europeu

Uma boa parte da sua obra de compositor é produzida nesses anos de maturidade vividos longe da pátria; trios, quartetos, e o belíssimo Quinteto op. 18, com piano, o poemeto lírico *Ofélia*, em cinco números, para canto e piano, as primeiras coletâneas para piano, intituladas *Macchiete*, *Páginas d'Album*, *6 Morceaux* op. 4, *2 Noturnos* op. 6, *6 Pezzi* op. 14, e tantas outras, além de obras orquestrais, como a *Suite d'orchestre*, de 1884, a *Sinfonietta* op. 27, de 1890, e os concertos para piano e para violino. Sua reputação se estabelecia e largas perspectivas de futuro se abriam diante dele.

Nesse período as obras que produz trazem o selo do romantismo; de um romantismo como o das obras não escandinavas de Grieg, ou o que a música de Sgambati propagava na Itália; um romantismo policiado, “parnasiano”, sem as efusões delirantes do período áureo, sem o pessimismo sombrio, sem o tecido musical sobrecarregado dos mestres alemães. Aliás é curioso observar como na obra de Henrique Oswald parece que se entrelaçam características musicais que são da escola alemã, da escola francesa e da escola italiana. Uma certa profundidade de pensamento e amor pela construção que provém da primeira; requinte na *mise au point*, clareza e cuidadosa escolha das harmonias, revelando convívio com os franceses; e a matéria melódica mais encorpada, plástica, continuamente viva e graciosa da melhor música italiana.

A célebre peça para piano intitulada *Il neige!...* é um exemplo típico da adaptação do compositor ao ambiente europeu em que vivia. Henrique Oswald costumava contar que imaginou essa peça prescindindo de qualquer sugestão externa e se encontrava perplexo, sem achar um título que correspondesse àqueles finos arabescos sonoros, quando um dia a esposa chegando aos vidros da janela teve a grata surpresa de descobrir os primeiros flocos de neve do inverno, caindo maciamente, e exclamou com alegria: *Il neige!...* (a família Oswald sempre usou a língua francesa, na intimidade, mesmo no Brasil). E logo, percebendo a oportunidade dessa exclamação, observou, dirigindo-se ao marido: “*Voilà*

*le titre qui convient!*” Assim foi que a peça recebeu uma designação tão adequada, correspondendo tão bem à atmosfera cinzenta dos dias de nevasca, ao movimento vagaroso dos flocos que tombam e ao prazer íntimo, ao doce encantamento de que fica possuído o coração do homem, contemplando esse primeiro espetáculo do inverno. Mas tudo isso, que a música exprime tão penetrantemente, é essencialmente europeu; é visceralmente contrário à exuberância, aos coloridos fortes da paisagem tropical, ou à sensação que ela nos causa, quando a compreendemos, quando podemos amá-la.

As páginas encantadoras de *Il neige!...*, de uma intimidade tão radiosa e aconchegada tiveram o condão de tornar Henrique Oswald famoso, da noite para o dia. O caso é que a folha parisiense *Le Figaro* havia instituído, em 1902, um concurso de composição musical, ao qual Henrique Oswald se inscreveu, sob anonimato, como era regulamentar apresentando essa sua peça <sup>9</sup>. Nada menos de 647 composições, de autores de várias nacionalidades, foram recebidas pela redação do jornal que encarregou de julgá-las um júri constituído por Camille Saint-Saëns, que o presidia, Gabriel Fauré e Louis Diémer. Com grande surpresa para os diretores do *Figaro*, para o seu público e, sobretudo, para os três mestres que julgavam o concurso, verificou-se, uma vez apurado o resultado, que o vencedor (para as peças de piano) era um brasileiro, inteiramente desconhecido nos círculos musicais franceses. O prêmio da melhor composição para canto e piano era levantado por Roger Ducasse (compositor francês, nascido em 1873 e laureado, nesse mesmo ano de 1902, com o *Prix de Rome*) <sup>10</sup>. Publicando *Il neige!...* em sua edição de 8 de novembro de 1902, *Le Figaro* acompanhava-a de uma nota assinada por René Lara em que se lê: “*J’ai fait allusion, hier, aux hésitations qui, parfois, troublèrent nos jurés dans l’attribution des récompenses. Mais pour Il Neige!... point de débats. Il n’y eut qu’une voix; se fut la spontanéité même! Je me rappelle encore la surprise charmée, la fugitive et delicate sensation d’art que nous*

9. A divisa de Henrique Oswald, sobre o envelope destinado à identificação dos concorrentes, já por si só mereceria um prêmio de oportunidade e *humour*; “Figaro qua, Figaro lá, Figaro su, Figaro giu”...

10. Outros compositores, que se tornaram famosos, submeteram-se à prova instituída pela folha parisiense, obtendo segundos prêmios ou menções honrosas: Alfredo Casella, Gabriel Grovlez, Florent Schmitt (então na Villa Medici, desfrutando o *Prix de Rome*), Gabriel Dupont...

*éprouvâmes la première fois que le manuscrit de M. Oswald vint à tomber sous nos yeux. Saint-Saëns, Fauré et Diémer, groupés depuis de longues heures autour du piano, avaient épluché un bon nombre D'Envois, la séance allait prendre fin lorsque Diémer cueillant au hasard dans le dossier: – Si nous examinions encore celui-ci? “Celui-ci”, c’était: Il Neige!... Alors, sous les doigts du pianiste, s’éleva une exquise mélodie dont l’intense et mélancolique poésie, les jolies sonorités de rêve, enveloppantes et douces, évoquaient à l’imagination quelque pâle paysage d’hiver, la tombée monotone et lente des flocons blancs sur le mystérieux silence des campagnes désertes”.*

#### No Brasil

Façamos porém marcha à ré, para acompanhar os sucessos do nosso compositor, a partir da proclamação da República brasileira, em 1889, acontecimento de natureza política, mas que viria modificar profundamente a sua vida, mesmo no estrangeiro.

Perdida a pensão que antes lhe era servida pela generosidade imperial, Henrique Oswald decidiu empreender uma viagem ao Brasil, para dar concertos e ver de perto o que se passava. Com a fundação do Instituto Nacional de Música, a inflação provocada pelo “rush” da borracha e as especulações bolsistas dos primeiros anos, que permitiam a vinda de imponentes conjuntos líricos para Belém do Pará e para o Rio de Janeiro, a impressão que o Brasil dava, no estrangeiro, era a de um eldorado em que tudo era fácil, em que havia lugar para todos e as artes eram tidas na mais alta estima. Em 1896, pois, o compositor embarca, em Gênova, acompanhado da esposa – que era cantora – e do violoncelista Cinganelli. Ambos deviam colaborar em seus concertos. De bordo via aproximar-se, com emoção, a terra em que nascera. Amadeu Barbiellini Amidei, um crítico musical italiano, que viajava no mesmo navio, deixou-nos, em artigo publicado no *Estado de São Paulo*, a 15 de agosto de 1896, uma descrição bem viva desse companheiro de bordo. “Ao saber o seu nome – diz ele – recordei-me de que o personagem que eu antes de conhecer pessoalmente julgava ser um diplomata, era o maior compositor musical do Brasil, era o *maestro* de quem tantas vezes, na Itália, ouvi falar com grandes elogios e que da minha pátria trazia para a sua o seu alcantilado renome. A bordo ele não falava senão no

Brasil. Vinte e oito anos de ausência não foram bastantes para fazê-lo esquecer a sua terra... A recordação das últimas e recentes ovações e dos lauréis que Florença lhe tributava não bastaram para distraí-lo das antigas lembranças e o seu pensamento ia, com o desejo de chegar, como que acelerando os movimentos da hélice. Ao amanhecer o último dia de viagem o *maestro* veio acordar-me, ao meu *beliche*: quis que eu assistisse ao aparecer do sol, do belo sol tropical, e, indicando-me o nascente ensangüentado que se salpicava de borrifos de fogo, dizia-me: *Nunca vi no céu da Itália cores tão vivas!* e empregava elevadas expressões poéticas dignas de um grande artista que é, ao mesmo tempo, admirador da natureza”<sup>11</sup>. No Brasil Oswald só teria decepções. Inexperiente, insuficientemente conhecido, o dinheiro que ele pôde arrecadar, em concertos dados no Rio ou em São Paulo, não chegava para cobrir as despesas que havia feito. Mas estabeleceu boas relações e deu a conhecer aos círculos musicais e aos verdadeiros amadores uma parte de sua já bem rica bagagem musical. Luís de Castro e Oscar Guanabara, no Rio de Janeiro, Félix Otero, em São Paulo, sustentaram-no valentemente, pelas colunas da imprensa.

Nessa última cidade Henrique Oswald teve a oportunidade de encontrar-se com aquele que, sete anos mais tarde, havia de presidir o júri que o tornou famoso, premiando a sua peça *Il neige!*...; refiro-me a Camille Saint-Saëns. Achava-se o famoso compositor francês em turnê artística pelo Brasil e na casa de Luigi Chiafarelli – o grande professor de piano ítalo-paulista – pôde passar uns dias em companhia de Henrique Oswald, e ouvir o programa que este apresentava em um de seus concertos. Depois da audição do Quarteto op. 26, com piano, declarou que se tratava de uma “obra magistral e sobretudo muito pessoal”<sup>12</sup>. E sentando-se ao piano, fez questão de executar, ele mesmo com o violista Bastiani, a *Berceuse* do compositor brasileiro. Luigi Chiafarelli deixou-nos um interessante relato desse encontro entre os dois grandes compositores, publicado na revista *A Música*, de São Paulo, em setembro de 1899<sup>13</sup>. No Rio de

11. Cf. Leosinha F. Magalhães de Almeida, op. cit., p. 67.

12. Cf. Vincenzo Cernicchiaro. *Storia della Musica nel Brasile dai tempi coloniali sino ai nostri giorni* (1549-1925). Milano, Fratelli Riccioni, 1926, p. 322.

13. Luigi Chiaffarelli. C. *Saint-Saëns e H. Oswald*. *A Música*, São Paulo, ano IV, ns. 74 e 75, setembro 1899, p. 3.

Janeiro Oswald ainda participou de um dos concertos de Saint-Saëns, com ele tocando peças a dois pianos.

Regressando à Itália teve de enfrentar uma situação financeira particularmente difícil, pois a turnê ao Brasil havia exaurido as suas parcas economias. Contudo, nos anos seguintes, empreende curtas excursões artísticas à sua terra natal, sendo que a última em 1900, quando apresenta, entre outras obras suas, o concerto para piano e orquestra. Era então presidente da República o eminente estadista paulista Manuel Ferraz de Campos Sales, que para ajudar o compositor, que continuava vivendo em situação precária, apesar de seus sucessos, na Europa e no Brasil, decide nomeá-lo para um posto consular no Havre.

Em suas novas funções, entretanto, Henrique Oswald não podia sentir-se feliz. Pensara, um momento, que a nomeação não representava senão uma sinecura e que, sem grandes obrigações no escritório consular, poderia consagrar-se, despreocupadamente, a escrever sua música e a organizar seus concertos. Na realidade, porém, as coisas se passaram de maneira diferente... O Havre era um porto de grande movimento, o pessoal do consulado não era numeroso, o cônsul entendia que cada um devia cumprir o seu dever; em conseqüência o nosso pobre artista viu-se envolvido, dentro em pouco, numa lide infernal de faturas, manifestos e passaportes que tornou a sua vida intolerável. Renato Almeida, em sua *História da Música Brasileira*, conta-nos como, certa vez mais preocupado com as suas partituras do que com as faturas que tinha para despachar, o distraído auxiliar de consulado errou os cálculos de uma partida de batatas numa importância de dez milhões de cruzeiros...<sup>14</sup>. Esse incidente foi o pingo d'água. Exasperado o nosso compositor voltava ao seio de sua família; em Florença, abandonando sem saudades aquela estranha sinecura... Mas o barrete frígido da República projetava sobre ele a sua sombra, decidido a ampará-lo, tal como fizera a Coroa, nos tempos da monarquia. O barão do Rio Branco resolvia a situação destinando-o para o consulado em Gênova, comissionado para trabalhar em Florença, onde ele não tinha nada que fazer. A solução não era muito brilhante para o serviço público, mas atendia integralmente aos interesses do compositor.

---

14. Renato Almeida. *História da Música Brasileira*, 2ª edição. Rio de Janeiro, F. Briguiet & Cia., 1942, p. 403.

Dia-a-dia o seu prestígio crescia, na Europa, com os concertos que realizava para apresentar as suas obras. Em 1901 fizera-as ouvir em Paris. A Academia Real de Florença o recebia como membro efetivo, reconhecendo o valor do concerto op. 29 para violino e orquestra, submetido à sua douta apreciação.

Foi quando, no Itamarati, uma idéia luminosa atravessou o cérebro do barão do Rio Branco. Leopoldo Miguez, que fundara o Instituto Nacional de Música, falecera em 1902 e o governo brasileiro encarava o problema de encontrar, para a direção desse estabelecimento, um sucessor digno das grandes tradições que o autor dos *Saldunes* aí instaurara. Alberto Nepomuceno ocupara o cargo por uns meses, mas acabava de pedir demissão. Ora, o nome de Henrique Oswald estando em foco, com a vitória sensacional que obtivera, no concurso do *Figaro* pareceu, com muita razão, ao chanceler, que o nosso compositor teria mais probabilidades de vir a ser um bom diretor de conservatório do que de converter-se num perfeito auxiliar de consulado. O fato é que, sem nada pleitear, ele recebe um belo dia – corria o ano de 1903 – um telegrama do ministro do Exterior, convidando-o para a honrosa investidura. Nessas circunstâncias Henrique Oswald teve de tomar a decisão mais séria de toda a sua vida: se continuaria na Europa, fazendo vida de músico europeu, tendo a possibilidade de galgar notoriedade que ainda não possuía, mas cujos prenúncios já vislumbrava no crescente apreço que sua obra vinha despertando; ou se abdicaria a esse futuro, devotando o resto de sua vida à terra natal, da qual vivera sempre afastado, mas na qual viria a ser um dos primeiros, comandando a vida musical do país da posição mais importante que aí se oferecia a um músico ilustre: diretor do Instituto Nacional de Música. Resolveu aceitar o oferecimento que lhe era feito. Não estou certo de que não se tenha arrependido dessa resolução; pelo menos passageiramente, em certas horas de melancolia. Deu-me essa impressão, numa longa conversa que manteve comigo, poucos meses antes de morrer. A Europa teria sido um campo mais propício para o seu desenvolvimento artístico; imaginava o que poderia ter produzido no solo fértil em que as suas obras frutificariam em número ascendente de execuções, multiplicar-se-iam em muitas outras, de grande envergadura, que não chegou a compor, e encontrariam uma repercussão que a vida musical incipiente do Rio de Janeiro, nas pri-

meiras décadas do século XX, não lhe podia proporcionar. No Brasil o professorado o assoberbou, pois tinha de enfrentar os encargos da família. Como observa Lorenzo Fernandez, em artigo que lhe dedicou na revista *Brasil Musical*, em 1924, ele foi *infelizmente* o maior dos nossos professores. “Digo *infelizmente* – explica Lorenzo Fernandez – porque se Oswald fracassasse como professor, quantas outras páginas imortais não teriam saído de seu privilegiado cérebro, enriquecendo ainda mais o nosso patrimônio artístico?”<sup>15</sup>.

Em julho de 1903 o compositor assumia a direção do Instituto Nacional de Música, recebido com banda de música, pétalas de flores e discursos. O velho edifício da rua Luís de Camões estava engalanado e um cartão de ouro foi ofertado ao novo diretor, contendo os votos de boas-vindas e as assinaturas de todo o corpo docente. Oswald deixava a família em Florença, pois sentia que vinha tentar uma experiência, de cujo êxito não estava muito certo. Na realidade, com um temperamento que se furtava ao combate, se não tímido, pelo menos amigo da sombra, da quietude propícia ao prosseguimento da sua obra de compositor, ele não era, absolutamente, o homem que o estabelecimento precisava ter à frente, na fase tumultuosa, que estava atravessando. Desde a sua fundação, transformado o velho conservatório imperial em um novo instituto, de moldes mais modernos, para o qual foram transferidos todos os bens daquele, sendo dispensados, entretanto, os serviços de muitos velhos professores que Leopoldo Miguez considerava insuficientes para o ensino a ser doravante ministrado, vinha essa casa sofrendo violentos ataques da imprensa e enfrentando, com a renovação do seu quadro docente, penosas lutas internas. Miguez não se atemorizava com a situação; e até perante os tribunais teve de responder, pela linguagem violenta que empregava em suas réplicas aos adversários. Com Henrique Oswald a agitação não tarda a crescer, pois ele é considerado um estrangeiro, intruso, sem integração no meio musical brasileiro. Muito polido, incapaz de reações violentas, o compositor se esquivava à luta, vê a autoridade pouco a pouco escapar de suas mãos. Mais de uma vez pede a demissão, que lhe é negada. “Se não me tirarem daqui, morrerei dentro de quinze dias...”, chega a excla-

---

15. O. Lorenzo Fernandez. *Henrique Oswald. Um grande artista*. Brasil Musical, ano II, ns. 25 e 26, abril 1924.

mar <sup>16</sup>. Em 1905 consegue uma licença para visitar a família em Florença. De passagem por Paris promove a audição de suas obras, acolhido vitoriosamente, pois era a primeira vez que se apresentava na Cidade Luz, depois do triunfo de *Il neige!*... E excursiona pela Alemanha, onde também realiza concertos. Depois de uma reconfortante estada em Florença, com os seus, empreende a viagem de retorno, desta vez acompanhado pela filha mais velha, Mimma, hoje senhora Marchesini, professora de piano que granjeou larga nomeada no Rio de Janeiro. Estávamos em 1906 e, depois de reassumir por alguns meses a direção do instituto, Henrique Oswald, sentindo-se derrotado pelo entrecchoque de ambições, apresenta em caráter irrevogável a sua demissão. Nepomuceno, que o precedera, havia de ser o seu substituto, conseguindo, desta vez, permanecer por dez anos no espinhoso cargo.

Quanto ao nosso compositor, achava-se ele só com a filha no Rio de Janeiro. Não tinha emprego e devia sustentar a família que ficava em Florença, com filhos educando-se. A partir de então é que a sua atividade, como professor de piano, se torna muito intensa, e sua reputação se estabelece firmemente no Rio de Janeiro. Empreende diversas viagens para visitar a mulher e os filhos; e, destes, tem sempre ora um ora outro em sua companhia. Passa a lecionar na escola de música particular que o pianista Godofredo Leão Veloso fundara em 1907 e que funcionava em um prédio da recém-inaugurada avenida Central.

Sempre muito bem posto, cuidadoso com a sua pessoa e as suas roupas, de pequena estatura, mas de porte muito ágil, Oswald era então visto pelas ruas da cidade, transportando-se de bicicleta à casa de suas numerosas alunas. Era exímio esgrimista e seu filho Carlos conserva, com os floretes que pertenceram ao compositor, um desenho de Vittorio Cajani representando “*Oswald em costume de d’Artagnan*”. Por volta de 1918 o professor Paoli, um de seus antigos instrutores, estabeleceu-se em São Paulo, onde, contando abrir um curso de esgrima, convidou o compositor para seu sócio. Oswald achou graça no convite, mas gostava de contar o caso com uma pontinha de vaidade...

Em 1911, comissionado pelo governo, o compositor superintende a parte musical da representação brasileira na Exposição Industrial de Turim. Essa exposição ofereceu ao conjunto mas-

<sup>16</sup>. Leosinha F. Magalhães de Almeida, op. cit., p. 94.

culino da família Oswald uma excelente ocasião para dar mostras do seu valor, pois ao lado do pai, já então quase sexagenário, encontravam-se na metrópole piemontesa, os seus dois filhos artistas: Carlos, pintor, e Alfredo, pianista. O primeiro, que é hoje em dia um de nossos artistas mais respeitados, fora encarregado de pintar uma série de painéis decorativos para o pavilhão do Brasil. Sua primeira encomenda de grande envergadura. E Alfredo Oswald, então com vinte e cinco anos, pianista exímio, cujo estranho destino será referido mais adiante, tomava parte, ao lado de Guiomar Novais e de Madalena Tagliaferro, nos concertos organizados ou dirigidos por seu pai. Esses concertos valeram ao compositor indiscutível sucesso, com enorme repercussão no Brasil. E o governo, durante sua ausência, nomeava-o professor catedrático do Instituto Nacional de Música. No fim do ano, pois, regressando ao Rio de Janeiro, Oswald se decide a trazer em sua companhia toda a família. Depois das lutas vinha a bonança.

Nos vinte anos que ainda lhe restavam para viver ia consagrar-se inteiramente às suas funções de professor, muito mais cômoda para ele do que as de diretor do instituto, e muito mais fecundas, pois de suas classes iam sair numerosos pianistas, excelentemente educados, técnica e artisticamente; e alguns sentiriam desabrochar a vocação para a carreira da composição ouvindo os seus sábios conselhos. como Luciano Gallet, J. Octaviano, Frutuoso Viana, Oscar Lorenzo Fernandez ou Walter Burle Marx.

Durante vinte, anos, associada à de Alberto Nepomuceno e à de Francisco Braga, a sua figura venerável dominou a vida artística do Rio de Janeiro. Sua casa atraía as visitas de todos os artistas; jovens que procuravam encarrear-se, astros internacionais de passagem pelo Rio de Janeiro. Às quartas-feiras o mestre recebia, e tornaram-se uma tradição da vida musical carioca essas noitadas sem nenhuma formalidade, em que cada artista tinha o direito de fazer ouvir o que quisesse, em que as grandes figuras do mundo musical, tendo à frente Francisco Braga, o mais fiel amigo da casa, eram sempre encontradas, a afabilidade do casal Oswald estabelecendo um ambiente de cordialidade que tornava inesquecível a sua convivência. Durante os anos que permaneceu sozinho, ou com um de seus filhos no Rio de Janeiro, Henrique Oswald morara em pensões. Em 1912, entretanto, estando já

cercado de toda a sua família, ele monta casa, primeiro na rua São Francisco Xavier, depois na rua Haddock Lobo e, já nos últimos anos – a que eu mesmo conheci e onde ele veio a falecer – na rua Paissandu. Uma velha casa, com um extenso gramado na frente, varanda e grandes portas com persianas que desciam até ao chão. Em Petrópolis, na rua Carlos Gomes, o mestre adquirira uma vivenda própria, onde passava os meses de verão. É pelos salões dessas confortáveis residências – sobretudo pelas três casas do Rio de Janeiro – que desfilam, às quartas-feiras, os amigos da família, os músicos eminentes em visita ao Rio de Janeiro, os jovens desejosos de aparecer, de se fazerem conhecidos. Francisco Braga, mais moço do que ele dezesseis anos, foi o companheiro que lhe ofereceu amizade mais sólida, mais solícita, mais desinteressada. Com um temperamento bastante diferente do de Henrique Oswald, ele completava admiravelmente o amigo. No terreno da composição era sobretudo um sinfonista, Oswald mantendo-se, de preferência, no domínio da música de câmara; na vida prática era mais afoito, mais fortemente armado contra os inevitáveis choques produzidos – nas lides artísticas – pela vaidade, a ambição ou o interesse. Feito professor catedrático do Instituto Nacional de Música depois de árduo combate, e pouco antes de Henrique Oswald assumir a direção do estabelecimento, ele soube ser, durante todo aquele tormentoso período, um dos poucos colegas fiéis ao novo diretor, em seguida um amigo cuja assiduidade foi uma das fontes de alegria de sua vida, cuja presença tornou-se um hábito para a esposa e o filho do mestre, que o consideravam como pessoa de casa.

#### Composições escritas no Brasil

Nessa fase tão laboriosa de sua existência, sem mãos a medir para atender aos inumeráveis discípulos que procuram ouvir seus conselhos sobre técnica e interpretação pianística, Henrique Oswald não descarta a composição; diminui, talvez, o número de obras que produz; mas continua escrevendo e atualiza a sua linguagem musical. A Sinfonia op. 43 traz a data de 1910, muito embora os cuidados da orquestração ainda preocupassem o compositor nos anos seguintes. Excelente música de câmara, como a Sonata op. 36, para piano e violino, e a Sonata Fantasia, para violoncelo e piano, o 3º Trio, o 3º e o 4º Quartetos, além de

quase toda a sua música religiosa, e o do *Andante e Variações* para piano e orquestra, constituem a produção de Henrique Oswald, no Rio de Janeiro, depois de 1911. Na realidade, porém, o que o tornava mais popular o que se incluía obrigatoriamente no repertório dos estudantes e dos concertistas, eram as pequenas peças de salão para piano, editadas pela Casa Bevilacqua: *Idylie, Pierrot, Bébé s'endort, Pierrot se meurt, Chauve-souris*, os três *Estudos*, e tantas outras. Nessas obras o compositor, com o seu espírito compreensivo, isento de preconceitos artísticos, abriga fórmulas harmônicas mais ousadas, e troca o romantismo declarado de suas partituras juvenis pelo sedutor enleio dos encadeamentos raros, da meia tinta dos impressionistas, que tão bem convinha ao seu temperamento. A distinção de suas melodias, o sereno equilíbrio de suas construções, a ciência sutil de suas harmonias, embora aparentando sua música à dos mestres franceses do fim do século, não era, entretanto, uma influência recebida do exterior; correspondia, antes, ao seu próprio ideal interior, em que a graça, o bom gosto, o comedimento, encontravam o clima mais favorável. E a melhor prova dessa espontaneidade é a facilidade com que Henrique Oswald compunha, correntemente, sem hesitações. Os que examinaram suas partituras sabem que ele não fazia rascunhos. A sua caligrafia miúda, fina, ligeira, enchia páginas inteiras sem correções; o seu “equilíbrio” não era procurado; a sua “clareza” não resultava de laboriosas experiências. Sem parecer, a sua música estava sempre próxima do improvisado. Interrogado, certa vez, por um redator do *Correio da Manhã* sobre o seu “processo de trabalho”, ele haveria de responder: “Não tenho nenhum processo especial de trabalho. Não trabalho quando quero e sim quando posso, e isso infelizmente para mim e felizmente para os outros”... <sup>17</sup>. Henrique Oswald, como artista, era muito diferente de nós, brasileiros. O seu temperamento cordial e amigo da sombra não acentuava essa divergência, furtava-se aos conflitos de que pudesse resultar alguma incompatibilidade. Mas, no fundo, a verdade era essa mesma: nem ele nos compreendia muito bem; nem nós podemos atinar, de pronto, com a exata significação de sua obra. Ele era homem de um outro clima, de uma outra paisagem. O espírito do Brasil

---

17. *Ibidem*, p. 49.

nunca pôde penetrar, com naturalidade, na música demasiadamente refinada que ele compunha. Nas seqüências de esmaecidas e poéticas nuanças que a constituem não brilha a luz crua, cheia de reflexos, da natureza ensoalhada, de nossa terra. Até mesmo na obra de Leopoldo Miguez, apesar do seu wagnerismo, vislumbram-se momentos de compreensão nacional; não, porém, na de Henrique Oswald, que, mesmo residindo no Brasil, como passou a residir, depois dos cinqüenta anos, continuou, com a sinceridade inata do seu temperamento, a viver e a sentir como se outros céus o abrigassem; os céus que inspiraram o jovem compositor: Florença, a Itália, a Europa. Em um dos seus três *Estudos* para piano, sentindo-se envolvido pela atmosfera de nacionalismo musical nascente, que havia repontado na obra de Alexandre Levy e Alberto Nepomuceno, ele cede à tentação de experimentar, em sua música, esses elementos “exóticos”; e escreve esse *Estudo* inspirado na rítmica sincopada que o compositor Ernesto Nazaré vinha divulgando, em suas danças de sucesso, com vivíssima sensibilidade nacional. Mas a fórmula rítmica, apenas, não é suficiente para fazer do 2º *Estudo* de Oswald uma obra intrinsecamente brasileira; a sua substância, a começar pelo caráter melódico, permanece essencialmente pessoal, o que quer dizer, européia, discreta, finamente nuançada. Outras tentativas de nacionalização se encontram no *Scherzo* da Sinfonia op. 43, que abriga um tema popular, e no *Andante molto espressivo* da Sonata op. 36 para violino e piano, em que há uns laivos de modinha na melodia; os quais não sendo intencionais, representam, apenas, o que esse gênero tem de comum com o melodismo italiano. Também na *Serrana*, para piano, violino e violoncelo, é manifesta a incursão do compositor nos domínios do sincopado e do estilo popular convencional.

Em 1918 Gino Marinuzzi dirigiu a primeira audição da Sinfonia op. 43, no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, com a orquestra do Teatro Colon de Buenos Aires. Ao que parece Oswald tentou fazer, nessa obra, uma espécie de autobiografia musical em que descreve, segundo o depoimento do filho, o pintor Carlos Oswald, “a sua vida íntima, os seus triunfos e as mesquinhas intrigas que o obrigaram a largar a direção do Instituto, as lutas e a heróica resignação por ter de recomeçar a vida aos cinqüenta e tantos anos”. O tema popular que aparece no *Scherzo* seria

“para simbolizar a indiferença do ambiente, a vida real que continua em volta alegre, sem se importar com a dor do artista”<sup>18</sup>.

O *Andante e Variações*, para piano e orquestra, dedicado ao seu filho Alfredo, pianista que fez carreira nos Estados Unidos, onde por muitos anos ensinou no Peabody Conservatory of Music, de Baltimore, foi executado em primeira audição, em 1926, em Paris, pela pianista Maria Antônia Castro, antiga aluna do compositor. E tem feito carreira, executado por muitos pianistas no Brasil e no estrangeiro. É uma peça admiravelmente lançada, excelentemente repartida entre o virtuosismo do instrumento solista e as ricas sonoridades da orquestra. Por ocasião da apresentação da obra, nos *Concerts Colonne*, sob a direção de Gabriel Pierné, o compositor e crítico francês Alfred Bruneau escrevia em *Le Matin*: “S’il fallait la rattacher à une école plutôt qu’à une autre, ce serait à celle de César Franck, quoiqu’elle ne pastiche jamais le souverain maître des Béatitudes. Elle était donc un peu de chez nous déjà avant d’y recevoir l’accueil justement sympathique et cordial qui lui a été fait”<sup>19</sup>.

#### Elevação

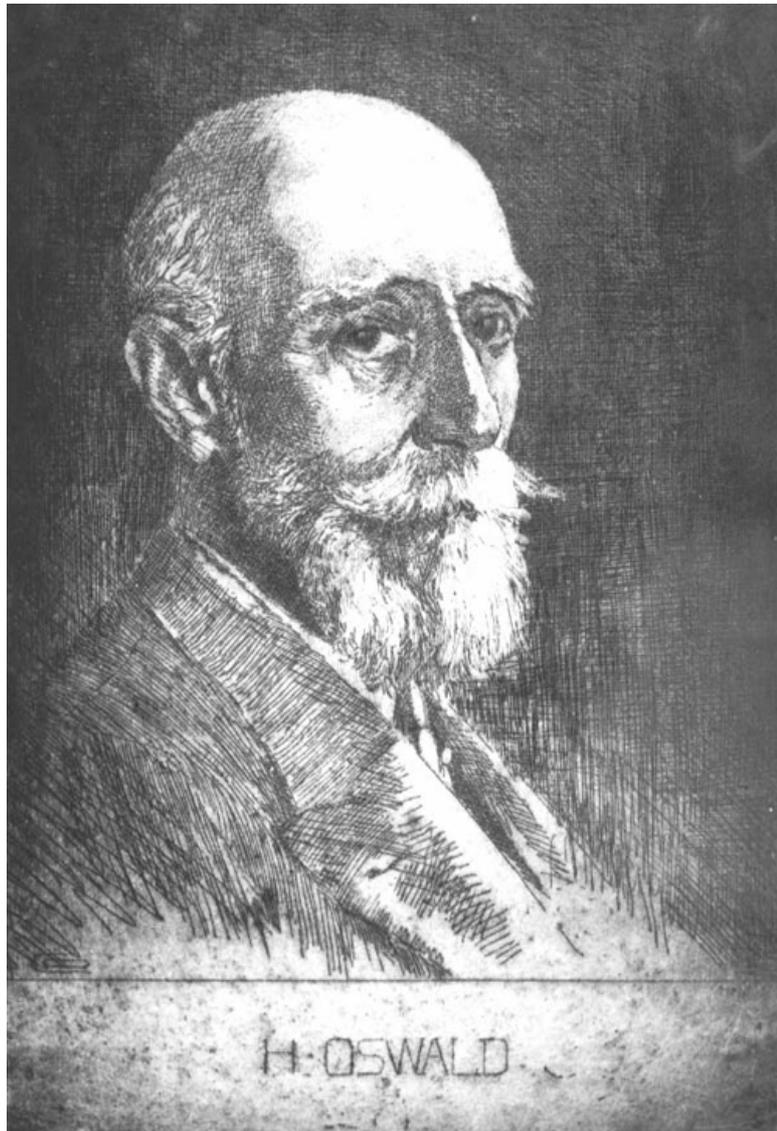
Espírito eminentemente religioso Oswald consagrou à música sacra as últimas partituras que escreveu: uma grande missa a quatro vozes mistas, com acompanhamento de orquestra e órgão, uma missa de Réquiem a quatro vozes mistas, diversos motetos para coro a capela, uma sonata e alguns prelúdios e fugas para órgão.

Na matriz de São Francisco Xavier, ao tempo em que residia nesse bairro, ele era assíduo à missa das dez horas, que assistia do coro, assegurando-lhe acompanhamento musical. Sua ex-aluna e biógrafa, dona Leosinha Magalhães de Almeida, nô-lo descreve “depois de ter recebido a sagrada comunhão, naquela atitude modesta que foi sempre a sua, subindo recolhido ao coro e, assentado ao velho harmonium, que sob os seus dedos criava uma alma nova, acompanhando a santa missa orando sem palavras, como só podem fazer os eleitos”<sup>20</sup>.

18. Carlos Oswald. *Henrique Oswald e seu filho Alfredo*. Vozes de Petrópolis. Janeiro-fevereiro 1945, p. 71.

19. 22 de março de 1926. O concerto se realizou dois dias antes, no Théâtre du Chatelet.

20. Leosinha F. Magalhães de Almeida, op. cit., p. 49.



HENRIQUE OSWALD  
(Água-forte de Carlos Oswald)



Referindo-se a essa última floração de sua obra de compositor – a música religiosa – e estudando-a em artigo para o *Boletim Latino Americano de Música* – Otávio Bevilacqua diz que “com a mesma facilidade com que abordara outros setores da composição musical, Oswald começou a deixar correr sua pena também neste, em admirável fluência e não sem o gozo espiritual de quem sempre fora um sincero crente, assíduo às cerimônias da igreja antigo organista militante. Não se trata, pois, continua ele – de um convertido ao gênero; mas ao contrário, de quem nele está perfeitamente à vontade, já porque o pratica com sinceridade de crença, já por feitio psicológico, evidentemente adequado ao caso”<sup>21</sup>.

O motivo que determinou a composição de todas essas páginas consagradas ao culto divino, nos últimos anos de sua vida, foi um extraordinário acontecimento, que merece ser lembrado aqui. Seu filho Alfredo, pianista de grande envergadura, aluno, como o pai, de Giuseppe Buonamici, recolhera-se a um convento. Até aí o fato não apresenta maior singularidade; não foi ele o único artista que vestiu uma sotaina (lembremo-nos do abade Franz Liszt...). O espantoso é que esse pianista, que conquistara reconhecimento universal, que é o dedicatário de toda a coleção das *Cirandas* de Vila-Lobos, havia contraído matrimônio, usufruíra vinte anos de felicidade conjugal e finalmente resolvera retirar-se do mundo de comum acordo com sua esposa; enquanto ele vestia a roupeta da Companhia de Jesus ela tomava o véu das Carmelitas. A dupla cerimônia foi celebrada nos dias que se seguiram ao Natal de 1930, na cidade de Baltimore, nos Estados Unidos, onde os cônjuges haviam vivido desde 1922. A fina flor da sociedade e dos círculos musicais locais compareceram à capela das Carmelitas, em Caroline Street, para assistir à sua fase final. A Carlos Oswald, o jesuíta escrevia: “Foi uma coisa magnífica: por três dias, amigos e desconhecidos continuaram ininterruptamente a visitar Mimola, que agora se chama sister Beatrice of Jesus, pedindo suas orações e fazendo donativos. Uma verdadeira peregrinação. Católicos, judeus, protestantes, ricos, pobres, etc. Foi imensamente edificante. A nossa Mimola atrás da dupla grade tinha um sorriso e um conselho para cada um”<sup>22</sup>.

21. Otávio Bevilacqua. *Música sacra de alguns autores brasileiros*. Boletim Latino-Americano de Música, Rio de Janeiro, tomo VI, 1946, p. 341.

22. Carlos Oswald, op. cit., p. 76.

Tive ocasião de visitar o irmão Oswald, em 1941, numa escola de meninos dos arredores de Washington. Com grande surpresa minha ele declarou que o órgão era um instrumento detestável e muito imperfeito; para ele, o rei dos instrumentos continuava sendo o piano... A religião não torcera as suas preferências de artista... mas, por obediência, ele era o organista da casa (e é fácil de calcular que organista!). Disponha de excelentes instrumentos – tanto órgão como pianos – e tinha sob suas ordens um ótimo coral de meninos e adultos. Foi para esse filho e pensando nele que o velho Henrique Oswald escreveu as suas últimas páginas, todas elas penetradas de profunda convicção religiosa e vazadas naquele estilo claro, luminoso e preciso que havia caracterizado toda a sua obra.

Com a idade, ele deixara crescer a barba, que havia usado, também, na mocidade. “Para não envelhecer com cara de velha”, costumava dizer. Pequenino, de olhos vivos, a fisionomia aristocrática emoldurada nos ralos cabelos e na abundante barba branca, muito sociável, figura obrigatória nos concertos ou outras reuniões em que se encontrava o mundo musical, manteve-se ativo, lecionando, compondo, freqüentando concertos até receber a visita da morte, que não temia, e que veio suavemente, no seu octogésimo ano de existência.

Em 1931, pouco antes de falecer, ele teve a satisfação de constatar quanto a sua obra era estimada pelos seus confrades e a que ponto a sua veneranda personalidade era prestigiada, em todos os círculos artísticos e sociais do país. A Associação Brasileira de Música, que então iniciava as suas atividades, sob a presidência de Luciano Gallet (outra grande figura desaparecida em 1931) havia decidido entrar na liça arvorando o estandarte do mestre. Foram planejadas as memoráveis *Homenagens a Henrique Oswald*, para comemorar o seu 79º aniversário. No Rio elas compreendiam um grande banquete, a celebração de uma missa em ação de graça, na Catedral Metropolitana, com audição de música sacra do homenageado, e dois grandes concertos no Teatro Municipal (um de música de câmara e um sinfônico). O entusiasmo e a dedicação desinteressada de todos os que participaram desses festejos, cuja parte musical valia por uma apresentação sintética do conjunto de sua obra musical, foram verdadeiramente exemplares e bem expressivos do conceito em que era tido Henrique Oswald por todas as nossas correntes musicais:

figura lendária, acima das discussões e dos partidos. Francisco Braga dirigiu o concerto sinfônico, que teve como solista o violinista Oscar Borgerth; Sousa Lima veio especialmente de São Paulo para executar algumas obras de piano do mestre no concerto de música de câmara; frei Pedro Sinzig dirigiu o conjunto de 150 músicos (orquestra e coro, com órgão) que teve a seu cargo a parte musical da missa. E quando mal se haviam extinto os ecos dessa consagração sem par em nossa história musical, no momento preciso em que, como conclusão à mesma, um conferencista deveria estar discorrendo sobre a personalidade artística do mestre, os seus despojos mortais desciam à sepultura, no cemitério de São João Batista. Oswald desaparecia, a 9 de junho de 1931, terminando um dia de trabalho igual aos demais. Sentiu os sintomas do distúrbio cardíaco que freqüentemente o afligia; mas pela derradeira vez. Tombou, quando ainda não se havia amortecido os ecos da gloriosa consagração que os músicos de todo o Brasil lhe haviam prestado. Cercava-o uma atmosfera de apoteose, que não se cingira às manifestações da Associação Brasileira de Música ou, apenas, à capital da República. O governo francês lhe conferira a Legião de Honra, cujas insígnias não chegou a receber. Em várias de nossas cidades foram organizados concertos em sua homenagem. E no Rio, por ocasião de um dos concertos sinfônicos dirigidos por Walter Burle-Marx, a execução do seu *Andante* e *Variações*, para piano e orquestra, pelo jovem pianista russo Iso Elison, resultava num dos mais deslumbrantes êxitos a que o público do Teatro Municipal já assistiu, obrigando o solista – coisa inédita – a bisar essa peça. A 14 de julho de 1931 a cruz da Legião de Honra que lhe era destinada, foi entregue pelo embaixador de França ao maestro Francisco Braga, agraciado na mesma ocasião. E foi das mãos do velho amigo que a viúva do mestre recebeu essa suprema homenagem.

A parte mais significativa da obra de Henrique Oswald – a música sinfônica e a de câmara – permanece, com poucas exceções, inédita. O Trio op. 45, dedicado ao trio Barroso Neto, Humberto Milano, Alfredo Gomes, foi publicado pela Casa Artur Napoleão; e, depois da sua morte, a Escola Nacional de Música imprimiu o Quinteto op. 18. As poucas possibilidades do nosso meio musical, sobretudo em matéria editorial, e uma certa displicência inexplicável, por parte dos nossos artistas, vêm condenando ao mais injusto olvido a sua obra tão nobre e tão cheia de lições

salutares para todos nós. Já é tempo de nos alertarmos contra esse estado de indiferença que só nos traz prejuízos. Porque é nos grandes artistas do passado, por mais estranhos que eles pareçam às diretrizes de sua formação, que o Brasil encontrará os fundamentos e a razão de ser da sua arte contemporânea. A música brasileira, sem Henrique Oswald, perde uma boa parte de sua significação. Com ele conquista um posto avançado no conceito universal.

***Luís Heitor***

Anexos

Documentos existentes no arquivo  
do Museu Imperial

I

1878.

Agosto, 16 – Nº 1.151.

Ao barão de Javari.

Mordomia da Casa Imperial. – Rio de Janeiro, 16 de agosto de 1878.

II<sup>mo</sup>. e ex.<sup>mo</sup> sr. Tendo a honra de remeter a v. ex.<sup>a</sup> a carta junta que em 24 de abril dirigia de Florença a Sua Majestade o Imperador Henrique Oswald, rogo a v. ex.<sup>a</sup> que se digne de prestar as informações que o mesmo augusto senhor deseja a respeito do dito Oswald, e do que ele expõe e pede na referida carta, que v. ex.<sup>a</sup> servir-se-á devolver.

Aproveito a ocasião para reiterar a v. ex.<sup>a</sup> os meus protestos de perfeita estima e distinta consideração. – II<sup>mo</sup>. e ex.<sup>mo</sup> sr. conselheiro barão de Javari. – *Barão de Nogueira da Gama*.

II

1878.

Novembro, 11 – Nº 1.256.

Ao barão de Javari.

Mordomia da Casa Imperial. – Rio de Janeiro, 11 de novembro de 1873.

De ordem de Sua Majestade o Imperador digne-se v. ex.<sup>a</sup> de informar qual o auxílio que será justo dar a Henri Oswald, residente em Florença; ficando assim respondido o ofício de v. ex.<sup>a</sup> datado de 6 de outubro do corrente.

Aproveito a oportunidade para reiterar a v. ex.<sup>a</sup> os protestos da minha alta estima e distinta consideração. – A s. ex.<sup>a</sup> o sr. barão de Javari. – *Barão de Nogueira da Gama*.

### III

1879.

Fever., 15. – Nº 53.

Ao visconde de Itajubá.

Mordomia da Casa Imperial. Rio de Janeiro, 15 de fevereiro de 1879.

De ordem de Sua Majestade o Imperador, digne-se v. ex.<sup>a</sup> de habilitar o barão de Javari com a quantia de mil e quinhentos francos para pagamento, ao pintor Giuseppe Ugolini, de Milão, do quadro que enviou ao mesmo augusto senhor e, bem assim, com a quantia de cem francos, mensalmente, para auxiliar ao brasileiro Henrique Oswald enquanto durar as precárias circunstâncias em que se acha; ficando v. ex.<sup>a</sup> certo de que nesta data se oficia ao barão neste sentido.

Aproveito a oportunidade para reiterar a v. ex.<sup>a</sup> os protestos da mais distinta consideração. – À sua ex.<sup>a</sup> o sr. visconde de Itajubá. *Barão de Nogueira da Gama.*

### IV

1879.

Fever., 15 – Nº 54.

Ao barão de Javari.

Mordomia da Casa Imperial. Rio de Janeiro, 15 de fevereiro de 1879.

De ordem de Sua Majestade o Imperador, digne-se v. ex.<sup>a</sup> de entregar ao pintor Giuseppe Ugolini, de Milão, a quantia de mil e quinhentos francos, e ao brasileiro Henrique Oswald a de cem francos por mês enquanto durar as circunstâncias precárias em que se acha. A soma para tais despesas será fornecida a v. ex.<sup>a</sup> pelo visconde de Itajubá, a quem nesta data se oficia neste sentido; e, assim, fica respondido o ofício de v. ex.<sup>a</sup> datado de 10 de janeiro findo. Aproveito a oportunidade para reiterar a v. ex.<sup>a</sup> os protestos da mais distinta consideração. – A sua ex.<sup>a</sup> o sr. barão de Javari. – *Barão de Nogueira da Gama.*

Livros da Mordomia, vols. 49 e 50 (D. D. H. do Museu Imperial).

**DIÁRIOS, CADERNETAS DE NOTAS  
E APONTAMENTOS DE VIAGENS  
DE DOM PEDRO II**



## **Diários, cadernetas de notas e apontamentos de viagens de dom Pedro II**

Guarda o arquivo do Museu Imperial de Petrópolis, por generosa doação do príncipe dom Pedro Gastão de Orleans Bragança, amplo material relativo a dom Pedro II, procedente do arquivo da família imperial brasileira, por muitos anos preservado no castelo d'Eu, em França. Embora mencionado e aproveitado, em parte, pelos biógrafos do grande imperador, especialmente pela norte-americana Mary Wilhelmine Williams (autora de *Dom Pedro, the Magnanimous*, Chapel Hill, N. C., 1937) e pelo embaixador Heitor Lira (em sua *História de Dom Pedro II*, São Paulo, 3 vols., 1938-1940) – muito ainda resta a investigar nesses papéis, a fim de ser convenientemente esclarecida a vida de nosso mais ilustre chefe de Estado.

É o que acontece, por exemplo, com os diários, cadernetas de notas e apontamentos de viagens do segundo imperador do Brasil, naquele depósito existentes em número de 43 peças, com alguns milhares de páginas manuscritas, conforme o arrolamento que ali fizemos, com o intuito não só de informar, a respeito, aos pesquisadores brasileiros, como de ampliar, nesse setor, o “inventário” que daquele precioso arquivo fez o nosso saudoso amigo Alberto Rangel <sup>1</sup>.

É possível que a relação adiante feita não esteja completa, pois entre os anexos dos documentos até agora apenas inventariados, e não catalogados, podem aparecer outras peças que tenham escapado ao nosso exame e que tenham cabimento na lista que elaboramos. Feita esta necessária ressalva, passemos aos 43

---

1. Alberto Rangel. “Inventário dos inestimáveis documentos históricos do arquivo da família imperial do Brasil no castelo d'Eu, em França”, nos Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, vols. LIV e LV, de 1932 e 1933 (Rio, 1939).

diários, cadernetas de notas e apontamentos de viagens, todos do punho de dom Pedro II, existentes no arquivo do Museu Imperial. Nº 1.

Provavelmente do primeiro decênio do reinado de dom Pedro II (de 1841 a 1850) são várias páginas por ele escritas, relativas a um passeio a cavalo, do Paço de São Cristóvão ao então recente Hospício de Alienados, fortaleza da praia Vermelha e praia de Copacabana. Acompanha as páginas soltas do imperador uma relação humorística da mesma excursão, escrita por um de seus participantes, inclusive com alguns versos. Os originais somam 17 páginas manuscritas, de que existem cópias datilografadas, mandadas fazer pelo falecido diretor do Museu Imperial, Alcindo Sodré, que projetava historiar todas as viagens do imperador, no Brasil. Trata-se de peça incluída no conjunto de documentos nº 1.059, do maço 39, Catálogo “B”, de manuscritos sem data, do “inventário” de Alberto Rangel <sup>2</sup>.

Nº 2.

De 1º de outubro a 7 de novembro de 1859. Diário de viagem do Rio de Janeiro à Bahia, rio São Francisco (trecho entre Sergipe e Alagoas), cachoeira de Paulo Afonso e Recôncavo da Bahia. Trata-se da primeira parte da viagem imperial às províncias da costa leste e nordeste do Brasil, dia-a-dia registrada por dom Pedro II em um caderno de 32 × 22 cm, com 84 páginas de texto manuscrito, a lápis. Conjunto nº 1.057, maço 37, do citado Catálogo “B”, de manuscritos sem data, do “inventário” de Rangel.

Apenas a parte relativa à “visita de dom Pedro II à cachoeira de Paulo Afonso” (de 14 a 25 de outubro de 1859), já foi publicada no Anuário do Museu Imperial, de Petrópolis, vol. X, de 1949, pp. 85-150, com introdução de Alcindo Sodré e ilustrações, inclusive 11 desenhos do próprio imperador, mapas e

---

2. Entre papéis avulsos reunidos sob o mesmo nº 1.059, encontra-se uma página de queixas do imperador às estranhas atitudes de seu camarista “D. José”, em uma de suas viagens. Trata-se, certamente, do desembargador d. José de Assis Mascarenhas, gentil-homem da Imperial Câmara, e deve referir-se a uma das várias excursões por d. Pedro II realizadas ao interior da província do Rio de Janeiro, nos primeiros anos de seu reinado.

Aí se encontra, também do punho do imperador a minuta do trecho da fala do trono de 3 de maio de 1846, referente às viagens que pouco antes havia feito às províncias de Santa Catarina, São Pedro do Rio Grande do Sul e São Paulo. É interessante notar que houve modificação restritiva na redação final dessa referência, conforme se verifica no confronto de seus termos com os citados por Rodolfo Garcia, nas “Viagens de D. Pedro II”, publicadas na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, tomo 98, de 1925, comemorativo do centenário de nascimento do imperador, vol. 152, (Rio, 1927) p. 117.

fotografias. São 12 os desenhos de dom Pedro II dessa viagem; guardam-se, no Museu Imperial, no maço 128, nº 6.331, do Catálogo “A”.

A maior fonte de informações sobre a viagem de dom Pedro II às províncias da costa leste e nordeste, do Espírito Santo à Paraíba, são os três tomos das *Memórias da Viagem de Suas Majestades Imperiais às Províncias da Bahia, Pernambuco, Paraíba, Alagoas, Sergipe e Espírito Santo*, publicadas no Rio de Janeiro, em 1861, 1862 e 1867, sem indicação de autor. Ver, ainda, os trabalhos aqui citados, de Rodolfo Garcia e do sr. Heitor Lira. E, além destes, os de Alcindo Sodré – “Visitas dos Imperadores à Bahia” no *Anuário do Museu Imperial*, vol. XI, de 1950, pp. 118-138, ils., e nos *Anais do Primeiro Congresso de História da Bahia*, publicação do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, vol. III (Salvador, 1950), pp. 235-266, o intitulado “O sentido político das visitas de Pedro I, Pedro II e conde d’Eu na Bahia”.

Nº 3.

De 19 de novembro a 23 de dezembro de 1859. *Diário de Viagem, da Bahia a Pernambuco*, desde a saída do Salvador até a partida do Recife para a Paraíba. Caderno semelhante ao anterior, de 32 × 22 cm, com 77 páginas escritas a lápis. Conjunto de documentos nº 1.057, citado. Nele o imperador transcreveu e ampliou notas anteriormente tomadas na caderneta adiante mencionada, sob o nº 4 desta relação. Este é o único diário de dom Pedro II até agora integralmente publicado, conforme cópia feita pelo sr. Guilherme Auler no arquivo do Museu Imperial. Intitulado *Viagem a Pernambuco* em 1859, com introdução e abundantes notas do mencionado escritor, foi incluído na *Revista do Arquivo Público*, da Secretaria do Interior e Justiça do Estado de Pernambuco, do Recife, anos V e VI, ns. 7 e 8, de 1950-1951, p. 335-486, tirando-se, então, separata ilustrada, de 156 p., favoravelmente acolhida pela crítica literária.

Nº 4.

De 1º de novembro de 1859 a 11 de janeiro de 1860. Cader-neta de notas, existente no mesmo conjunto nº 1.057, do Catálogo “B”. Por engano havia sido marcado, na capa e contracapa, como contendo apontamentos de “1868”, erro já corrigido no arquivo do Museu Imperial. Trata-se da caderneta que o imperador usava como rascunho ou borrão, durante suas visitas e excursões. Conseqüentemente, os dados referentes à viagem a Pernambuco, até 23 de dezembro de 1859, contidos nesta cader-

neta, nela estão riscados, por terem sido por ele transcritos no diário nº 3, acima citado. Depois dessa data, continuam, porém, nesta caderneta, os apontamentos de dom Pedro II referentes à viagem a Paraíba, Alagoas (Maceió) e Sergipe, até a chegada a Aracaju, a 11 de janeiro de 1860. Caderneta de 15,5 × 9 cm, 113 páginas a lápis, com alguns desenhos.

Nº 5.

De 11 a 28 de janeiro de 1860. *De Aracaju ao Espírito Santo*. Mais uma caderneta de apontamentos da viagem às províncias da costa leste, com a mesma indicação da anterior (conjunto de documentos nº 1.057). Inclui o registro da visita imperial a vários pontos do Espírito Santo, inclusive Vila Velha. Contém um vocabulário dos indígenas puris, visitados pelo imperador, e desenhos a lápis de dom Pedro II, inclusive do histórico monte Pascoal, ao sul da Bahia. Caderneta de 15,5 × 9 cm, com 95 páginas escritas a lápis, com alguns desenhos.

Nº 6.

De 1 a 11 de fevereiro de 1860. Caderneta de notas da parte final da viagem às províncias da costa Leste e Nordeste, de Vitória ao Rio de Janeiro, com vista de Linhares, no rio Doce, retratos de índios puris, desenhados pelo imperador. Menciona o seu encontro com o arquiduque Maximiliano da Áustria, poucos anos depois imperador do México. Mesma indicação do “inventário” de Alberto Rangel, documentos de nº 1.057, maço 37, catálogo “B”. Caderneta de 15,5 × 9 cm, de 70 páginas escritas a lápis, com alguns desenhos.

Nº 7.

De 25 a 29 de dezembro de 1860. *Digressão a Santa Cruz*. Original de dom Pedro II, de 19 páginas manuscritas. Acompanham seis anexos informativos, de mapas estatísticos, relativos àquela região do município neutro. Documentos nº 1.059, citados.

Nº 8.

De 22 a 27 de junho de 1861. Caderneta com anotações de Petrópolis, em parte riscadas, de 22 de junho. Observações meteorológicas locais. A parte principal é relativa à viagem a Juiz de Fora, inclusive a inauguração da Estrada União e Indústria e permanência aí <sup>3</sup>. Documentos de nº 1.057, citados. Caderneta de 18,5 × 11,5 cm, com 22 páginas de texto a lápis.

Nº 9.

De 31 de dezembro de 1861 a 5 de janeiro de 1863. É o maior diário de dom Pedro II, compreendendo todo o ano de

---

3. Entre os documentos de nº 1.059, maço 39, Catálogo “B” há um projeto de outra viagem imperial a Juiz de Fora, pela Estrada União e Indústria, redigido e assinado por Mariano Procópio Ferreira Laje, datado de 25 de setembro de 1864.

1862. Caderno de 192 folhas de texto, já copiado e datilografado para impressão, com notas identificadoras e esclarecedoras do autor desta relação que sobre o mesmo escreveu o artigo intitulado “Um ano da vida de dom Pedro II em seu diário de 1862” a ser incluído no volume intitulado *Letras Imperiais*. Apenas suas primeiras páginas (de 31/12/1861 a 10/01/1862) publicou, nos Estados Unidos, Mary W. Williams, na *The Hispanic American Historical Review*, vol. XXII, nº 3, de agosto de 1942, p. 515-521.

Documento nº 1.055, maço 35, do catálogo “B”, de manuscritos sem data, do “inventário” de Alberto Rangel, nos *Anais da Biblioteca Nacional*, vol. LV, de 1933, tomo II (Rio, 1939), p. 478.

Nº 10.

De 5 a 10 de dezembro de 1863. *Viagem à ilha Grande, Angra dos Reis, Parati e Mangaratiba*. Manuscrito de dom Pedro II, de 10 páginas. Documentos nº 1.059, citados <sup>4</sup>.

Nº 11.

De 25 de maio a 23 de junho de 1871, *1ª viagem à Europa*. Primeira caderneta de apontamentos dessa viagem, compreendendo o seu início, a bordo do paquete inglês *Douro*, do Rio de Janeiro a São Vicente (ilha de Cabo Verde) e Lisboa, e daí por terra, até a partida de Badajoz para Madri. Inventariado entre os documentos de nº 1.057, citados. Caderneta de 11,5 × 7 cm, com 144 páginas, escritas a lápis, incluindo caricaturas e croquis. A primeira viagem do imperador à Europa e Egito foi fielmente reproduzida de acordo com o noticiário dos jornais cariocas da época (*Jornal do Comércio*, *Diário do Rio de Janeiro* e *Diário Oficial*), no códice manuscrito organizado por Luís Aleixo Boulanger, intitulado *Viagem de Suas Majestades Imperiais na Europa, 1871-1872*, que se guarda, sob nº 153, no arquivo do Palácio Grão-Pará, em Petrópolis, e que consultamos por gentileza de Sua Alteza o príncipe dom Pedro de Orleans Bragança e do sr. Guilherme Auler.

Os maiores trabalhos publicados, entre nós, a respeito dessa viagem, são os do sr. Francisco Marques dos Santos: “A primeira

---

4. É bem conhecida a viagem do imperador, de 1865 (de 10 de julho a 9 de novembro) ao Rio Grande do Sul, onde assistiu à rendição de Uruguaiana na Guerra da Tríplice Aliança contra o governo do Paraguai. Seu melhor relato é o do conde d'Eu – *Viagem Militar ao Rio Grande do Sul* (agosto a novembro de 1865), publicado originalmente na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, tomo 85, de 1919, vol. 139 (Rio, 1921), pp. 107-278; depois na coleção *Brasiliana*, vol. 61 (São Paulo, 1936), pp. 7-226. Convém notar que o marechal de Exército príncipe Gastão de Orleans, não fez toda a viagem em companhia do sogro, por encontrar-se na Europa, em viagem de núpcias, quando do rompimento da guerra. Foi reunir-se-lhe em Caçapava, no interior gaúcho, a 15 de agosto.

visita dos imperadores do Brasil à Inglaterra (29 de junho-12 de agosto de 1871)”, na revista *Estudos Brasileiros*, do Rio de Janeiro, ano VI, vol. XII, ns. 34-35-36, de janeiro a junho de 1944, p. 87-139, com uma ilustração; e “Aspectos da primeira viagem dos imperadores do Brasil à Europa e Egito (1871-1872)”, na revista do *Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, vol. 188, de julho-setembro de 1945 (Rio, 1946), pp. 55-91, com 7 ils.

No arquivo do Museu Imperial guarda-se, também, uma caderneta de sintéticos apontamentos das visitas feitas e recebidas durante parte dessa viagem, de autoria da condessa de Barral e de Pedra Branca, ex-encarregada da educação das princesas filhas de dom Pedro II, que acompanhou Suas Ma-jestades de Baiona a Viena, de 26 de junho ao início de outubro de 1871, e de Paris a Baiona, de dezembro de 1871 a 13 de fevereiro de 1872. É o documento nº 7424, maço 160, do Catálogo “A”.

Nº 12.

De 14 de setembro a 8 de outubro de 1871. Segunda caderneta de apontamentos relativos à *1ª viagem à Europa*. Embora intitulada “Alemanha”, compreende, além de visitas a cidades desse país, como Nuremberg, também às cidades de Praga, Budapeste e Viena. Contém desenhos do imperador a lápis, inclusive do Mar de Glace (lago de Hallstadt) e de Donnerkogel. *In fine*, aparecem cópias de telegramas expedidos de Viena e sobre a visita a Veneza, à condessa de Barral e a Carlos Gomes, avisando-o da próxima chegada a Milão, onde o imperador desejava ouvir “O Guarani”, no Teatro Scala. Documentos nº 1.075, citados. Caderneta de 10 × 6,5 cm, com 68 páginas de texto a lápis, inclusive desenhos.

Nº 13.

De 3 a 14 de novembro de 1871. *1ª viagem ao Egito e volta à Europa*. Caderneta de notas, iniciada no Cairo. A 11 a partida de Alexandria, chegando a Brindisi, na Itália, a 14, quando registrou o imperador, certamente referindo-se à pessoa a que era dirigido o diário: “Bons dias cara amiga. Já telegrafei e escrevi a você. Que saudades veio seu cartão ainda fazer-me mais”, caderneta de 6 × 12,5 cm, de 40 páginas de texto a lápis, dos documentos nº 1.075, citados. Depois de novas visitas à Itália, França, Espanha e Portugal, de Lisboa regressou dom Pedro ao Rio de Janeiro, onde chegou a 31 de março de 1872, a bordo do vapor inglês *Boyne*.

As passagens de Dom Pedro II por Portugal, em 1871 e 1872, foram registradas no livro de Corte Real, Silva Rocha e Simões de

Castro. *Viagem dos imperadores do Brasil a Portugal* (Coimbra, 1872).

Nº 14.

De 6, 9 a 15, 18 a 22 de novembro de 1872, de 16 a 19 de junho de 1873.

Diário escrito em francês, no Rio de Janeiro, sobre as atividades habituais e leituras do imperador, que se dirigia a pessoa que se encontrava na Europa. Há intercalações a lápis, em letra diferente, inclusive corrigindo a redação francesa de dom Pedro II ou discordando de conceitos por ele emitidos. Documentos de nº 1.057, citados. Caderneta de 11 × 16,5 cm, com 32 páginas de texto à tinta.

Nº 15.

Junho de 1875. Viagem a Campos e São Fidelis. 11 páginas de notas do imperador, sobre sua visita a essa região fluminense, que já conhecia desde 1847<sup>5</sup>. Documentos de número 1.059, maço 39, do catálogo “B”, de manuscritos sem data, citado.

Há, entre os documentos de nº 1.057, maço 37, citados do Museu Imperial, dois recortes do *Jornal do Comércio*, do Rio de Janeiro, relativos a essa viagem.

Nº 16.

De 18 a 31 de agosto de 1875. *Viagem à província de São Paulo*. 11 páginas de notas de dom Pedro II, sobre essa viagem iniciada a 16 de agosto, que compreendeu visitas a São Paulo, São João do Ipanema, Sorocaba, Itu, Jundiaí, Campinas, Rio Claro, Santos e São Vicente, regressando ao Rio de Janeiro a 31 de agosto, conforme assentamento do camarista conde de Iguaçú, que acompanhou o imperador, em sua *Lista das Semanas feitas no Paço*, pequeno livro manuscrito, nº 30 do arquivo do palácio Grão Pará, de Petrópolis. Parece que faltam as folhas de apontamento relativas aos dias 16 e 17 de agosto de 1875. Documentos nº 1.059, citados.

Nº 17.

De 4 de maio a 11 de julho de 1876. *Viagem aos Estados Unidos e Canadá*. Embora o imperador tenha partido do Rio de Janeiro para os Estados Unidos a 26 de março, chegando a Nova York, a bordo do *Hevelius*, a 15 de abril, suas notas de viagem, escritas a lápis, principalmente em folhas avulsas de papel de correspondência dos hotéis em que se hospedou,

---

5. Cf. Hélio Viana. Visconde de Sepetiba, separata de *Centenário de Petrópolis. Trabalhos da comissão*; vol. VII (Petrópolis, 1943), p. 180, apud Relatório de 1848, desse presidente da província do Rio de Janeiro.

vão apenas de 4 de maio a 11 de julho, véspera de sua segunda partida para a Europa. São 295 páginas, guardadas no conjunto de documentos nº 1.060, maço 39, do Catálogo “B”, de manuscritos sem data, do “inventário” de Alberto Rangel, sem contar um caderno de notas sobre a Exposição de Filadélfia, comemorativa do centenário da independência dos Estados Unidos, e planos de viagem, formando o total de 346 páginas.

Nº 18.

De 14 de novembro a 4 de dezembro de 1876. *1ª viagem ao Oriente Próximo*. Caderneta de notas relativa à viagem de Beirute a Damasco e Palestina, inclusive Jerusalém. Contém vários desenhos e croquis de localidades e documentos da Terra Santa. Documentos nº 1.057, citados, caderneta de 15,5 × 9,5 cm, com 143 páginas de texto à tinta. Também nos documentos nº 1.043, maço 29, do catálogo “B”, aparecem projetos e programas desta parte da viagem imperial.

Nº 19.

De 4 de dezembro de 1876. *2ª viagem ao Egito*. Caderneta de notas da viagem de Jafa a Port-Said. Cópias de hieróglifos na parte final. Documentos nº 1.057, citados, caderneta de 15,5 x 9,5 cm, com 13 páginas de texto à tinta.

Nº 20.

De 11 a 23 de dezembro de 1876. *2ª viagem ao Egito*. Texto em francês; título: *Voyage au Haut Nil*. Esta caderneta, emprestada, em 1893, pelo visconde de Aljezur ao visconde de Taunay, foi por este totalmente copiada, conforme escreveu à princesa d. Isabel. Traduzida essa cópia, do francês para o português, pelo sr. Afonso d’Escragnolle Taunay, foi publicada na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, sob o título “Diário da viagem ao Alto Nilo feita pelo imperador dom Pedro II em 1876”, no tomo 72, parte II, de 1909, vol. 120 (Rio, 1910), p. 217-276, ils. No *Anuário do Museu Imperial*, vol. VIII, de 1947, p. 1-37, transcreveu-se a cópia do original em francês, precedida de “Nota explicativa”, de Alcindo Sodré, e de “Advertência”, do sr. Afonso de E. Taunay, com uma fotografia. Documentos nº 1.057, citados. Caderneta de 10 × 14,5 cm com 114 páginas, de texto à tinta.

Também sob a indicação do documento 1.044, maço 29, do catálogo “B”, encontram-se papéis avulsos sobre a excursão ao Alto Nilo, de 11 a 28 de dezembro de 1876. Redigidas em português, devem estas notas ter servido para a passagem, posterior, para o francês, do texto de dom Pedro II.

Nº 21.

De 24 de dezembro de 1876 a 6 de janeiro de 1877. *2ª viagem ao Egito*. Caderneta de notas em francês, que continua a anterior, embora ainda inédita <sup>6</sup>. Documentos nº 1.057, citados. Caderneta de 12,5 × 8 cm, com 105 páginas de texto à tinta, inclusive desenhos a lápis.

Nº 22.

De 10 a 30 de setembro e até 1º de outubro de 1878. *Nova viagem à província de São Paulo*. Em duas partes de uma caderneta primitivamente usada para endereços (ao que se supõe pela princesa Isabel), aparecem notas de dom Pedro II relativas a mais uma viagem pela província de São Paulo. Inclui dados sucintos sobre sua passagem por Guaratinguetá, Pindamonhangaba, São Paulo, Campinas, Casa Branca, Amparo, Limeira, Rio Claro, Pirassununga, Jundiá, Capivari, Piracicaba, Sorocaba, São João do Ipanema, Santos e São Vicente. Documentos nº 1.057, citados. Nº 23.

De 17 de maio a 7 de junho de 1880. *Viagem à província do Paraná*. Caderneta de notas tomadas por dom Pedro II da partida à volta dessa viagem marítima e terrestre. Documentos nº 1.057, citados. Caderneta de 70 páginas, de texto a lápis, com 18,5 × 11,5 cm. Será publicada, com anotações, pelo sr. Francisco Marques dos Santos.

Sobre a viagem imperial ao Paraná, existem vários relatos em Ernesto Matoso – *Coisas do meu tempo* (Bordéus, 1916); Davi Carneiro; *Dom Pedro II na província do Paraná*, 1880 (Curitiba, 1946); e no Boletim do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense, vol. 3º, fasc. 1º e 2º – *A viagem de Dom Pedro II pelo Paraná. Extrato dos jornais da época*, por F. Negrão e Altamirano Nunes Pereira, e *A passagem de Dom Pedro II por Porto de Cima*”, por Antônio Ribeiro de Macedo.

Nº 24.

De 26 de março a 19 de abril de 1881. *Viagem à província de Minas Gerais*. Caderneta de notas do imperador, compreendendo a viagem até Sabará, Santa Luzia, Lagoa Santa, Morro Velho e Ouro Preto. Documentos nº 1.057, citados. Caderneta de 9,5 × 15,5 cm, com 125 páginas de texto a lápis, inclusive

---

6. Ainda como continuação das viagens de 1876-1877, existem no arquivo do Museu Imperial, sob a indicação de documentos nº 1.045, maço 29, do Catálogo B, de manuscritos sem data, do “inventário” de Rangel, além de planos para as viagens desse biênio, algumas notas dos dias 27 a 29 de janeiro de 1877, relativas às visitas do imperador em Palermo, Monreale e Catânia, na Sicília. Um desenho do Etna, entre Catânia e Siracusa, aparece na caderneta acima citada sob nº 19.

desenhos. Anotado, com a seguinte, nº 25, para publicação, pelo autor da presente publicação.

Nº 25.

De 19 a 30 de abril de 1881. *Viagem à província de Minas Gerais*. Caderneta de notas que concluem as anteriores, de Ouro Preto à volta ao Rio de Janeiro, sendo a última parte da viagem em estrada de ferro. Caderneta de 8,5 × 13,5 cm, com 45 páginas de texto. Documentos nº 1.057 citados.

Nº 26.

19 e 20 de abril de 1886. Desenhos das ilhas Furtada, Grande e do Pau a Pino; do Bico do Papagaio e da enseada do Abraão. Em folhas arrancadas a uma caderneta de notas. Documentos 1.057, citados.

Nº 27.

De 30 de junho de 1887 a 25 de abril de 1888. *3ª viagem à Europa*. Notas diárias de dom Pedro II, conservadas em quatro sobrecartas, por pertencerem, as suas folhas, a cadernetas de notas de que foram arrancadas as capas. Começadas a bordo do vapor francês *Gironde*. Os quatro grupos contêm o total de 356 pequenas páginas, faltando as de 19 a 22 de janeiro de 1888. Estão assim distribuídos: 1. Páginas 1 a 125; 2. 126 a 244; 3. 245 a 289; 4. 290 a 356. Documentos nº 1.056, do maço 36, Catálogo “B”, citado.

Nº 28.

De 26 de abril a 4 de maio de 1888. *3ª viagem à Europa*. Caderneta em que se continuam as notas do nº anterior. Refere-se a excursões no Norte da Itália, com desenho de Bellagio (no lago de Como) e outros. Os registros foram interrompidos pela grave doença que atingiu o imperador em Milão, maio de 1888. Documentos nº 1.057, citados. Caderneta de 10 × 16 cm, com 24 páginas de texto a lápis, inclusive desenhos.

Nº 29.

De 6 de novembro de 1889 a 11 de janeiro de 1890. *Viagem do exílio*. A última caderneta de notas diárias por dom Pedro II iniciada no Brasil contém apenas versos nas páginas de 6 a 15 de novembro de 1889 – data da proclamação da República. Depois de ligeira interrupção começa a registrar a viagem do exílio, a bordo do *Alagoas*, também descrita em outras fontes<sup>7</sup>. Esta parte, de 24 de novembro a 30 de dezembro, inclusive a chegada a Portugal e a morte da imperatriz, na cidade do Porto, foi transcrita por Alcindo Sodrê no suplemento “Arte e Literatura” do jornal *Tribuna de Petrópolis* de dezembro de 1949, p. 1

7. Uma das mais completas relações de viagem do exílio de d. Pedro II será a de Tobias Monteiro, intitulada “Banimento da Família Imperial”, incluída em *Pesquisas e Depoimentos para a História*, (Rio, 1913) pp. 261-324.

e 2, sob o título: “Notas de um diário. Pedro II a caminho do exílio”. Continuam os apontamentos até a entrada em território espanhol, rumo a França. Documentos 1.057, citados. Caderneta de 9,5 × 14 cm, com 183 páginas de texto à tinta e a lápis. Anexo, outro soneto.

Referente a esse período, existe ainda o livro do escritor português Rocha Martins: *O imperador do Brasil dom Pedro II proscrito em Portugal* (Porto, 1949), 248 p., ils.

Do nº 30 ao nº 43: cadernetas de notas diárias do imperador no exílio. As quatorze cadernetas registram as viagens, excursões, leituras, visitas e mais ocupações de dom Pedro II, desde a ida para a França até as vésperas da morte, ocorrida em Paris, a 5 de dezembro de 1891. São escritas a lápis, sem preocupações de relatos cuidadosos, às vezes de difícil leitura. Além de anotar as permanências em Cannes, Baden-Baden e Vichy, em tratamento de saúde, contêm notícias do Brasil, da família, de sua correspondência, etc. Constam, todas, dos citados documentos de nº 1.057. Eis algumas de suas características:

Nº 30.

De 12 de janeiro a 27 de março de 1890. Além da nova chegada à França, contém muitos versos. Caderneta de 10 × 15 cm., com 172 páginas de texto a lápis, mais 10 páginas soltas, de versos.

Nº 31.

De 27 de março a 12 de junho de 1890. Caderneta de 9,5 × 14,5 cm, com 219 páginas de texto a lápis.

Nº 32.

De 13 de junho a 8 de agosto de 1890. Caderneta de 9,5 × 15 cm, com 265 páginas de texto a lápis.

Nº 33.

De 8 de agosto a 23 de setembro de 1890. Caderneta de 9,5 × 15,5 cm, com 107 páginas de texto a lápis.

Nº 34.

De 24 de setembro a 16 de novembro de 1890. Caderneta de 9 × 15 cm, com 151 páginas de texto a lápis.

Nº 35.

De 17 de novembro a 25 de dezembro de 1890. Caderneta de 9 × 14,5 cm com 143 páginas, de texto a lápis.

Nº 36.

De 26 de dezembro de 1890 a 20 de fevereiro de 1891. Caderneta de 10 × 15,5 cm com 175 páginas de texto a lápis. Termina com soneto referente ao desterro que sofria dom Pedro II.

Nº 37.

De 20 de fevereiro a 28 de março de 1891, em Cannes. Caderneta de 9,5 × 14,5 cm com 155 páginas de texto a lápis.

Nº 38.

De 28 de março a 27 de abril de 1891, em Cannes. Caderneta de 9 × 13,5 cm com 162 páginas de texto a lápis.

Nº 39.

De 27 de abril a 12 de junho de 1891. Caderneta de 9,5 × 15 cm com 177 páginas de texto a lápis, inclusive algumas escritas por d. Isabel, que copiou folhas avulsas do imperador, também anexas.

Nº 40.

De 13 de junho a 1º de agosto de 1891. Iniciado em Vichy. Caderneta de 8,5 × 14 cm com 154 páginas de texto a lápis.

Nº 41.

De 2 de agosto a 12 de setembro de 1891. Caderneta de 9 × 14 cm com 133 páginas de texto a lápis.

Nº 42.

De 12 de setembro a 12 de novembro. Caderneta de 9 × 14 cm, com 128 páginas de texto a lápis.

Nº 43.

De 12 de novembro (por engano marcado “julho”) até 25 de novembro de 1891, quando aparecem as últimas notas escritas por dom Pedro II. Uma papeleta colocada por Alberto Rangel assinala ser este o “último diário do imperador”. Caderneta de 8,5 × 17 cm, com 38 páginas de texto a lápis. A partir de 27 de novembro aparecem anotações redigidas por outras pessoas, inclusive pela princesa Isabel, registrando visitas médicas, sobre remédios e a saúde do imperador. O último desses apontamentos refere-se, porém, à rivalidade franco-alemã.

*Hélio Viana*

**ACRÉSCIMOS E RETIFICAÇÕES AO  
“ARQUIVO NOBILIÁRQUICO”**



## **Acréscimos e retificações ao “Arquivo Nobiliárquico”**

### A

Abadia, 1º barão de: nasceu a 27 de setembro de 1794, em Campos, onde faleceu a 20 de fevereiro de 1856. Filho do sargento-mor Gregório Francisco de Miranda e d. Maria Francisca de Assunção. A baronesa nasceu em 1796 e faleceu em 22 de janeiro de 1870. Era filha do desembargador Manuel da Silva Gusmão e d. Ana Rosa de Aguiar Cardoso.

Abadia, 2º barão de: Francisco Dionísio Machado de Faria. Nasceu em 9 de outubro de 1835 na fazenda Boa Sorte, do ex-município de Abadia, atualmente denominado de Jandaira, Estado da Bahia. Filho de Joaquim Elias Machado de Faria e d. Maria Elena de Faria. Foi membro da Comissão Literária da freguesia de Abadia. Exerceu o cargo de intendente do antigo município de seu nascimento e outras funções públicas de relevo. Faleceu a 19 de agosto de 1908 na vila de Cepa-Forte, hoje cidade de Jandaira. Casou a 1 de setembro de 1857 com d. Antônia da Silva Maciel, nascida em 11/05/1858 e falecida em 17/09/1926. Era filha de Antônio Francisco Maciel e d. Joaquina Maria da Silva. Do consórcio houve a prole de 16 filhos. Os barões de Abadia estão sepultados em mausoléu próprio, no cemitério da cidade do Jandaíra, estado da Bahia.

Abaeté, visconde de: iniciou sua carreira na magistratura sendo nomeado por dom João VI, em 22/01/1821 juiz de fora da vila de S. João d’El-Rei. Em 26 de maio de 1837, foi nomeado ministro adjunto do Conselho Supremo Militar, sendo demitido, a pedido, em 18 de fevereiro de 1838. No exercício deste cargo, desistiu dos respectivos vencimentos em benefício dos cofres públicos. Foi preso em 18 de junho de 1842 a bordo da fragata *Paraguçu* sendo deportado para Portugal em consequência dos

pronunciamentos armados das províncias de São Paulo e Minas Gerais. Regressou em 5 de junho de 1843, sendo preso e recolhido ao corpo municipal; obteve a liberdade em virtude de habeas-corpus concedido pelo Supremo Tribunal de Justiça. Foram seus filhos Alonso, Antônio Paulino, Henrique, Amariles e Mariana, todos Limpo de Abreu. O inventário dos bens da viscondessa se encontra no Arquivo Nacional.

Abiaí, barão de: filho de d. Rita Maria da Mota. Casou em primeiras núpcias com d. Adelina Augusta Cavalcanti Carneiro da Cunha, nascida em 1850 e falecida em 1878 e em segundas núpcias com d. Leonarda Mirandolina, baronesa de Abiaí, nascida em 30 de novembro de 1854 e falecida em 7 de julho de 1935. Ambas eram filhas do brigadeiro Claudiano Joaquim Bezerra Cavalcanti e d. Maria Etelvina do Carmo Henriques.

Abrantes, marquês de: faleceu em 05/10/1865.

Aceguá, barão de: filho do capitão Astrogildo Pereira da Costa e d. Maria Antônia da Silveira. Nasceu no Erval e faleceu a 19 de janeiro de 1892, na cidade de Jaguarão. Casou com d. Josefa Bitencourt da Costa. Foram seus filhos: Eulália, Astrogildo, Umbelina, Brasilina, Severina, Maria e Praxedes.

Açu, barão de: filho de Simão Gomes de Brito e dona Maria Madalena de Medeiros. Nasceu a 27 de novembro de 1818, na antiga capela de Campo Grande (Augusto Severo), Rio Grande do Norte. Faleceu a 6 de junho de 1896, em Caraúbas, na mesma província. Magistrado. Deputado provincial em três biênios. Na qualidade de vice-presidente, governou a província do Rio Grande do Norte em agosto de 1868. Casou três vezes. Sua terceira mulher, d. Maria das Mercês de Oliveira Guerra, baronesa de Açu, faleceu a 2 de agosto de 1896. Sua prole foi de vinte e quatro filhos.

Açu da Torre, barão de: nasceu em 15 de agosto de 1862, no município da Mata de São João. Filho do major da Guarda Nacional Manuel João dos Reis Meireles e d. Ana Simões de Paiva Meireles. Dedicou-se à vida rural. Militou na política, onde dominou por muitos anos a chefia em Mata de São João. Faleceu pobremente em 20 de fevereiro de 1930, na cidade de Nazaré. Casou com d. Adelaide Vaz de Carvalho, filha do coronel Francisco Vaz de Carvalho e d. Virgínia de Castro Vaz de Carvalho.

Afié, barão de: Joaquim Carlos da Costa Andrade. Filho de Carlos Casemiro de Andrade e d. Senhorinha dos Santos Alvarenga. Era fazendeiro em Minas Gerais. Casou em primeiras núpcias com d. Ana da Costa Lage e em segundas núpcias com d. Maria Isidora Andrade.

Águas Belas, barão de: comerciante em Recife. Faleceu a 18 de junho de 1904, com a idade de 77 anos, na mesma cidade e foi sepultado no cemitério de Santo Amaro.

Águas Claras, barão de: nasceu em Petrópolis. Faleceu em 12 de junho de 1918 e foi sepultado no cemitério da Ordem de São Francisco da Penitência, no Rio de Janeiro. Casou com d. Josefina de Araújo Franco, falecida em 30 de março de 1920 e sepultada no referido cemitério. Era filha de Antônio Augusto de Araújo Franco e d. Leopoldina de Sousa Werneck. Foram seus filhos: Domingos, Lavínia, Eduardo, Leopoldo, Otávio, Haroldo, Elisa e Irineu, todos de Sousa Leite.

Aguapeí, barão de: filho de Antônio Bernardo de Oliveira e d. Ana de Alincourt. Faleceu a 14 de janeiro de 1879. Casou com d. Maria Alves da Cunha Ribeiro, falecida a 18 de março de 1885, no Rio de Janeiro, e sepultada no cemitério de São João Batista.

Aguiar de Andrada, barão de: foram seus filhos: Alberto, Matilde, Georgina, Ernesto, Francisco, Helena, Eduardo e Maria, todos Aguiar de Andrada.

Aguiar Toledo, 2º barão de Bela Vista e visconde de: sua primeira mulher faleceu a 02/07/1865 no Rio de Janeiro, sendo baronesa de Bela Vista e foi sepultada no cemitério de São João Batista. A segunda mulher chamava-se Maria Madalena Hesse e faleceu em 4 de junho de 1912, também no Rio de Janeiro e sepultada no referido cemitério. Foram seus filhos: Maria Guilhermina e América Brasília (baronesa de Aguiar Valim) do primeiro casamento; José e Rodolfo do segundo casamento. O inventário dos bens da baronesa de Bela Vista se encontra no Arquivo Nacional.

Aguiar Valim, barão de: nasceu a 04/04/1861 em Bananal e faleceu a 5 de janeiro de 1925 em São Paulo. Casou em primeiras núpcias com d. Eudóxia Rubião, falecida em 29 de novembro de 1890, na cidade de Bananal, filha do dr. João Álvares Rubião e de d. Margarida Carlota Rubião e em segundas núpcias com

d. Maria da Glória Rabelo, filha do dr. Eduardo Rabelo e de d. Maria Teodora dos Reis. Sua prole foi de dezenove filhos, quatro do primeiro casamento e quinze do segundo.

Aimoré, barão de: faleceu a 30/07/1893 em São Mateus. Casou com d. Teodósia Vieira da Cunha, falecida a 27 de agosto de 1891, no Rio de Janeiro e sepultada no cemitério de São João Batista.

Aiuruoca, barão de: era irmão da baronesa de Itambé.

Alagoas, barão de: a baronesa faleceu com a idade de setenta e oito anos e foi sepultada no cemitério de São Francisco Xavier. O inventário de seus bens se encontra no Arquivo Nacional.

Alagoinhas, barão de: nasceu a 26 de março de 1818 e faleceu a 28 de setembro de 1882. Filho de Francisco Maria Sodré Pereira e d. Maria Ana de Menezes. Casou com d. Cora Coutinho Sodré, que faleceu a 25 de abril de 1880, em Iguapé, Bahia. Era filha do conselheiro José Lino Coutinho e de d. Ildefonsa Laura César. Sua prole foi de onze filhos.

Albuquerque, barão de: filho dos viscondes de Albuquerque. Nasceu em Niterói. Faleceu a 03/03/1914, em Paris.

Alcântara, visconde de: não foi membro do Supremo Tribunal de Justiça. O inventário de seus bens se encontra no Arquivo Nacional.

Alegrete, 2º barão de: faleceu a 29/11/1871, no Rio de Janeiro e foi sepultado no cemitério de São Francisco Xavier. Sua mulher nasceu em 1826 e faleceu a 08/05/1857, antes que seu marido fosse titular. O 2º barão de Alegrete deixou grande fortuna. O inventário de seus bens, que se encontra no Arquivo Nacional, acusa o monte na importância de 1.800:597\$779.

Alencar, barão de: nasceu em 5 de dezembro de 1832, faleceu em 26 de março de 1921, no Rio de Janeiro. Foi deputado geral na 14ª legislatura.

Alfenas, 1º barão de: envolveu-se nos movimentos políticos de 1842 em Minas Gerais; foi processado por três vezes sendo absolvido. Viveu em sua fazenda Campo Alegre, junto de Baependi, tendo sido o iniciador da criação dos cavalos da raça manga-larga.

Alfenas, 2º barão de: faleceu a 15 de janeiro de 1898, com a idade de oitenta e quatro anos, em São Francisco de Paula do Machadinho, então distrito de Alfenas, hoje cidade de Gimirim, Minas Gerais. Abastado fazendeiro e lavrador. Foi juiz de paz e delegado suplente de Alfenas.

Alhandra, barão de: faleceu em 11/03/1885, em São Petersburgo, e foi sepultado no cemitério católico de Vibourg, arrabalde da mesma cidade, em túmulo contíguo ao de sua mulher.

Aliança, barão de: filho de João Vieira Machado da Cunha e d. Maria Isabel de Jesus Pinheiro Werneck. Nasceu em 1847 e faleceu em 17 de março de 1934, no Rio de Janeiro. Foi casado com d. Maria Peregrina, nascida em 23 de dezembro de 1848 e falecida em 12 de fevereiro de 1927, no Rio de Janeiro. Era filha dos viscondes de Ipiabas.

Almeida Galeão, barão de: nasceu em 1834, na Bahia, faleceu em 23 de maio de 1922. Casou com d. Maria da Glória Pereira Franco, falecida em 8 de outubro de 1888, com a idade de sessenta anos, na cidade do Salvador.

Almeida Lima, barão de: faleceu em 12/07/1892, na cidade de Capivari, estado de São Paulo.

Almeida Ramos, barão de: advogado e comissário de café. Faleceu em 02/03/1885, no Rio de Janeiro e foi sepultado no cemitério de Catumbi. A baronesa nasceu em 20 de maio de 1839 e faleceu em 25 de dezembro de 1926.

Almeida Valim, barão de: nasceu em 9 de maio de 1855, em Bananal, e faleceu em 26 de julho de 1912, em São Paulo.

Alto Mearim, barão de: nasceu a 17 de novembro de 1848 em Matozinho, Portugal, faleceu em 11 de maio de 1900, em Paris, sendo sepultado em sua terra natal. Filho de João José do Pinho e d. Rita Etelvina Martins. Foi deputado às Cortes portuguesas, pelo distrito de Santarém, em três legislaturas e escolhido par do reino em 1898.

Alto Muriaé, barão de: faleceu em 15/04/1890, em sua fazenda Monte Alegre.

Alvarenga, visconde de: nasceu em 10 de março de 1833. Faleceu em 26 de agosto de 1901. Casou com d. Elisa Teixeira de Alvarenga, falecida em 10 de janeiro de 1900, no Rio de Janeiro e sepultada no cemitério de São João Batista.

Amaragi, barão de: nasceu em 29 de maio de 1807. A baronesa faleceu em 28 de março de 1903, com a idade de 67 anos, na cidade do Recife e foi sepultada na capela do engenho Amaragi.

Amazonas, barão de: nasceu em Lisboa. Filho de Teodoro Manoel Barroso e d. Antônia Joaquina Barroso da Silva.

Amparo, 2º barão de: faleceu em 30 de abril de 1921. A baronesa faleceu em 18 de julho de 1924, com a idade de oitenta e três anos, no Rio de Janeiro, e foi sepultada no cemitério da Ordem do Carmo. Era filha de João Evangelista Teixeira Leite e d. Ana Bernardina de Carvalho.

Anadia, barão de: nasceu em 1820, na vila de Porto Calvo, Alagoas. Filho do tenente-coronel Bernardo Antônio de Mendonça e d. Ana Bárbara de Matos Castelo Branco. A baronesa faleceu em 12 de outubro de 1884, no Rio de Janeiro, com a idade de quarenta e quatro anos e foi sepultada no cemitério de Catumbi.

Anajatuba, barão de: faleceu na cidade do Rio de Janeiro.

Anajaz, barão de: médico clínico em Belém. Faleceu em 8 de setembro de 1929. A baronesa faleceu em 2 de abril de 1910, no estado do Pará.

Andaraí, visconde de: filho de Leocádio Máximo de Sousa e d. Ana Leocádia de Sousa. Nasceu em 1808. Foi sepultado no cemitério de Catumbi. Casou em primeiras núpcias com d. Maria Guilhermina Rebelo, falecida em 12 de dezembro de 1827, no Rio de Janeiro, e sepultada nas catacumbas da igreja de São Francisco de Paula, e em segundas núpcias com d. Maria Cândida Rocke, condessa de Andaraí em 31 de outubro de 1889, nascida em 1814, falecida em 24 de outubro de 1900 e sepultada no mesmo cemitério. Foram filhos do primeiro casamento: Militão Máximo de Sousa, 2º barão de Andaraí, e Carlos Máximo de Sousa.

Andaraí, 2º barão de: sua prole foi de oito filhos.

Angra, barão de: nasceu em 15 de novembro de 1806, em Lisboa. Filho de Manuel José dos Santos e d. Maria da Piedade. Ajudante-de-ordens e encarregado do quartel-general da Marinha, de 7 de dezembro de 1870 a 26 de setembro de 1871.

Diretor da Estrada de Ferro Dom Pedro II, de 21 de fevereiro a 11 de abril de 1873. Ajudante general da Armada, de 23 de maio de 1876 a 12 de novembro de 1879. Casou em primeiras núpcias com d. Henriqueta Bebiana de Castro, falecida a 13 de agosto de 1870, com a idade de quarenta e oito anos, e em segundas núpcias com d. Adelaide Bebiana de Castro, falecida em 14 de junho de 1873.

Anhumas, barão de: faleceu a 25 de março de 1894, em São Paulo. Sua primeira mulher faleceu em 7 de junho de 1865, e a segunda mulher, d. Blandina faleceu a 23 de dezembro de 1928, com a idade de noventa e três anos incompletos, em São Paulo. Sua prole foi de dezoito filhos.

Antonina, barão de: na coleção 137 do Arquivo Nacional encontra-se o registro da carta-patente confirmando João da Silva Machado no posto de sargento-mor das ordenanças da vila Nova do Príncipe, capitania de São Paulo, em 1 de abril de 1816. Relevantísimos foram os serviços prestados por João da Silva Machado, mais tarde barão de Antonina. Em 1820 foi incumbido pelo governo de São Paulo de explorar minérios de prata no morro do Itaió. Em 1822, tomou a seu cargo a conservação da estrada de rodagem da Mata, entre São Paulo e Rio Grande do Sul. Em 1826, foi encarregado de fundar uma colônia de alemães em Rio Negro. Estabeleceu núcleos de catequese em Tibagi, Paranapanema, Ivaí, Ribeira; organizou e instalou aldeamentos de índios em Tibagi e São João Batista do Rio Verde; fundou as povoações de São Jerônimo, Jataí e outras; construiu diversas estradas de rodagem. A baronesa de Antonina faleceu a 17 de julho de 1852, na fazenda Pirituba, era filha de Manuel Gonçalves Guimarães e d. Maria Madalena de Lima. Os barões de Antonina, além de um filho falecido na infância, tiveram as seguintes filhas: Maria Antônia da Silva, Francisca de Paula da Silva, Balbina Alexandrina da Silva, Ana da Silva Machado e Inocência Júlia da Silva.

Aparecida, barão de: faleceu no Rio de Janeiro e foi sepultado no cemitério da Ordem de São Francisco de Paula, em Catumbi. Mais tarde seus restos mortais foram trasladados para o cemitério da Aparecida, em São Paulo. A baronesa faleceu em 13 de setembro de 1896.

Aquino, barão de: faleceu em 20 de agosto de 1921, e foi sepultado no cemitério de Duas Barras. Militou na política

filiado ao partido conservador. Exerceu vários cargos de eleição popular. Foi delegado de polícia da comarca de Carmo. Muito auxiliou a construção do ramal de Sumidouro da estrada de ferro, hoje Leopoldina, fornecendo gratuitamente madeira e pedras e fazendo doação em sua fazenda do terreno necessário à via férrea. Em reconhecimento, a administração da mesma estrada deu a denominação de barão de Aquino a uma das estações do referido ramal. Sua prole foi de quinze filhos.

Aracati, barão de: foram seus filhos: Heráclito de Alencastro Graça, Ana Graça, José Pereira da Graça Júnior, Benjamim Constant Pereira da Graça, Abel Graça, Henrique Graça, Maria da Glória, Afonso de Alencastro Graça, Maria do Carmo, Maria Eduarda e Adolfo de Alencastro Graça.

Araguari, 1º barão de: João Maria Wandenkolk. Casou com d. Martina Gomensoro.

Araguari, 2º barão de: filho de Antônio Dias Maciel e d. Rosa Capanema. Nasceu em 1 de janeiro de 1826, em Pitangui e faleceu em 1 de junho de 1910 no município de Patos, Minas Gerais. Devido aos seus esforços a antiga paróquia de Santo Antônio dos Patos foi elevada à vila em 30 de outubro de 1866 e à cidade em 24 de março de 1892. Casou com d. Flaviana Dias Maciel, falecida em 17 de agosto de 1927 com a idade de oitenta e oito anos na cidade de Patos, onde foi sepultada. Era natural de Bom Despacho e filha do capitão Antônio Correia da Silva e d. Balbina Jesuina Vieira. Sua prole foi de dezoito filhos. Um dos seus filhos, dr. Olegário Maciel, teve grande projeção na política do estado de Minas Gerais e faleceu a 5 de setembro de 1933 no exercício do cargo de presidente do mesmo Estado.

Araguaia, visconde de: casou com d. Eugênia de Negreiros, falecida em 16 de março de 1897, em Paris, filha dos segundos barões de Cruz Alta. Foram seus filhos Amadeu José Gonçalves de Magalhães e Januária Gonçalves de Magalhães.

Aramaré, visconde de: filho de Antônio da Costa Pinto e d. Mariana Joaquina de Jesus. Nasceu em 8 de dezembro de 1809, na Bahia, e faleceu em 22 de novembro de 1889, em seu engenho Aramaré, no município de Santo Amaro. Casou com d. Maria Joaquina da Costa Pinto. Sua prole foi de doze filhos.

Arantes, visconde de: nasceu em 1818. Faleceu em 1 de outubro de 1908. Foi juiz municipal, suplente, da cidade de

Turvo, Minas Gerais. A viscondessa faleceu em 14 de dezembro de 1895, no município de Turvo.

Araraquara, 2º barão de: filho dos viscondes do Rio Claro. Nasceu em 1829. Faleceu a 29 de maio de 1902. A baronesa faleceu a 27 de dezembro de 1908, com a idade de sessenta e oito anos, na capital do estado de São Paulo. Sua prole foi de dez filhos.

Araras, barão de: faleceu em 8 de junho de 1897, com a idade de oitenta anos, na cidade de Araras.

Arariba, barão de: nasceu em 17 de junho de 1841, em Recife. Filho do comendador Antônio Luís Gonçalves Ferreira e dona Ana Joaquina Rodovalho. Senhor dos engenhos Arandu de Baixo e Bom Tom, em Pernambuco. Faleceu em 16 de novembro de 1914.

Araripe, barão de: nasceu em 1830. A baronesa faleceu em 3 de outubro de 1890.

Araruama, 1º visconde de: a viscondessa nasceu em 24 de março de 1799 e faleceu em 14 de dezembro de 1870 e foi sepultada em Quissamã, província do Rio de Janeiro.

Araruama, 2º visconde e conde de: faleceu em 24 de junho de 1892. Foi elevado a conde em 24 de março de 1888.

Araruna, barão de: nasceu na província da Paraíba. Militou na política filiado ao partido conservador, sendo chefe do partido na vila de Bananeiras, onde residia e faleceu.

Arari, visconde de: nasceu em 16 de outubro de 1806.

Arari, barão de: sua prole foi de dezessete filhos. Faleceu a 12 de outubro de 1897, em Caxambu, Minas Gerais.

Aratanha, barão de: a baronesa faleceu no estado do Ceará.

Araújo Ferraz, barão de: faleceu em 13 de janeiro de 1889, em Petrópolis, e foi sepultado no cemitério de Catumbi, no Rio de Janeiro. A baronesa faleceu em 16 de julho de 1905.

Araújo Góis, barão de: filho do capitão Inocência Marques de Araújo Góis e d. Maria Joana Calmon. Nasceu em 4 de julho de 1811, na Bahia, e faleceu em 13 de maio de 1897. Seguindo a carreira da magistratura, foi procurador fiscal, juiz de direito de Cachoeira, juiz da vara do comércio da Bahia, desem-

bargador fiscal do Tribunal do Comércio, chefe de polícia e ministro do Supremo Tribunal de Justiça. Casou em primeiras núpcias com d. Maria Francisca de Abreu, falecida em 25 de dezembro de 1850, e em segundas núpcias com d. Maria Inácia da Cunha Menezes, falecida em 2 de outubro de 1885, filha dos viscondes do Rio Vermelho. Sua prole foi de dezesseis filhos.

Araújo Gondim, barão de: filho do ouvidor Antônio de Araújo Gondim. Nasceu em 14 de julho de 1823. Faleceu em 16 de maio de 1884, na cidade de Petrópolis. Encetou sua carreira diplomática em 25 de agosto de 1845, como adido à legação do Brasil em Portugal. A baronesa de Araújo Gondim nasceu em 25 de maio de 1838 e faleceu em 27 de outubro de 1901, no Rio de Janeiro, sendo sepultada no cemitério de São João Batista. Foram seus filhos: Alice de Araújo Gondim e Carlos de Araújo Gondim.

Araxá, visconde de: filho de Domingos Leite Ribeiro. Foi sepultado no cemitério do Desengano, província do Rio de Janeiro. Sua prole foi de cinco filhos.

Arroio Grande, barão de: nasceu a 8 de junho de 1838 em Pelotas, onde faleceu em 13 de julho de 1912.

Assis Martins, visconde de: faleceu em Cataguazes, Minas Gerais.

Atalaia, barão de: filho de Lourenço Bezerra Cavalcanti de Albuquerque e d. Josefa Florentina de Albuquerque Maranhão. Deputado provincial em Alagoas em diversas legislaturas. Faleceu em Nova Friburgo, onde foi sepultado. A baronesa era irmã do visconde de Sinimbu.

Ataliba Nogueira, barão de: nasceu a 8 de setembro de 1834 e faleceu a 6 de dezembro de 1921, sendo sepultado em Campinas. A baronesa nasceu a 23 de setembro de 1845 e faleceu a 30 de novembro de 1912, na mesma cidade. Foram seus filhos: João, Luisa, Camila, Guiomar, Ana, Washington, Maria Luisa e Úrsula, todos de Ataliba Nogueira.

Atibaia, barão de: nasceu a 29 de março de 1812. Faleceu em Campinas. A baronesa faleceu a 1 de janeiro de 1903, na mesma cidade.

Avanhandava, barão de: filho de Elizeu Antunes Cardia e d. Gertrudes Vaz de Almeida Cardia. Era fazendeiro de

café em Banharão, São Paulo. Casou com d. Carolina Amaral Gurgel.

Avelar e Almeida, barão de: fazendeiro de café na província do Rio de Janeiro. Nasceu a 5 de dezembro de 1849. Casou com d. Maria José de Araújo, em segundas núpcias com d. Laurinda de Avelar Werneck, em terceiras núpcias com dona Maria Ursulina Pessanha da Silva, baronesa de Avelar, nascida a 21 de outubro de 1846 e falecida a 12 de dezembro de 1942, na cidade de Vassouras, com a idade de noventa e sete anos. O barão faleceu a 25 de novembro de 1902, no Rio de Janeiro, e foi sepultado no cemitério de São João Batista.

Avelar Resende, barão de: Quirino Ribeiro de Avelar Resende. Filho do capitão Quirino Ribeiro de Avelar Resende e d. Maria da Purificação Monteiro Galvão de São Martinho. Fazendeiro no município de Palma, Minas Gerais. Casou com d. Inês de Castro Lobato Galvão de São Martinho. O barão faleceu a 13 de agosto de 1915, em sua fazenda na estação de Banco Verde, distrito de Cachoeira Alegre, da comarca de Palma, Minas.

Azeredo Coutinho, barão de: fazendeiro na província do Rio de Janeiro. Nasceu a 1 de dezembro de 1809. Faleceu a 18 de julho de 1900, em sua fazenda da Pedra, em São Fidélis. Casou com sua sobrinha d. Ana Barcelos da Silva e Sousa, que faleceu a 19 de março de 1895, na fazenda do Cacondo.

Azevedo Machado, barão de: natural de Portugal. Faleceu a 2 de julho de 1891, no Rio Grande do Sul. Casou com d. Maria Rodrigues, baronesa de Azevedo Machado, que faleceu a 18 de abril de 1890, no referido estado.

## B

Baependi, marquês de: em 1793 foi admitido no quadro de oficiais de marinha no posto de 1º tenente, promovido a capitão-tenente e a capitão-de-fragata em 3 de julho de 1798. Em 9 de fevereiro de 1802, foi transferido para o Real Corpo de Engenheiros no posto de tenente-coronel, promovido a coronel em 4 de março de 1808, brigadeiro graduado a 6 de fevereiro de 1818, brigadeiro a 13 de maio de 1819. Em 24 de setembro de 1802, foi nomeado deputado e escrivão da junta de Fazenda da capitania de Minas Gerais. Deputado da junta da Academia Mi-

litar, de 11 de março de 1801 até 1821. Reformado no posto de marechal-de-campo em 13 de maio de 1822. Presidente do Senado de 1831 a 1841.

Baependi, conde de: casou em 22 de outubro de 1834. Foram seus filhos: d. Francisca Jacinta Nogueira da Gama (condessa de Carapebus), dr. Manuel Jacinto Carneiro Nogueira da Gama, José Inácio, Rosa, Mônica, Braz, Maria José e Guilhermina Rosa. Faleceu no Rio de Janeiro e foi sepultado no cemitério de Catumbi. A condessa faleceu em 7 de outubro de 1904, e foi sepultada no mesmo cemitério.

Bagé, 1º barão de: nasceu a 29 de março de 1748, em Lisboa. Filho do tenente-coronel Manuel da Silva Álvares. Assentou praça em 2 de junho de 1763, na Armada. Casou com d. Maria Joaquina Perpétua. Cavaleiro da Ordem de Avis e fidalgo da casa real. Faleceu a 22 de março de 1826, no Rio de Janeiro no posto de almirante.

Bagé, 2º barão de: nasceu a 30/04/1782. Assentou praça de voluntário na Armada em 1796. Veio para o Brasil na comitiva do príncipe regente dom João. Sendo capitão-de-fragata passou para o Exército em 13 de maio de 1811 com o posto de coronel de cavalaria. Ajudante-de-ordens do governador da capitania do Maranhão. Presidente da província do Pará a 7 de abril de 1827, brigadeiro graduado a 6 de fevereiro de 1818. Reformado a pedido no posto de marechal-de-campo a 23 de julho de 1833. Faleceu a 28 de fevereiro de 1868. Casou com d. Luisa Maria do Espírito Santo Silva, falecida a 16 de novembro de 1876. Era filha do brigadeiro José Gonçalves da Silva.

Bambuí, barão de: a baronesa faleceu a 14 de agosto de 1888, no Rio de Janeiro, sepultada no cemitério de Catumbi onde também foi sepultado seu marido.

Bananal, barão de: a 1ª baronesa nasceu a 2 de outubro de 1842 e a 2ª baronesa, nascida a 29 de julho de 1857, faleceu a 28 de abril de 1891, em São Paulo.

Barbacena, marquês de: casou a 27 de julho de 1801, na capitania da Bahia. Seus restos mortais foram trasladados das catacumbas da igreja de São Francisco de Paula e inumados em mausoléu de mármore no cemitério de São Francisco de Paula.

Barbacena, visconde de: a viscondessa faleceu a 13 de junho de 1889, com a idade de oitenta e dois anos, no Rio de Janeiro.

Barcelos, barão de: nasceu em 4 de agosto de 1839 e faleceu em 7 de junho de 1904. Filho de Domingos Alves de Barcelos e d. Francisca de Barcelos Cordeiro. Casou com dona Isabel Manhães, nascida em 2 de fevereiro de 1847 e falecida em 27 de julho de 1924. Era filha de Feliciano José Manhães e d. Raquel José Alves. Seu único filho, dr. João de Barcelos, nasceu em 29 de abril de 1867 e faleceu em 5 de novembro de 1911.

Batovi, barão de: nasceu a 18 de abril de 1828 e faleceu em 25 de abril de 1894, na fortaleza de Anhatomirim, em Santa Catarina, por fuzilamento, juntamente com seu filho doutor Alfredo de Almeida da Gama Lobo d'Eça. Casou com d. Ana Luisa Pereira da Gama, falecida em dezembro de 1901.

Beaurepaire Rohan, visconde de: sua mulher nasceu a 10 de setembro de 1806 e faleceu a 14 de agosto de 1873, em Niterói, sendo sepultada no cemitério de São Francisco Xavier, no Rio de Janeiro.

Beberibe, barão de: nasceu na capitania de Pernambuco. Sua segunda mulher nasceu em 1812 e faleceu a 28 de dezembro de 1883, no Rio de Janeiro.

Belém, 1º barão de: suprimir, pois não existe.

Belém, 2º barão de: passa a ser 1º barão. Rodrigo Antônio Falcão Brandão. Nasceu na vila de Cachoeira, capitania da Bahia. Foi sepultado no convento de São Francisco de Paraguaçu. Filho do mestre-de-campo Antônio Brandão Pereira Marinho Falcão e dona Ana Rita Evarista Duque Estrada de Meneses. Era brigadeiro graduado. Casou com d. Maria Sabina de Oliveira Pinto da França, nascida em 11 de julho de 1798 e falecida a 27 de outubro de 1854. Era filha do marechal-de-campo Luís Paulino de Oliveira Pinto da França e de d. Maria Bárbara Garcez Pinto Madureira. Não houve filhos do consórcio.

Belém, 2º barão de: José Maria de Almeida. Abastado lavrador. Comandante superior da Guarda Nacional da comarca de Cachoeira, Bahia. Presidente da Câmara Municipal. No distrito de Iguape exerceu vários cargos de eleição popular. Era 1º juiz de paz, quando faleceu a 28 de maio de 1897, com a idade de setenta e quatro anos.

Bemposta, barão de: nasceu a 19 de dezembro de 1828. Faleceu a 1 de abril de 1889, em Pedro do Rio, e foi sepultado no cemitério de Petrópolis. Filho do capitão Antônio Luís dos Santos Werneck e d. Ana Maria de Assunção. Casou a 12 de outubro de 1850 com sua prima Luisa Amélia de Oliveira Werneck, falecida a 24 de maio de 1903, com a idade de setenta e um anos, em Petrópolis, onde foi sepultada. Era filha de Fernando Luís dos Santos Werneck e d. Jesuína Policena de Oliveira. Os barões de Bemposta tiveram grande descendência.

Benevente, visconde de: a viscondessa faleceu a 30 de maio de 1899, no Rio de Janeiro e foi sepultada no cemitério de São João Batista.

Benfica, barão de: a baronesa, natural de Pernambuco, faleceu a 5 de junho de 1902, no Rio de Janeiro, com a idade de setenta e cinco anos e foi sepultada no cemitério de São João Batista.

Bertioga, barão de: filho do capitão Elias Antônio da Silva Resende e d. Ana de Jesus de Góis e Lara. Faleceu a 5 de maio de 1870. Casou com d. Maria Miguelina da Silva, falecida em 1863, era filha de Francisco Santiago e d. Clara Maria de Barbosa. Abastado proprietário e fazendeiro em Juiz de Fora. Ele e sua mulher, em 18 de novembro de 1859, fizeram doação dos terrenos para construção da Santa Casa de Misericórdia da mesma cidade, havendo legado vários bens à mesma instituição. Muito caritativo e esmoler. Exerceu diversos cargos inclusive o de vereador a Câmara Municipal, de 1853 a 1856. A mesma Câmara, em 25 de abril de 1866, deliberou que fosse prestado ao barão de Bertioga um voto de reconhecimento pelos serviços humanitários de alta caridade que prestou aos enfermos pobres e dos presos da cadeia.

Boa Esperança, barão de: capitalista e fazendeiro adiantado em Três Pontas, Minas Gerais. Militou na política, era chefe do partido conservador em seu município. Ocupou cargos de nomeação do governo e de eleição popular, revelando em todos muito interesse pela causa pública e especialmente pelo progresso do seu município, onde faleceu a 28 de agosto de 1903.

Boa Viagem, barão de: oficial de Marinha reformado. Fazendeiro em Campos, província do Rio de Janeiro. Faleceu a

1 de dezembro de 1883. Casou com d. Maria Pinto da Cruz, falecida a 1 de agosto de 1806.

Boa Vista, conde de: a condessa nasceu em 1816 e faleceu a 25 de fevereiro de 1891, na cidade de Recife.

Bocaina, barão da: faleceu a 17 de outubro de 1938 em São Paulo. Casou em primeiras núpcias com d. Julieta Ernestina Pinto Paca, nascida a 18 de junho de 1856 e faleceu a 11 de novembro de 1878. Foram seus filhos: dr. Francisco de Paula, d. Lavínia, Vicente de Azevedo, dr. José Armando Vicente de Azevedo e dr. Geraldo Vicente de Azevedo.

Bojuru, barão de: nasceu a 14 de junho de 1818, no Rio Grande do Sul, faleceu a 18 de junho de 1891, no Rio de Janeiro. Casou com d. Maria Isabel Veloso Pederneiras, que faleceu a 24 de setembro de 1895, no Rio de Janeiro. Reformado em 30 de janeiro de 1890, no posto de tenente-coronel.

Bom Jardim, barão de: a baronesa faleceu a 7 de agosto de 1884, na cidade de Santo Amaro, Bahia, com a idade de setenta e dois anos.

Bom Retiro, visconde de: faleceu em estado de solteiro. O inventário de seus bens se encontra no Arquivo Nacional. Seu irmão, dr. João Pedreira do Couto Ferraz, exerceu por longos anos o cargo de secretário do Supremo Tribunal de Justiça. Foram suas irmãs: d. Josefina Ferraz, viúva, d. Romana do Couto Ferraz, casada com o dr. Francisco Inácio Ferreira, e d. Umbelina do Couto Ferraz, casada com Manuel Jesuíno Ferreira. Tavares de Lira, em notável trabalho que publicou intitulado “Os Ministros de Estado da Independência à República”, tratando deste titular declara: “Quando Pedreira agonizava, em seu leito de sofrimento, dom Pedro II foi visitá-lo, demorando-se quatro horas, e, ao retirar-se, disse com o rosto orvalhado de lágrimas: *é a consciência mais pura que tenho conhecido.*”

Bonfim, marquês de: nasceu em Congonhas do Campo. Foi sepultado no cemitério de Catumbi. Seu testamento está publicado no *Jornal do Comércio*, do Rio de Janeiro, de 13 de dezembro de 1873. Sua mulher faleceu em 1852, na cidade de Mariana, Minas Gerais, sendo baronesa de Bonfim.

Bonfim, 2º barão do: faleceu no Rio de Janeiro e foi sepultado no cemitério de Catumbi. Filho de d. Elisa Maria de Amorim.

Bonito, barão do: faleceu a 1 de agosto de 1901, no distrito da ilha das Flores do termo de Bonito, Pernambuco.

Buique, barão de: faleceu a 2 de fevereiro de 1896, em Brejo da Madre de Deus, Pernambuco. A baronesa era filha de Lourenço Bezerra de Siqueira Cavalcanti e d. Ana Clara Coelho de Siqueira. Foram seus filhos: Cincinato Alves, Ana de Siqueira, Francisco Alves, André Alves e Clara de Siqueira, todos Cavalcanti Camboim.

Bujari, barão de: era senhor do engenho Bujari, Goiana, em Pernambuco.

Butuí, barão de: natural da cidade do Porto, Portugal. Nasceu a 19 de abril de 1806, faleceu a 20 de outubro de 1896.

## C

Cabo Frio, 2º visconde de: faleceu a 15 de janeiro de 1907, no Rio de Janeiro em estado de solteiro. Filho de Manuel Antônio de Arantes Marques e d. Quitéria Maria de Jesus. Faleceu na cidade do Turvo, Minas Gerais, com a idade de oitenta e oito anos. Casou com d. Maria Custódia de Paula. Foram seus filhos: Henrique Belfort, Bárbara, Carlos, Antônio, Maria, Ambrosina, Ana e Matilde, todos de Arantes Marques.

Cabo Verde, 2º barão de: faleceu a 5 de dezembro de 1901, na cidade de Cabo Verde, com a idade de setenta anos. Proprietário. Militou na política, sendo chefe de partido. No Império exerceu vários cargos de nomeação do governo. Na República foi agente executivo e presidente da Câmara Municipal de Cabo Verde.

Caçapava, barão de: seu título nobiliárquico é datado de 14 de março de 1855. Casou com d. Germana Rita de Brito da Vitória, natural do Rio Grande do Sul, falecida a 18 de março de 1855. Era filha de José da Vitória e d. Rita Rosa Cláudia de Brito. O barão era filho de José Joaquim Soares de Andréia

e d. Isabel Narcisa de Santana. Foram seus filhos: capitão-de-mar-e-guerra Francisco Soares de Andréia e marechal-de-campo José da Vitória Soares de Andréia.

Cacequi, barão de: Frederico Augusto de Mesquita. Barão de Cacequi a 23 de maio de 1883. Filho de José Joaquim de Mesquita, nasceu em 1822, na província do Rio de Janeiro. Faleceu em 28 de abril de 1884, no Rio Grande do Sul. Praça voluntário em 23 de fevereiro de 1838. Marechal-de-campo em 29 de janeiro de 1880. Fez as campanhas do Uruguai e Paraguai, comandante das Armas do Rio Grande do Sul em 1880. Comendador da Ordem de Cristo e cavaleiro de Avis e do Cruzeiro. Medalhas de mérito militar e geral da Campanha do Paraguai. A baronesa de Cacequi faleceu a 6 de abril de 1904, no Rio de Janeiro e foi sepultada no cemitério de São João Batista.

Cachoeira, 1º visconde da: a viscondessa foi sepultada no cemitério de Catumbi.

Cachoeira, 3º visconde da: faleceu a 7 de janeiro de 1895, no Rio de Janeiro e foi sepultado no cemitério de Catumbi. A viscondessa faleceu a 18 de abril de 1889, sendo sepultada no referido cemitério.

Caeté, visconde de: filho de José Teixeira de Carvalho e d. Josefa Rodrigues da Fonseca. Foi sepultado na Igreja de Taquaruçu, distrito de Caeté, Minas Gerais. A viscondessa era filha do coronel João da Mota Ribeiro e nasceu a 23 de agosto de 1802. Foram seus filhos: José Teixeira da Fonseca Vasconcelos, Maria Josefa Teixeira, Ana Cândida Teixeira da Mota, Francisca de Paula Teixeira da Mota, Joana Augusta da Fonseca Vasconcelos, Manuel Teixeira da Fonseca Vasconcelos, João Teixeira da Fonseca Vasconcelos e Josefa da Fonseca Vasconcelos.

Caeteté, barão de: nasceu a 7 de março de 1822. Faleceu a 5 de janeiro de 1890, na cidade de Caeteté, Bahia. Casou com d. Elvira Benedita de Albuquerque, falecida a 13 de maio de 1894.

Caí, barão de: nasceu a 9 de dezembro de 1817 em Porto Alegre. Faleceu a 9 de fevereiro de 1884. Sua mulher era filha de Louis Joseph Marins Meifredy.

Cajaíba, barão de: filho do sargento-mor José Joaquim de Argolo e d. Maria José Ferrão Castelo Branco. Praça de 1º cadete em 21 de outubro de 1807. Reformado no posto de marechal-de-campo. Faleceu na ilha de Cajaíba e foi sepultado no cemitério do Campo Santo, na cidade do Salvador. Casou com d. Eudóxia Cândida de Pina e Melo, falecida a 24 de dezembro de 1858 e sepultada na capela do engenho São José da Vila de São Francisco. Foram seus filhos: José Joaquim, Maria Augusta, Alexandre, Maria Josefina. O barão, quando solteiro, teve um filho, Alexandre Gomes de Argolo Ferrão, visconde de Itaparica.

Caldas, visconde de: faleceu a 05/03/1910, em sua fazenda Jardim, em São José das Letras, onde foi sepultado. Casou em primeiras núpcias com d. Francisca Cândida Junqueira da Costa e em segundas núpcias com d. Felicidade Ribeiro Gomes da Luz, falecida a 17 de maio de 1937, em Belo Horizonte.

Calera, barão de: faleceu a 26 de agosto de 1843. Casou com d. Maria Inácia Garcia de Zuñiga y Molins.

Camaçari, barão de: filho de Inocêncio Marques de Araújo Góis e d. Joana Calmon. Nasceu a 7 de março de 1828, na Bahia. Faleceu a 13 de setembro de 1913, no engenho Catu, no município de Catu e foi sepultado no cemitério do Campo Santo, na cidade do Salvador. Casou em primeiras núpcias com d. Rosa Meireles e em segundas núpcias com d. Jovina Amália Lucateli Dória, que faleceu a 6 de julho de 1896. Foram seus filhos: Manuel, Jovina, Maria Amélia, Antônia, Idalina, Maria Joana e Lino.

Camamu, 1º visconde de: natural de Portugal.

Camamu, 2º visconde de: foi sepultado no cemitério de São João Batista. Casou com d. Esmeralda Godinho de Oliveira, falecida a 6 de abril de 1876. Era filha do brigadeiro Manuel Godinho de Almeida Alpoim e d. Clara de Oliveira Pinto Bandeira.

Camanducaia, barão de: era irmão do barão de Mota Pais.

Camaquã, barão de: natural de Montevideú. Filho do brigadeiro Salustiano Severino dos Reis e d. Isabel Tomásia dos Reis. Casou com d. Plácida Elvira Fernandes. Foram seus

filhos José Salustiano, Maria Isabel, Luisa Elvira e Avelino Salustiano.

Camargibe, visconde de: casou com d. Ana Teresa Correia de Araújo, falecida em 1862.

Camargos, viscondessa de: nasceu a 10 de outubro de 1821, em Vila Rica, Minas Gerais. Filha de Fernando Machado de Magalhães Mosqueira e de d. Maria Leonor Teixeira de Sousa Magalhães. Faleceu a 10 de maio de 1902, em Ouro Preto.

Camargos, 2º barão de: filho do 1º barão de Camargos e da viscondessa de Camargos. Chefe do partido conservador. Foi presidente do executivo municipal da cidade de Mariana. Faleceu a 2 de outubro de 1912 nessa cidade, com a idade de sessenta e quatro anos.

Cambaí, barão de: faleceu na cidade do Rio Pardo. Casou com d. Ana de Sousa Brasil, falecida a 11 de dezembro de 1881. Sua prole foi de nove filhos.

Cambuí, barão de: nasceu em Lavras do Funil. Capitalista, fazendeiro e proprietário em Santa Rita de Cássia, Minas Gerais, onde foi juiz de paz e delegado da instrução pública e particular.

Cametá, barão de: natural de Portugal. Filho de Antônio Bento Dias de Melo e de d. Ana de Sousa Laje. Faleceu a 11 de abril de 1903, em Lisboa, com a idade de sessenta anos.

Camoragi, barão de: faleceu a 22 de maio de 1871, na freguesia do Bom Jardim, em Santo Amaro, Bahia.

Campinas, viscondessa de: faleceu a 5 de agosto de 1879.

Campo Alegre, visconde de: nasceu a 2 de novembro de 1818. Político filiado ao partido liberal no regime monárquico. Faleceu a 15 de março de 1900 em seu engenho Boa Vista, no município do Cabo, Pernambuco. A viscondessa nasceu a 13 de setembro de 1827, faleceu a 17 de dezembro de 1899.

Campo Belo, barão de: casou com sua sobrinha d. Eufrásia Joaquina Correia, filha do capitão Cristóvão Rodrigues de Andrade e de d. Ana Esméria de Fontes França. Foram seus filhos: Antônio, Ana, Lúcio, Maria, Mariana e Cristóvão, todos

nascidos e batizados na freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Vassouras.

Campo Formoso, barão de: natural de São João d'El Rei. Filho de Manuel Tomás de Carvalho e d. Ana de Andrade Carvalho. Político prestigioso do partido liberal no regime monárquico. Casou com d. Maria Leopoldina de Andrade. Faleceu a 8 de outubro de 1887, em Campo Formoso, distrito de Uberaba.

Campo Grande, barão de: filho do dr. João Gomes de Campos e d. Luísa Galvês Palença, desembargador da Relação do Rio de Janeiro, ministro do Supremo Tribunal de Justiça em 1864. Vereador e presidente da Câmara Municipal da corte. Casou com d. Luísa Maria Suzano Campos, falecida a 7 de novembro de 1853, no Rio de Janeiro.

Campo Largo, barão de: filho de Eduardo Mariani e d. Maria da França. Nasceu na antiga Vila da Barra, Bahia, e faleceu a 30/03/1890, na Vila de Campo Largo, hoje cidade de Cotegipe. Casou com d. Silveira de Matos Mariani, que faleceu a 10/10/1893, com a idade de cinquenta e quatro anos.

Campo Maior, barão de: filho do comendador Francisco da Cunha Castelo Branco e d. Raimunda Castelo Branco.

Campos Gerais, barão de: filho de Manuel dos Santos Pacheco e d. Maria Coleta da Silva. Nasceu a 1 de julho de 1809, no município de Lapa, Paraná. Faleceu a 1 de novembro de 1893, no Paraná. Casou com d. Ana Pacheco de Carvalho, falecida a 30 de janeiro de 1897, no Rio de Janeiro e sepultada no cemitério de São João Batista. Era filho de Sebastião José Vaz de Carvalho e d. Inácia Maria dos Santos. Foram suas filhas: Maria Coleta dos Santos Pacheco e Inácia Maria dos Santos Pacheco.

Cananéia, visconde de: faleceu a 11 de abril de 1896, na cidade de Vassouras, estado do Rio de Janeiro. Casou com d. Maria Eugênia França Carvalho, que faleceu a 17 de setembro de 1931.

Candiota, barão de: filho do coronel Gonçalves Ávila. Faleceu a 13 de junho de 1894. Casou com d. Ana de Ávila, que faleceu a 14 de outubro de 1897.

Cantagalo, barão de: nasceu em 1822; faleceu a 30 de junho de 1891, no Rio de Janeiro. Casou com d. Francisca Brandão, que faleceu a 28 de novembro de 1889, na cidade de Cantagalo.

Capanema, barão de: seu progenitor foi nomeado em 3 de abril de 1839 mestre de alemão de d. Pedro II e faleceu em 4 de março de 1844. A baronesa faleceu a 12 de abril de 1907, no Rio de Janeiro, e foi sepultada no cemitério de São Francisco Xavier. Por iniciativa dos funcionários da Repartição Geral dos Telégrafos, foi inaugurado a 11 de maio de 1904, no saguão da mesma repartição, à praça 15 de Novembro, o busto em bronze do mesmo barão. Ainda por parte dos aludidos funcionários foi inaugurado a 6 de dezembro de 1913 artístico e expressivo monumento no túmulo do referido titular no mencionado cemitério.

Capivari, 1º barão de: faleceu em estado de solteiro.

Capivari, 2º barão de: natural de Muritiba, Bahia, onde faleceu a 2 de março de 1935, com a idade de noventa e nove anos. Casou com d. Maria Brasília da Trindade Fraga, que faleceu a 4 de dezembro de 1908, na referida freguesia de Muritiba.

Carandaí, visconde de: nasceu a 17 de março de 1836. Filho de João Fernandes de Oliveira Pena. Faleceu a 18 de dezembro de 1908, no Rio de Janeiro e foi sepultado em Barbacena. Casou com d. Lina Duque Laje, que faleceu a 26 de outubro de 1887, na aludida cidade de Barbacena.

Carapebus, 1º barão de: nasceu a 18 de dezembro de 1799. Faleceu em São Domingos, arrabalde de Niterói e foi sepultado no cemitério de Catumbi, no Rio de Janeiro. Exerceu vários cargos públicos. Foi presidente da Câmara Municipal de Campos e deputado à Assembléia Legislativa da província do Rio de Janeiro.

Caravelas, marquês de: nasceu a 4 de março de 1770. Faleceu em estado de solteiro. Suprimir, na p. 113 do *Arquivo Nobiliárquico*, as palavras: “do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro”.

Caravelas, 3º visconde de: filho do conselheiro Manuel Carneiro de Campos. Casou em primeiras núpcias com dona

Fabrcia Ferreira Franca, filha do dr. Antnio Ferreira Franca e d. Ana da Costa Barradas e em segundas nupcias com d. Bbrbara Galdina de Oliveira Jaques, nascida em 1830 e falecida a 23 de junho de 1886, no Rio de Janeiro, era filha de Cndido de Oliveira Jaques e d. Mafalda Maria de Oliveira.

Carmo, 1º baro de: importante agricultor na zona do Quilombo, municpio de Cantagalo, provncia do Rio de Janeiro, onde estava localizada sua fazenda Boa Vista.

Carmo, 2º baro de: sua primeira esposa, natural da cidade de Oliveira, Minas Gerais, era filha de Manuel Vieira Dinis e d. Joaquina Dias de Figueiredo e faleceu a 30 de dezembro de 1883, na cidade de Alienas, freguesia da Conceio da Aparecida e foi sepultada no cemitrio da fazenda do Macuco. Tinha a idade de cinquenta e quatro anos. O baro faleceu a 3 de maio de 1886, em Carmo do Rio Claro, Minas.

Caruaru, baro de: a baronesa faleceu a 21 de setembro de 1890, no Rio de Janeiro, e foi sepultada no cemitrio de So Francisco Xavier.

Carvalho Borges, baro de: nasceu em novembro de 1824, no Rio de Janeiro. Filho de Jos Germano Borges da Silva. Assentou praça de aspirante a guarda-marinha em 23 de fevereiro de 1839, foi promovido a guarda-marinha em 11 de dezembro de 1841, e a 2º tenente em 21 de dezembro de 1843. Passou para o corpo de engenheiros em 12 de julho de 1844, promovido a capitao em 27 de agosto de 1849, major graduado em 2 de dezembro de 1856, major efetivo a 2 de dezembro de 1858, sendo demitido em 28 de dezembro de 1863. Bacharel em matemtica. No Exrcito sempre foi empregado em trabalhos de geodsia e cartografia. Juntamente com o coronel Pedro de Alcntara fez o reconhecimento do caminho desde o Triunfo at a Misso de So Luís, compreendendo uma parte do rio Uruguai, provncia do Rio Grande do Sul. Em comisso na carreira diplomtica ocupou vrios postos, tendo dirigido as misses de Bogot, Quito e Caracas (1859) Assunção (1861) Santiago (1862), La Paz (1863) Buenos Aires ao tempo da Guerra do Paraguai (1867), Washington (1871), Viena (1881) e Portugal (1884). Faleceu a 13 de julho de 1888 em Lisboa, no exercicio de ministro plenipotenciário do Brasil junto ao governo de Portugal, e foi sepultado no cemitrio Père Lachaise



FIRMO JOSÉ DE MATOS  
*Barão de Casalvasco*  
(Tela de Cantu, Turim, 1883, existente no Museu Imperial).  
Doação do sr. Euclides Matos de Barros.





D. FRANCISCA ROSA DE MORAIS  
*Baronesa de Casalvasco*  
(Tela de A. Petit, 1894, existente no Museu Imperial).  
Doação do sr. Euclides Matos de Barros.



em Paris. Casou com d. Emília de Barros Torreão, falecida em 12 de dezembro de 1898 na cidade de Paris e sepultada no referido cemitério.

Casa Branca, barão de: Vicente Ferreira de Silos Pereira. Faleceu em 11 de maio de 1881.

Casa Forte, barão de: nasceu a 8 de maio de 1851 na cidade do Recife. Faleceu a 2 de março de 1922, no Rio de Janeiro e foi sepultado no cemitério de São João Batista. Casou com d. Filomena Adelaide Leal Loyo, nascida a 4 de fevereiro de 1855, filha dos viscondes da Silva Loyo.

Casalvasco, barão de: nasceu a 1 de junho de 1825. Faleceu a 28 de abril de 1895, a bordo do paquete *Ladário*, do Loide Brasileiro, em viagem para Corumbá. Casou com d. Francisca Rosa de Moraes e Matos, nascida em 1844 e falecida a 19 de outubro de 1894, no Rio de Janeiro, sendo sepultada no cemitério da Ordem do Carmo, em São Cristóvão.

Castelo, barão de: faleceu a 28 de outubro de 1890, no Rio de Janeiro e foi sepultado no cemitério de Catumbi. A baronesa faleceu a 16 de novembro de 1909, na mesma cidade e foi sepultada naquele cemitério.

Castelo Branco, barão de: nasceu em 1 de janeiro de 1848 na província do Piauí e faleceu em 10 de março de 1935, em Teresina. Filho do tenente-coronel Mariano Gil Castelo Branco e de d. Vitória Perpétua de Jesus. Afeiçoado aos problemas da pecuária, foi notável criador em sua província. Militou na política, sendo acatado chefe no período monárquico. Exerceu o cargo de 3º vice-presidente da província. Espírito devotado ao sofrimento alheio, muito contribuiu em obras de benemerência e amparo social, socorrendo todos os necessitados.

Casou com d. Cândida Burlamaqui Castelo Branco, nascida a 5 de maio de 1852 e falecida a 28 de dezembro de 1928, em Teresina, era filha do desembargador Cândido Gil Castelo Branco e d. Lavínia Burlamaqui.

Foram seus filhos: João Gil Castelo Branco, dr. José Gil Castelo Branco, Cândido Gil Castelo Branco, dr. Heitor Gil Castelo Branco, Antenor Gil Castelo Branco, Paulino Gil Castelo Branco, Oscar Gil Castelo Branco, Maria Vitória Castelo Branco,

Elmira Castelo Branco, Cinira Castelo Branco, Sofia Castelo Branco, Lavínia Castelo Branco e Eurídice Castelo Branco.

Cataguazes, barão de: fazendeiro. Faleceu em 25 de setembro de 1881, na cidade de Juiz de Fora. Casou com d. Ana Guilhermina de Macedo Moura, filha de José de Macedo Cruz e de d. Francisca Angélica de Moura. Era irmã da baronesa de Maria Rosa.

Catete, barão do: faleceu em 18 de janeiro de 1903, na cidade do Rio de Janeiro.

Catu, barão de: faleceu a 3 de abril de 1871.

Catuama, barão de: casou com d. Roseta Carolina de Aguiar Guimarães, natural do Ceará e falecida na cidade do Recife, com a idade de setenta e seis anos. Era filha de José da Silva Guimarães e de d. Joaquina Cândida Perpétua da Silva Guimarães.

Catumbi, barão de: nasceu em 21 de julho de 1821. Filho de Francisco Lopez da Cunha e de d. Ana Rosa de Jesus Cunha.

Caxangá, barão de: filho do coronel José Moreira Alves da Silva e de d. Maria Bezerra de Andrade. Chefe político, com grande prestígio em Ipojuca. Senhor de vários engenhos. Faleceu a 5 de julho de 1904, com a idade de setenta e dois anos no engenho Tabatinga, Pernambuco. Casou com d. Inês Escolástica Sousa Leão, nascida em 1844 e falecida em 4 de fevereiro de 1900 no engenho Bom Fim, em Ipojuca. Era filha de João Filipe de Sousa Leão e d. Isabel Maria de Melo. Foram seus filhos: Maria da Conceição Alves da Silva, João Filipe de Sousa Leão, José Moreira Alves da Silva, Inês Alves da Silva, Rita de Cássia Alves da Silva, Isabel Alves da Silva, Frutuoso Dias Alves da Silva e Luís Filipe Alves da Silva.

Caxias, duque de: não foi visconde. Suprimir a data desse título.

Ceará, duquesa do: não existe ato criando este título.

Ceará Mirim, barão de: nasceu em 24 de dezembro de 1803 e faleceu em 22 de março de 1881. Agricultor. Senhor do engenho “Conceição”. Filho de Filipe Varela do Nascimento e

de d. Teresa Duarte. Casou com d. Bernarda Dantas, nascida em 17 de junho de 1821, falecida em 16 de julho de 1890 e sepultada, assim como o barão, na capela do mesmo engenho. Foram seus filhos: José Félix da Silveira Varela, Manuel Varela, Carlos Varela, Ana Varela, Alexandre Varela do Nascimento e Isabel Varela.

Cimbres, 2<sup>o</sup> barão de: faleceu em 10 de janeiro de 1894, com a idade de setenta e um anos, em estado de solteiro, em Pernambuco.

Cintra, barão de: nasceu em 4 de junho de 1832, em Mogi Mirim, onde faleceu em 6 de maio de 1895. Filho de Joaquim Cintra da Silveira e de d. Helena de Moraes Cintra. Neto paterno de Inácio Loiola Cintra e de d. Ana Francisca Cardoso, neto materno do alferes Jacinto José Ferraz de Araújo Cintra e de d. Maria Francisca Cardoso. Era irmão da 3<sup>a</sup> baronesa de Campinas. Foram seus filhos do primeiro casamento: José Joaquim da Silveira Cintra e Rita da Silveira Cintra.

Cocais, barão de: possuidor de avultados bens. Envolveu-se na revolução de Minas Gerais, de 1842. Temendo que seus bens fossem confiscados pelo governo imperial, fez um depósito de cinquenta mil libras esterlinas em um banco da Inglaterra. Guardou absoluto segredo e mesmo em seus papéis não fez declaração alguma sobre esse fato. Em 1941, o referido banco comunicou às autoridades brasileiras, para conhecimento dos descendentes do barão, que o referido depósito completou noventa e nove anos e que na conformidade das leis inglesas o banco deixaria de pagar juros sobre o depósito. Movimentaram-se os descendentes para o recebimento dessa importância que se elevava a milhares de contos de réis. O vespertino *A Noite*, do Rio de Janeiro, em diversos números de 1941, acompanhou todo o movimento dos interessados, fez o histórico do depósito e publicou os nomes dos herdeiros em número superior a quatrocentos.

Conceição, barão da: fazendeiro no município de Aventureiro, Mar de Espanha. Exerceu vários cargos de eleição popular, tendo sido vereador à Câmara Municipal de Mar de Espanha. Faleceu em 23 de setembro de 1898 e foi sepultado na sacristia da Matriz de Aventureiro. A baronesa da Conceição faleceu em 12 de dezembro de 1889.

Conceição da Barra, barão de: nasceu em 1832. Filho do coronel Francisco Antônio de Carvalho e de d. Delfina Henriqueta Júlia de Resende. Casou com d. Maria Barbosa de Resende, filha de Silvestre Antônio de Carvalho e de d. Josefina Augusta de Resende.

Congonhas do Campo, visconde de: foram seus filhos: Antônio Augusto, Inácio Gabriel, Lucas Antônio, Manuel, Evaristo, José Maria, Rodrigo Antônio Monteiro de Barros, Maria do Carmo, casada com o desembargador Nicolau da Silva Lisboa, filho do visconde de Cairu e Ana Helena, casada com o dr. Francisco José da Fonseca Monteiro de Barros (seu primo), filho do barão de Paraopeba.

Contendas, barão de: nasceu em 3 de julho de 1839. Faleceu em 20 de abril de 1905 e foi sepultado na capela do seu engenho Amaragi. Casou com d. Maria José de Araújo Barros Correia, nascida em 16 de março de 1855 e falecida em 11 de julho de 1940, no Recife. Era filha dos barões de Amaragi. Sua prole foi de onze filhos.

Coroatá, barão de: militou na política. Foi deputado e presidente do Maranhão em 1857. Filho do capitão Filipe Marques da Silva e de d. Inácia Maria Freire. Faleceu em 2 de abril de 1860. Casou em primeiras núpcias com d. Joana Ubaldo, em segundas núpcias com d. Luísa Cândida de Burgos e em terceiras núpcias com d. Maria Pereira de Burgos.

Coromandel, barão de: casou com d. Maria Cândida de Almeida.

Correntes, barão de: faleceu em 19 de dezembro de 1896, na cidade de Pelotas. Sua prole foi de oito filhos.

Corumbá, barão de: casou com d. Teresa Maria de Azevedo que faleceu em 21 de maio de 1903, no Rio de Janeiro, e foi sepultada no cemitério de São Francisco Xavier.

Cotegipe, barão de: sua mulher nasceu em 16 de janeiro de 1834 no distrito de Passé, capital da Bahia, e faleceu em 26 de julho de 1864.

Cotinguiba, barão de: nasceu em 1780 em Vila Nova, Sergipe, onde faleceu em 23 de setembro de 1866. Filho de Filipe de Melo Pereira e de d. Rosa Maria do Espírito Santo. Era



LUÍS ALVES DE LIMA

*Duque de Caxias*

(Tela de Joaquim da Rocha Fragoso, existente no Museu Imperial).



capitão-mor de ordenanças de Vila Nova, prestou bons serviços à legalidade quando do movimento revolucionário de 1817 em Pernambuco, repercutiu nas margens o rio São Francisco. Era coronel da Guarda Nacional. Foi comandante das Armas de Sergipe e presidente dessa província.

Cristina, barão de: natural da antiga localidade de Minas Gerais, hoje cidade de Silvestre Ferraz. Importante agricultor e capitalista. Faleceu em 20 de fevereiro de 1921 na mesma cidade. Casou com d. Laureana Constança Gomes dos Reis, nascida em 27 de dezembro de 1844, em Barreiro.

Cruangi, barão de: filho dos barões de Ouricuri. Faleceu em 22 de outubro de 1870.

Cruz Alta, 1º barão de: nasceu em 1 de setembro de 1814, em Cachoeira, Rio Grande do Sul, onde faleceu em 8 de agosto de 1886. Filho do tenente José Gomes Porto e de dona Luísa Francisca de Almeida. Casou em primeiras núpcias com d. Benta Gomes da Fontoura e em segundas núpcias com d. Senhorinha Branca Sertório Pertinho. Sua prole foi de oito filhos.

Cruz Alta, 2º barão de: nasceu em 28 de agosto de 1823 e faleceu em 5 de janeiro de 1901. A baronesa nasceu em 16 de julho de 1840 e faleceu em 17 de julho de 1893. Sua prole foi de cinco filhos.

Cruzeiro, visconde de: casou com d. Maria Henriqueta Carneiro Leão, nascida a 11 de fevereiro de 1834 e falecida em 21 de agosto de 1913, no Rio de Janeiro. Sua prole foi de cinco filhos.

Cunha Bueno, visconde de: nasceu em 28 de dezembro de 1829. Faleceu em 28 de abril de 1903. Sua progenitora chamava-se d. Ana Joaquina Angélica de Barros. Sua primeira mulher faleceu em 5 de fevereiro de 1874, em Campinas.

## D

Descalvado, barão de: faleceu em 30 de maio de 1894.

Desterro, barão de: faleceu em 24 de março de 1900. Sua segunda mulher faleceu em 9 de setembro de 1913, no Rio de Janeiro, com a idade de noventa e cinco anos, e foi sepultada no cemitério de São João Batista.

Diamantino, barão de: nasceu em 28 de maio de 1818. Faleceu em 14 de julho de 1892. Filho de Antônio José Cerqueira Caldas e de d. Ana da Silva e Albuquerque. Casou em primeiras núpcias com d. Maria Antônia Gandie de Cerqueira, falecida em 1857 e em segundas núpcias com d. Bárbara Maria de Carmo Brandão Pena, falecida em 1878.

Dores de Guaxupé, barão de: nasceu em 22 de abril de 1821, na freguesia da Madre de Deus de São João d'El Rei. Agricultor. Comendador da Ordem da Rosa. Faleceu em 15 de julho de 1893, na fazenda Bocaina, município de Muzambinho.

Dourado, barão de: militou na política. No regime monárquico era chefe do partido liberal, tendo exercido vários cargos de nomeação do governo no município de Cantagalo, província do Rio de Janeiro. Faleceu em 31 de outubro de 1897, em estado de solteiro, com a idade de sessenta anos, no referido município.

Dourados, barão de: natural de Mogi Mirim, São Paulo. Filho de Luís Borges de Almeida e de d. Maria Joaquina Borges. Faleceu a 30 de dezembro de 1893, em Rio Claro, com a idade de sessenta e nove anos. A baronesa faleceu em 1 de outubro de 1910, em São Paulo, com a idade de oitenta anos. Sua prole foi de onze filhos.

Drummond, barão de: filho do coronel João Batista Drummond e de d. Maria do Carmo Viana Drummond. Nasceu em 1 de maio de 1825 em Itabira, Minas Gerais. Faleceu em 7 de agosto de 1897 no Rio de Janeiro. Casou com d. Florinda Gomes Viana, nascida em 1840 no Rio Grande do Sul e falecida em 14 de maio de 1882 no Rio de Janeiro. O barão de Drummond foi grande industrial, criador e propulsor de várias iniciativas beneficiadoras da cidade do Rio de Janeiro. Fundou a companhia arquitetônica e de bonde, de Vila Isabel. Criou o bairro de Vila Isabel e o Jardim Zoológico, onde estabeleceu uma aula de zoologia e uma exposição de produtos da fauna brasileira.

Duas Barras, 2º barão das: filho dos barões das Duas Barras. Nasceu em 1840. Doutor em medicina. Importante agricultor no município de Cantagalo, província do Rio de Janeiro. Militou na política filiado ao partido liberal no regime monárquico.

Foi juiz de paz, vereador à Câmara Municipal de Cantagalo, deputado à Assembléia Provincial e vice-presidente da província por duas vezes. Dedicou-se à indústria pastoril, havendo importado o primeiro casal de Guzerat, do jardim zoológico de Londres, para iniciar a criação zebu em sua fazenda Ribeiro Dourado. Faleceu em 10 de julho de 1928 no Rio de Janeiro e foi sepultado no cemitério de Santa Maria do Rio Grande, município de Trajano de Moraes, antigo São Francisco de Paula, estado do Rio de Janeiro. Casou com d. Georgeana de Moraes, nascida a 18 de setembro de 1842 e falecida em 25 de setembro de 1906 na capital da República, sendo sepultada no cemitério de São João Batista.

E

Embaré, visconde de: nasceu em 21 de dezembro de 1824. Faleceu no Rio de Janeiro e foi sepultado no cemitério de São João Batista. Sua segunda mulher faleceu em 10 de agosto de 1893 na re-ferida cidade, sendo sepultada naquele cemitério.

Entre Rios, 1º barão de: nasceu em 1792. Assentou praça no regimento de cavalaria de Ouro Preto. Foi major de milícias, sendo reformado nesse posto por ocasião da criação da Guarda Nacional. Casou com d. Claudina Pereira de Jesus, falecida em 1876. Foram seus filhos a condessa do Rio Novo e o visconde de Entre Rios.

Entre Rios, visconde de: faleceu em 27 de janeiro de 1905 na fazenda São Lourenço em Entre Rios e foi sepultado na capela da fazenda Cantagalo no município de Paraíba do Sul. Tinha a idade de oitenta e seis anos. Foi casado com d. Mariana Cândida Pereira.

Erval, marquês do: a viscondessa do Erval faleceu a 4 de novembro de 1869 em Pelotas, Rio Grande do Sul.

Escada, barão da: Belmino da Silveira Lins. Nasceu em 4 de setembro de 1829 e faleceu em 27 de junho de 1880. Senhor dos engenhos Harmonia e Limoeiro. A baronesa nasceu em 1828 e faleceu em 25 de fevereiro de 1896. Foram suas filhas: d. Maria Lins Cavalcanti (baronesa de Suassuna) e Antônia Lins Correia de Araújo.

Escragnolle, barão de: faleceu em 18 de junho de 1888. A baronesa nasceu a 17 de abril de 1829 em Diamantina, Minas Gerais e faleceu a 7 de abril de 1917 em Petrópolis, onde foi sepultada.

Estância, barão da: filho dos barões de Itaporanga. Nasceu em 1822 e faleceu em 4 de abril de 1904. Casou em primeiras núpcias com d. Lourença Dias Dantas e Melo, falecida em 18 de abril de 1861; em segundas núpcias com d. Lourença de Almeida Vieira, falecida em 3 de maio de 1890 e em terceiras núpcias com d. Francisca de Assis Dantas e Melo, natural de Sergipe e nascida em 30 de agosto de 1874. Foram seus filhos: Amélia Dias, Pedro Dias de Melo, Elisa Dias, Aurélia Dias e Ana Dias.

Estrela, barão da: nasceu em 25 de julho de 1854 no Rio de Janeiro, faleceu em 25 de outubro de 1910 em Caeté, Minas Gerais.

## F

Ferreira Bandeira, visconde de: filho do dr. Custódio Ferreira de Viana Bandeira e de d. Francisca de Assis Viana Moniz Barreto de Aragão (baronesa de Alenquer). Nasceu em 8 de junho de 1843 e faleceu em 26 de setembro de 1916 em Santo Amaro, Bahia. Casou com d. Maria Sofia Schmidt, nascida na cidade de Constança, Alemanha, falecida a 6 de janeiro de 1900 em Santo Amaro. Era filha de Frederico Schmidt e d. Helena Franzinger. Sua prole foi de dez filhos.

Fiais, 1º barão e visconde de: nasceu em 30 de janeiro de 1794. Filho de Manuel Rodrigues de Araújo e Silva e dona Maria Luísa de Albuquerque Barros e Bastos. Casou com dona Maria Clara Viana nascida em 15 de fevereiro de 1808 e falecida em 16 de novembro de 1842 no engenho Guaíba no município de São Francisco do Conde e sepultada no convento de São Francisco. Era filha dos primeiros barões do Rio de Contas.

Figueiredo, visconde e conde de: nasceu em 19 de novembro de 1843 e faleceu em 25/01/1917. Casou em primeiras núpcias com d. Higinia de Simone, falecida em 20 de fevereiro de 1881 no Rio de Janeiro e sepultada no cemitério de Catumbi.



GASTÃO LUIS HENRIQUE ROBERTO D'ESCRAGNOLLE  
*Barão de Escagnolle*  
(Crayon de Batista da Costa, 1893, existente no Museu Imperial)  
Doação do sr. Luis Afonso d'Escagnolle.



Era filha do dr. Luís Vicente de Simone, professor de italiano de d. Pedro II e conhecido médico falecido em 10 de setembro de 1881, e de d. Maria Ursulina de Araújo de Simone, falecida em 7 de janeiro de 1889; e em segundas núpcias com d. Inês Leite Chermont, falecida em 3 de outubro de 1946 com a idade de setenta e oito anos e sepultada no cemitério de São João Batista. Era natural do Pará e filha de Antônio Leite Chermont e de d. Catarina Chermont.

Flamengo, barão do: nasceu em 16 de junho de 1831 em Campos e faleceu em 14 de maio de 1893.

Fonseca, barão do: faleceu a 4 de novembro de 1893 em São Paulo.

Forte de Coimbra, barão do: filho do capitão Luís da Costa Ferreira Quatorze e de d. Ana Teodora Ferreira de Melo. Marechal graduado. Possuía todas as condecorações brasileiras. Nasceu em 13 de abril de 1818. Casou em 8 de novembro de 1836 com d. Ludovina Alves de Oliveira, nascida em 8 de novembro de 1825 e falecida em 20 de julho de 1903 no Rio de Janeiro.

Franca, barão de: faleceu em 8 de fevereiro de 1891.

Frecheiras, barão de: nasceu em 1825 e faleceu em 12 de setembro de 1901 em Pernambuco. A baronesa nasceu em 1835 e faleceu em 7 de maio de 1895 na cidade do Recife e foi sepultada na capela da usina Cabeça de Negro.

## G

Gamboa, 1º barão e visconde de: capitalista e comerciante no Rio de Janeiro. A viscondessa faleceu em 27 de dezembro de 1834 e foi sepultada nas catacumbas da igreja de São Francisco de Paula.

Gamboa, 2º barão da: comerciante. Faleceu em 30 de dezembro de 1871 em Vila Nova de Famalicão, Portugal com a idade de setenta e seis anos e onze meses. A baronesa faleceu em 1894 na cidade do Porto. Era filha do comendador José Ferreira dos Santos, proprietário no Rio de Janeiro, e de d. Mariana Ferreira dos Santos e irmã da condessa de Condeixa, título português.

Gávea, barão, visconde e marquês da: foi sepultado no cemitério da Ordem do Carmo. Sua mulher nasceu a 11 de fevereiro de 1804 e faleceu em 3 de junho de 1872, foi sepultada no referido cemitério. Era baronesa da Gávea. Foram seus filhos a condessa de Tocantins e o visconde da Penha.

Geraldo de Resende, barão de: nasceu em 19 de abril de 1847 no Rio de Janeiro e faleceu em Campinas, São Paulo. A baronesa faleceu em 16 de julho de 1902 na fazenda Santa Genebra naquela cidade. Foram seus filhos: Amélia, Geraldo (1º), Maria Isabel, Elisa, Marieta e Geraldo (2º).

Geremoabo, barão de: nasceu em 28 de junho de 1838 e faleceu em 27 de outubro de 1903, na vila do Bom Conselho, hoje cidade Cícero-Dantas. Filho do coronel João Dantas dos Reis e de d. Mariana Francisca da Silveira. Casou com d. Mariana da Costa Pinto, falecida a 16 de setembro de 1913 em sua fazenda Camociata, na comarca de Itapicuru, com a idade de setenta e dois anos. Era filha dos condes de Sergi-Mirim.

Gindaí, barão de: filho de Manuel da Rocha de Holanda Cavalcanti e de d. Manuela Cavalcanti. Faleceu a 9 de agosto de 1903 na cidade de Barreiras, Pernambuco. Casou duas vezes, a segunda vez com d. Maria Claudina de Gusmão Lira, falecida a 12 de agosto de 1903, filha de Francisco Gusmão Lira e de d. Maria Claudina Lira. Sua prole foi de doze filhos.

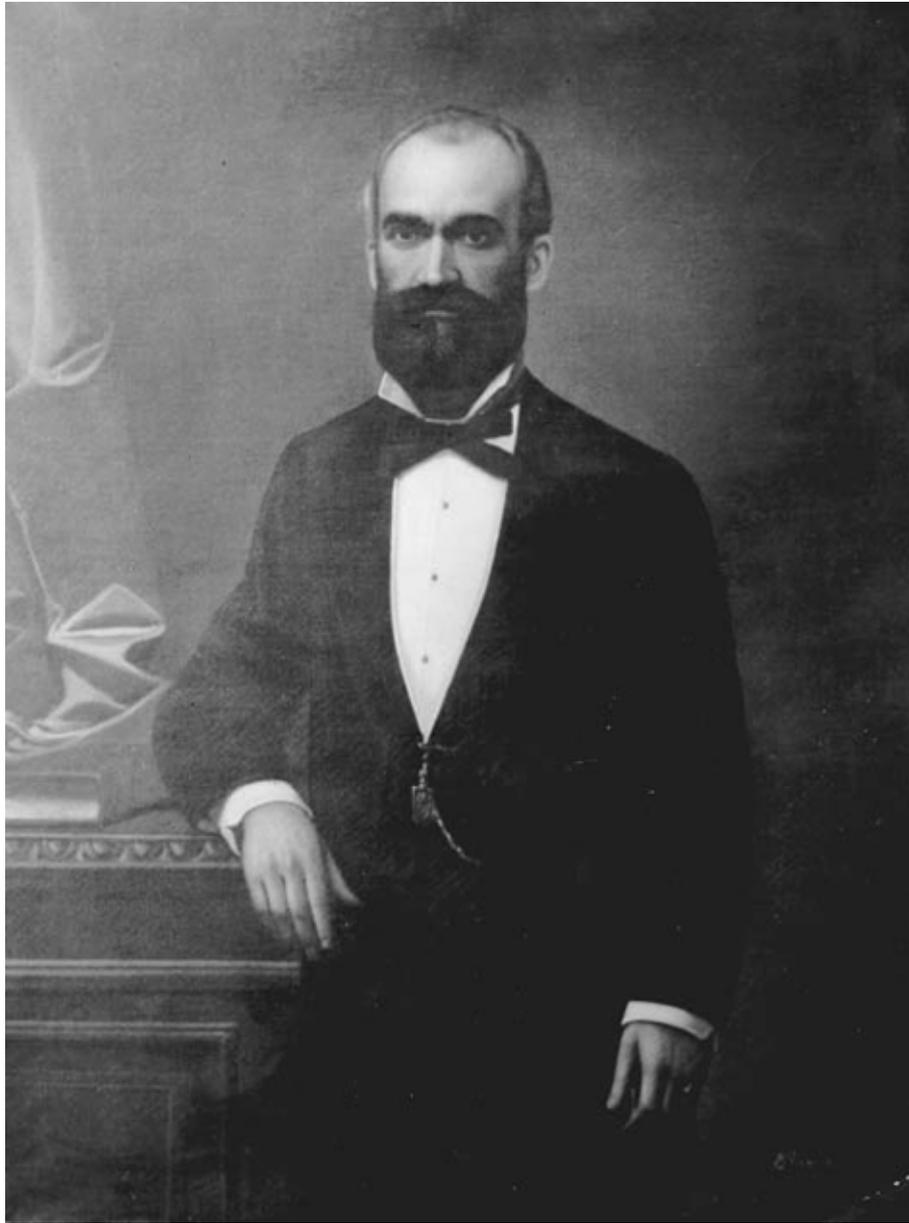
Goiana, 1º barão de: faleceu em 11 de outubro de 1823.

Goiana, visconde de: a viscondessa faleceu em 4 de março de 1877.

Goiana, 2º barão de: nasceu em 15 de abril de 1797, faleceu em 30 de novembro de 1874. A baronesa faleceu em 26 de março de 1887 com a idade de oitenta e seis anos.

Goicana, barão de: filho de Sebastião Antônio Acioli Lins e de d. Joana Francisca de Acioli Lins. Nasceu em 16 de janeiro de 1829 e faleceu em 2 de maio de 1891 no Recife. Militou na política no período monárquico, filiado ao partido liberal. Casou com d. Feliciano Inácia Acioli Lins, nascida em 1840 e falecida em 27 de setembro de 1896.

Goitacazes, barão de: natural de Campos. Nasceu em 1823 e faleceu em 12 de agosto de 1896. Conceituado comerciante. Casou com d. Emília Lúcia de Magalhães.



DR. FRANCISCO ACÁCIO CORREIA  
*Barão de Guamá*  
(Tela de E. Viancin, 1857, existente no Museu Imperial).  
Doação do sr. Flávio Correia Guamá.



Gorutuba, barão de: chefe político, exerceu variados cargos de eleição popular e de nomeação do governo. Foi juiz de paz no distrito de Gorutuba e vereador à Câmara Municipal de Grão Mogol, Minas Gerais. Faleceu em 9 de março de 1892.

Goiás, duquesa de: faleceu a 3 de novembro de 1898, em Murnau, Baviera.

Graça, visconde da: filho do comendador João Simões Lopes e de d. Isabel Dorotéia da Fontoura. Nasceu em 1 de agosto de 1817, em Pelotas. Casou em primeiras núpcias com d. Eufrásia Gonçalves Vitorino, falecida em 21 de dezembro de 1855 e em segundas núpcias com d. Zeferina Antônia Luz, falecida a 25 de junho de 1923 em Encruzilhada.

Grajaú, barão de: faleceu a 5 de agosto de 1908 no Recife e foi sepultado no cemitério de Santo Amaro.

Granito, barão do: filho de José Manuel de Barros Wanderley e de d. Maria Francisca Acioli Lins. Nasceu em 28 de agosto de 1842 e faleceu em 22 de setembro de 1909. Formado em direito. Agricultor e magistrado. Militou na política. Deputado à Assembleia Legislativa de Pernambuco e presidente da mesma assembleia em 1887. Casou com d. Maria da Conceição de Barros Wanderley, nascida em 4 de novembro de 1857 e falecida em 13 de outubro de 1910. Era filha de Manuel de Mesquita de Barros Wanderley e de d. Rita Angélica Wanderley. Do consórcio houve a prole de vinte e um filhos.

Grão Mogol, barão de: filho de Caetano Martins Pereira e de d. Josefa Martins Pereira. Nasceu em 13 de novembro de 1826 e faleceu em 15 de julho de 1890 em Rio Claro. Casou com d. Emília Martins que faleceu em dezembro de 1902 em Araras, São Paulo. O barão foi presidente da Câmara Municipal do Rio Claro. Foram seus filhos: Matilde Martins, Orinda Martins e Sérgio Martins.

Gravatá, barão de: faleceu a 16 de janeiro de 1893 no estado de Pernambuco. A baronesa faleceu a 5 de janeiro de 1915.

Gravataí, barão de: nasceu em Braga, Portugal. Faleceu em 19 de agosto de 1853. Comandante superior da Guarda Nacional de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Prestou relevantes

serviços na organização dos corpos auxiliares do Exército por ocasião da guerra de 1852, com a República Oriental do Uruguai, sendo agraciado com a comenda da Ordem da Rosa. Possuidor de grande fortuna. Esmoler e caritativo. A baronesa faleceu a 17 de março de 1888 em Porto Alegre. Foram seus filhos Francisco Batista, Maria Emília, Augusto Batista, Emília Batista e Henrique Batista, todos da Silva Pereira.

Guaí, barão e visconde de: foi sepultado no cemitério da Ordem de São Francisco de Paula, em Catumbi. A viscondessa faleceu a 5 de dezembro de 1902 em Petrópolis, estado do Rio de Janeiro.

Guaíba, 1º barão de: filho de Domingos Alves dos Reis Louzada e de d. Francisca Maria de Jesus. Casou com d. Ana Amália Louzada.

Guaíba, 2º barão de: nasceu em 1813, faleceu em 26 de maio de 1902 em Porto Alegre. Doutor em medicina. Casou com d. Mariana Clara da Cunha Bittencourt, falecida a 1 de março de 1897 na mesma cidade.

Guajará, barão de: nasceu a 4 de março de 1830. Faleceu em Belém, Pará.

Guamá, barão de: filho de Francisco Acácio Correia e de d. Josefa Maria de Lima Barbosa. Nasceu em 5 de janeiro de 1842, faleceu em 30 de março de 1924 no Rio de Janeiro. Bacharel em direito pela Academia de São Paulo em 29 de novembro de 1864. Casou a 26 de fevereiro de 1870 com d. Inês Chermont de Miranda, nascida a 10 de março de 1843 e falecida em 28 de dezembro de 1933, na referida cidade. Ambos foram sepultados no cemitério de São João Batista.

Guanabara, barão de: filho do barão de Vargem Alegre e de d. Joaquina Clara de Moraes. Nasceu em 1837. A baronesa faleceu a 13 de julho de 1922 no Rio de Janeiro, com a idade de oitenta e dois anos. Era filha de Antônio Gonçalves de Moraes e d. Rosa Luísa Gomes. Foram seus filhos: José Antero Roxo e Matias Otávio Roxo.

Guandu, 1º barão do: nasceu em 1814. Dono da fazenda Olaria, no município de Iguazu – província do Rio de Janeiro. A baronesa faleceu a 25 de março de 1872 com a idade



D. INÊS DE CHERMONT DE MIRANDA CORREIA  
*Baronesa de Guamá*  
(Tela de E. Viancin, Paris, 1875, existente no Museu Imperial).  
Doação do sr. Flávio Correia Guamá.



de trinta e sete anos no Rio de Janeiro e foi sepultada no cemitério de São João Batista.

Guandu, 2º barão do: natural de Juiz de Fora, Minas Gerais. Em 1851 seguiu para província do Espírito Santo, dedicando-se à agricultura. Faleceu a 25 de junho de 1899, com a idade de sessenta e sete anos, deixando seis fazendas e outros bens. Casou com d. Maria Guilhermina Pinto Coelho de Sousa, natural de Minas Gerais, neta do barão de Cocais. A baronesa do Guandu faleceu a 24 de setembro de 1943, com a idade de oitenta e sete anos na cidade de Cachoeiro de Itapemirim, na residência de seu filho Jaime Bernardes de Sousa, funcionário da prefeitura municipal da mesma cidade.

Guapi, barão de: nasceu a 28 de maio de 1813 em São João Marcos, capitania do Rio de Janeiro. Filho de Alexandre José de Oliveira e de d. Benta Maria de Oliveira, índia da tribo tamoio, falecida em 1850 em Barra Mansa, onde se encontra seu jazigo. Militou na política, filiado ao partido conservador. No exercício do cargo de presidente da Câmara Municipal de Barra Mansa promoveu a construção do paço municipal, considerado um dos mais belos edifícios da província do Rio de Janeiro. Foi casado com d. Delfina Ferraz de Oliveira, falecida a 11 de novembro de 1890 na mesma cidade, sem descendentes.

Guaraciaba, barão de: nasceu a 10 de janeiro de 1826. Faleceu a 9 de fevereiro de 1901, no Rio de Janeiro, e foi sepultado no cemitério de São João Batista. A baronesa faleceu a 1 de junho de 1889.

Guarapuava, barão e visconde de: nasceu em 25 de abril de 1808, em Palmeira, Paraná. Faleceu em 8 de novembro de 1896 na cidade de Guarapuava. Militou na política filiado ao partido conservador. Prestou relevantes serviços. Por ocasião da Guerra do Paraguai organizou e manteve a sua custa um corpo de cavalaria para defesa da fronteira de Palma. Fez grandes donativos às viúvas dos voluntários e a diversas instituições de caridade. Acompanhou sempre o desenrolar dos acontecimentos políticos do Império, fundando escolas, hospitais, rasgando caminhos e estradas, tendo organizado a navegação do rio Iguaçu com o primeiro barco a vapor. Diversas comemorações foram feitas

no Rio de Janeiro e nos estados de São Paulo e Paraná por ocasião do 50º aniversário do seu falecimento.

Guararapes, visconde de: filho do comendador Lourenço de Sá e Albuquerque e de d. Mariana de Sá e Albuquerque. Faleceu a 2 de dezembro de 1897 em Recife. Casou com d. Cândida Ernestina Pais Barreto, falecida a 12 de dezembro de 1906. Era filha do capitão-mor Francisco Pais de Melo Barreto e de d. Ana Vitória Coelho da Silva. Foram seus filhos: Mariana de Sá e Albuquerque e Lourenço Augusto de Sá e Albuquerque.

Guararema, barão de: filho de Luís de Sousa Breves e de d. Maria Pimenta de Almeida. Faleceu a 10 de fevereiro de 1910. Casou com d. Francisca de Sousa Monteiro de Barros, falecida a 6 de janeiro de 1899 no Rio de Janeiro e sepultada no cemitério de São Francisco Xavier.

Guaratiba, visconde de: foi sepultado no cemitério da Ordem de São Francisco de Paula, em Catumbi.

Guaratiba, barão de: faleceu com a idade de sessenta e três anos e foi sepultado no cemitério de Catumbi.

Guaratinguetá, barão e visconde de: foi sepultado em Guaratinguetá. Sua primeira mulher faleceu baronesa, chamava-se Ana Silveira do Espírito Santo. A segunda mulher, viscondessa, faleceu a 7 de julho de 1896, com a idade de cinquenta e um anos. A prole do visconde de Guaratinguetá foi de dezoito filhos, doze do primeiro casamento e seis do segundo.

Guaraúna, barão de: rico fazendeiro em Ponta Grossa, Paraná, onde faleceu em outubro de 1891. Hospedou d. Pedro II e deu liberdade a seus escravos, em número superior a setenta, como homenagem à visita do soberano. Por ocasião das graças, o barão Homem de Melo, ministro da pasta do Império, apresentou o decreto, concedendo a Domingos Ferreira Pinto a comenda da Ordem da Rosa. Esse decreto não foi assinado pelo imperador, que determinou a concessão do título de barão de Guaraúna.

Guaribu, barão de: faleceu em estado de solteiro, deixando avultada fortuna. O inventário dos seus bens, existente no Arquivo Nacional, acusa o monte-mor na importância de 983:859\$500.

Guarulhos, barão de: filho de Manuel da Cruz Morais e de d. Ana Bernardina Morais. Nasceu a 16 de julho de 1806 em Alfarrobeira, freguesia de Benfica, em Portugal. Faleceu solteiro, a 2 de outubro de 1890 na cidade de Campos, estado do Rio de Janeiro. Rico comerciante na mesma cidade. Caritativo e esmoler, foi provedor da Santa Casa da Misericórdia da referida cidade.

Guaicuí, barão de: filho de Agostinho José Vieira Machado e de d. Germana Leite Ferreira. Casou com d. Maria Silvana dos Santos, falecida a 7 de setembro de 1848. Sua prole foi de quatro filhos: Maria, Josino, Virgínia e Agostinha.

Guimarães, barão de: formado em direito. Foi deputado à Assembléia Legislativa da província do Rio de Janeiro, diretor da instrução pública da mesma província, consultor jurídico do Ministério do Império. Filho de Antônio José Moreira Guimarães e d. Ana Leocádia da Cunha Barbosa. Casou em 10 de novembro de 1851. Publicou a obra “O Brasil na Exposição de Paris”. Faleceu a 2 de março de 1905 na fazenda Samambaia, em Petrópolis.

Gurjaú, barão de: nasceu a 19 de março de 1839, faleceu a 6 de agosto de 1908, em Pernambuco. A baronesa nasceu a 16 de março de 1841 e faleceu a 10 de outubro de 1921.

Gurupá, barão de: Faleceu a 3 de dezembro de 1887 em Belém, Pará.

Gurupi, barão de: faleceu a 16 de agosto de 1905. A baronesa nasceu a 30 de outubro de 1820 e faleceu a 30 de novembro de 1883, sendo sepultada no cemitério de Catumbi.

## H

Herval: vide ERVAL.

Homem de Melo, barão de: faleceu em 4 de janeiro de 1918. Casou em segundas núpcias com d. Julieta Barbosa Unzer. Sua primeira mulher faleceu a 17 de novembro de 1904.

## I

Ibicuí, barão de: filho de Manuel da Silva Jorge e de d. Antônia Maria de Bittencourt. Era irmão do barão de Anto-

nina. Nasceu a 14 de maio de 1796 em Taquari, Rio Grande do Sul. Faleceu a 10 de abril de 1879 em Cruz Alta. Casou com d. Felicidade Perpétua de Avelar Magalhães, nascida a 15 de abril de 1809 e falecida a 22 de março de 1886 em Santa Maria da Boca do Monte. Era filha de Ricardo José de Magalhães e de d. Maria Mância de Avelar. Do consórcio houve a prole de dez filhos.

Ibiramirim, barão de: filho dos barões de Irapuã. Nasceu a 6 de fevereiro de 1840 e faleceu a 18 de abril de 1904 em Nice. A baronesa nasceu a 28 de outubro de 1854 e faleceu a 10 de novembro de 1941 no Rio de Janeiro, sendo sepultada no cemitério de São João Batista.

Ibirocaí, barão de: sua prole foi de treze filhos.

Ibitinga, barão de: sua primeira mulher nasceu a 1 de fevereiro de 1842 e faleceu a 1 de fevereiro de 1866 em Campinas; a segunda mulher nasceu a 28 de março de 1833 e faleceu a 2 de abril de 1902. Dos consórcios houve a prole de nove filhos.

Ibituruna, barão e visconde de: casou com d. Clara Jacinta Alves Barbosa, falecida a 22 de novembro de 1888 no Rio de Janeiro e sepultada no cemitério de Catumbi. Era a baronesa filha dos 1<sup>os</sup> barões de Santa Justa. Foram seus filhos: Clarinda, Elvira, Clara, Jacinta, Jacinto, Claro, João Batista, Maria da Conceição e Alzira Clara.

Ibirapuitã, barão de: faleceu a 26 de setembro de 1892 em Santana do Livramento, Rio Grande do Sul. Casou com d. Engrácia da Costa, falecida a 2 de junho de 1902. Foram seus filhos: Maria Antônia, Francisca Tertuliana, Maria Cândida, Pedro, José Caetano, Antônio Caetano e Virgínia, todos Pereira.

Icó, visconde de: foram suas filhas: Ana Fernandes Vieira e Senhorinha Fernandes Vieira, casadas com o barão de Aquiraz.

Igarapémirim, barão de: nasceu a 28 de junho de 1819. Faleceu a 21 de novembro de 1898 em Belém, Pará. Filho do coronel José Antônio Nunes. A baronesa faleceu em janeiro de 1893.

Iguape, 1<sup>o</sup> barão de: possuidor de considerável fortuna que legou aos seus filhos: d. Valeriana Valéria da Silva



PEREGRINO JOSÉ DE AMÉRICO PINHEIRO  
*Visconde de Ipiabas*  
(Tela de E. Rolin, 1882, existente no Museu Imperial).  
Doação da exma. sra. d. Maria Werneck



Prado e Veríssimo da Silva Prado. Tiveram grande destaque seus netos conselheiro Antônio da Silva Prado e dr. Eduardo Prado.

Iguape, 2<sup>o</sup> barão de: filho do capitão Francisco Rodrigues Dutra e de d. Maria Antônia Dutra. Nasceu em 1812 e faleceu a 23 de setembro de 1812 em seu engenho da Cruz, freguesia do Iguape, Cachoeira, província da Bahia. Casou com d. Maria Delfina de Araújo, filha do tenente-coronel Tomé Ferreira de Araújo e de d. Delfina Josefa de Araújo.

Iguaraçu, barão de: foram seus filhos: Luís Ribeiro, Domingos Ribeiro, Francisca Cândida, Pedro Leopoldo, Francisco Maria, todos dos Guimarães Peixoto.

Iguaçu, conde de: nasceu na capitania da Bahia. Faleceu a 17 de fevereiro de 1888 no Rio de Janeiro e foi sepultado no cemitério de São Francisco Xavier. Sua primeira mulher nasceu a 8 de novembro de 1820 em Meriti, província do Rio de Janeiro e faleceu a 10 de fevereiro de 1846, sendo sepultado nas catacumbas da igreja de São Francisco de Paula. A segunda mulher, condessa de Iguaçu, faleceu a 5 de setembro de 1896 em São Paulo.

Iguatemi, barão de: casou a 27 de março de 1860 com d. Carmem Genoveva Ferreira.

Ijuí, barão de: filho de Antônio Martins de Meneses e de d. Maria do Carmo Gomes. Casou em primeiras núpcias com d. Joana Umbelina Portugal e em segundas núpcias com d. Semiana Portugal. Foram seus filhos: Adolfo Martins de Meneses, Maria Olímpia de Meneses, Bárbara Martins de Meneses e Bento Martins de Meneses.

Imbé, barão e visconde de: importante fazendeiro no município de Santa Maria Madalena, província do Rio de Janeiro, onde faleceu a 15 de junho de 1890, com a idade de setenta e cinco anos. A viscondessa faleceu a 16 de outubro de 1901.

Indaiá, barão de: faleceu a 25 de agosto de 1901 em sua fazenda Santana, no município de Abaeté, Minas Gerais. Casou com d. Isabel Álvares da Silva, havendo do consórcio a prole de dez filhos. De outros leitos teve sete filhos, reconhecidos e como tais aquinhoados em seu inventário. Militou na polí-

tica, tendo sido vereador à Câmara Municipal da vila da Marmelada e primeiro presidente da Câmara da cidade de Dores do Indaiá. Um dos seus filhos, dr. Antônio Zacarias Álvares da Silva, é o patrono da Santa Casa da Misericórdia da referida cidade.

Indaiatuba, barão e visconde de: nasceu em 2 de setembro de 1815. Militou na política com grande destaque, sendo chefe do partido liberal no regime monárquico. Abastado agricultor em Campinas, província de São Paulo, onde introduziu o braço livre a partir de 1852. Casou em 24 de junho de 1839 em Campinas. A viscondessa, nascida em 25 de outubro de 1824, faleceu a 7 de dezembro de 1897 em São Paulo. Do consórcio houve a prole de doze filhos.

Ingaí, barão de: casou em primeiras núpcias com d. Emerenciana Cândida de Andrade e em segundas núpcias com d. Francisca dos Reis. Somente deixou descendência do segundo casamento. Agricultor. Faleceu a 6 de outubro de 1897 na fazenda da Fortaleza e foi sepultado no cemitério do arraial de Pinheirinhos, hoje vila de Ingaí, distrito do município de Lavras, estado de Minas Gerais.

Inhambupe, visconde e marquês de: filho de Bartolomeu Pereira da Silva e de d. Ana Cunha Barbosa. Ouvidor de comarca em Pernambuco e Minas Gerais, conselheiro da Fazenda, deputado da junta do Comércio, Agricultura, Fábricas e Navegação, intendente geral da polícia do Rio de Janeiro em 1821. Casou em primeiras núpcias com d. Isabel Joaquina de Assis; em segundas núpcias com d. Herculana Felizarda Figueira, falecida em agosto de 1796, na vila do Recife e em terceiras núpcias com d. Maria Joaquina da Rocha, filha de João da Rocha Dantas e Mendonça. Dos três consórcios houve a prole de treze filhos.

Inhandui, barão de: agricultor no município de Alegrete. Prestou relevantes serviços por ocasião da guerra contra o governo do Paraguai. Casou com d. Maria do Carmo de Lima, que faleceu em 17 de novembro de 1913 em Santa Maria com a idade de cento e dois anos.

Inhaúma, visconde de: nasceu a 30 de julho de 1808. Faleceu a 21 de outubro de 1887 no Rio de Janeiro e foi sepultado no cemitério de São Francisco Xavier. Foram seus filhos:

Ana Joaquina de Mariz e Barros, Joaquim José Inácio Júnior, Antônio Carlos de Mariz e Barros, Carlota de Mariz e Barros, Maria Mariz e Barros e Constança Augusta Mariz e Barros.

Inoã, barão de: a baronesa faleceu a 7 de março de 1940 em Londres.

Inhomirim, barão de: a baronesa faleceu a 28 de maio de 1839, no Rio de Janeiro e foi sepultada nos jazigos da igreja de São Francisco de Paula.

Inhomirim, visconde de: seu cadáver foi transportado de Paris para o Rio de Janeiro, onde chegou em novembro de 1876, sendo sepultado no cemitério de São João Batista. A viscondessa faleceu a 24 de junho de 1900 e foi sepultada no referido cemitério.

Ipacaráí: vide Upacaráí.

Ipanema, 1º barão, visconde e conde de: filho de José Antônio Moreira e de d. Ana Joaquina de Jesus. Casou com d. Laurinda Rosa Ferreira dos Santos, falecida a 17 de novembro de 1881, em Bruxelas. Era filha de José Ferreira dos Santos e de d. Mariana Rosa dos Santos. Foram seus filhos: José Antônio Moreira (barão de Ipanema), João Antônio Moreira, Joaquim José Moreira, Manuel Antônio Moreira, Laurinda Rosa Moreira, Mariana Rosa Moreira e Francisco Antônio Moreira.

Ipanema, 2º barão de: filho dos condes de Ipanema. Nasceu a 28 de agosto de 1830. Faleceu a 27 de fevereiro de 1899 no Rio de Janeiro e foi sepultado no cemitério da Ordem do Carmo. Casou com d. Luísa Rudge, nascida em 1838 e falecida a 29 de junho de 1891. Era filha de George Rudge e de d. Sofia Emília Maxwell. Foram seus filhos: Luísa de Ipanema Moreira, José Jorge Moreira, Sofia Emília Moreira, Laurinda de Ipanema e Carlos de Ipanema.

Ipiabas, 1º barão e visconde de: faleceu a 8 de julho de 1882 em sua fazenda Oriente, perto da estação do Comércio, província do Rio de Janeiro. A viscondessa faleceu a 16 de novembro de 1892 na referida fazenda e foi sepultada no cemitério da cidade de Valença. Do consórcio houve a prole de quinze filhos. Seu filho Francisco foi o 2º barão de Ipiabas. As filhas Maria, Francisca, Carolina e Ana foram baronesas pelo casamento, respectivamente, com os barões de Aliança, Almeida Ra-

mos, Palmeira e Potengi. Dois dos seus netos, Raul Fernandes e Antônio José Fernandes Júnior, tiveram grande destaque na vida pública; este advogado, promotor, juiz e deputado e aquele, deputado, presidente do Estado do Rio de Janeiro, embaixador na Bélgica e ministro das Relações Exteriores.

Ipiabas, 2º barão de: nasceu a 19 de janeiro de 1842. Faleceu a 15 de abril de 1926 e foi sepultado no cemitério de São Francisco Xavier. Chefe político na cidade de Valença, deputado. Casou com d. Francisca Guilhermina de Almeida Werneck, nascida a 6 de abril de 1855 e falecida a 21 de abril de 1945, era filha de Francisco de Sousa Werneck e de d. Messias de Almeida. Do consórcio houve a prole de quinze filhos.

Ipojuca, barão de: a baronesa faleceu a 8 de abril de 1891.

Irapuá, barão de: filho de Antônio Luís Cardoso e de d. Escolástica Vitória Rodrigues da Silveira. Nasceu em 3 de maio de 1815. Parte de sua grande fortuna foi adquirida com o fornecimento de víveres ao exército do general Osório, na campanha do Paraguai, víveres que eram transportados em mais de cem carretas. Casou com d. Ana de Azevedo Martins de Sales, nascida a 8 de outubro de 1823 e falecida a 30 de dezembro de 1885 na fazenda Curral de Pedra, município da vila do Rosário, província do Rio Grande do Sul, e sepultada no cemitério da cidade de São Gabriel. Era filha do capitão Manuel Faustino José Martins e d. Emerenciana Antônia de Azevedo. Do consórcio houve a prole de dezoito filhos.

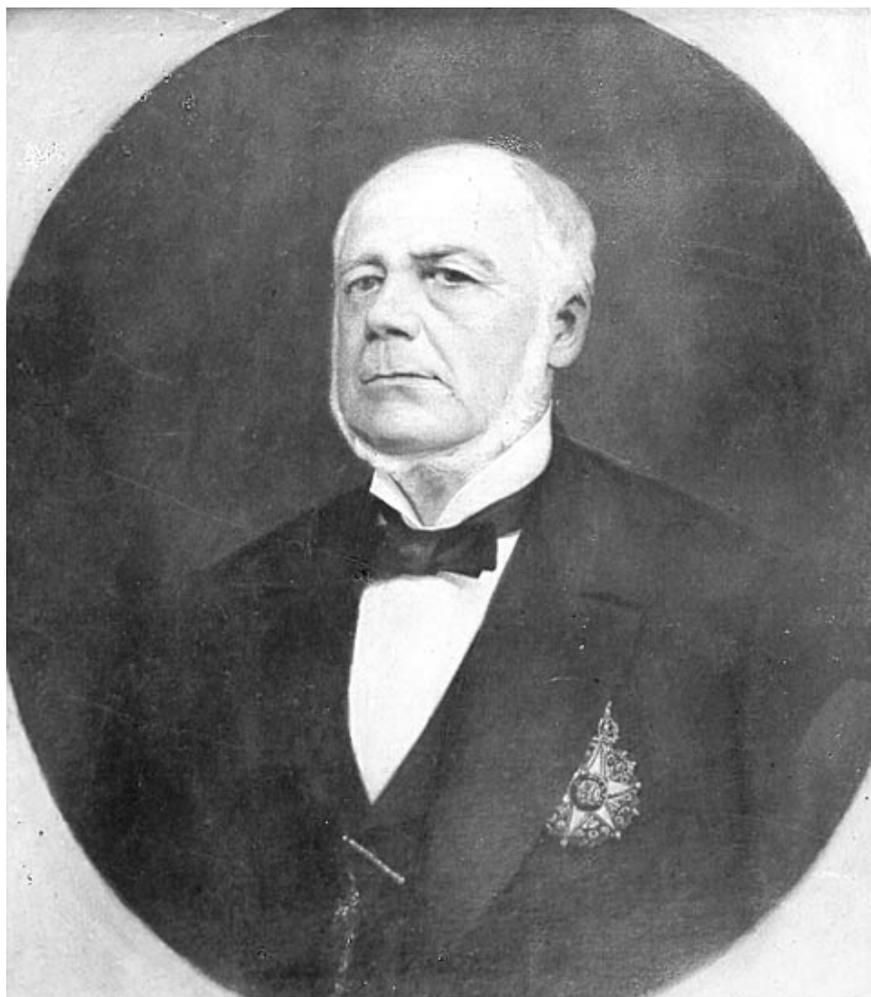
Itabapoana, barão e visconde de: natural de Campos; nasceu em 1796. Filho do capitão Antônio José de Siqueira e de d. Antônia Rita Fortunata da Conceição. Casou com d. Antônia Rita da Conceição Tinoco de Siqueira, sua sobrinha, que faleceu a 29 de março de 1861, sendo baronesa. Era filha do capitão João Ferreira Tinoco e de d. Ana Rita Edwiges da Conceição Tinoco. O visconde militou na política no regime monárquico, sendo chefe do partido conservador. Faleceu sem sucessão.

Itabaiana, 2º barão de: filho do brigadeiro Guilherme José Nabuco de Araújo. Faleceu a 17 de março de 1896 na cidade do Salvador, Bahia. Casou em primeiras núpcias com d. Joana Dias Coelho de Melo, filha dos barões de Itaporanga



D. ANA JOAQUINA DE SÃO JOSÉ WERNECK  
*Viscondessa de Ipiabas*  
(Tela de E. Rolin, 1882, existente no Museu Imperial).  
Doação da exma. sra.d. Maria Werneck





FRANCISCO PINHEIRO DE SOUSA WERNECK  
*2º barão de Ipiabas*  
(Tela de Pedro Américo, existente no Museu Imperial)



e em segundas núpcias com d. Maria Amélia Daltro, falecida em 1864. Era filha de Antônio Agostinho da Silva Daltro e de d. Eugênia Maria de São José Daltro.

Itaberava, barão de: residiu por muito tempo na vila de Uberaba, Minas Gerais, onde foi juiz municipal e de órfãos. Militou na política, sendo vereador na primeira Câmara Municipal da mesma vila por ocasião de sua instalação em 7 de janeiro de 1837.

Itabira, barão de: foi nomeado sargento-mor do 4º regimento de cavalaria de milícias de Vila Rica em 20 de junho de 1812 e regedor das justiças, pelo prazo de três anos, em 25 de maio de 1820.

Itacuruçá, barão de: nasceu a 10 de novembro de 1831. Faleceu a 1 de janeiro de 1911. Casou com d. Jerônima Elisa de Mesquita, nascida a 2 de junho de 1851 e falecida a 24 de setembro de 1917 no Rio de Janeiro. Era filha do conde de Mesquita.

Itaim, barão de: nasceu a 16 de julho de 1821 em Itu, São Paulo. Faleceu a 17 de fevereiro de 1908.

Itaípe, barão de: a baronesa faleceu a 5 de setembro de 1906 no Rio de Janeiro e foi sepultada no cemitério de São João Batista.

Itaipu, barão de: filho do major Francisco Manuel das Chagas e de d. Guilhermina Müller das Chagas. Nasceu a 28 de outubro de 1829 em São Paulo e faleceu a 5 de outubro de 1909 no Rio de Janeiro. Exerceu os cargos de promotor público em Curitiba e Cabo Frio, procurador fiscal da Tesouraria da Fazenda da província do Pará, secretário do governo da mesma província, chefe da seção e diretor da secretaria da Guerra. Oficial de gabinete do ministro da Guerra, em 1865, período de grande trabalho, quando foram dadas as primeiras providências reclamadas pelas guerras do Uruguai e Paraguai. Serviu ao Ministério da Guerra durante quarenta e nove anos, recebendo sempre as maiores provas de apreço dos cinqüenta e seis ministros da Guerra, com os quais conviveu em sua carreira na primeira repartição do Exército. General de brigada honorário. O prefeito do Distrito Federal, em decreto de 15 de janeiro de 1915,

deu a denominação de barão de Itaipu a um logradouro público no bairro do Andaraí.

Itajubá, 2º barão de: a baronesa faleceu a 20 de julho de 1929 em Paris.

Itamaracá, 1º barão de: filho de Antônio Francisco Monteiro e de d. Joana Ferreira Maciel Gondim. Bacharel em cânones pela Universidade de Coimbra, em 1809. Nasceu em 1786 na capitania de Pernambuco. Juiz de Fora em Goiana e Paraíba, ouvidor da comarca do Sertão de Pernambuco, presidente da Relação de Pernambuco.

Itamaracá, 2º barão de: todos os seus biógrafos são unânimes em exaltar com justos elogios seu laureado nome. Em agosto de 1872 seus restos mortais foram trasladados de Lisboa para Recife.

Itamarandiba, barão de: sua progenitora chamava-se Teresa Angélica de Jesus. Foi sepultado no cemitério da Ordem de São Francisco de Paula, em Catumbi. A baronesa nasceu a 1 de abril de 1839 e faleceu a 19 de setembro de 1916, sendo sepultada no referido cemitério. Era filha de Fernando Gomes Caldeira de Oliveira e de d. Maria José da Fontoura e Castro. Sua prole foi de oito filhos. Seus filhos: Fernando e Luís foram agraciados por d. Pedro II, respectivamente, com os títulos de barões de Santa Margarida e Vidal.

Itambé, 1º barão de: sua prole foi de onze filhos.

Itaóca, barão de: nasceu em 1836, faleceu em 21 de outubro de 1894. Casou em primeiras núpcias com d. Luísa Rosa Passos, em 1 de outubro de 1863 e em segundas núpcias com d. Maria Antônia Pinto Conteiro Bastos em 16 de julho de 1867. Era formado em direito.

Itapacorá, barão de: fazendeiro na província do Rio de Janeiro. Faleceu a 23 de agosto de 1855, solteiro, na capital do Império. Deixou cinco filhos naturais: Albino, Mariano, Inácio, José e Maria, todos Álvares de Azevedo, sendo a última casada com João Henrique Braune, residente em Friburgo.

Itapagipe, 1º barão de: casou com d. Guinesa Josefa Álvares Garcia Arroio.

Itapagipe, 2º barão de: faleceu a 19 de novembro de 1911 em Niterói, com a idade de setenta e três anos, sendo sepultado no cemitério de Maruí. Deixou grande fortuna.

Itapari, barão de: filho de José Antônio de Oliveira e de d. Maria Segeins de Oliveira. Nasceu a 17 de junho de 1858 e faleceu a 22 de maio de 1929. Casou com d. Hortência Sales de Oliveira, filha de importante família da ilha da Madeira. Abastado agricultor e criador de gado no Maranhão, nas propriedades que herdou do seu progenitor. A baronesa ainda vive no Maranhão com a idade de 81 anos. Sua prole foi de seis filhos, quatro varões, dos quais existem três: dr. João de Sales Oliveira Itapari, antigo magistrado e hoje negociante e presidente da Associação Comercial do Maranhão, dr. Joaquim de Sales Oliveira Itapari, juiz de direito no mesmo estado e Aníbal de Sales Oliveira Itapari.

Itaparica, visconde de: filho natural do barão de Cajaíba e de d. Felicidade Perpétua, que faleceu a 27 de março de 1866 na Bahia.

Itaparica, barão de: Militou na política da Bahia. Por ocasião da Independência fez parte da junta de defesa da vila da Cachoeira. Foi membro suplente do Conselho Geral da província da Bahia, na legislatura de 1828 a 1830. Faleceu a 3 de junho de 1836 na cidade do Salvador. Casou com d. Felicidade de Santa Rosa de Lima, falecida a 28 de fevereiro de 1832. Foram seus filhos: Augusto Teixeira de Freitas e Mariano Teixeira de Freitas.

Itapeba, barão de: Inácio Bicudo de Siqueira Salgado. Filho do capitão-mor Inácio Bicudo de Siqueira e de sua mulher d. Francisca Salgado Silva; nasceu a 20 de abril de 1812 em Pindamonhangaba, capitania de São Paulo. Casou com sua sobrinha d. Eugênia Salgado da Silva, filha de Antônio Salgado da Silva, barão e visconde da Palmeira e de d. Maria Bicudo Salgado, havendo do consórcio os filhos Inácio Bicudo de Siqueira Salgado, Antônio Salgado Bicudo, Eugênio Bicudo Salgado, Cecília Bicudo Salgado e Francisca Bicudo Salgado. Inácio Bicudo de Siqueira Salgado foi um homem de caráter nobilíssimo, herdeiro das virtudes cívicas de seus antepassados.

Chefe do partido liberal em sua cidade natal soube impor-se ao respeito e consideração dos seus correligionários e até dos adversários.

Em 1842 foi eleito vereador a Câmara Municipal, cargo de que foi suspenso por haver aderido à revolução mineira do mesmo ano.

Foi reeleito em 1853 e 1857, bem servindo o município com todo o patriotismo.

Oficial superior da Guarda Nacional, prestou relevantes serviços durante a campanha contra o governo do Paraguai auxiliando o governo com dinheiro e outros meios.

Terminada a aludida campanha, seu nome foi lembrado para membro do diretório liberal em São Paulo.

Coração generoso e benfeitor, fez grandes donativos à matriz e Santa Casa de Pindamonhangaba.

Foi agraciado em 19 de julho de 1879 com o título de barão de Itapeba. Faleceu a 12 de outubro de 1894.

Itapecirica, barão de: nasceu a 14 de fevereiro de 1842 na província de Minas Gerais. Filho de João Luís de Campos e de d. Rita Virgínia de Campos. Capitalista e proprietário. Militou na política filiado ao partido liberal no regime monárquico, havendo sido o primeiro presidente da Câmara Municipal da cidade de Prados, onde faleceu a 24 de julho de 1914. Casou com dona Maria Jacinta de Campos, nascida a 12 de agosto de 1846 e falecida a 13 de maio de 1911, em Prados.

Itapema, barão de: faleceu a 1 de outubro de 1893. A baronesa faleceu a 19 de junho de 1914 com a idade de sessenta e três anos. Foram seus filhos: Benedito Alves Cardoso de Moraes, João Alves Cardoso, Leonídia Alves Cardoso, Ana Miguelina de Moraes, Zaída Alves Cardoso e Joviano Alves Cardoso.

Itapemirim, 2º barão de: nasceu em 1828 e faleceu a 23 de novembro de 1888 no Rio de Janeiro. Foi 2º vice-presidente da província do Rio de Janeiro. Casou com d. Leocádia Seabra da Silva Lima, que faleceu a 3 de julho de 1908 com a idade de sessenta e oito anos na cidade de Campos. Foram suas filhas Mariana Seabra e Leocádia Seabra.

Itapemirim, 3º barão de: Luís Siqueira da Silva Lima. Natural da província do Espírito Santo, nasceu a 10 de abril de 1844 na freguesia de Nossa Senhora do Amparo de Itapemirim. Filho dos 1ºs barões de Itapemirim.

Formou-se em direito pela faculdade de São Paulo. Foi juiz de paz da freguesia do Alegre, suplente de juiz municipal juiz de direito da comarca de Cachoeiro de Itapemirim.

Militou na política pertencendo ao partido liberal no regime monárquico, sendo chefe acatado e estimado pelo seu trato lhano e bondoso. Foi deputado à Assembléia Provincial.

Proprietário da fazenda Bananal aí residiu por muito tempo. Casou com d. Mariana Moreira Gomes, filha do coronel José Gomes Pinheiro, dono da fazenda São José.

Na Biblioteca Pública mantida pela Loja Maçônica Fraternidade, na cidade de Vitória, existe um retrato a óleo do mesmo titular.

Foi agraciado com o título de barão de Itapemirim por decreto de 25 de setembro de 1889. Havendo aderido à República foi eleito senador federal pelo estado do Espírito Santo no período de 1900 a 1908.

Faleceu a 9 de novembro de 1916 na cidade do Rio de Janeiro e foi sepultado no cemitério de São João Batista.

Itapetininga, barão de: nasceu a 16 de junho de 1799.

Itapevi, barão de: nasceu a 10 de junho de 1801 em Dunquerque. Faleceu a 2 de janeiro de 1886. Casou com dona Joaquina de Medeiros, filha do coronel Antônio de Medeiros Costa. Foram seus filhos: João Nepomuceno de Medeiros Mallet, marechal, Pedro Félix de Medeiros Mallet, major, e Antônio Júlio de Medeiros Mallet, major; e Emília de Medeiros Mallet.

Itapicuru de Cima, 1º barão de: nasceu na Bahia, tendo sido batizado a 18 de junho de 1760 na freguesia da Senhora Santana. Casou com d. Ana Francisca Xavier de Almeida.

Itapicuru de Cima, 2º barão de e visconde de: nasceu a 9 de outubro de 1793 no município da vila de São Francisco, Bahia. Filho dos 1ºs barões de Itapicuru de Cima. Faleceu na cidade de Santo Amaro. Casou com d. Maria Caro-

lina de Almeida. Três dos seus filhos Luís Maria, Inácio e José Carlos foram casados, respectivamente, com Rosa, Inácia e Ana, filhas do barão do Rio Fundo.

Itapicuru-Mirim, barão de: nasceu em 1780 no Maranhão. Filho de José Félix Pereira. Bacharel em matemática e filosofia pela Universidade de Coimbra. Coronel do Exército. Governador das Armas da província do Maranhão, presidente da do Pará, diretor do Arsenal de Guerra do Rio de Janeiro e da Fábrica de Ferro de Ipanema, ministro da pasta da Guerra em 1835. Faleceu a 9 de abril de 1854 na capital do Império e foi sepultado no cemitério de São João Batista.

Itapissuma, barão de: nasceu em 1832. Militou na política pertencendo ao partido liberal. Foi deputado à Assembléia Legislativa de Pernambuco por diversas vezes. Agricultor. Senhor do engenho Araripe de Baixo, no município de Iguaraçu, onde faleceu a 29 de junho de 1910. Casou com d. Teresa de Moraes, nascida em 1826 e falecida em 24 de julho de 1896.

Itapitocaí, barão de: foi chefe de grande prestígio do partido conservador. Faleceu a 13 de fevereiro de 1896.

Itapoã, 1<sup>o</sup> barão de: desembargador do paço. A baronesa faleceu a 28 de setembro de 1841 no Rio de Janeiro e foi sepultada nas catacumbas da Igreja de Nossa Senhora do Carmo. Seu filho José Paulo Figueiroa Nabuco de Araújo foi ministro do Supremo Tribunal de Justiça.

Itapoã, 2<sup>o</sup> barão de: Adriano Alves de Lima Gordilho. Nasceu a 13 de agosto de 1828. Faleceu a 18 de outubro de 1893.

Itaporanga, barão de: filho do sargento-mor Domingos Dias Coelho e Melo e de d. Maria Teresa de Jesus. Casou com d. Maria Rosa de Araújo e Melo, filha do coronel José Rodrigues de Antas e Melo e de d. Maria Micaela Coelho Dantas, falecida a 27 de setembro de 1842. Foram seus filhos: Antônio (barão de Estância) Domingos, José, Francisco, Rosa, Ana e Joana (baronesa de Itabaiana).

Itapororocas, barão de: filho de Antônio Moniz de Sousa Barreto de Aragão e Meneses e de d. Luísa Francisca Zeferina Coelho Ferreira. Nasceu na vila de São Francisco, Bahia. Faleceu a 5 de dezembro de 1834 na cidade do Salvador e foi

sepultado na igreja de Nossa Senhora da Piedade. Fidalgo cavaleiro e agraciado com o hábito da Ordem de Cristo e comenda da Ordem do Cruzeiro. Prócer da Independência, para a qual concorreu com sua fazenda e influência. Membro da junta governativa de Cachoeira, em 1822. Comandante da guarda cívica em 1823, tenente-coronel da 2ª linha. Senhor dos engenhos Guaíba, Santo Estevão e Flechas. Foram seus filhos: Luísa Francisca, segunda baronesa do Rio das Contas, baronesa de Matoim, Antônio Ferrão Moniz de Aragão, Clotilde Ferrão e Egas Ferrão.

Itapura, barão de: nasceu em 1808. Faleceu em 6 de janeiro de 1902. Fazendeiro. A baronesa nasceu a 6 de setembro de 1829 e faleceu a 8 de janeiro de 1921 em São Paulo. Foram seus filhos: Joaquim Policarpo Aranha, Manuel Carlos de Sousa Aranha, Olímpio de Sousa Aranha, José Francisco Aranha, Alberto Aranha e Isolete Augusta de Sousa Aranha.

Itaquatiá, barão de: agricultor no município de Santana do Livramento, Rio Grande do Sul, onde faleceu a 18 de janeiro de 1902.

Itaqui, barão de: nasceu a 24 de maio de 1816 na vila do Erval, Rio Grande do Sul. Faleceu a 9 de janeiro de 1906 em Bagé. Casou com d. Flora Nunes, filha de Bonifácio José Nunes e de d. Gertrudes da Assunção. Do consórcio houve a prole de onze filhos.

Itaiaia, barão e visconde de: nasceu a 25 de abril de 1825. Faleceu a 29 de setembro de 1900. Agricultor. Militou na política filiado ao partido liberal no regime monárquico. Ocupou vários cargos de eleição popular e de nomeação. Vereador à Câmara Municipal de Juiz de Fora, delegado de polícia e coletor de rendas provinciais. Em 1892 foi reformado no posto de coronel da Guarda Nacional. Casou com d. Flora Barbosa. Foram seus filhos: dr. José Caetano Rodrigues Horta, Maria Eugênia Horta e Flora Horta.

Itatiba, barão de: nasceu em 1808 em São Roque, São Paulo. Faleceu a 6 de junho de 1884 em Campinas. Abastado fazendeiro. Construiu e manteve a Escola Ferreira Penteado, para o ensino e educação de crianças pobres em Campinas. A ba-

ronesa faleceu a 17 de agosto de 1889. Sua prole foi de treze filhos.

Itaúna, barão e visconde de: na qualidade de médico do paço acompanhou os imperantes em sua primeira viagem à Europa. Casou com d. Joana Maria do Nascimento, falecida a 16 de junho de 1896 no Rio de Janeiro. Foram seus filhos: José Borges Monteiro, Cândido Borges Monteiro Júnior, Carolina Borges Monteiro, José Augusto Borges Monteiro, Carlos Borges Monteiro e Luís Borges Monteiro.

Itu, barão de: faleceu a 9 de fevereiro de 1858. Foi o fundador da Santa Casa de Misericórdia de Itu. Foram seus filhos: dr. Antônio de Aguiar Barros (marquês de Itu), d. Gertrudes de Aguiar Barros (baronesa de Tatuí) e d. Ana de Aguiar Barros.

Itu, marquês de: nasceu a 25 de dezembro de 1825. A marquesa nasceu em 1837 e faleceu em 18 de julho de 1917 na cidade de São Paulo.

Ivaí, barão de: nasceu em 1807 na freguesia de Santa Mariinha de Vila Nova de Gaia, Portugal. Filho de Manuel Rodrigues Monteiro e de d. Maria Joaquina de Azevedo, naturais da mesma freguesia. Casou com d. Mariana Rosa Tavares, falecida a 13 de agosto de 1881 em Petrópolis. O barão foi sepultado no cemitério do Carmo.

Ivinheima, barão de: casou duas vezes; em segundas núpcias com d. Rita Ouriques Jaques, nascida a 10 de agosto de 1826 e falecida a 26 de julho de 1892 no Rio de Janeiro, sendo sepultada no cemitério de São João Batista. Foram seus filhos Francisco, Alberta e Adelina, todos Gavião Pereira Pinto, do primeiro casamento e Luís Pereira Pinto do segundo.

## J

Jaboatão, barão de: faleceu a 14 de março de 1902. A baronesa faleceu a 24 de abril de 1913.

Jacarepaguá, marquês de: nasceu em Setúbal, Portugal. Faleceu a 1 de maio de 1836. Serviu na Armada Real durante dez anos, alcançando todos os postos até 1º tenente; em 1808 passou para o Exército no posto de capitão. A marquesa

faleceu a 16 de janeiro de 1862 e foi sepultada no cemitério de Catumbi.

Jaceguai, barão de: nasceu a 26 de maio de 1843.

Jacuí, barão de: nasceu a 28 de março de 1811, em Porto Alegre, onde faleceu a 7 de julho de 1891. Filho de Pedro José Gomes de Abreu e de d. Maria Alves de Meneses. Casou com d. Amélia de Araújo Brusque, filha do coronel Francisco Vicente Brusque e de d. Delfina Carlota de Araújo Ribeiro. Sua prole foi de dez filhos.

Jacuipe, barão de: a baronesa foi batizada a 11 de fevereiro de 1801 na freguesia de Santo Amaro da Purificação. Faleceu a 13 de agosto de 1890 com a idade de 88 anos na capital do estado da Bahia, sendo sepultada no cemitério da Quinta dos Lázaros.

Jacutinga, barão de: a baronesa faleceu a 6 de novembro de 1863 no Rio de Janeiro e foi sepultada no cemitério de São Francisco Xavier.

Jaguara, barão de: nasceu a 12 de junho de 1837. Filho de Delfino Pinheiro de Ulhoa Cintra e de d. Maria Benedita Dias da Silva. Casou em primeiras núpcias com d. Adelina Henriqueta de Ulhoa Cintra, falecida a 15 de julho de 1880 e em segundas núpcias com d. Antônia da Rocha Matos. Foram filhos do primeiro casamento: d. Maria de Ulhoa Cintra e Adalberto de Ulhoa Cintra.

Jaguarão, barão de: José Auto da Silva Guimarães. Nasceu a 12 de setembro de 1819. A baronesa faleceu a 27 de outubro de 1891 no Rio de Janeiro e foi sepultada no cemitério de São João Batista.

Jaguarari, 1º barão de: filho do dr. Joaquim Clemente da Silva Pombo, ouvidor do Pará, e de d. Maria José do Carmo Henriques. Faleceu a 16 de setembro de 1837.

Jaguari, barão e 1º visconde de: nasceu em Viamão, Rio Grande do Sul. Faleceu a 2 de maio de 1852 em Pelotas. Foram seus filhos: Clara Joaquina, Domingos, João, Antônio, Maria Justina e José, todos de Castro Antiqueira.

Jaguari, barão das Três Barras e visconde de: filho de Tomé Venâncio Ramos de Sousa e de d. Ana Leonor de Sousa.

Foi sepultado no Rio de Janeiro, no cemitério de Catumbi. Advogado, fazendeiro em Valença, província do Rio de Janeiro, político. A baronesa faleceu a 13 de junho de 1897, com a idade de setenta e um anos. Foi sepultada no mesmo cemitério.

Jaguaribe, visconde de: casou em primeiras núpcias com d. Marcolina Ferraz de Campos, filha dos barões de Porto Feliz e em segundas núpcias com d. Clodes Santiago de Alencar, nascida a 1 de novembro de 1824 no Ceará e falecida a 6 de novembro de 1912 em Juiz de Fora, Minas Gerais.

Jaguaripe, barão de: batizado a 14 de janeiro de 1787 na freguesia da Sé, Bahia. Faleceu a 8 de agosto de 1856. Casou em 29 de janeiro de 1815 com d. Maria Delfina da Conceição e Aragão, falecida a 6 de maio de 1854 em Santo Amaro. Era filha do capitão-mor Antônio Joaquim Pires de Carvalho e Albuquerque e de d. Catarina Joaquina dos Anjos e Aragão. Do consórcio houve numerosa descendência.

Jambeiro, barão de: agricultor. Sua fazenda estava localizada no município de Jambeiro, São Paulo. Faleceu a 12 de junho de 1896 na cidade de Taubaté. Casou com d. Balbina da Silva Ramos, falecida a 14 de dezembro de 1924 na mesma cidade. Do consórcio houve uma filha: Etelvina Lopes da Silva Ramos.

Japarutuba, barão de: casou em primeiras núpcias com d. Bernardina do Prado e em segundas núpcias com d. Maria Leite Sampaio. Sua prole foi de nove filhos: José, Maria, Ana, Manuel, João, Joaquim, Zacarias e Domingos, todos de Faro Rolemborg.

Japi, barão de: faleceu na cidade de Jundiaí. A baronesa nascida em 1821 faleceu a 4 de dezembro de 1912 na mesma cidade. Foram seus filhos: Joaquim Benedito de Queiroz Teles, Escolástica de Queiroz Teles e Antônio de Queiroz Teles.

Japurá, barão de: foram seus filhos: Joaquim Miguel Ribeiro Lisboa, Maria Lisboa, Miguel Maria Ribeiro Lisboa e Henrique Carlos Ribeiro Lisboa.

Jarau, barão do: nasceu a 28 de outubro de 1831 em Pelotas, onde faleceu a 12 de abril de 1898. Filho do comen-

dador Joaquim José Assunção e de d. Maria Augusta da Fontoura. Casou com d. Cândida Clara Simões Lopes, falecida a 29 de abril de 1895, filha do comendador João Simões Lopes e de d. Isabel Dorotéia da Fontoura. Foram seus filhos: Joaquim Augusto de Assunção e Ernestina de Assunção.

Jari, barão e visconde de: casou com d. Maria Amália Oliveira Castro que faleceu a 15 de junho de 1906 no Rio de Janeiro e foi sepultada no cemitério de São João Batista.

Jauru, barão de: faleceu a 14 de outubro de 1897, em Dresden, Alemanha.

Javari, 2º barão de: nasceu a 18 de fevereiro de 1841 no Rio de Janeiro e faleceu a 30 de abril de 1899 em Petrópolis. Filho de George John Dodsworth e de d. Maria Leocádia do Nascimento Lobo. Casou com d. Carlota de Toledo, falecida a 2 de julho de 1901, no Rio de Janeiro. Era filha do coronel Joaquim Floriano de Toledo. Foram seus filhos: Georgina, Henrique, Maria Elisa, Paulina, Artur e Franklin, todos de Toledo Dodsworth.

Jequiá, barão de: faleceu a 30 de maio de 1870. A baronesa faleceu a 13 de abril de 1914 no Rio de Janeiro com a idade de setenta e sete anos e foi sepultada no cemitério de São Francisco Xavier.

Jequiriçá, barão de: foi um dos maiores filantropos de sua época e despendeu em obras pias e na construção de um hospital em Valença, Bahia, quantia superior a cem contos de réis.

Jequitinhonha, visconde de: sua mulher faleceu a 24 de maio de 1836 no Rio de Janeiro. Do consórcio houve os filhos: Harmódio, Leônidas, Mariana, Angélica, Artur e Narcisa, todos de Montezuma.

Jerumirim, visconde de: depois de completar o curso de fortificações, artilharia e desenho, foi nomeado para dirigir a defesa dos campos de Ribatejo. Saiu de Lisboa para Inglaterra, em 7 de abril de 1808, onde prestou serviços na corte de Londres e em Cabo Verde. Chegando ao Rio de Janeiro foi encarregado de muitos serviços de engenharia. Sua primeira mulher faleceu em 1812. Era tio do barão de Iguatemi.

Joatinga, barão de: casou com d. Placídia Maria Nogueira de Almeida, nascida a 9 de outubro de 1827 e falecida a 27 de março de 1902.

Juiz de Fora, barão de: nasceu a 27 de dezembro de 1808. Residiu por muitos anos no Engenho do Mato, onde exerceu o cargo de juiz de paz e outros. Em Juiz de Fora foi juiz de paz em 1845 e 1º vice-presidente da Câmara Municipal, quando foi elevada a vila em 1852. Abastado fazendeiro. Contribuiu para a prosperidade de vários estabelecimentos, igreja, e outros; fez doação de terrenos para os cemitérios de Santana do Deserto e Caeté. Filho do coronel Geraldo Ribeiro de Resende e de d. Ismênia Joaquina de Mendonça. Casou em primeiras núpcias com d. Senhorinha Carolina de Miranda e em segundas núpcias com d. Camila Ferreira de Assis, falecida a 25 de abril de 1892 na freguesia de Santana do Deserto. Era irmã do conde de Prados. Sua prole foi de oito filhos, sendo que dois, Geraldo Augusto de Rezende e José Ribeiro de Rezende foram agraciados por d. Pedro II, respectivamente, com os títulos de barão de Retiro e barão de Rio Novo.

Jundiaí, barão de: filho de André Dias. Nasceu a 11 de dezembro de 1825 e faleceu a 11 de novembro de 1889 em seu engenho Nova Noruega, na comarca de Escada, em Pernambuco. Casou com sua prima d. Francisca Dias de Araújo, falecida a 29 de junho de 1889.

Jundiaí, 1º barão, visconde do Rio Seco e marquês de: a 1ª marquesa faleceu a 15 de abril de 1831, a 2ª marquesa faleceu a 20 de junho de 1841, ambas foram sepultadas nas catacumbas da igreja de São Francisco de Paula, no Rio de Janeiro.

Jundiaí, 2ª baronesa de: nasceu a 4 de maio de 1821 e faleceu a 28 de fevereiro de 1906 em São Paulo.

Juquiri, barão de: nasceu a 11 de abril de 1837 em Bragança, província de São Paulo, onde faleceu a 30 de agosto de 1910. Militou na política no regime monárquico, filiado ao partido conservador.

Juruá, barão de: filho de Sebastião José Moreira e de d. Maria José Moreira. Nasceu em 1829 na cidade do Salvador, província da Bahia, onde faleceu a 23 de setembro de 1899.

Negociante em Manaus. Militou na política. No Império foi vice-presidente da província do Amazonas. Na República exerceu o cargo de vice-presidente do estado.

## L

Lacerda Paim, barão de: nasceu a 4 de fevereiro de 1831 no município de Cachoeira, Bahia. Doutor em medicina. Militou na política. Foi deputado à Constituinte da Bahia em 1891 e deputado estadual no mesmo estado. Casou duas vezes, sendo em segundas núpcias com d. Maria Isabel Madureira. Faleceu a 2 de agosto de 1913, em Conceição da Feira.

Ladário, barão do: nasceu a 20 de novembro de 1825 e faleceu a 14 de outubro de 1904. No governo do marechal Floriano Peixoto foi encarregado de uma missão diplomática no Extremo Oriente. Não chegou a desempenhá-la porque, já de viagem, em Paris, recebeu ordem de regressar à pátria. Em 1891 publicou uma contribuição defendendo os direitos do Brasil no litígio das Missões. Foi deputado geral pela província do Amazonas e senador na República. A baronesa faleceu a 11 de dezembro de 1916 com a idade de oitenta e um anos no Rio de Janeiro.

Lajes, 1º barão, 1º conde e marquês de: foi sepultado na igreja da Ordem da Penitência. Casou em primeiras núpcias com d. Sebastiana Marques Portelly, nascida a 27 de junho de 1800 e falecida em 1824 no Rio de Janeiro, sendo sepultada nas catacumbas da igreja de São Francisco de Paula. A marquesa de Lajes foi sepultada no cemitério de Catumbi. Foram seus filhos: Alexandre Vieira de Carvalho, Joaquina Portelly Vieira de Carvalho, João Vieira de Carvalho (conde de Lajes), Ana Vieira de Carvalho, do 1º casamento, Isabel Leonor Vieira de Carvalho, José Vieira de Carvalho e Rita Vieira de Carvalho, do 2º casamento. O inventário dos bens da marquesa se encontra no Arquivo Nacional.

Lajes, 2º barão, visconde e conde de: nasceu em 21 de fevereiro de 1817 e faleceu em Londres. Foi sepultado a 17 de julho de 1877 no cemitério de Catumbi. A condessa faleceu a 21 de agosto de 1913 com a idade de 86 anos, em Petrópolis. Era

filha dos 2<sup>os</sup> viscondes de Macaé. Foram seus filhos: Alexandre Elói, José Carlos, Maria, Sebastião e Luís, todos Vieira de Carvalho.

Lagoa Dourada, barão da: filho do comandante de milícias José Martins e de d. Maria do Sacramento.

Laguna, 1<sup>o</sup> barão e visconde de: suprimir as palavras: ... “membro do Supremo Tribunal Militar”.

Laguna, 2<sup>o</sup> barão da: casou a 19 de setembro de 1836 com d. Leonor Acita de Oliveira, que faleceu a 15 de junho de 1894 no Rio de Janeiro e foi sepultada no cemitério de São Francisco Xavier. O inventário dos bens do barão se encontra no Arquivo Nacional.

Lamare, visconde de: a viscondessa faleceu a 28 de setembro de 1905 no Rio de Janeiro. Era natural do Rio Grande do Sul e filha de Antônio José Fernandes de Lima e de d. Antônia Peres.

Lamim, barão do: nasceu em 1812 na fazenda Boa Vista, distrito de Santo Amaro, município de Queluz, Minas Gerais. Filho do major José Rodrigues Pereira e de d. Maria Inácia de Jesus. Sobrinho do barão de Pouso Alegre (pai do conselheiro Lafayette). Casou em primeiras núpcias com d. Francisca Amélia dos Reis, havendo do consórcio três filhos: Lina, Amélia e Sydnei e em segundas núpcias com d. Cândida Joaquina de São José, sem sucessão. Exerceu diversos cargos públicos: subdelegado de Lamim, juiz de paz e juiz municipal, vereador por diversas vezes à Câmara Municipal de Queluz. Faleceu a 7 de abril de 1889 em Queluz, hoje Conselheiro Lafayette.

Laranjeiras, barão de: nasceu a 12 de maio de 1819 em Sergipe. Faleceu a 20 de janeiro de 1889. Filho do tenente-coronel Luís Francisco Freire e de d. Adriana Francisca Freire. Casou com d. Maria Cândida de Sousa Bastos, falecida a 20 de agosto de 1905. Era filha do capitão Francisco Manuel de Sousa Bastos e de d. Joaquina Perpétua do Amor Divino.

Lavradio, barão de: a baronesa faleceu a 13 de junho de 1896 no Rio de Janeiro e foi sepultada no cemitério de São João Batista.

Lavras, barão de: faleceu a 30 de junho de 1889 no distrito de Nossa Senhora do Carmo da Cachoeira da comarca de Lavras, Minas Gerais. Abastado fazendeiro. Militou na política, sendo chefe do partido conservador no regime monárquico. Exerceu vários cargos de eleição popular e de nomeação do governo. Foi vereador à Câmara Municipal de Lavras, delegado de instrução, suplente de subdelegado de polícia e juiz de paz no aludido distrito. Foram suas filhas: Mariana Clara de Gouveia e Maria Carolina Gouveia.

Leopoldina, 2<sup>o</sup> barão de: casou com d. Francisca de Paula Monteiro de Resende, falecida a 25 de fevereiro de 1892 em sua fazenda Providência.

Lessa, barão de: nasceu a 1 de dezembro de 1844 em Pindamonhangaba. Militou na política, chefiando o partido liberal na mesma cidade. Abastado de bens, auxiliou a reconstrução da igreja Matriz de Pinda, fez importantes donativos à Santa Casa, associações e clubes, mostrando sua apreciação pelas artes e letras. Por ocasião da guerra contra o governo do Paraguai, despendeu várias quantias a favor dos voluntários da pátria. Benemérito e grande protetor da pobreza. Faleceu a 30 de outubro de 1922 na cidade de São Paulo e foi sepultado no cemitério do Santíssimo Sacramento de sua cidade natal no jazigo dos seus pais. A baronesa faleceu na mesma cidade a 25 de novembro de 1916 com a idade de setenta anos. Seu título nobiliárquico é datado de 18 de junho de 1887.

Lima Duarte, visconde de: filho de Joaquim Pedro Vidigal de Barros e de d. Constança Duarte. Foi sepultado no cemitério de Catumbi. Casou com d. Carlota Batista de Lima Duarte, falecida a 18 de novembro de 1906 em Barbacena.

Limeira, barão de: a baronesa faleceu a 24 de maio de 1905 em São Paulo. Sua prole foi de quinze filhos.

Limoeiro, barão do: nasceu a 13 de agosto de 1827 e faleceu a 27 de setembro de 1913 no Recife, sendo sepultado no cemitério público de Santo Amaro. Casou com d. Joana Francisca Gonçalves da Silva, falecida a 12 de março de 1913 e sepultada no mesmo cemitério.

Livramento, barão e visconde do: nasceu em 1824. Faleceu a 5 de agosto de 1884, em Lisboa. Possuidor de bens de fortuna. Benfeitor. Hospedou d. Pedro II e a imperatriz. Foi cônsul da Áustria e Hungria no Recife. Casou com d. Maria Moreira de Araújo Livramento, falecida a 5 de novembro de 1912 no Recife, com a idade de oitenta e seis anos.

Lorena, barão de: faleceu a 7 de junho de 1878, com a idade de 65 anos. A baronesa faleceu a 21 de outubro de 1864, no Rio de Janeiro, com a idade de 38 anos. Foram seus filhos: Maria Ricardina Ribeiro de Resende, Teresa Ricardina Ribeiro de Resende, Carolina Ricardina de Resende, Francisca Ricardina de Resende, Estevão Ribeiro de Resende e Ricardina Ribeiro de Resende. Os inventários do barão e da baronesa se encontram no Arquivo Nacional.

Loreto, barão do: a baronesa faleceu a 15 de agosto de 1931 no Rio de Janeiro e foi sepultada no cemitério de São João Batista. Era neta do visconde de Monserrate.

Louriçal, barão de: filho de José Luís de Sousa Breves e de d. Amélia Augusta de Sousa Breves. Agricultor. Faleceu a 27 de dezembro de 1894, em sua fazenda dos Alpes, município de Mar de Espanha, Minas Gerais.

Lucena, barão de: a baronesa faleceu a 7 de julho de 1927 no Rio de Janeiro, com a idade de oitenta e quatro anos e foi sepultada no cemitério de São João Batista.

## M

Macabu, barão de: fazendeiro. Faleceu a 14 de março de 1908, com a idade de oitenta e três anos, no município de Santa Maria Madalena, estado do Rio de Janeiro.

Macaé, barão e 1º visconde de: filho do capitão Manuel Velho da Silva e de d. Leonarda Maria Velho da Silva. Abastado negociante e capitalista. Tenente-coronel de milícias. Foi vereador ao Senado da Câmara do Rio de Janeiro.

Macaé, 2º visconde de: a viscondessa faleceu a 6 de dezembro de 1882 no Rio de Janeiro, sendo sepultada no cemitério de Catumbi. Foram seus filhos: José Carlos Pereira de Almeida Torres, Maria Caetana Eudóxia de Almeida Torres (condessa de Lajes) e Paulo José Pereira de Almeida Torres.

Macaúbas, barão de: casou com d. Francisca Antônia de Wanderley. Falecida a 7 de dezembro de 1903 no Rio de Janeiro. Filha de Joaquim José Pinto e de d. Ana Francisca Wanderley. Foram seus filhos: Mafalda Borges, Ana Corina, Abílio César Borges Júnior, João Abílio Borges, Joaquim Abílio Borges e Miguel Abílio Borges. O inventário dos seus bens se encontra no Arquivo Nacional.

Maceió, barão de: a baronesa faleceu a 18 de maio de 1901, no Rio de Janeiro, e foi sepultada no Cemitério de Catumbi. O inventário de seus bens se encontra no Arquivo Nacional.

Maceió, visconde e marquês de: faleceu a 4 de agosto de 1834.

Maciel, barão de: exerceu muitas vezes cargos de eleição popular no município de Baependi, Minas Gerais. Faleceu a 16 de julho de 1900 na fazenda Roseta, em Caxambu. Agricultor. A baronesa faleceu a 5 de maio de 1906 em Três Corações. Foram seus filhos: Gustavo Maciel, Teófilo Maciel, Adelaide Maciel, Augusto Maciel, Manuel Maciel, Maria da Conceição Maciel e Luís Maciel.

Magé, visconde de: nasceu a 26 de julho de 1787. Casou com d. Maria Eulália de Lima e Silva, nascida a 12 de fevereiro de 1809 e falecida a 11 de fevereiro de 1852, antes que seu marido fosse agraciado com o título de visconde. Era filha de Faustino Maria de Lima e Fonseca Gutierrez e de d. Joaquina Maria da Fonseca Costa. Do consórcio houve uma filha, Maria Amália de Lima e Silva, casada com o general Frederico Cavalcanti de Albuquerque, filho do barão de Pirapama.

Maia Monteiro, barão de: faleceu a 20 de maio de 1933, em Petrópolis. Casou com d. Maria Elisa Pinto de Miranda Montenegro, nascida a 24 de dezembro de 1865, em Campos. Filha de Aires Pinto de Miranda Montenegro e de d. Antônia Carolina de Castro Neto Cruz.

Mamanguape, barão de: faleceu a 26 de agosto de 1900 no estado da Paraíba.

Mambucaba, barão de: filho de Francisco Luís Gomes e de d. Ana Margarida de Jesus. Adiantado fazendeiro no município de Piraí, província do Rio de Janeiro, onde faleceu a 30 de janeiro de 1855, com a idade de 63 anos. Casou duas vezes,

sendo a segunda vez com d. Maria Rosa da Silva, filha do capitão José Tomás da Silva e de d. Rosa Maria da Conceição. Sua prole foi de 16 filhos.

Mamoré, barão de: faleceu em Trajano de Moraes, Estado do Rio de Janeiro. A baronesa faleceu a 17 de junho de 1889 no Rio de Janeiro. O barão foi aposentado em 1867 com honras de desembargador.

Manaus, barão de: nasceu a 14 de novembro de 1838. Faleceu a 26 de outubro de 1906. Na qualidade de vice-presidente da província do Pará, exerceu a Presidência de 1885 a 1887.

Mangaratiba, barão de: nasceu em 1786 em Parati. Filho de José Pereira da Fonseca Miranda e de d. Maria da Conceição. Instalou-se na vila de São João do Príncipe, depois São João Marcos, onde residiu durante cinquenta anos. Era dono da fazenda Santo Antônio do Bálamo. Além de propriedades na vila, tinha vastos armazéns em Mangaratiba, para depósito de café, transportado por via marítima para o porto do Rio de Janeiro. Foi tabelião, escrivão da Câmara Municipal da vila, vereador de 1835 a 1841, mesário e provedor da Irmandade do Santíssimo Sacramento da Matriz de São João Marcos. Casou com d. Clara Rosa de Oliveira, falecida a 26 de abril de 1868, em São João do Príncipe. Sua prole foi de nove filhos. Um dos seus filhos, o engenheiro Francisco Pereira Passos, foi prefeito do Distrito Federal, havendo muito concorrido para a transformação da cidade do Rio de Janeiro. Os barões de Mangaratiba foram sepultados na igreja de Nossa Senhora do Rosário em São João Marcos. Mais tarde, seus restos mortais foram transladados para a suntuosa capela construída em 1915 no cemitério de São Francisco Xavier, no Rio de Janeiro.

Maracaju, visconde de: faleceu a 19 de fevereiro de 1909 no Rio de Janeiro. Casou com d. Maria Faustina dos Passos, falecida em 1906. Seu filho, dr. Enéias Galvão, foi ministro do Supremo Tribunal Federal.

Maracanã, barão de: seu título com grandeza é datado de 17 de abril de 1875.

Marajó, barão de: faleceu a 25 de novembro de 1906 em Lisboa. Por ocasião do centenário do seu nascimento a 12 de abril de 1932, o Instituto Histórico do Pará promoveu várias

solenidades e a prefeitura municipal de Belém mandou colocar uma placa de mármore comemorativa na casa onde nasceu.

Maranguape, visconde de: foi sepultado no cemitério de São João Batista. Sua mãe chamava-se Ana Bernarda de Sacramento Lopes Gama. O inventário dos seus bens se encontra no Arquivo Nacional.

Marepi, barão de: casou com d. Joaquina Delfina de Sá e Albuquerque. Do consórcio houve um filho, Estevão Cavalcanti de Albuquerque Júnior, nascido a 27 de setembro de 1834 em Pernambuco. Matriculou-se na faculdade de medicina da Bahia em 1852, cursou até o 4º ano e foi transferido para a escola do Rio de Janeiro, onde concluiu o curso, colando grau de doutor em 9 de dezembro de 1856.

Maria Rosa, baronesa de: filha de José de Macedo Cruz e de d. Francisca Angélica de Moura. Casou com o capitão Patrício José da Silva Moura. Protetora da pobreza, com elevado espírito de caridade fundou o asilo de órfãos da cidade de Barbacena. Faleceu a 1 de setembro de 1891 na mesma cidade. Era irmã da baronesa de Cataguazes.

Maricá, marquês de: sua filha Luisa Fonseca foi casada com o senador d. Manuel de Assis Mascarenhas, filho do marquês de São João da Palma.

Maruim, barão de: nasceu a 18 de setembro de 1808. Faleceu no Rio de Janeiro e foi sepultado no cemitério de Catumbi. Filho de Teotônio Correia Dantas e de d. Clara Angélica de Menezes. Casou em primeiras núpcias com d. Maria José de Faro Leitão, falecida a 14 de dezembro de 1859 e em segundas núpcias com d. Valentina Soares de Sousa. Falecida a 25 de julho de 1880 e sepultada no referido cemitério. Era filha do dr. José Antônio Soares de Sousa e de d. Antônia Madalena Soares de Sousa e irmã do visconde de Uruguai.

Massambará, barão de: nasceu em 1822. Faleceu a 31 de agosto de 1898 e foi sepultado no cemitério de Catumbi. Sua primeira mulher faleceu a 5 de junho de 1868. Casou em segundas núpcias com d. Maria Luisa de Azevedo Carvalho, falecida a 21 de outubro de 1912, no Rio de Janeiro, com sessenta e nove anos de idade.

Mataripe, barão de: nasceu a 5 de setembro de 1844 e faleceu a 28 de julho de 1922 no município de Santo Amaro,

Bahia. Filho do comendador Egas Moniz Barreto de Aragão e de d. Maria Luisa Gabe de Massarelas. Casou com d. Teresa Maria Pires de Carvalho e Albuquerque, nascida a 25 de julho de 1848 e falecida a 13 de dezembro de 1913, no referido município.

Matoim, barão de: nasceu a 30 de dezembro de 1804. Faleceu a 7 de janeiro de 1886 em seu engenho Pitingá. Filho do 1º barão de São Francisco. Formado em direito; foi secretário da legação do Brasil em Paris. Casou com d. Emília Augusta Ferrão Moniz de Aragão, nascida em 1811 e falecida a 23 de maio de 1861, na capital da província da Bahia.

Matos Vieira, barão de: filho de Domingos de Matos Vieira e de d. Emília de Matos Vieira. Faleceu a 28 de março de 1908 em Lisboa. Seus restos mortais foram trasladados para o cemitério Père Lachaise em Paris. Casou com d. Ana Guilhermina de Matos Vieira, falecida a 9 de janeiro de 1943 no Rio de Janeiro, com a idade de 64 anos, sendo sepultada no cemitério de São João Batista.

Mauá, barão e visconde de: foi sepultado no Rio de Janeiro, no cemitério de Catumbi. Em 30 de abril de 1910 foi inaugurada na Praça Mauá a estátua desse titular, homenagem do Clube de Engenharia, artístico trabalho de Rodolfo Bernardelli.

Mearim, barão de: nasceu na vila de Alcântara, em 1775, no Maranhão, e faleceu a 11 de março de 1855. Filho de Teodoro Correia de Azevedo Coutinho e de d. Ana de Araújo. Assentou praça na 1ª companhia do terço de infantaria da mesma vila. Promovido aos postos superiores até coronel, em decreto de 24 de junho de 1820. Em 1844 foi reformado no posto de brigadeiro. Tempo de serviço: 45 anos, dois meses e dez dias. Em 12 de janeiro de 1842 foi nomeado presidente da província do Maranhão. Casou com d. Maria Rita Joaquina de Araújo.

Mecejana, barão e visconde de: faleceu nos primeiros dias de janeiro de 1892, em Paris.

Melo e Oliveira, barão de: nasceu a 25 de fevereiro de 1837 em Campinas e faleceu a 8 de março de 1901, na cidade de São Paulo. A baronesa nasceu a 25 de fevereiro de 1849 em Santos e faleceu a 17 de maio de 1900, na referida cidade de São Paulo. Foram seus filhos: Constança de Oliveira, João Batista

Barbosa de Oliveira, Maria do Carmo Oliveira, Georgina de Oliveira e Otília de Oliveira.

Mendes Tota, barão de: filho do coronel João Antônio de Mendes Tota. Nasceu a 7 de novembro de 1834 no Rio Grande do Sul. Faleceu a 28 de dezembro de 1922 e foi sepultado no cemitério municipal de Petrópolis. Foi cônsul do Brasil em Assunção e encarregado de negócios no Paraguai; comerciante no Rio de Janeiro; presidente da Companhia Nacional de Navegação e do Loide Brasileiro; membro do Conselho Fiscal do Banco do Brasil; tesoureiro da Câmara Municipal de Petrópolis; agente do correio desta última cidade no período de 1913-1922. Cavaleiro das Ordens de Cristo do Brasil e de Portugal. Casou com d. Flora Mendes Tota, nascida em 1846 e falecida a 29 de junho de 1900 em Petrópolis.

Menezes, barão de: casou com d. Maria Jacinta Barbosa, falecida a 3 de julho de 1901, no Rio de Janeiro, sendo sepultada no cemitério da Ordem do Carmo. Era filha do 1º barão de Santa Justa.

Mercês, barão das: faleceu a 5 de novembro de 1883 com a idade de 74 anos. Casou em primeiras núpcias com dona Caetana Gomes da Costa e em segundas núpcias com d. Maria Felismina da Costa.

Meriti, barão e visconde de: filho de Domingos Lopes Pereira Bahia e de d. Ana Margarida da Silva. Foi sepultado no cemitério de Catumbi. Casou em primeiras núpcias com dona Maria Margarida da Rocha, falecida em 1824 no Rio de Janeiro e sepultada nas catacumbas da igreja de São Francisco de Paula. Era filha do 1º barão de Itamarati. Em segundas núpcias com d. Mariana Carolina do Espírito Santo, que faleceu a 31 de agosto de 1847 e sepultada nas referidas catacumbas. Era filha de José Maria da Silva e de d. Maria Joaquina dos Reis Gama. Foram seus filhos: Maria Carolina da Piedade Pereira Bahia, José Lopes Pereira Bahia, Antônio Lopes Pereira Bahia, Ana Lopes Pereira Bahia e Manuel Lopes Pereira Bahia.

Mesquita, 1º barão, visconde e conde de: casou com d. Elisa Maria de Amorim, falecida a 3 de março de 1866 no Rio de Janeiro, com a idade de 31 anos e foi sepultada no cemitério da Ordem do Carmo.

Mesquita, 2º barão de: faleceu a 1 de abril de 1927 com a idade de setenta e um anos. Casou com d. Elisa Zenha de Mesquita, falecida a 27 de outubro de 1938 e sepultada no cemitério de Catumbi. Era filha do barão de Salgado Zenha. Foram suas filhas: Elisa de Mesquita e Hercília de Mesquita.

Minas Novas, barão de: agricultor no município de Araçuaí, província de Minas Gerais. Comandante superior da Guarda Nacional do município de Minas Novas por patente de 25 de maio de 1867. Faleceu a 16 de julho de 1886, em sua fazenda Gravatá, no primeiro dos referidos municípios.

Mipibu, barão de: nasceu a 9 de maio de 1799 e faleceu a 14 de junho de 1881. Filho de José da Silva Leite e de d. Josefa Ribeiro Dantas. Casou com d. Maria Ribeiro Dantas, filha de Antônio Bento Viana e de d. Joaquina Ribeiro Dantas.

Miracema, barão de: filho de Bento Benedito de Almeida Batista e de d. Maria Carolina Batista. Nasceu a 22 de outubro de 1839 e faleceu a 29 de fevereiro de 1924. Médico, militou na política. Foi deputado à Câmara Federal e senador de 1906 a 1929. Casou com d. Maria Sara de Almeida Batista.

Miranda, barão de: nasceu a 17 de julho de 1839 e faleceu a 26 de maio de 1901, em Campos. Filho das primeiras núpcias do barão de São José. Fazendeiro; casou em primeiras núpcias com d. Maria Elisa Batista, falecida a 11 de agosto de 1894, no Rio de Janeiro, e sepultada no cemitério de São Francisco Xavier e, em segundas núpcias, com d. Cândida Paiva Monteiro. Foram seus filhos do segundo casamento: Júlia, Cândida, Cimodoce e José Júlio, todos de Miranda e Silva.

Miranda Reis, barão de: faleceu a 1 de janeiro de 1903. Casou com d. Maria José da Silva Reis, falecida a 9 de outubro de 1902, em São Paulo.

Mirandela, visconde de: faleceu a 2 de junho de 1840 no Rio de Janeiro e foi sepultado nas catacumbas da igreja de São Francisco de Paula.

Mogi Guaçu, barão de: casou em primeiras núpcias com d. Maria Leopoldina de Silos. A segunda mulher faleceu a 21 de março de 1891 na cidade de Casa Branca, estado de São Paulo.

Mogi Mirim, barão de: a baronesa faleceu a 11 de abril de 1886 no Rio de Janeiro com a idade de 90 anos.

Monção, barão de: faleceu a 17 de maio de 1894 no estado do Maranhão.

Monjardim, barão de: Alfeu Adelfo Monjardim de Andrade. Nasceu a 20 de abril de 1836 e faleceu a 6 de junho de 1924. Filho do coronel José Francisco Andrade de Almeida Monjardim e de d. Ana Francisca de Paula Monjardim. Inspetor da alfândega, aposentado em 1881. Deputado provincial em várias legislaturas, exerceu a presidência da província do Espírito Santo, sendo seu primeiro presidente no regime republicano, deputado federal. Cavaleiro das Ordens de Cristo, Rosa e Cruzeiro. Teve numerosa descendência.

Moniz de Aragão, barão de: nasceu a 1 de outubro de 1841 no município de São Francisco, Bahia. Filho do comendador Egas Moniz Barreto de Aragão e de d. Maria Luisa Gabe de Massarelos. Formado em direito na Alemanha. Adido às legações do Brasil em Londres e Berlim, secretário das legações em Paris e Roma. Presidente da Câmara Municipal da vila de São Francisco, quando foi proclamada a República. Casou com dona Maria Francisca Calmon Nogueira da Gama, filha do visconde de Nogueira da Gama. Foram seus filhos: Nicolau Moniz Barreto de Aragão, Maria Romana Moniz de Aragão, Maria Epifânia Moniz de Aragão, Antônio Moniz Barreto de Aragão, João Moniz Barreto de Aragão, Egas Moniz Barreto de Aragão, Maria Angélica Moniz de Aragão, Augusto Moniz Barreto de Aragão e Francisco Moniz Barreto de Aragão.

Monserrate, barão e visconde de: faleceu a 27 de agosto de 1884 no Rio de Janeiro e foi sepultado no cemitério de São João Batista. Foi reconduzido por duas vezes, em 1860 e 1863, ao cargo de presidente do Supremo Tribunal de Justiça, do qual pediu demissão em fevereiro de 1864. Foi aposentado em 15 de junho de 1878. Não foi senador pela província da Bahia. Sua filha, Amanda Pinheiro, nascida a 3 de setembro de 1828 e falecida a 20 de novembro de 1873, em Nova Friburgo, província do Rio de Janeiro, foi casada com João Lustosa da Cunha Paranaguá, mais tarde 2º visconde e 2º marquês de Paranaguá, falecido a 9 de fevereiro de 1912, no Rio de Janeiro.

Monte Alto, barão de: faleceu a 31 de março de 1902 no distrito de Morro Alto, município de Palma, estado de Minas Gerais.

Monte Belo, barão de: faleceu a 23 de junho de 1888.

Monte Carmelo, barão de: nasceu em 1827 e faleceu a 21 de abril de 1897, em São Paulo. Filho de Antônio José Dias Batista e de d. Maria do Nascimento Teixeira. Abastado fazendeiro no Paraná, deixou fortuna avaliada em 2.340:000\$000. Casou com d. Ana Luisa da Silva Batista, nascida a 24 de agosto de 1836 e falecida a 3 de maio de 1903 em Sorocaba, sendo sepultada em São Paulo. Era natural do Paraná.

Monte do Cedro, barão de: faleceu a 2 de agosto de 1882 no Rio de Janeiro. Casou em primeiras núpcias com d. Ana Francisca de Castro, falecida a 6 de março de 1865 com 18 anos de idade, era filha do comendador Julião Ribeiro de Castro. A segunda mulher faleceu a 5 de fevereiro de 1921 em Petrópolis, onde foi sepultada.

Monteiro de Barros, barão de: nasceu a 20 de fevereiro na cidade de Piraí, província do Rio de Janeiro. Faleceu a 31 de agosto de 1896 em São Paulo do Muriaé, Minas Gerais, e foi sepultado no cemitério do distrito do Bom Jesus da Cachoeira Alegre. Filho do coronel Júlio César Miranda Monteiro de Barros e de d. Emiliana de Sousa Breves. Casou com d. Maria do Couto, falecida a 23 de setembro de 1934 no Rio de Janeiro, com a idade de 79 anos e sepultada no cemitério de São João Batista. Do consórcio houve numerosa descendência.

Monte Mário, barão e visconde de: nasceu em 1827 e faleceu a 27 de maio de 1905 na cidade de Juiz de Fora. Casou com d. Belarmina Augusta Teixeira de Andrade.

Monte Mor, barão de: nasceu a 6 de março de 1815. Abastado fazendeiro. Benemérito. Construiu em Campinas a igreja de Nossa Senhora da Boa Morte, anexa à Santa Casa da Misericórdia. Era irmão do barão de Porto Feliz. Casou em 9 de abril de 1839. A baronesa faleceu a 1 de setembro de 1880 com a idade de 61 anos.

Monte Santo, 1º barão de: sendo desembargador, foi aposentado com honras de ministro do Supremo Tribunal de Justiça.

Monte Santo, 2º barão de: faleceu a 22 de dezembro de 1880 em seu engenho Pitanga, no município de Mata de São João, Bahia. Casou com d. Jerônima Joaquina dos Reis Meireles,

falecida a 18 de março de 1914 na cidade do Salvador, com 83 anos de idade.

Monte Santo, 3º barão de: abastado fazendeiro. Foi vereador à Câmara Municipal de Casa Branca de 1852 a 1856, e de 1860 a 1864 na qualidade de representante da freguesia de São Sebastião da Boa Vista, hoje cidade de Mococa, São Paulo. A baronesa nasceu a 18 de agosto de 1828, era filha de Joaquim Garcia de Figueiredo e de d. Jacinta Carolina dos Reis. Foram seus filhos: Maria Cândida de Figueiredo, Ana Jacinta de Figueiredo, Carolina Emília de Figueiredo, Maria Constança Garcia de Figueiredo, Joaquim Silvério de Figueiredo, José Gabriel de Figueiredo e Maria Pia Garcia de Figueiredo.

Monte Verde, baronesa e viscondessa de: faleceu a 26 de maio de 1868 e foi sepultada na matriz de Rio Preto, Minas Gerais. Casou com o comendador Francisco Teresiano Fortes, filho de Francisco Dionísio Fortes, natural de São João d'El Rei. A viscondessa herdou de seu marido valiosa propriedade agrícola na região do Vale do Rio Preto, onde faleceu. Seu irmão foi o 2º barão de Santa Clara. Era natural de São João d'El Rei e filha do dr. Luís de Bustamante Sá e neta de d. Rita Vitória de Bustamante e Sá, abastada fazendeira, respeitável matrona, que foi o tronco da família Fortes.

Monte Verde, barão de: natural de Pouso Alto, Minas Gerais. Faleceu a 15 de dezembro de 1890 no Rio de Janeiro. Filho de d. Francisca Nunes da Conceição. A baronesa faleceu a 1 de maio de 1895, em Jundiaí, São Paulo.

Montes Claros, barão de: faleceu a 25 de dezembro de 1888. A baronesa faleceu a 8 de novembro de 1912, com a idade de 86 anos, no distrito de Bonfim do município de Palmira, Minas Gerais. Sem descendentes, legou parte de sua fortuna aos ex-escravos que nunca a abandonaram.

Moreira Lima, barão, visconde e conde de: faleceu a 2 de julho de 1926. Toda sua vida foi dedicada ao bem. Grande caritativo, amparou sempre os necessitados. Em 18 de outubro de 1886, hospedou em sua residência SS. MM. o Imperador e a Imperatriz. Seus títulos nobiliárquicos têm as seguintes datas: barão – 28 de abril de 1883; visconde – 1 de março de 1884; conde – 7 de março de 1887. A condessa faleceu a 6 de agosto de 1895, no Rio de Janeiro, e foi sepultada em Lorena, no santuário de São Benedito.

Morenos, barão de: nasceu a 11 de junho de 1808 e faleceu a 18 de outubro de 1883. Em 18 de dezembro de 1859, hospedou no engenho Morenos o imperador d. Pedro II e sua comitiva. Sua segunda mulher, nascida a 29 de julho de 1839, faleceu a 28 de março de 1900. Foram seus filhos: Antônio de Sousa Leão Filho, Rita Clara de Sousa Leão, Maria Cândida de Sousa Leão, Inês Amélia de Sousa Leão, Joaquim de Sousa Leão, André de Sousa Leão e Luísa de Sousa Leão.

Mossoró, barão e visconde de: faleceu na cidade de Taubaté. A viscondessa, nascida a 11 de agosto de 1839, faleceu a 21 de outubro de 1925. Foram seus filhos: José Félix Monteiro, José Getúlio Monteiro, José Alfredo Monteiro, José Evaristo Monteiro e José Aristides Monteiro.

Mota Maia, barão, visconde e conde de: seus restos mortais foram trasladados para o jazigo da família no cemitério de Petrópolis. A condessa faleceu a 22 de fevereiro de 1928 na referida cidade, onde foi sepultada. Foram seus filhos: Manuel Augusto, Maria Isabel, Oscar Cláudio, Amélia, Amanda e José, todos Velho da Mota Maia.

Mucuri, barão de: nasceu a 15 de setembro de 1811 na vila de Belmonte, comarca de Porto Seguro, capitania da Bahia. Faleceu a 14 de abril de 1890, em Niterói, e foi sepultado no cemitério de Maruí. Em 26 de novembro de 1896, seus restos mortais foram trasladados para o jazigo de família na cidade do Salvador. Filho do capitão-mor Caetano Vicente de Almeida e de d. Luísa Clara Joaquina Barbosa de Almeida. Casou duas vezes, a segunda vez com d. Luisa Antônia Sampaio de Almeida, falecida a 25 de outubro de 1908 no Rio de Janeiro, com a idade de 83 anos, sendo sepultada no cemitério de São João Batista. Foram seus filhos: Caetano Silvestre Barbosa de Almeida e Luís Barbosa de Almeida.

Muriaé, barão de: O título nobiliárquico é datado de 15 de abril de 1847. Sua mulher, depois de viúva, foi elevada a viscondessa e faleceu a 28 de outubro de 1881 com a idade de 83 anos. Foram seus filhos: Maria Antônia, Ana Joaquina, Francisca, Raquel, Maria, Jerônimo, Manuel e Antônio, todos Neto da Cruz.

Muribeca, barão de: Faleceu a 28 de janeiro de 1894. Foi casado com uma irmã do conde da Boa Vista.

Murici, barão de: filho do tenente-coronel José de Mendonça de Matos Alarcão Ayalla e de d. Felicidade Perpétua de Mendonça. Nasceu a 19 de outubro de 1835 em Camaragibe, município de Alagoas. Juiz substituto em Passo de Camaragibe e deputado provincial de Alagoas na 14ª legislatura (1862-1863). Dedicou-se à agricultura em seu engenho Bom Jesus, onde faleceu a 14 de dezembro de 1894, sendo sepultado na igreja do Senhor Bom Jesus, na matriz de Camaragibe. Casou em primeiras núpcias com d. Amélia Buarque, em segundas núpcias com d. Júlia de Mendonça, em terceiras núpcias com d. Maria Luisa de Albuquerque Sarmento, em quartas núpcias com d. Felicidade Perpétua Moreira de Mendonça, nascida a 17 de abril de 1866 e falecida a 22 de abril de 1933. Houve descendência de seis filhos do 3º e 4º casamentos.

Muritiba, barão, visconde e marquês de: nasceu na vila da Cachoeira, capitania da Bahia.

Muritiba, 2º barão de: faleceu a 5 de agosto de 1922, a bordo do vapor *Bagé*, em águas do estado do Espírito Santo, quando regressava da Europa. A baronesa, nascida a 7 de agosto de 1851, faleceu em Petrópolis. Os barões de Muritiba acompanharam no exílio a família imperial. A baronesa desfez-se de suas jóias para auxiliar a conclusão do mausoléu de d. Pedro II e de d. Teresa Cristina na catedral de Petrópolis.

## N

Nacar, barão e visconde de: nasceu em Paranaguá, Paraná, então pertencente à capitania de S. Paulo. Sua prole foi de quatorze filhos, dez do primeiro casamento e quatro do segundo casamento. Em 1880 hospedou d. Pedro II em seu palácio na cidade de Paranaguá.

Nagé, barão de: casou com d. Carolina da Natividade Tosta.

Nazaré, visconde e marquês de: a marquesa faleceu a 21 de agosto de 1840 no Rio de Janeiro e foi sepultada nas catacumbas da igreja de São Francisco de Paula. O inventário dos seus bens se encontra no Arquivo Nacional.

Nazaré, barão de: era senador ao Congresso Legislativo de Pernambuco quando faleceu a 1 de julho de 1903 e foi

sepultado no cemitério de Santo Amaro, no Recife. Casou em primeiras núpcias com d. Senhorinha Ramos e em segundas núpcias com d. Antônia Amélia da Cunha Barros.

Nioac, 1º barão, visconde e conde de: seu corpo, trasladado da França para o Rio de Janeiro, foi sepultado a 22 de agosto de 1895 no cemitério de Catumbi. A viscondessa faleceu a 14 de julho de 1885, sendo sepultada no mesmo cemitério. Foram seus filhos: Alfredo da Rocha Faria de Nioac (barão de Nioac), Cecília Nioac de Sousa, Alberto da Rocha Faria de Nioac e Amélia da Rocha Faria de Nioac.

Nioac, 2º barão de: faleceu a 5 de janeiro de 1942, com a idade de 82 anos, em Monte Carlo, Europa. A baronesa faleceu a 24 de novembro de 1943, com a idade de 77 anos, na mesma cidade. Foram seus filhos: Eduardo de Nioac, Gastão de Nioac e Roberto de Nioac.

Niterói, visconde de: faleceu a 14 de junho de 1884. Casou com d. Ana Matilde da Costa, falecida a 24 de setembro de 1879. A biografia deste titular está publicada no *Jornal do Comércio*, do Rio de Janeiro, de 19 de janeiro de 1947.

Nogueira da Gama, barão e visconde de: sua mulher, nascida a 30 de setembro de 1818, faleceu a 26 de fevereiro de 1885, em Petrópolis. Era baronesa de Nogueira da Gama. Foram seus filhos: José Calmon Nogueira Vale da Gama, Maria Francisca Nogueira da Gama (baronesa Moniz de Aragão) e Francisca Calmon Nogueira Vale da Gama.

Nonoai, barão de: nasceu em 1830, faleceu a 12 de julho de 1897, em Porto Alegre. Filho do coronel Joaquim Pereira Proença de Almeida e de d. Francisca de Almeida. Casou com d. Amélia Martins França, filha do comendador Salvador Martins França e de d. Querubina do Espírito Santo de Resende. Agricultor. Foram seus filhos: Dulce Pereira de Nonoai, Pelágio Pereira de Almeida, Nelsinda Pereira de Nonoai, João Batista Pereira de Nonoai, Ulisses de Nonoai e Heitor Pereira de Nonoai.

Novais, barão de: faleceu a 20 de julho de 1915.

Nova Friburgo, 2º barão, visconde e conde de: a condessa faleceu a 18 de julho de 1939, no Rio de Janeiro. Foram seus filhos: Braz, Renato, Laura, Célia, Renato (2º) e Ada, todos de Nova Friburgo.



HONÓRIO HERMETO CARNEIRO LEÃO

*Marquês de Paraná*

(Esculpido segundo modelo de José Honorato de Lima, em 1856).

Depositado no Museu Imperial por seu descendente, dr. H. C.

Leão Teixeira Filho.



O

Olinda, visconde e marquês de: a marquesa era filha do dr. José Bernardo de Figueiredo, ministro do Supremo Tribunal de Justiça. Foram seus filhos: Pedro de Araújo Lima e Luisa Bambina Lima de Araújo (viscondessa de Pirassinunga).

Oliveira, barão e visconde de: nasceu a 23 de agosto de 1838, faleceu a 20 de dezembro de 1920 e foi sepultado na capela do engenho Jacu, município de Santo Amaro, Bahia. Filho dos condes de Sergimirim. Abastado agricultor, proprietário de vários engenhos de açúcar. Intendente municipal de Santo Amaro e diretor geral dos índios da província da Bahia. Casou com sua prima, d. Maria Rita Lopes, nascida a 12 de agosto de 1843 e falecida a 9 de julho de 1873, sendo baronesa de Oliveira. Foram seus filhos: João Francisco, Bento Simões, Rosa, Antônio e Artur, todos da Costa Pinto.

Oliveira Castro, barão de: a baronesa faleceu a 2 de abril de 1942 em Nice. Sua prole foi de dezoito filhos. O inventário de seus bens se encontra no Arquivo Nacional.

Oliveira Roxo, barão de: filho do barão da Vargem Alegre e de d. Joaquina Clara de Moraes. Faleceu a 22 de julho de 1922, no Rio de Janeiro e foi sepultado no cemitério de São João Batista. Casou com d. Joaquina Clara Carneiro Leão, falecida a 4 de agosto de 1945, no Rio de Janeiro, com a idade de 84 anos, sendo sepultada no referido cemitério. Era filha dos barões de Santa Maria.

Ourem, barão e visconde de: casou com uma enteada do grande maestro Francisco Manuel, falecida a 16 de dezembro de 1883.

Ouricuri, barão de: filho de Antônio José de Oliveira e de d. Antônia Maria Moreira. Casou com d. Mariana Bernarda de Almada. Sua prole foi de onze filhos, sendo o de nome Felisberto agraciado por d. Pedro II com o título de barão de Cruangi.

Ouro Branco, barão de: a baronesa faleceu a 9 de julho de 1885 no Rio de Janeiro e foi sepultada no cemitério de São João Batista.

Ouro Preto, visconde de: nasceu a 21 de fevereiro de 1836. Tavares de Lira, tratando deste titular, declara: Orador,

publicista, parlamentar, ministro, conselheiro de Estado, professor e jurisconsulto, deixou por toda parte onde exercera sua atividade, a lembrança de seus feitos, a marca de seus talentos, a tradição de seus méritos, que culminaram na compostura e dignidade com que soube cair: de pé e com honra.

P

Pacheco, barão de: a baronesa, nascida a 24 de novembro de 1816, faleceu a 21 de fevereiro de 1894, no Rio de Janeiro.

Pajeú, barão de: Faleceu a 20 de janeiro de 1902 no município de Vila Velha, Pernambuco. Tendo sido constituído autônomo o mesmo município, foi o barão eleito em 1893 prefeito no primeiro governo administrativo local.

Palma, barão de: filho de José de Freitas Paranhos e de d. Joaquina Rosa de Freitas. Nasceu em 1811, faleceu a 12 de outubro de 1889, na capital da Bahia. Casou com d. Maria da Conceição Moniz Paranhos, falecida a 19 de março de 1901 na mesma capital. Era filha do capitão Francisco José Paranhos e de d. Ricarda Perpétua dos Santos Lopes.

Palmares, barão de: a baronesa faleceu a 15 de janeiro de 1892.

Palmeira, barão e visconde de: nasceu a 25 de julho de 1805. A viscondessa, Antônia Bicudo Salgado, faleceu a 20 de março de 1899. Foram seus filhos: Maria Francisca Salgado, Eugênia Salgado, Antônia Marcondes Salgado (baronesa de Lessa) e João Antônio Salgado da Silva.

Palmeiras, 1º barão de: nasceu na freguesia do Pilar do Iguaçú, faleceu a 11 de maio de 1858 em sua fazenda das Palmeiras, termo do município de Iguaçú. Consta dos autos do inventário de seus bens que o total do monte importou em réis 927:252\$265, uma das maiores fortunas da época. Sua mulher faleceu a 21 de abril de 1821, em Pati. Foram seus filhos: Francisca Luísa de Jesus, Teresa de Jesus Maria, Inácio e Luís (gêmeos) Francisco e Maria José de Jesus.

Palmeiras, 2º barão de: nasceu a 19 de setembro de 1846 e faleceu a 15 de setembro de 1926.

Paquetá, barão de: nasceu a 15 de abril de 1799, faleceu a 22 de dezembro de 1878, no Rio de Janeiro, sendo sepultado no cemitério de Catumbi. A baronesa faleceu a 1 de abril de 1886 e foi sepultada no mesmo cemitério. Foram seus filhos: Maria Clara, Amélia, Henrique José da Silva, Tancredo José da Silva e Emília, todos Quintanilha.

Paraguaçu, 1º barão de: filho de Antônio Moniz de Sousa Barreto de Aragão e Menezes e de d. Luísa Francisca Zeferina Coelho Ferreira. Nasceu a 2 de setembro de 1789 no município de São Francisco. Bahia. Casou com d. Teresa Clara do Nascimento Viana, nascida a 24 de dezembro de 1796 e falecida a 13 de março de 1882. Era filha dos primeiros barões do Rio das Contas. Foram seus filhos: o visconde de Paraguaçu e o terceiro barão do Rio das Contas.

Paraguaçu, 2º barão e visconde de: nasceu a 11 de agosto de 1813 na Bahia e faleceu a 25 de julho de 1901, solteiro, na cidade de Hamburgo.

Paraim, barão de: faleceu a 23 de agosto de 1888 em seu sítio Mucambo, na comarca de Parnaguá, Piauí.

Paraíba, barão e visconde de: nasceu a 7 de janeiro de 1805. Sua mulher, nascida a 11 de janeiro de 1805, era baronesa quando faleceu. Sua mãe chamava-se Rosa Teresa Caetana da Silva. Antônio Ribeiro de Avelar, português, natural da vila de Alenquer, avô materno do visconde da Paraíba, teve ocasião de depor no processo de Tiradentes e seu depoimento constitui uma defesa do réu.

Paraibuna, barão de: sua prole foi de dez filhos: seis do primeiro casamento e quatro do segundo.

Paraibuna, viscondessa de: nasceu em 1821 e faleceu a 13 de dezembro de 1906 em Pindamonhangaba. Era irmã da viscondessa da Palmeira. Dotada de um grande espírito caritativo, foi uma benfeitora da pobreza e dos necessitados. Fez valiosos donativos à igreja matriz e Santa Casa de Pinda. Durante a guerra contra o governo do Paraguai, ofereceu grandes quantias ao governo para auxiliar despesas com os voluntários.

Paraitinga, barão de: foram seus filhos: Antônio, Maria Vitória, Manuel Jacinto, Jordão, Generosa, Maria Amália e Maria Elisa, todos Domingues de Castro.

Paraná, visconde e marquês de: faleceu a 3 de setembro de 1856. Filho do tenente-coronel Antônio Neto Carneiro Leão, falecido em 1846 em Barbacena. A marquesa faleceu a 1 de dezembro de 1887. Foram seus filhos: Henrique Hermeto Carneiro Leão (barão de Paraná), Maria Henriqueta Carneiro Leão (viscondessa de Cruzeiro), Maria Emília Carneiro Leão (baronesa de São João de Icaraí). O inventário dos bens do marquês se encontra no Arquivo Nacional.

Paraná, barão de: era sobrinho do barão de Santa Maria e irmão da viscondessa do Cruzeiro e da baronesa de São João de Icaraí. A baronesa de Paraná faleceu a 21 de setembro de 1936, no Rio de Janeiro, e foi sepultada no cemitério de São João Batista.

Paranaguá, 2º visconde e 2º marquês de: sua mulher Maria Amanda Pinheiro Paranaguá, nascida a 3 de setembro de 1828, faleceu a 20 de novembro de 1873, em Nova Friburgo, antes que seu marido tivesse sido agraciado com o título de visconde. Foram seus filhos: Maria Amanda de Paranaguá (baronesa de Loreto), Maria Argemira de Paranaguá, José Lustosa da Cunha Paranaguá (conde de Paranaguá), Ricardo de Paranaguá, Maria Francisca de Paranaguá (marquesa de Barral) e Joaquim Pinheiro de Paranaguá.

Paranapanema, barão de: nasceu a 22 de maio de 1822. Faleceu a 18 de fevereiro de 1888, na cidade de Campinas, São Paulo. A baronesa faleceu a 22 de maio de 1931, com a idade de 85 anos. Sua prole foi de quatorze filhos.

Paraopeba, barão de: sua prole foi de 11 filhos.

Paraúna, barão de: faleceu a 3 de junho de 1898, com a idade de 75 anos, na cidade de Diamantina. Casou com dona Querubina Augusta Moreira, falecida a 11 de junho de 1885, na mesma cidade.

Parima, barão de: casou com d. Rita Emília Alencastro de Araújo, natural de Pelotas, falecida a 16 de dezembro de 1907, em Niterói, com a idade de 78 anos, e foi sepultada no cemitério de São João Batista, no Rio de Janeiro. Foram seus filhos: Francisco d'Alencastro e Araújo, Antônio Pedro d'Alencastro e Araújo, Matilde Honorina d'Alencastro e Maria da Glória d'Alencastro.

Parnaíba, 1º barão e 1º visconde de: nasceu em 1767. Filho do dr. Manuel de Sousa Martins e de d. Ana Rodrigues

de Santana. Assentou praça a 27 de setembro de 1788. Reformado no posto de brigadeiro em 4 de setembro de 1820. Tempo de serviço 36 anos, um mês e dois dias. Tesoureiro geral e deputado da junta de Fazenda do Piauí, em 2 de janeiro de 1813. Fez parte da Junta Provisória do Piauí (posse: 24 de janeiro de 1823). Presidente temporário da província eleito em 19 de setembro de 1824. Presidente efetivo por três vezes. Comandante chefe dos distritos do Canindé, Ribeira do Itaim, Guaribas e Riachão. Casou em primeiras núpcias com d. Josefa Maria dos Santos e em segundas núpcias com d. Mariana Joaquina Barbosa, falecida em janeiro de 1892 na cidade de Oeiras, Piauí. Foram seus filhos: Raimundo de Sousa Martins, José de Sousa Martins e Maria Josefa Clementina de Sousa Martins.

Parnaíba, 2º barão e 2º visconde de: a viscondessa faleceu a 26 de fevereiro de 1901, em São Paulo, e foi sepultada em Jundiá. Foram seus filhos: Maria, Antônio, Ana, Gezica, João Tibiriçá, Joana, Hercília, Zenaide, Sálvio, Adalberto, Vasco e Celina, todos de Queirós Teles.

Paramirim, barão de: nasceu na capitania da Bahia. Faleceu a 13 de outubro de 1863 em seu engenho São Miguel das Almas, na freguesia de Nossa Senhora do Socorro, no município de São Francisco do Conde, Bahia.

Passagem, barão da: casou com d. Ana Elisa de Mariz e Barros, falecida a 26 de fevereiro de 1922, no Rio de Janeiro, e sepultada no cemitério de São Francisco Xavier. Era filha dos viscondes de Inhaúma.

Passé, 1º barão, 1º visconde e conde de: filho do tenente-coronel Francisco Antônio de Argolo e Queirós e de dona Antônia Teresa de Sá Pita. Nasceu em 1793. Senhor de vários engenhos de açúcar, de grandes fazendas de criação no interior da Bahia e abastado proprietário na cidade do Salvador. Prestou valiosos serviços à campanha da Independência e à revolta da Sabinada. Durante a campanha do Paraguai, organizou e manteve um batalhão de guardas nacionais para o policiamento da capital da província. Casou com d. Maria Luisa da Rocha Pita Moniz Barreto, falecida a 26 de setembro de 1838. Foram seus filhos: o 2º visconde de Passé e a baronesa de Cotegipe.

Passé, 2º barão e 2º visconde de: nasceu a 12 de dezembro de 1831, na capital da Bahia e faleceu a 22 de novembro

de 1871, em seu engenho Cobé. Casou com d. Maria José Martins, falecida a 5 de janeiro de 1893. Era filha dos viscondes de São Lourenço. Do consórcio houve um único filho: Antônio da Rocha Martins e Argolo.

Passos, barão de: Jerônimo Pereira de Melo e Sousa. Nasceu a 14 de julho de 1814, na freguesia de Pedra Branca, Lavras. Filho de Silvério de Melo e Sousa e de d. Mariana Inocência de Melo. Residiu na cidade de Cássia, onde foi protetor da pobreza e construiu a igreja do Rosário. Transferiu-se depois para Passos, onde foi abastado fazendeiro. Muito contribuiu para construção da igreja matriz e fundou a casa de caridade, doando para esse fim um grande prédio. Faleceu a 7 de julho de 1897 e foi sepultado na igreja matriz. Casou com d. Bárbara Lopes, baronesa de Passos.

Patrocínio, barão de: natural de Santa Rita de Ibitipoca, município de Barbacena. Abastado fazendeiro. Militou na política sendo chefe de grande prestígio, filiado ao partido liberal, no regime monárquico. Foi deputado à Assembléia Legislativa de Minas Gerais. Faleceu a 23 de maio de 1897, em Patrocínio, onde também faleceu a baronesa.

Pedra Branca, barão e visconde de: casou em 1814 com d. Maria do Carmo Gouveia Portugal, falecida a 6 de março de 1831, filha de Pedro Alexandrino de Gouveia Portugal e de d. Luisa Rosa de Gouveia. Do consórcio houve dois filhos: Domingos Borges de Barros e Luisa Margarida Borges de Barros (condessa de Barral e Pedra Branca).

Pedra Branca, condessa de: faleceu a 13 de janeiro de 1891, na França, onde residiu por muito tempo, sendo dama da princesa de Joinville, irmã de d. Pedro II. Depois da queda do trono de Luís Filipe, em 1848, regressou ao Brasil e foi nomeada dama da imperatriz d. Teresa Cristina e aia das princesas d. Isabel e Leopoldina. No período de 1856 a 1864, foi preceptora das referidas princesas. Seu marido faleceu em abril de 1868. Do consórcio houve um único filho, Dominique de Barral Monferrat, falecido em 1914.

Pedra Negra, barão de: faleceu a 5 de outubro de 1902 com a idade de 75 anos, em Taubaté, São Paulo. Sua mulher faleceu a 2 de agosto de 1877. Foram seus filhos: Antônio, Francisco, Manuel, Cândida e Clara, todos Gomes Vieira.

Pedro Afonso, barão de: faleceu a 5 de novembro de 1920, no Rio de Janeiro. Casou em primeiras núpcias com dona Amélia Afonso de Carvalho. A segunda mulher faleceu a 15 de junho de 1942. Foram seus filhos: Heloísa, Jorge, Paulo e Beatriz, todos Afonso Franco.

Pelotas, barão e 1º visconde de: filho de Gaspar José Correia, natural de Ponta Delgada e de d. Isabel Inácia da Câmara, natural de Lisboa. Casou com d. Joaquina Leocádia da Fontoura, filha de Francisco Pinto de Sousa e de d. Angélica Veloso. Sua prole foi de 15 filhos. Era avô do 2º visconde de Pelotas e do barão de São Nicolau.

Pelotas, 2º visconde de: conselheiro de Guerra em 27 de junho de 1877 e dispensado a pedido em 30 de maio de 1888, conservando as honras inerentes. Casou com d. Maria Rita Fernandes Pinheiro, nascida a 15 de outubro de 1829 e falecida a 11 de julho de 1914 em Porto Alegre. Foram seus filhos: Maria José, Alfredo, Filipe, Adelina e Alice, todos Pinheiro Correia da Câmara.

Penedo, barão de: a baronesa faleceu a 18 de maio de 1919 com a idade de noventa e nove anos, no Rio de Janeiro, sendo sepultada no cemitério de São João Batista. Foram seus filhos: Francisco Inácio, Carlota, Artur e Alfredo, todos de Carvalho Moreira.

Penha, barão e visconde da: a viscondessa nasceu a 26 de fevereiro de 1833 e faleceu a 19 de abril de 1893.

Pereira Franco, barão de: nasceu a 19 de outubro de 1826, na Bahia. Filho de Luís Antônio Pereira Franco e de dona Leonor Felisberta Pereira Franco. Ministro do Supremo Tribunal Federal em 29 de janeiro de 1891. Faleceu a 20 de janeiro de 1902, no Rio de Janeiro, e foi sepultado no cemitério de São João Batista. A baronesa faleceu a 30 de agosto de 1901, sendo sepultada no mesmo cemitério.

Petrolina, barão de: faleceu a 25 de março de 1896, em seu engenho Cabeça de Negro e foi sepultado no cemitério de Santo Amaro, no Recife. A baronesa faleceu em 26 de junho de 1898.

Petrópolis, barão de: nasceu a 4 de março de 1802. Filho de Antônio Valadão Pimentel e de d. Francisca do Amaral.

Casou em primeiras núpcias com d. Joaquina Eleodora de Sousa, falecida a 23 de junho de 1855. Foram seus filhos: Ana Custódia de Valadão, Antônio de Valadão, José de Valadão, Francisca Manuela de Valadão, Manuel de Valadão Pimentel e Maria Francisca de Valadão.

Piabanha, barão de: filho do capitão Cristóvão Rodrigues de Andrade e de d. Ana Esméria de Pontes França. Abastado agricultor na província do Rio de Janeiro, onde era dono de seis fazendas. Casou com d. Matilde Rosa da Veiga, nascida a 14 de março de 1812 e falecida a 3 de setembro de 1865, sendo sepultada no cemitério da Paraíba do Sul. Era filha do capitão Antônio José Barbosa da Veiga e de d. Gertrudes Mariana da Veiga. Foram seus filhos: Antônio José Barbosa de Andrade, Lauriano Rodrigues de Andrade, Hilário Joaquim de Andrade, Cristóvão Rodrigues de Andrade e Luís Nicolau de Andrade.

Piedade, condessa da: nasceu em 1792, no Rio de Janeiro. Filha do tenente-coronel Manuel José da Costa e de dona Rita Maria do Carmo. Casou em primeiras núpcias com Manuel José Ribeiro de Oliveira, havendo do consórcio dois filhos: Manuel Ribeiro de Oliveira e Maria Custódia Ribeiro de Oliveira, que foi casada com o senador Eusébio de Queirós Coutinho Matoso da Câmara. O inventário de seus bens se encontra no Arquivo Nacional.

Pilar, barão do: nasceu em 1822 e faleceu a 23 de agosto de 1894, sendo sepultado no cemitério de Catumbi. Casou com d. Maria José de Araújo, falecida a 17 de junho de 1917 com a idade de 91 anos e sepultada no mesmo cemitério. Era filha dos viscondes de Pirassinunga. Do consórcio houve somente uma filha, Maria Justina de Araújo Mota. O inventário dos bens do barão se encontra no Arquivo Nacional.

Pindamonhangaba, 2º barão e visconde de: nasceu a 22 de janeiro de 1804 e faleceu a 11 de janeiro de 1881. A viscondessa (2ª mulher) faleceu a 22 de julho de 1892. Dos consórcios houve 11 filhos, três do primeiro casamento e oito do segundo.

Pindaré, barão de: nasceu a 9 de janeiro de 1779 na vila de Alcântara, capital do Maranhão. Casou com d. Rosa Francisca da Costa Ferreira, falecida a 8 de maio de 1834. O inventário dos seus bens se encontra no Arquivo Nacional.



D. MARIA HENRIQUETA NETO CARNEIRO LEÃO

*Marquesa de Paraná*

(Desenho a carvão de H. Cain)

Depositado no Museu Imperial pelo seu descendente dr. H. C. Leão Teixeira Filho.



Pinhal, barão, visconde e conde de: a condessa nasceu a 5 de novembro de 1841 em Campinas e faleceu a 5 de outubro de 1945 na cidade de São Paulo. Sua prole foi de 13 filhos, um do primeiro casamento e 12 do segundo.

Pinheiro, barão de Paquequer e visconde de: filho de João Luís Pinheiro e de d. Maria Luisa Ribeiro. Casou com d. Quenciana Vieira de Sousa, filha de Felisberto Vieira de Sousa, que foi revolucionário em 1842, em Minas Gerais. O visconde, abastado agricultor no município de Cantagalo, exerceu vários cargos de nomeação do governo e faleceu a 10 de junho de 1886 com a idade de 75 anos, no referido município.

Pinho Borges, barão de: abastado agricultor no município de Jaboatão, Pernambuco, onde faleceu a 20 de novembro de 1894. Foram seus filhos: Maria Amélia, Tomásia, José Antônio, Teresa Eugênia e Ana Ernestina, todos Pinho Borges.

Pinto Lima, barão de: faleceu a 9 de agosto de 1901, no Rio de Janeiro. Casou com d. Maria Joana Lopes de Araújo, nascida a 4 de maio de 1850 e falecida a 21 de abril de 1945, no Rio de Janeiro, sendo sepultada no cemitério de São João Batista. Era filha dos viscondes de São José do Norte. Foram seus filhos: Alfredo de Pinto Lima, Artur de Pinto Lima, Augusto de Pinto Lima, Inácia de Pinto Lima e Eufrásia de Pinto Lima.

Piracicaba, 2º barão de: nasceu a 29 de outubro de 1830 e faleceu a 18 de março de 1898. A baronesa faleceu a 26 de abril de 1926. Sua prole foi de nove filhos.

Piraí, barão de: nasceu a 12 de fevereiro de 1776. Faleceu a 10 de outubro de 1859. Filho de Antônio Gonçalves de Moraes e d. Rita Clara de Sousa. A baronesa nasceu em 1782, e faleceu a 6 de junho de 1866. Era filha do sargento-mor José de Sousa Breves e de d. Maria Pimenta de Almeida. Sua prole foi de nove filhos.

Pirajá, 1º barão e visconde de: batizado a 13 de janeiro de 1788. Filho de José Pires de Carvalho Albuquerque e de dona Ana Maria de São José e Aragão. Brigadeiro graduado em 20 de agosto de 1838. Comandante interino das armas da província da Bahia. Casou em primeiras núpcias com d. Josefa Maria Pita e Argolo e em segundas núpcias com d. Maria Luisa de Queirós Teive e Argolo, falecida a 19 de abril de 1854.

Pirajá, 2º barão de: nasceu a 1 de junho de 1815 no município da vila de São Francisco, Bahia. Faleceu a 15 de fevereiro de 1888. Filho dos viscondes de Pirajá. Agricultor. Adido à embaixada do Brasil em Londres, assistiu à coroação da rainha Vitória. Casou com d. Águeda Maria Zeferina da Silva, nascida a 26 de agosto de 1807 e falecida a 12 de agosto de 1869.

Pirangi, barão de: agricultor. Era senhor de vários engenhos na província de Pernambuco. Faleceu a 7 de novembro de 1887 em seu engenho Firmeza, no município de Escada. A baronesa faleceu a 25 de agosto de 1898.

Pirapama, barão de: filho de Bento Sebastião Cavalcanti de Lacerda e de d. Francisca Bernarda de Albuquerque Maranhão. Nasceu a 6 de setembro de 1799 na freguesia de Santo Amaro de Jaboaão. Pernambuco. Faleceu em Niterói e foi sepultada no cemitério de Maruí. A baronesa faleceu a 28 de maio de 1885 no Rio de Janeiro, sendo sepultada no cemitério de Catumbi; mais tarde, seus restos mortais foram trasladados para o cemitério de São João Batista. Era filho de Manuel Gonçalves Lima da Cunha e de d. Joana Helena Teodora da Cunha. Foram seus filhos: Henrique Cavalcanti de Albuquerque, marechal-de-campo Frederico Cavalcanti de Albuquerque, Henriqueta Cavalcanti de Albuquerque e Mariana Vitória da Cunha.

Pirapetinga, barão e visconde de: foram seus filhos: João Caldas Viana Neto, Margarida Viana e Antônio Cândido de Oliveira Viana.

Pirapitingui, barão de: nasceu a 25 de abril de 1830, em Sorocaba. Filho de Vicente Guedes Barreto e de d. Domitildes Maria de Camargo. Importante agricultor em Mogi Mirim e em Santa Rita de Passa Quatro e grande proprietário de terras na província do Paraná. Foi um dos fundadores da Estrada de Ferro Mogiana. Acatado chefe político do partido conservador. Por duas vezes hospedou S. M. o Imperador e sua comitiva, quando em viagem na província de São Paulo. Faleceu a 10 de junho de 1897. Casou com d. Carolina Leopoldina de Almeida Lima, nascida a 12 de novembro de 1842 e falecida a 25 de junho de 1892. Foram seus filhos: Antônio Guedes, Alfredo Guedes, Olívia Guedes, José Alves Guedes, Mário Guedes, Carolina Guedes, Altimira Guedes e Albertina Guedes.

Piraquara, 1º barão de: faleceu a 4 de junho de 1864 no Rio de Janeiro e foi sepultado no cemitério de Catumbi. Não

pertenceu ao Exército. Era tenente-coronel da Guarda Nacional, foi reformado no posto de coronel, com as honras de comandante superior da mesma Guarda Nacional.

Piraquara, 2<sup>o</sup> barão de: nasceu a 30 de novembro de 1830. A baronesa faleceu a 10 de março de 1896. Era filha do marechal-de-campo Manuel Felizardo de Sousa e Melo.

Pirassinunga, barão e visconde de: filho do comendador Henrique José de Araújo, falecido a 15 de agosto de 1839, no Rio de Janeiro, e sepultado nas catacumbas da Igreja de São Francisco de Paula, e de d. Maria Bibiana de Araújo, falecida a 5 de fevereiro de 1860 e sepultada no cemitério de Catumbi. O visconde era proprietário de vastos terrenos na freguesia do Engenho Velho, onde abriu ao trânsito público as ruas: Araújo, Santo Henrique, dona Bibiana e outras. Casou com d. Luisa Bambina de Lima Araújo, falecida a 6 de agosto de 1896, filha dos marqueses de Olinda. Duas de suas filhas, Maria José de Araújo e Maria Bebiana de Araújo, foram casadas respectivamente, com o barão do Pilar e barão do Rio Preto. O Arquivo Nobiliárquico dos barões de Vasconcelos, por equívoco, menciona dois titulares “Pirassinunga”, tendo existido um, agraciado por d. Pedro II com o título de barão, mais tarde elevado a visconde.

Piratinim, barão, visconde e conde de: nasceu em 1793 e faleceu a 9 de maio de 1887 em Pelotas. Deputado, vice-presidente da província do Rio Grande do Sul. Hospedou d. Pedro II. Filho do capitão João Francisco Vieira Braga e de d. Maria Angélica Barbosa. Possuidor de grande fortuna. Benemérito. Casou com d. Francisca Cecília Firmiana Rodrigues, falecida em 1873, sendo então viscondessa.

Piratinunga, barão de: nasceu em 1821, em São Roque, província de São Paulo, onde faleceu. Militou na política, sendo deputado e chefe de partido em sua cidade natal. Na qualidade de vice-presidente da mesma província, assumiu a presidência, tomando posse a 25 de março de 1869.

Pitangui, 1<sup>o</sup> barão de: nasceu na capitania de Minas Gerais. Casou com d. Possidônia Eleodora da Silva. Além dos filhos já mencionados, acrescentar Clotilde Armond.

Pitangui, 2<sup>o</sup> barão de: a baronesa faleceu a 12 de janeiro de 1886 em sua fazenda da Saudade, no município de

Mar de Espanha, com a idade de 51 anos. Era filha da baronesa de Santana.

Pium-í, barão de: filho do major Bernardino de Faria Pereira e sua mulher, d. Margarida Maurícia do Sacramento. Nasceu em 1828. Foi juiz de paz do distrito de Formiga, de 3 de setembro de 1898 a 20 de outubro de 1900. Fazendeiro. Casou em primeiras núpcias com d. Maria Justina de Arantes e em segundas núpcias com d. Marinha Carolina de Faria, nascida em 1836 e falecida em 7 de julho de 1906, filha de Silvério José Alves de Sousa Rangel e de d. Carlota de Sousa Rangel. O barão foi presidente da Câmara Municipal da cidade de Formiga. Chefe político de grande prestígio.

Poconé, barão de: filho de Manuel Antônio Nunes Martins e de d. Maria Alves da Cunha. Casou com sua sobrinha, Maria d'Aleluia Bueno do Prado, nascida a 5 de abril de 1817 e falecida a 28 de outubro de 1886, no Rio de Janeiro, sendo sepultada no cemitério de São João Batista. Era filha de Bartolomeu Nunes do Prado e de d. Ana Nunes da Cunha. Foram seus filhos: Augusta Nunes da Cunha, Evaristo Cunha, Idalina Nunes da Cunha, João Antônio Nunes da Cunha, Mariana Nunes, Maria Nunes da Cunha e Maria Alves da Cunha.

Pojuca, barão de: abastado agricultor. Militou na política, havendo exercido vários cargos de eleição popular. Faleceu a 3 de janeiro de 1909 em seu engenho Caboclo, no município de Catu, Bahia, com 89 anos.

Pontal, 1º barão do: nasceu em 1781. Em 23 de março de 1833 rebentou em Ouro Preto uma sedição contra o presidente da província, Manuel Inácio de Melo e Sousa, depois barão de Pontal, que foi preso, assim como o vice-presidente, Bernardo Pereira de Vasconcelos, e o deputado José Bento Leite Ferreira de Melo. A sedição foi sufocada por força enviada do Rio de Janeiro, sob o comando do general José Maria Pinto Peixoto.

Pontal, 2º barão do: fazendeiro na província de Minas Gerais. A baronesa faleceu a 6 de novembro de 1885, no município de Três Pontas, na mesma província.

Ponte Alta, barão de: nasceu em Desemboque, distrito de Sacramento, Minas Gerais. Militou na política, sendo chefe do partido liberal. Foi deputado à Assembléia Legislativa de Minas em 1859. Faleceu a 25 de setembro de 1903, em Ube-



ANTÓNIO TOMÁS QUARTIM  
Barão de Quartim  
(Tela de Papf, 1883, existente no Museu Imperial).



raba, Casou em primeiras núpcias, em 1840, com d. Marcelina Florinda da Silva Oliveira e em segundas núpcias com d. Francisca Augusta de Oliveira.

Ponte Nova, barão de: nasceu a 22 de abril de 1825. Filho do coronel Severino Denunsiano dos Reis e de d. Iria de Andrade. Agricultor no município do Turvo, hoje Anarelândia, Minas Gerais. Casou em primeiras núpcias com d. Maria Umbelina de Andrade e em segundas núpcias com d. Mariana Eleutéria de Carvalho, falecida a 27 de dezembro de 1929 com a idade de 94 anos. Foram seus filhos: Severino de Andrade Reis, José Joaquim de Andrade Reis, Maria Umbelina de Andrade, Iria Resende de Andrade, Francisca Resende de Andrade, Mariana Augusta Resende de Andrade, José Resende de Andrade e Maria Resende de Andrade.

Porto Alegre, barão, visconde e conde de: casou em primeiras núpcias com d. Maria Balbina da Gama Lobo, falecida a 11 de junho de 1851, filha dos barões de Saicã e em segundas núpcias com d. Bernardina Soares de Paiva, filha do coronel Antônio Soares de Paiva Filho e de d. Clara Joaquina de Castro Antiquera.

Porto Feliz, barão de: faleceu a 12 de outubro de 1879 com a idade de 52 anos. A baronesa faleceu a 4 de dezembro de 1879. Foram seus filhos: Belmira Ferraz de Campos, Marcolina Ferraz de Campos, Cândida Ferraz de Campos e Zulmiro Ferraz de Campos.

Porto Novo, barão de: nasceu em 1832 e faleceu a 5 de fevereiro de 1893 na estação da Providência, Minas Gerais, e foi sepultado em Porto Novo. Casou com d. Marciana de Magalhães, nascida em 1846 na província do Rio de Janeiro e falecida a 27 de maio de 1890. Foram seus filhos: José de Sousa Brandão, Luciana de Sousa Brandão, Luís de Sousa Brandão e Carlos de Sousa Brandão.

Porto Seguro, barão e visconde de: casou com dona Carmen Ovale Castilho, natural do Chile.

Potengi, barão de: faleceu a 19 de outubro de 1892, no Rio de Janeiro. Fazendeiro. Filho do capitão João Pinheiro de Sousa e de d. Isabel Maria da Visitação (Werneck). Casou com d. Ana Peregrina Pinheiro, que faleceu a 13 de março de 1925, no Rio de Janeiro com a idade de 88 anos. Foram seus

filhos: João Pinheiro de América Werneck, Ambrosina Pinheiro Werneck, Eulina Pinheiro Werneck, Idalina Pinheiro Werneck e Acácio Pinheiro Werneck.

Pouso Alegre, barão de: nasceu em 1803. Faleceu a 22 de dezembro de 1883 em Queluz, Minas Gerais. Fazendeiro. Juiz de direito. Casou com d. Clara de Lima Rodrigues Pereira, falecida a 27 de outubro de 1895 com a idade de 83 anos. Foram seus filhos: Washington Rodrigues Pereira e Lafayette Rodrigues Pereira, que tiveram grande projeção na vida nacional.

Pouso Frio, barão de: importante agricultor no município de Taubaté, São Paulo. Faleceu a 14 de outubro de 1890, em sua fazenda Pouso Frio, no mesmo município. Casou com d. Maria das Dores Monteiro, falecida a 31 de maio de 1888.

Prados, barão, visconde e conde de: filho do 1º barão de Pitangui e de d. Possidônia Eleodora da Silva. Foi sepultado no cemitério de Catumbi. A condessa faleceu a 25 de abril de 1922, com a idade de 97 anos, em sua fazenda Santa Sofia, na estação Silveira Lobo, Minas, e foi sepultada no cemitério de Santana do Deserto, distrito de Juiz de Fora.

Propriá, barão de: filho do capitão-mor José da Trindade Pimentel e de d. Maria Francisca de Menezes. Nasceu em 1804. Faleceu a 25 de junho de 1875 e foi sepultado no cemitério de Capela, Sergipe.

## Q

Quaraim, barão de: nasceu a 27 de abril de 1810, em Porto Alegre. Faleceu a 23 de janeiro de 1866. Dois dos seus filhos destacaram-se na vida pública: Alfredo Rodrigues Fernandes Chaves, deputado em várias legislaturas e ministro das pastas da Marinha e da Guerra, e Paulino Fernandes Rodrigues Chaves, deputado e desembargador. Sua filha, Maria Fernandes Chaves, foi casada com o conde de São Clemente.

Quartim, barão de: faleceu a 26 de agosto de 1923, no Rio de Janeiro. Foram seus filhos: Antonieta Quartim, Alice Quartim, Violeta Quartim e Armando Quartim.

Queluz, 1º visconde e marquês de: Tavares de Lira, tratando deste titular, declara: “Teve, pelo seu talento, pelo seu

patriotismo e pelo seu saber, um dos primeiros lugares entre os estadistas do Primeiro Reinado”.

Queluz, 1º barão e 2º visconde de: faleceu na fazenda Sertão, município de Vassouras, e foi sepultado no cemitério da mesma fazenda. A viscondessa foi sepultada em jazigo da igreja da freguesia de Pati de Alferes. Sua única filha, Ana Maciel, foi casada com o dr. João Pedroso Barreto de Albuquerque.

Queluz, 2º barão de: filho de Joaquim Baeta Neves e de d. Maria Fortunata Monteiro de Barros. Faleceu em 1880. Casou com d. Maria da Conceição Baeta Neves, falecida em 1884. Era filha de Daniel Baeta Neves. Foram seus filhos: Maria José, Joaquim Lourenço, Daniel Lourenço, Henriqueta Maria, Maria Augusta, Maria Fortunata e José Lourenço, todos Baeta Neves.

Quissamã, barão e visconde de: Faleceu a 11 de agosto de 1925. A viscondessa faleceu a 24 de dezembro de 1896.

Quixeramobim, barão, visconde e marquês de: nasceu em Vila Rica, capitania de Minas. Era irmão, pelo lado materno, do marquês de Barbacena. Agricultor. A marquesa faleceu a 2 de junho de 1888, no Rio de Janeiro, e foi sepultada no cemitério de São João Batista. Foram seus filhos: Garcia, Jacinto, Fernando, José, Ana, Fernandina e Francisca, todos Dias Pais Leme.

## R

Ramalho, barão de: faleceu a 14 de agosto de 1902. Deputado à Assembléia Legislativa de São Paulo em duas legislaturas.

Ramiz, barão de: faleceu a 9 de março de 1938. Sua mulher faleceu a 4 de janeiro de 1920, no Rio de Janeiro, e foi sepultada no cemitério de São Francisco Xavier. Foram seus filhos: Leonor, Maria Augusta, Benjamim e Anita, todos de Saldanha Ramiz Galvão.

Recife, visconde e marquês do: nasceu na capitania de Pernambuco. A marquesa nasceu em 1791 e faleceu a 9 de agosto de 1871.

Retiro, barão do: nasceu a 18 de agosto de 1835, em Juiz de Fora, Minas Gerais. Filho do barão de Juiz de Fora e

de d. Senhorinha Carolina de Miranda Resende. Casou com d. Maria Carlota Mendes Tostes, nascida a 9 de maio de 1840 e falecida a 5 de maio de 1907. Sua prole foi de 12 filhos.

Resende, barão de: a baronesa nascida em 1846, faleceu a 5 de abril de 1938. Foram seus filhos: Estevão, Francisca, Lídia, Luís e Maria Elisa, todos de Sousa Resende.

Ribeirão, barão de: fazendeiro na província do Rio de Janeiro. Casou com d. Ana Barbosa de Sá, que faleceu a 12 de agosto de 1868, em Vassouras.

Ribeirão Fundo, barão de: agricultor. Nasceu em 1841 e faleceu a 21 de maio de 1908, em sua fazenda na estação de Mantiqueira, Minas Gerais, e foi sepultado no cemitério do arraial do Curral Novo.

Ribeirão Vermelho, barão de: faleceu a 27 de junho de 1898, no distrito de Perdões, então pertencente ao município de Lavras, e foi sepultado no cemitério daquele arraial, hoje cidade de Perdões, Minas Gerais. Casou com d. Urbana Amélia de Andrade.

Ribeiro de Almeida, 1º barão de: filho de José Leite Ribeiro de Almeida, nasceu a 21 de maio de 1824 no município de São João del Rei. Casou com d. Francisca Maria Teixeira Pinto, falecida a 28 de maio de 1886, filha do capitão Francisco Teixeira Pinto. Negociante e fazendeiro no município de Barra Mansa militou na política com grande destaque no Império e na República. Foi presidente da Câmara Municipal de Barra Mansa, deputado à Assembléia Legislativa da província do Rio de Janeiro, exerceu por largo tempo a presidência da assembléia. Vice-presidente da província tendo assumido a presidência. Major do batalhão de guardas nacionais de Barra Mansa, prestou valiosos serviços por ocasião da guerra contra o governo do Paraguai. No regime republicano foi presidente do Conselho Municipal da mesma cidade, a qual dotou de grandes melhoramentos de sua iniciativa. Faleceu a 2 de outubro de 1898 e foi sepultado no cemitério do distrito de Quatis, onde, em seu túmulo, o comércio de Barra Mansa erigiu um mausoléu. Seu título nobiliárquico é datado de 7 de março de 1888. Foram seus filhos: Antônio Leite Ribeiro de Almeida, Francisco Leite Ribeiro de Almeida, José Leite Ribeiro de Almeida, Joaquim Leite Ribeiro de Almeida Júnior e Mariana Ribeiro de Almeida.

Ribeiro de Almeida, 2º barão de: casou com d. Gertrudes Plácida de Sousa, que faleceu a 16 de fevereiro de 1905, com a idade de sessenta e um anos, no Rio de Janeiro, e foi sepultada no cemitério de São João Batista.

Ribeiro Barbosa, barão de: nasceu a 1 de outubro de 1854. Faleceu a 16 de dezembro de 1922, na cidade de Cajuru, onde foi sepultado. A baronesa nasceu a 2 de dezembro de 1862 e faleceu a 14 de janeiro de 1942, em Ribeirão Preto, São Paulo. Do consórcio houve os seguintes filhos: Maria Cândida, Luciano, Cândido, Estela, Américo, Joaquina, Luciano (2º) e Cecília, todos Ribeiro Barbosa.

Ribeiro de Sá, barão de: natural de Portugal, nasceu a 28 de setembro de 1827, em Penafiel. Filho de José Ribeiro de Sá e de d. Ana Joaquina de Sá. Fazendeiro. Benemérito. Foi provedor da Casa de Caridade de Paraíba do Sul, à qual fez grandes donativos e a outras associações pias. A baronesa faleceu a 1 de janeiro de 1896.

Rifaina, barão de: nasceu a 2 de janeiro de 1833, em Queluz, Minas. Filho de Severino José Vieira e de d. Maria Antônia de Lima. Fazendeiro em Sacramento, onde faleceu a 20 de fevereiro de 1895. Foi juiz de paz e suplente de juiz municipal e deputado à Assembléia Legislativa de Minas, em 1885. Casou com d. Maria José da Conceição, filha de Manuel Joaquim de Santana e de d. Maria José da Conceição, havendo do consórcio nove filhos.

Rimes, barão de: a baronesa faleceu a 28 de outubro de 1891.

Rio Apa, barão do: nasceu a 19 de outubro de 1832 na província de Sergipe. Era tio do dr. Enéias Galvão, ministro do Supremo Tribunal Federal. Casou em primeiras núpcias, a 1 de maio de 1869, em São Paulo, com d. Maria da Glória Rosa de Carvalho, nascida a 1 de maio de 1854 e ali falecida a 27 de abril de 1870. Era filha de Antônio Teixeira de Carvalho e de d. Margarida Leopoldina Rosa de Carvalho. Casou em segundas núpcias com d. Constança da Cruz Galvão, falecida a 11 de novembro de 1897. Edmundo Enéias Galvão, seu filho, foi alto funcionário da secretaria de Estado da Guerra, e faleceu no exercício de secretário do Supremo Tribunal Militar.

Rio Bonito, 1º barão do: faleceu a 10 de fevereiro de 1843, no Rio de Janeiro. A baronesa foi sepultada no cemitério de Catumbi. Foram seus filhos: João Pereira Larrigue de Faro (2º barão e visconde do Rio Bonito) e Joaquim José Pereira de Faro.

Rio Bonito, 2º barão e visconde do: sua mulher nasceu a 26 de março de 1812 e faleceu a 31 de dezembro de 1841. Foram seus filhos: Francisca Romana Larrigue de Faro e João Pereira Larrigue de Faro. Assumiu a presidência da província do Rio de Janeiro, como vice-presidente, em cinco ocasiões.

Rio Bonito, 3º barão do: foram seus filhos: Mariana, Frederico, Clotilde, Angélica e Georgina, todos de Larrigue de Faro.

Rio Branco, visconde do: a viscondessa faleceu a 9 de setembro de 1890, em Paris. Foram seus filhos: José Maria da Silva Paranhos (barão do Rio Branco), Maria da Silva Paranhos, Amélia Augusta da Silva Paranhos e Augusta Amélia da Silva Paranhos. Tavares de Lira, tratando do visconde do Rio Branco, declara: “Rio Branco foi, sem favor, *a mais lúcida consciência monárquica que teve o reinado de d. Pedro II* e é um cimo de luz na história política de nossa pátria”.

Rio Branco, barão do: casou com d. Maria Filomena Stevens. Foram seus filhos: Clotilde da Silva Paranhos do Rio Branco, Raul Paranhos do Rio Branco, Paulo Agenor Paranhos do Rio Branco, Maria Amélia da Silva Paranhos e Hortência do Rio Branco.

Rio Claro, barão do: natural de Cunha, nasceu em 1778. Filho do capitão Manuel Antônio da Silva e de d. Florência Maria da Silva. Casou com d. Teodora Francisca dos Reis, nascida em 1783 e falecida a 13 de setembro de 1847, antes que seu marido tivesse sido agraciado com o título nobiliárquico. Foram seus filhos: Nuno Eulálio dos Reis, Celso Eugênio dos Reis, Manuel Antônio da Silva Reis, Pedro José dos Reis Pereira e Castro, Maria, Florência, Francisca, Rita Maria, Ubaldina, Vitória e Camilo da Silva Reis.

Rio Claro, 1º barão de Araraquara e visconde do: a viscondessa, nascida em 1806, faleceu a 19 de abril de 1892. Sua prole foi de doze filhos; seus filhos Estanislau José de Oliveira e Luís de Melo Oliveira foram agraciados por d. Pedro II com os títulos de barão de Araraquara e barão de Melo Oliveira. Suas

filhas Maria Joaquina, Amália Carolina e Ana Carolina foram casadas, respectivamente, com os barões de Piracicaba e de Dourados e com o conde do Pinhal.

Rio Comprido, barão do Passeio Público e visconde do: filho de d. Brites Junqueira de Andrade. Casou com d. Maria Tomásia de Oliveira Gonçalves.

Rio da Prata, barão do: distinguiu-se na Marinha portuguesa durante as guerras com a França, e, como major-general da esquadra do marquês de Niza, que operou no Mediterrâneo às ordens de Nelson, mereceu a estima e louvor deste grande marinheiro. Conselheiro do Conselho do Almirantado Supranumerário de Portugal em 24 de junho de 1807. Passou a efetivo e nessa qualidade foi incluído como conselheiro de Guerra no Conselho Supremo Militar de acordo com o alvará de 1 de abril de 1808. Foi sepultado no cemitério Père Lachaise, em Paris. O inventário dos seus bens se encontra no Arquivo Nacional.

Rio das Contas, 1º barão do: nasceu a 17 de abril de 1754. Faleceu a 28 de abril de 1828. Formado em direito pela Universidade de Coimbra. Foi na Bahia juiz de fora e de órfãos, ouvidor geral e provedor da Câmara, presidente da junta provisória de governo e primeiro presidente da província. Abastado proprietário e senhor de vários engenhos em São Francisco do Conde. Casou com d. Clara Caetana do Sacramento Bandeira, nascida a 7 de agosto de 1774 e falecida a 7 de novembro de 1826. Foram seus filhos: Teresa Clara do Nascimento Viana (baronesa de Paraguaçu), Ana Francisca de São José Viana, Maria José Viana, Francisca de Assis Viana, Frutuoso Vicente Viana (2º barão do Rio das Contas), Francisco Vicente Viana (barão de Viana), Maria Clara Viana (baronesa dos Fiais) e Pedro Vicente Viana.

Rio das Contas, 2º barão do: nasceu na capital da Bahia a 12 de setembro de 1804 e aí faleceu a 26 de março de 1871. Filho dos primeiros barões do Rio das Contas. Agricultor. Senhor de vários engenhos. Casou com d. Maria Amália Ferrão Moniz de Aragão, nascida a 17 de junho de 1808 e falecida a 15 de março de 1879. Seu título nobiliárquico é datado de 12 de outubro de 1826. Sua prole foi de nove filhos.

Rio das Velhas, barão e visconde do: natural de Minas Gerais, nasceu a 2 de abril de 1815 em Santa Luzia do Sabará.

Filho do tenente José de Sousa Viana e de d. Maria Cândida de Assunção. Fazendeiro e industrial. Presidente da Câmara Municipal de Santa Luzia do Rio das Velhas. Faleceu a 17 de fevereiro de 1895 em Pedro Leopoldo, Minas. Casou em primeiras núpcias, a 18 de junho de 1835 com d. Maria Cândida de Sales, falecida baronesa do Rio das Velhas a 15 de outubro de 1878 e em segundas núpcias a 17 de maio de 1879 com sua sobrinha, d. Ana Cândida Fonseca Viana, falecida viscondessa do Rio das Velhas a 23 de fevereiro de 1923, em Belo Horizonte. Sua prole foi de seis filhos.

Rio de Contas, barão do: filho dos primeiros barões de Paraguaçu. Casou em primeiras núpcias com d. Maria Joaquina de Aragão Bulcão, filha dos segundos barões de São Francisco e em segundas núpcias com d. Carlota Ratton, nascida a 6 de março de 1843 e falecida a 3 de julho de 1911 na capital da Bahia. Era filha de Jácome Próspero Ratton e de d. Maria Luísa Lírio. Sua prole foi de sete filhos.

Rio do Ouro, barão do: faleceu a 8 de junho de 1881, solteiro, em sua fazenda do Bom Sucesso, situado no 1º distrito do município de Paraíba do Sul, província do Rio de Janeiro. O inventário de seus bens se encontra no Arquivo Nacional.

Rio Doce, barão do: nasceu a 8 de setembro de 1818, no Rio de Janeiro e faleceu a 26 de setembro de 1889, em Paris. Seu cadáver, transladado para o Rio de Janeiro, foi sepultado a 13 de novembro de 1889 no cemitério de Catumbi. Em testamento, legou à Associação Mantenedora da Instrução os meios necessários à criação de uma escola para a pobreza e que foi instalada na freguesia de Santo Antônio, à Rua do Lavradio com o nome de “Escola Barão do Rio Doce”. O inventário de seus bens se encontra no Arquivo Nacional.

Rio das Flores, 1º barão do: filho de Manuel Vieira Machado e de d. Escolástica Águeda de Sousa. Casou com dona Maria Salomé da Silva, filha de Antônio da Silva e de d. Luisa de Avelar Figueira. Foram seus filhos: Luisa, José Misael, Manuel, João, Antônio, Honório Lindolfo, Maria, Carolina, Escolástica e Ana, todos Vieira Machado da Cunha.

Rio das Flores, 2º barão do: agricultor. Filho dos primeiros barões do Rio das Flores. Faleceu a 4 de julho de 1913, em sua fazenda Monte Alverne, no município de Rio Preto, Mi-



DOMINGOS CUSTÓDIO GUIMARÃES  
*Barão do Rio Preto*  
(Tela de E. Viacin, 1869, existente no Museu Imperial).  
Doação da exma. sra. d. Leonor de Azevedo.



nas. Casou com d. Aurora Otoni Vieira, falecida a 16 de junho de 1922, com a idade de sessenta anos, no Rio de Janeiro, sendo sepultada no cemitério de São João Batista. Era filha do dr. Manuel Esteves Otoni e de d. Ana Amália Otoni.

Rio Formoso, 2º barão do: Prisciano de Barros Acioli Lins. Filho de Sebastião Antônio Acioli Lins e de d. Joana Francisca de Acioli Lins. Era irmão do barão de Goicana.

Rio Formoso, barão de Araçagi e visconde de: nasceu a 10 de novembro de 1828 e faleceu a 28 de novembro de 1897, na cidade de Rio Formoso. Filho de José Luís Caldas e de dona Maria Leopoldina da Rocha Lins. Casou com d. Teodolina da Silveira Lins, nascida a 1 de agosto de 1834 e falecida a 6 de outubro de 1903, em Recife. Era filha dos viscondes de Utinga. Foram seus filhos: Antônio Caldas Lins, Teodolina Lins, Maria Lins, Francisca Lins e Francisco Lins.

Rio Fundo, barão do: nasceu em 1804 em São Pedro do Rio Fundo, Bahia, e faleceu a 25 de março de 1870, em Santo Amaro. Agricultor. Casou com d. Maria Rosa de Sousa Góis Moreira de Pinho. Do consórcio houve a prole de onze filhos.

Rio Grande, barão e visconde do: faleceu a 25 de julho de 1879, solteiro. Filho de José Antônio de Araújo Ribeiro e de d. Rosaura Alves de Araújo. Seu testamento feito a 9 de janeiro de 1876, está publicado no *Jornal do Comércio* de 27 de julho de 1879, do Rio de Janeiro. Nesse instrumento libertou seus escravos, a todos legando dinheiro. Publicou notável obra de filosofia intitulada “A criação explicada pelo senso comum”.

Rio Negro, barão do: a baronesa faleceu a 21 de janeiro de 1927, em Petrópolis, e foi sepultada no cemitério de São João Batista, no Rio de Janeiro. Do consórcio houve a prole de dez filhos.

Rio Novo, 1º barão e visconde do: foi sepultado no cemitério de Catumbi. Foi vereador e presidente da Câmara Municipal de Petrópolis, de 1869-1872. Casou com d. Mariana Barroso Pereira, nascida em 1817, em Paraíba do Sul, e falecida a 5 de junho de 1882, em Londres. Era filha dos barões de Entre Rios. Depois de viúva foi elevada a condessa do mesmo título em decreto de 16 de outubro de 1880. Possuidora de avultada fortuna fez valiosos donativos às casas de caridade de Paraíba do Sul e São João del Rei e a outras instituições pias, às quais legou centenas de contos de réis.

Rio Novo, 2º barão do: filho do barão de Juiz de Fora. Casou em primeiras núpcias com d. Maria Henriqueta Pacheco e em segundas núpcias com d. Pacífica Silva, falecida a 24 de agosto de 1896. Foram seus filhos: Leopoldo, Augusto, Eugênia, Maria José e Maria Antônia, todos Pacheco de Resende.

Rio Pardo, barão e conde do: foi sepultado no convento de Santo Antônio. A partir de 31 de julho de 1847 até o fim da sexta legislatura foi deputado à Assembléia Geral, em substituição a Francisco de Sousa Martins.

Rio Pardo, 3º barão do: nasceu a 12 de junho de 1840 e faleceu a 5 de outubro de 1906, em São Paulo. Filho do capitão Prudente José Correia e de d. Constança Correia. Abastado fazendeiro de café. Militou na política, sendo chefe do partido liberal de Casa Branca. Fundador da casa de misericórdia da mesma cidade, deputado provincial e prefeito municipal. Casou em primeiras núpcias com d. Escolástica de Oliveira e em segundas núpcias com d. Amélia Umbelina Correia, nascida a 29 de dezembro de 1856 e falecida a 19 de janeiro de 1905, em Casa Branca, São Paulo. Era filha do capitão Antônio José Correia de Carvalho e de d. Ana Umbelina do Sacramento. Sua prole foi de onze filhos, quatro do primeiro casamento e sete do segundo.

Rio Preto, 1º barão e visconde do: filho de Pedro Custódio Guimarães e de d. Teresa Maria de Jesus. Fazendeiro em Valença, província do Rio de Janeiro. Casou em primeiras núpcias com d. Faustina Xavier Pestana. Foram seus filhos do segundo casamento: Maria Amélia Guimarães e Domingos Custódio Guimarães (2º barão do Rio Preto).

Rio Preto, 2º barão do: a baronesa faleceu a 22 de outubro de 1940, com a idade de noventa e três anos, no Rio de Janeiro, e foi sepultada no cemitério de São João Batista. Era filha dos viscondes de Pirassinunga e neta do marquês de Olinda.

Rio Real, 1º barão do: nasceu a 19 de março de 1798, em Itapicuru, capitania da Bahia. Filho do capitão-mor José d'Antas e de d. Francisca de Sousa. Foi juiz ordinário e de órfãos de Itapicuru. Fazendeiro. Faleceu a 10 de novembro de 1862. Casou com d. Ana Ferreira de Jesus, falecida a 16 de outubro de 1836, na Bahia. Foram seus filhos: João Gualberto Dantas (2º barão do Rio Real), Ana Ferreira de Jesus Dantas e Francisca

Xavier Dantas. O barão era condecorado com as Ordens de Cristo, Rosa e Cruzeiro.

Rio Real, 2º barão do: nasceu a 12 de julho de 1829 e faleceu a 8 de fevereiro de 1888, no engenho Catu, município de Itapicuru, Bahia. Fazendeiro e deputado. Filho do 1º barão do Rio Real. Casou com d. Ana Edwiges de Sousa Leite, falecida a 14 de dezembro de 1922, na cidade do Salvador. Foram seus filhos: Ana Edwiges Dantas, João Gualberto Dantas, José Dantas Itapicuru, Maria Edwiges Dantas e Edwiges Dantas da Costa.

Rio Verde, barão do: nasceu em 1788 na vila da Campanha, capitania de Minas Gerais. Filho de Rodrigo Antônio de Lemos e de d. Sabina Maria Guieiro. Faleceu a 30 de dezembro de 1864. Casou em primeiras núpcias a 10 de agosto de 1812, em Pouso Alegre, com d. Luisa Amália, falecida a 22 de novembro de 1842, no Rio de Janeiro. Sua segunda mulher faleceu a 1 de maio de 1907, em São Gonçalo do Sapucaí.

Rio Vermelho, visconde do: nasceu a 13 de setembro de 1779, na capitania da Bahia. Filho de Manuel da Cunha Menezes, conde de Lumiar, título português. A viscondessa faleceu a 6 de novembro de 1865, com a idade de setenta e cinco anos, na capital da província da Bahia. Sua filha, Maria Inácia, foi casada com o barão de Araújo Góis.

Rio Vermelho, barão do: a baronesa nascida a 16 de dezembro de 1827, faleceu a 16 de maio de 1901. Era filha do conselheiro Luís Tomás Navarro de Andrade. Foram seus filhos: José Félix, Joaquina Navarro, Josefa Navarro e Francisca Navarro, todos da Cunha Menezes.

Romeiro, barão de: a baronesa faleceu a 7 de julho de 1914 em Pindamonhangaba, São Paulo. Era filha de Antônio de Oliveira César e de d. Maria Angélica. Foram seus filhos: Ana Francisca, José Benedito e Inácio, todos Marcondes Romeiro.

Rosário, barão do: nasceu a 23 de dezembro de 1833 e faleceu a 3 de fevereiro de 1915.

## S

Sabará, visconde do Fanado e marquês de: nasceu em São Miguel, capitania de Minas Gerais.

Sabóia, barão e visconde de: a viscondessa, filha de d. Maria Amália Marcondes, faleceu a 6 de julho de 1918, no Rio de Janeiro, sendo sepultada no cemitério de São João Batista. Foram seus filhos: Edmundo, Eduardo, Adelaide, Julieta e Maria, todos Figueira de Sabóia.

Saí, barão de: agricultor. Faleceu a 20 de fevereiro de 1872, em sua fazenda Praia Grande, no município de Mangaratiba, província do Rio de Janeiro, e foi sepultado nos jazigos da Ordem do Carmo na cidade de Angra dos Reis. Era maior de noventa anos.

Saicã, barão de: José Maria da Gama Lobo Coelho d'Eça. Nasceu a 15 de setembro de 1793, em Santa Catarina. Filho do brigadeiro José da Gama Lobo Coelho d'Eça e de dona Elisa Joaquina da Conceição Coimbra. Assentou praça no regimento de seu pai, contando cinco anos e quatro meses de idade, em 20 de outubro de 1799, com a praça de cadete. Serviu com muita distinção nas campanhas de 1816 a 1820, em Missões. Alcançou todos os postos até coronel, em que foi reformado a pedido em 20 de agosto de 1838, no posto de brigadeiro. Em Saicã, dirigiu importante fazenda de criação, onde residia. Na organização do segundo corpo de Exército e ao dar-se a guerra com o Paraguai, forneceu ele gratuitamente grande número de cavalos e ofereceu ao governo imperial sua própria fazenda para os fins que o governo deliberasse. Faleceu em São Gabriel. Casou com d. Maria Álvares Trilha, nascida em 1803 e falecida a 16 de abril de 1876, em São Gabriel. Sua única filha, Maria Balbina, falecida a 11 de junho de 1851, casou com o general Manuel Marques de Sousa, mais tarde conde de Porto Alegre.

Salgado Zenha, barão de: nasceu a 2 de janeiro de 1837 e faleceu a 23 de junho de 1894, no Rio de Janeiro, sendo sepultado no cemitério da Ordem do Carmo. Casou com d. Rita Marques, que faleceu a 25 de junho de 1928, com a idade de oitenta e cinco anos, e foi sepultada no mesmo cemitério.

Salto, barão e visconde do: nasceu em 1814, em Resende, capitania do Rio de Janeiro, e faleceu solteiro a 14 de julho de 1891. Capitalista abastado. Ocupou vários cargos públicos de importância. Filantropo e caridoso, legou grandes quantias à Igreja Matriz, freguesias e pobres de Resende. Deixou fortuna superior



D. MARIA ANTÔNIA SOARES QUARTIM  
*Baronesa de Quartim*  
(Tela de Papf, 1883, existente no Museu Imperial).



a mil e quinhentos contos de réis. Os legados constantes de seu testamento, publicados no *Correio de Resende*, de 19 do referido mês e ano, revelam seu espírito caritativo e amor à humanidade.

Sampaio Viana, barão de: nasceu a 24 de junho de 1833 e faleceu a 10 de julho de 1912. Casou com d. Maria Amália de Figueiredo, nascida em 1839 e falecida a 2 de abril de 1910, no Rio de Janeiro, sendo sepultada no cemitério de Catumbi. Foram seus filhos: José Florindo de Sampaio Viana e Luís Filipe de Sampaio Viana.

Sanipe, barão de: vide Sauípe.

Santa Alda, barão de: filho de José Maria Monteiro de Barros e de d. Rosa Úrsula de Almeida Macedo. Faleceu a 16 de outubro de 1900, na freguesia do Laranjal, Minas Gerais. Sua mulher faleceu a 8 de abril de 1869, na fazenda Fim do Mundo, município de Muriaé.

Santana, 1<sup>a</sup> baronesa de: natural de Juiz de Fora, Minas Gerais. Fazendeira. Casou com Mariano José Ferreira Armond. Foram seus filhos: Mariano Procópio Ferreira Lage e Maria José Ferreira Lage (2<sup>a</sup> baronesa de Pitangui). Faleceu a 5 de junho de 1870, em Juiz de Fora. Consta do decreto de concessão do título nobiliárquico que o mesmo foi dado em atenção aos serviços prestados por Mariano Procópio.

Santana, 2<sup>a</sup> baronesa de: natural de São Sebastião, São Paulo, nasceu em 1804. Filha de Manuel de Santana Lopes e de d. Eugênia Maria Toledo Ribas. Dama da Casa Imperial. Foi aia das princesas filhas de d. Pedro II. Faleceu a 10 de dezembro de 1884, no Rio de Janeiro, e foi sepultada no cemitério de São João Batista.

Santana do Livramento, barão de: oficial de grande mérito da Guarda Nacional, teve destacada atuação na guerra civil riograndense e na campanha do Paraguai, sobressaindo com denodo nos combates de Avaí, Itororó e Lomas Valentinas. A baronesa faleceu a 9 de abril de 1904, na cidade de Porto Alegre. Era filha de Gaspar Nunes de Miranda e de d. Isabel Custódia de Lima. Foram seus filhos: Álvaro, Olinto, Vasco, Amazilde, Celina e Hortência, todos Alves Pereira.

Santa Bárbara, barão de: natural de Minas Gerais. Filho do capitão Manuel Antônio de Almeida Ramos e de dona Joana de Almeida. Agricultor. Faleceu em sua fazenda Pirapetinga, e foi sepultado na Matriz de Santa Bárbara de Monte Verde, Minas Gerais. Casou em primeiras núpcias com d. Maria Messias de Almeida. Foram seus filhos: Honório, Francisco e Nominato, do primeiro casamento, João Misael, Delfina, Teresa, Gabriela, Fausta e Maria, do segundo casamento.

Santa Branca, 1º barão de: faleceu a 17 de outubro de 1884, em Jacareí, São Paulo. Casou com d. Gertrudes Ferreira Lopes. Foram seus filhos: Francisco Lopes Chaves (2º barão de Santa Branca), Licínio Lopes Chaves (2º barão de Jacareí), Joaquim Lopes Chaves e Marcelina Lopes Chaves.

Santa Cecília, barão de: nasceu em 1817. Faleceu a 2 de junho de 1890, no arraial, hoje cidade de Carandaí, e foi sepultado no interior da Igreja da Senhora Santana. Esta igreja foi erigida por iniciativa do barão e outros fazendeiros vizinhos, tendo ele concorrido com a maior soma de dinheiros, materiais, escravos e transportes, havendo determinado que todo cedro empregado na construção fosse tirado nas fraldas da serra da Trapizonga (Mantiqueira), no distrito de Remédios, e que três dos seus filhos fossem os candeieiros dos bois dos carros que puxaram essa madeira para o local da construção. Em 1938, essa igreja foi totalmente reconstruída e por ocasião da demolição da primitiva igreja os restos mortais do barão foram exumados e transportados para o atual cemitério municipal de Carandaí. Seu solar é hoje a prefeitura municipal de Carandaí. O barão, abastado fazendeiro, foi chefe de numerosa família, sua prole foi de dezessete filhos em dois leitos. Foi casado com d. Luciana Pereira de Queirós, nascida a 12 de janeiro de 1837 e falecida a 12 de junho de 1908.

Santa Clara, 1º barão de: natural do Rio de Janeiro. Filho de Francisco Antônio e de d. Adriana Maria do Sacramento. A baronesa faleceu a 30 de maio de 1876, no Rio de Janeiro.

Santa Clara, 2º barão de: natural de São João del Rei. Filho do dr. Luís Fortes de Bustamante Sá. Casou com dona Isabel Henriqueta Fortes, sua prima. Não deixou descendência. Faleceu com a idade de noventa e um anos em sua fazenda Santa Clara, e foi sepultado na Matriz de Rio Preto.

Santa Eugênia, barão de: filho de Joaquim Manuel Monteiro, conde da Estrela, por Portugal. Capitalista e negociante no Rio de Janeiro. Faleceu a 25 de novembro de 1895 e foi sepultado no cemitério de Catumbi. Casou com d. Romana Guilhermina da Rocha, nascida a 21 de janeiro de 1849 e falecida a 15 de junho de 1914. Era filha do conde de Itamarati. Foram seus filhos: Eugênia, Romana, Maria Luisa, Luís e Alice.

Santa Eulália, barão de: a baronesa nasceu a 8 de agosto de 1837 e faleceu a 18 de agosto de 1921, na cidade de Lorena, São Paulo. Foram seus filhos: Arnolfo Rodrigues de Azevedo, Odila de Azevedo, Odila de Azevedo (2ª) e Oswaldo de Azevedo.

Santa Fé, barão de: faleceu a 3 de dezembro de 1899, no Rio de Janeiro. Casou com d. Leopoldina Rodrigues Barbosa, filha do 1º barão de Santa Justa, falecida a 24 de abril de 1888 e foi sepultada em São José do Rio Preto, onde também foi sepultado o barão.

Santa Filomena, barão de: faleceu a 12 de abril de 1901, no Piauí.

Santa Helena, barão de: filho de Protásio Antônio da Silva Pinto e de d. Ana Helena Monteiro de Castro. Casou em primeiras núpcias com d. Francisca Monteiro de Barros e em segundas núpcias com d. Maria Teresa Monteiro de Castro.

Santa Isabel, barão de: nasceu em 1785, na freguesia de São Salvador de Joani, termo de Barcelos, Portugal. Filho de Manuel José da Costa e de d. Ana Maria Diniz, ambos da província do Minho. Importante fazendeiro na freguesia de Santo Antônio do Rio Bonito, município de Valença, província do Rio de Janeiro. Oficial da Ordem da Rosa e cavaleiro da de Cristo. Faleceu a 18 de fevereiro de 1858 em sua fazenda Ribeirão Alegre, situada na então freguesia de Santo Antônio do Rio Bonito, fazenda hoje localizada na freguesia de São José do Turvo, município da Barra do Piraí por desanexação e desmembramento da de Santo Antônio do Rio Bonito, que era e é hoje o 3º distrito do município de Valença. Foi sepultado no cemitério da mesma fazenda ao lado do túmulo de sua mulher. Foram seus filhos: José, Joaquina, Joaquim, Antônio e Bibiano, todos Diniz da Costa Guimarães.

Santa Isabel, 2º barão e visconde de: foi casado em primeiras núpcias com d. Maria Cândida da Silva Feijó, em se

gundas núpcias com d. Ana Carolina Feijó e em terceiras núpcias com d. Francisca Carolina Veloso Feijó.

Santa Justa, 1º barão de: casou com d. Tomásia Maria Barbosa, falecida a 28 de janeiro de 1871, na fazenda Santa Justa, município de Valença, província do Rio de Janeiro. Foram seus filhos: Francisco Alves Barbosa (2º barão de Santa Justa), Clara Jacinta Barbosa (baronesa de Ibituruna), Maria Jacinta (baronesa de Menezes) e Leopoldina Rodrigues (baronesa de Santa Fé).

Santa Justa, 2º barão de: nasceu a 26 de junho de 1830. Faleceu a 18 de dezembro de 1883, no Rio de Janeiro, e foi sepultado no cemitério de Catumbi. Era filho dos primeiros barões de Santa Justa.

Santa Justa, viscondessa de: nasceu em 1839. Faleceu a 4 de maio de 1915 e foi sepultada no cemitério de Catumbi. Suprimir na p. 420 do Arquivo Nobiliárquico, penúltima linha as palavras: “Baronesa por decreto de 28 de junho de 1876”.

Santa Justa, 3º barão de: era irmão do 2º barão de Santa Justa. Faleceu a 3 de novembro de 1896 no Rio de Janeiro e foi sepultado no cemitério de São Francisco Xavier. Casou com d. Leopoldina Maria Barbosa Salgado, falecida a 21 de julho de 1900.

Santa Luzia, 1º barão de: capitão de ordenanças do distrito de Macaúbas, Minas Gerais, em 1798, foi reformado no posto de sargento-mor em 1809. Passou a servir no 1º regimento de milícias da comarca do Rio das Velhas, sendo promovido a tenente-coronel agregado ao mesmo regimento em decreto de 4 de outubro de 1817, a coronel graduado em 1825 e reformado em 1827. Agraciado com o hábito e comenda da Ordem de Cristo, respectivamente, em 1816 e 1820.

Santa Luzia, 2º barão de: faleceu a 8 de junho de 1854.

Santa Mafalda, barão de: filho do comendador Manuel do Vale Amado e de d. Bernardina Andrade. Era irmão da baronesa de São Mateus.

Santa Margarida, barão de: nasceu a 24 de julho de 1864 em Minas Gerais. Faleceu a 18 de junho de 1936 no Rio de Janeiro. Casou a 24 de junho de 1884 com d. Margarida de Castro, falecida a 27 de abril de 1938. Era filha de Guilherme de

Castro e de d. Margarida Pinheiro. Foram seus filhos: Zilda, Fernando, Armando, Nair, Joaquim, Maria da Glória, Sílvio, Jorge, Álvaro e Guilherme, todos Vidal Leite Ribeiro.

Santa Maria, barão de: filho do coronel Antônio Neto Carneiro Leão e de sua segunda mulher, d. Rita de Cássia Soares do Couto. Era irmão do marquês do Paraná. Serviu na Marinha de guerra inglesa, como guarda-marinha, durante dez anos. Assistiu à batalha da Criméia. No grande baile da corte da Inglaterra, por ocasião da coroação da rainha Vitória, em 1837, foi par em uma contradança com a mesma rainha. Casou com d. Rita de Oliveira Roxo, nascida a 29 de maio de 1833 e falecida a 20 de agosto de 1912 no Rio de Janeiro. Era filha dos barões de Vargem Alegre. Foram seus filhos: Nicolau Neto, Rita de Cássia, Francisco Neto, José e Joaquina Clara (baronesa de Oliveira Roxo), todos Carneiro Leão.

Santa Maria Madalena, barão de: nasceu a 2 de fevereiro de 1826 e faleceu a 12 de maio de 1895. Importante fazendeiro na província do Rio de Janeiro. Casou com d. Idília Guilhermina da Silva Freire, falecida a 27 de setembro de 1903.

Santa Marta, barão de: filho de Francisco Maria Piquet e de d. Matilde Joaquina da Soledade. Casou duas vezes. A segunda vez em 8 de maio de 1864 com d. Manuela Soares de Seixas Antiquera. Convidado a declarar qual o nome que deveria constar no título nobiliárquico que o governo imperial resolvera conceder-lhe, Luís Maria Piquet, agradecendo a distinção declarou que sentir-se-ia honrado se o mesmo título tivesse a denominação de Santa Marta, em memória do maior temporal a que assistira nas proximidades do farol de Santa Marta, na costa do Paraná.

Santa Mônica, barão de: nasceu a 29 de novembro de 1832. Faleceu a 22 de outubro de 1885, em Caxambu, Minas, e foi sepultado no Rio de Janeiro, no cemitério de Catumbi. A baronesa nasceu a 5 de dezembro de 1834 e faleceu a 21 de abril de 1902. Era filha dos duques de Caxias. Os barões de Santa Mônica tiveram grande descendência.

Santa Rita, 1º barão de: filho de José Ribeiro de Castro e de d. Maria Josefa Pereira, naturais de Guimarães, Portugal. Faleceu a 25 de maio de 1854 em Campos, província do Rio de Janeiro. Casou com d. Ana Francisca Pinheiro, nascida em 1775 e falecida em 1844. Foram seus filhos: Raquel Francisca (viscon-

dessa de Muriaé), Francisca Antônia (viscondessa de Araruama), José (2º barão e visconde de Santa Rita), Manuel, Antônio, Ana, Antônio, Jerônimo e Julião, todos Ribeiro de Castro.

Santa Rita, 2º barão e visconde de: filho do 1º barão de Santa Rita. Nasceu em 1801 e faleceu a 5 de agosto de 1890. Grande agricultor em Campos. Casou com d. Maria Antônia Neto da Cruz, nascida em 1823 e falecida a 5 de abril de 1909, no Rio de Janeiro. Era filha do barão e da viscondessa de Muriaé. Sua filha, Ana Raquel, foi casada com o dr. João Belisário Soares de Sousa.

Santa Rosa, barão de: faleceu a 25 de janeiro de 1898, no estado do Maranhão.

Santa Tecla, barão de: nasceu a 28 de novembro de 1830, no Erval, Rio Grande do Sul. Fundou importante charqueada em Pelotas e foi grande criador em Bagé, nas estâncias do Piraí e do Serro Alegre. Militou na política. Como vice-presidente assumiu a presidência da província do Rio Grande do Sul em 6 de agosto de 1888. Era filiado ao partido conservador. Praticou em sua existência atos de benemerência, de abnegação e de filantropia. Faleceu a 17 de novembro de 1900, em Bagé. Casou com d. Amélia Gomes de Melo, falecida a 18 de novembro de 1906. Foram seus filhos: João, Joaquim, Leocádia, Eduardo, Umbelina, Augusto, Alfredo e Sílvio, todos da Silva Tavares.

Santa Teresa, visconde de: nasceu a 2 de setembro de 1802, em Santa Catarina. De princípio não fez uso do título de visconde de Santa Teresa, que o governo imperial lhe concedera em decreto de 27 de abril de 1870. O imperador soube desse procedimento e na primeira oportunidade, interpelou-o a respeito. Polidoro respondeu: “Vossa Majestade me concedeu menos do que tenho direito. Como tenente-general, compete-me o tratamento de excelência ao passo que o título concedido só dá o de senhoria”. O imperador reconheceu o fato e em decreto de 24 de abril de 1871, concedeu ao tenente-general Polidoro o título de visconde com honras de grandeza.

Santa Vitória, barão e visconde de: nasceu a 30 de julho de 1831 e faleceu a 7 de abril de 1906, em Paris. Natural de Porto Alegre. Capitalista e banqueiro em Rosário de Santa Fé. Casou com d. Fernanda Alzira Chaves de Amorim, nascida a

16 de dezembro de 1836, no Rio Grande do Sul, e falecida a 11 de novembro de 1911, em Paris.

Santarém, barão de: nasceu a 8 de janeiro de 1808. Faleceu a 15 de agosto de 1882. Militou na política, sendo chefe do partido conservador em Santarém, Pará. Vice-presidente da província. Casou com d. Maria Luisa Pinto Guimarães.

Santo Amaro, 1º visconde e marquês de: sua segunda mulher nasceu a 10 de novembro de 1787, em Portugal, e faleceu a 30 de julho de 1846, no Rio de Janeiro. Os marqueses de Santo Amaro foram sepultados no convento de Santo Antônio. Foram seus filhos: Carlota Maria de Almeida, Maria da Penha Almeida, João Carlos Pereira de Almeida (visconde de Santo Amaro) e Maria Joana Benedita de Almeida, os dois últimos do segundo casamento e os outros do primeiro.

Santo Amaro, 2º visconde de: a viscondessa faleceu a 2 de dezembro de 1896, em Hamburgo.

Santo André, barão de: faleceu a 16 de junho de 1897, na cidade do Carmo da Bagagem, em Minas Gerais, onde era juiz de direito. Casou com d. Maria Idalina Coutinho Espínola, filha do dr. Tomás de Bonfim Espínola e de d. Maria Idalina César Coutinho.

Santo Ângelo, barão de: a baronesa faleceu a 12 de abril de 1901, no Rio de Janeiro. Sua filha Carlota foi casada com o grande pintor Pedro Américo e faleceu em Florença, Itália, em fevereiro de 1918.

Santo Antônio, barão de: natural de Portugal. Fazendeiro na província do Rio de Janeiro. Faleceu a 22 de janeiro de 1884, em sua fazenda Recreio de Santo Elias, no município de Paraíba do Sul. Casou com d. Balbina Pereira Nunes, que faleceu antes de seu marido. Era filha de Inácio Pereira Nunes.

Santo Antônio da Barra, barão de: faleceu a 14 de dezembro de 1892, em estado de solteiro na cidade do Salvador, Bahia. Era grande proprietário na cidade de Condeúba.

São Bento, barão de: nasceu a 12 de janeiro de 1819. Filho do senador Jerônimo José de Viveiros e de d. Ana Rosa Mendes. Casou com d. Mariana Francisca Correia de Sousa.

São Borja, barão de: a baronesa, nascida a 27 de junho de 1825, faleceu a 2 de fevereiro de 1890, em Porto Alegre. Fo-

ram seus filhos: Florêncio José, Severiano Ribeiro, Maria Amélia, Bento Manuel, Vitorino José e João Ribeiro, todos Carneiro Monteiro.

São Carlos, barão de: faleceu a 6 de fevereiro de 1894, no município de Paraíba do Sul. A baronesa faleceu a 30 de maio de 1910, em sua fazenda Monte Cristo, no referido município. O vespertino *Diário da Noite*, do Rio de Janeiro, em sua edição de 28 de outubro de 1949, publicou a seguinte notícia: “Receberão quinze milhões os herdeiros da baronesa. – O Supremo T. Federal julgou improcedente a ação rescisória. Em sua última sessão, o Supremo Tribunal Federal julgou improcedente a ação rescisória nº 230, proposta por Cristóvão Chalier Nunes contra os herdeiros de d. Eufrásia Pereira Nunes, baronesa de São Carlos, falecida em 1913, em Paraíba do Sul. O autor da rescisória recusou-se a entregar aos herdeiros da baronesa as fazendas de Santo André, Monte Cristo, Serra, Bocaina, Santa Isabel, gado, jóias e alfaias avaliados em Cr\$ 15.000.000,00. Os bens da baronesa estavam em poder do dr. Cristóvão Pereira Nunes, pai do autor que durante vinte e cinco anos lutou com os herdeiros. Falecendo o filho continuou a demanda que começou em 1913 e terminou em 1949 com a notável decisão do Supremo. Os herdeiros da baronesa de São Carlos são: Balbina Pereira Nunes, única filha viva e filhos. Adélia Pereira Nunes, nora e filhos, Ari, Heitor, Elza, Oscar e Maria José Sofia Pereira de Lima e filhos, dr. Albino Lima, Sílvia e Diva de Lima, Hilda Pereira e Lima, Glorinha Pereira de Lima e filhas Eni, Iza e Gessi. Foram advogados dos herdeiros os professores Luís Carlos da Costa Carvalho e Alaim de Almeida Carneiro. O dr. Cristóvão Chalier Nunes entregará as fazendas aos herdeiros, pagará juros de mora de 1913 até 1949, rendas das fazendas, honorários dos advogados dos herdeiros calculados em 20% e demais cominações legais”.

São Clemente, 1º barão, visconde e conde de: sua mulher faleceu, sendo baronesa de São Clemente e foi sepultada no cemitério de Catumbi. Foram seus filhos: Antônio Clemente Pinto (barão de São Clemente) e Alice Clemente Pinto, casada com o conselheiro Rodolfo Epifânio de Sousa Dantas.

São Clemente, 2º barão de: foi sepultado no cemitério de Catumbi. A baronesa faleceu a 26 de dezembro de 1938, com a idade de setenta e cinco anos, sendo sepultada no mesmo cemi-

tério. Foram seus filhos: Maria José, Clotilde, Antônio Jorge, Mário José, todos de São Clemente.

São Diogo, barão de: nasceu a 23 de dezembro de 1843. Bacharel em direito, em 1864, pela Academia de São Paulo. Foi 1º oficial da Secretaria da província do Rio de Janeiro. Juiz municipal de Itaboraí, juiz de direito das comarcas de Vassouras e Campanha, sendo aposentado com as honras de desembargador. Deixando a vida pública, foi fazendeiro na mesma província. Militou na política, pertencendo ao partido conservador no regime monárquico. Deputado geral na legislatura de 1853 a 1856. Presidente da província do Rio de Janeiro em 1869-70; durante sua administração firmou contratos para a construção de estradas de ferro de Cantagalo e para navegação entre a corte e o porto de Imbetiba. Cavaleiro da Ordem de Cristo e oficial da Ordem da Rosa. Foi sepultado no cemitério de São João Batista. Casou em primeiras núpcias com d. Francisca de Jesus Breves, viúva de Raimundo de Sousa Breves e irmã da baronesa de Piraí e em segundas núpcias com d. Ana Francisca de Campos Belos, nascida em 1822 e falecida a 11 de agosto de 1893, sendo sepultada no referido cemitério. Era filha de Pedro de Campos Belos Viana e de d. Ana Delfina Teixeira de Macedo. O inventário dos bens do barão se encontra no Arquivo Nacional.

São Félix, barão de: nasceu a 20 de novembro de 1812. Foi sepultado no cemitério da Ordem de São Francisco da Penitência, em São Cristóvão.

São Fidélis, barão de: filho de Manuel Joaquim da Silva e de d. Luisa Maria de Melo. Nasceu a 13 de fevereiro de 1826, em Campos, província do Rio de Janeiro, onde faleceu a 21 de setembro de 1884. Importante agricultor. Comendador da Ordem da Rosa e da de Cristo, de Portugal. Casou com d. Maria de Azevedo Melo Pinto, nascida a 13 de julho de 1831 e falecida a 23 de janeiro de 1863, antes que seu marido fosse agraciado com o título nobiliárquico. Foram seus filhos: Antônio, Adélia, Alberto, Maria, Manuel, Joaquim, Olímpio e Laura, todos da Silva Pinto.

São Francisco, 1º barão de: agricultor e senhor de vários engenhos de açúcar. Capitão-mor do Terço das Ordenanças. Membro da junta governativa da Bahia, criada em 4 de dezembro de 1822. Despendeu grande soma de dinheiro da sua fortuna particular na organização e manutenção do exército na campanha do

exército. Cavaleiro da Ordem de Cristo. Oficial da Ordem do Cruzeiro. Condecorado com a medalha da Independência e o título de Conselho. Foram seus filhos: José de Araújo Aragão Bulcão (2º barão de S. Francisco), Inácio de Araújo de Aragão Bulcão, Joaquim Inácio de Araújo Bulcão (barão de Matoim) e Antônio de Araújo Aragão Bulcão.

São Francisco, 2º barão de: nasceu a 4 de junho de 1798, na vila de S. Francisco da Barra de Sergipe do Conde, capitania da Bahia. Vereador e presidente da Câmara Municipal da mesma vila. Considerado um dos mais adiantados agricultores, senhor de vários engenhos de açúcar e fazendas de criação. Prestou relevantes serviços nas lutas da Independência e na rebelião conhecida por Sabinada em 1837. Vice-presidente da província em 1840. Cavaleiro da Ordem do Cruzeiro. Foram seus filhos: dr. Baltazar de Araújo de Aragão Bulcão, Ana Rita Cavalcanti de Araújo Bulcão, José de Araújo de Aragão Bulcão Filho, Joaquim Inácio de Siqueira Bulcão, dr. Antônio de Araújo Aragão Bulcão (3º barão de São Francisco), Rodrigo Antônio de Araújo Aragão Bulcão, dr. João de Araújo de Aragão Bulcão, Maria Joaquina de Aragão Bulcão, Leonor de Araújo Aragão Bulcão, dr. Gonçalo Marinho de Aragão Bulcão, José de Araújo Bulcão, Luisa Flora de Araújo de Aragão Bulcão, dr. Joaquim Inácio de Araújo Bulcão Filho, Augusta Emília Moniz de Aragão Bulcão.

São Francisco, 3º barão de: nasceu a 6 de agosto de 1832. Faleceu a 8 de junho de 1913. Casou em primeiras núpcias com d. Maria Clara Moniz Viana, filha do 2º barão do Rio das Contas e de d. Maria Amália Ferrão Moniz de Aragão, falecida a 7 de setembro de 1857 e em segundas núpcias com d. Maria José Moniz Viana, nascida a 24 de setembro de 1843, falecida a 2 de dezembro de 1897, no engenho Guaíba. Era filha dos segundos barões do Rio das Contas. Foram seus filhos: Maria Clara Viana Bulcão, Francisco de Araújo Aragão Bulcão, Maria Amália Viana Bulcão, Antônio de Araújo de Aragão Bulcão, José Joaquim de Aragão Bulcão e Luís de Araújo Aragão Bulcão.

São Francisco, visconde de: faleceu a 10 de setembro de 1892. A viscondessa nascida a 17 de agosto de 1837, faleceu a 16 de fevereiro de 1912, no Rio de Janeiro, e foi sepultada no cemitério de Catumbi. Foram seus filhos: Artur de Miranda Pacheco, Irene de Miranda Pacheco e Alfredo de Miranda Pacheco.

São Francisco das Chagas, barão de: nasceu em 1810, faleceu em 1898, em S. Francisco das Chagas, Minas Gerais. Filho de José Maria Cabral de Melo e de d. Albina Barbosa. Casou em primeiras núpcias com d. Donância de Melo e em segundas núpcias com d. Maria Bernarda de Melo. Agricultor.

São Francisco de Paula, barão de: nasceu em 1826 e faleceu a 29 de maio 1903. Casou com d. Umbelina Luisa de Oliveira Rosário.

São Francisco do Glória, barão de: nasceu a 17 de fevereiro de 1823. Foi grande e abastado dono de terras que iam de Tombos até São Francisco do Glória, em uma extensão de mais de setenta quilômetros entre os dois pontos. Sempre residiu em Tombos onde teve fazenda. Militou na política no município de Santa Lúcia do Carangola ao qual Tombos pertencia até 1923. Morreu pobre a 11 de abril de 1894, em Tombos, onde foi sepultado.

São Gabriel, 1º barão e visconde de: nasceu a 2 de julho de 1769. Filho do coronel Francisco Barreto Pereira Pinto e de d. Francisca Veloso. Casou com d. Rita Bernardes Cortes de Figueiredo Mena, filha do tenente José Maria de Figueiredo Mena, natural da praça de Chaves, Portugal, e de d. Rita Clemência de Oliveira, batizada na freguesia da Encarnação, cidade de Lisboa. Sua prole foi de dezoito filhos, sendo quatro legitimados.

São Gabriel, 2º barão de: a baronesa faleceu a 9 de outubro de 1913. Foram seus filhos: Maria da Glória Mena Barreto, Sebastião Mena Barreto, Corina Mena Barreto, João Propício Mena Barreto e Francisco Mena Barreto. O barão, antes de casar, legitimou dois filhos: João Batista Mena Barreto e Propício Afonso Mena Barreto.

São Geraldo, barão de: nasceu a 8 de agosto de 1842. Filho de Antônio Álvares de Abreu e Silva e de d. Virgínia Ribeiro de Avelar. Faleceu a 9 de janeiro de 1902 e foi sepultado no cemitério de Penha Longa, município de Mar de Espanha. Mais tarde, seus restos mortais foram trasladados para o cemitério de São João Batista, no Rio de Janeiro, e sepultados a 30 de março de 1931. Militou na política. Ao falecer era senador estadual por Minas Gerais e presidente do Executivo municipal de São José de Além Paraíba. Casou com d. Umbelina Teixeira Leite, nascida a 27

de março de 1852, na província de Minas Gerais e falecida a 11 de março de 1939, no Rio de Janeiro, sendo sepultada no referido cemitério de São João Batista.

São Gonçalo, barão de: nasceu a 8 de fevereiro de 1792. Faleceu a 9 de setembro de 1873, em Niterói, e foi sepultado no cemitério da Ordem do Carmo do Rio de Janeiro. Fazendeiro em Cordeiros e Araruama, na província do Rio de Janeiro.

São Jacó, barão de: nasceu a 3 de dezembro de 1825, no Rio Grande do Sul. Filho do capitão do Regimento de Dragões do Rio Pardo Francisco Rodrigues Dias e de d. Ana Dias. Fez a campanha do Paraguai, comandou uma brigada até a rendição de Uruguaiana, em 1865. Foi chefe político e fazendeiro em sua província natal. Faleceu a 15 de fevereiro de 1892. Casou com d. Josefina Dias, falecida a 25 de junho de 1893, em Cruz Alta.

São João da Barra, 1º barão de: acumulou grande fortuna e exerceu muita preponderância nas questões políticas do seu distrito. A baronesa faleceu a 20 de setembro de 1859. Natural de Campos e filha de Joaquim José Alves e d. Úrsula Maria das Virgens. Foram suas filhas: Raquel José Alves, Francisca Alves e Isabel Alves. O inventário dos bens do barão se encontra no Arquivo Nacional.

São João da Barra, 2º barão e visconde de: filho de Antônio Joaquim de Carvalho Siqueira e de d. Isabel Alves. Neto do 1º barão de São João da Barra. Casou com d. Inácia de Siqueira, falecida a 24 de julho de 1892.

São João da Palma, conde e marquês de: a marquesa, natural de Campos, faleceu a 28 de agosto de 1845 e foi sepultada nos jazigos da Ordem de São Francisco de Paula. Era filha do coronel Joaquim Vicente dos Reis e de d. Josefa Bernardina do Nascimento. O marquês, quando governador de Goiás, teve os seguintes filhos naturais, legitimados por d. João VI: d. Manuel de Assis Mascarenhas, José de Assis Mascarenhas e Luís de Assis Mascarenhas.

São João das Duas Barras, barão e conde de: nasceu a 2 de dezembro de 1846. Filho de João Gomes Curado e de dona Maria de Cerqueira de Assunção. No governo do vice-rei Luís de Vasconcelos, seguiu para o interior da capitania do Rio de Janeiro com diligência de defender os habitantes do sertão de índios bravos que atacavam e saqueavam as fazendas. Formou um corpo

de cavalaria auxiliar nas freguesias de São João Marcos e Campo Alegre. Fez a divisão dos cinco distritos da freguesia de São João Marcos, que foram dotados de corpos de ordenanças. Na segunda campanha do sul iniciada em julho de 1816, empenhou-se em várias batalhas e na do Catalão patenteou seu grande valor, capacidade e talento. Na qualidade de governador das Armas da corte teve de tomar providências necessárias contra as forças do general Avilez, que terminaram com a retirada das referidas forças para outra banda do Rio de Janeiro e sua partida para Portugal a 15 de fevereiro de 1822. Faleceu no Rio de Janeiro e foi sepultado nas catacumbas da igreja de São Francisco de Paula. Em dezembro de 1869, a expensas de d. Pedro II, seus restos mortais foram transladados para um jazigo perpétuo, construído no cemitério da Ordem de São Francisco de Paula, em Catumbi.

São João Del Rei, barão de: nasceu a 10 de dezembro de 1824. Militou na política. Casou com d. Guilhermina de Carvalho, nascida a 16 de junho de 1838 e falecida a 6 de fevereiro de 1911, em São João del Rei, sendo sepultada no cemitério dos Franciscanos da mesma cidade. Era filha dos primeiros barões de Cajuru.

São João de Icaraí, barão de: nasceu a 27 de janeiro de 1821, no Rio de Janeiro. Filho de Joaquim José de Barros e de d. Januária de Figueiredo Pereira. Faleceu a 14 de janeiro de 1896. Capitalista e Proprietário. Casou com d. Maria Emília Carneiro Leão, falecida a 27 de fevereiro de 1895, em Menton, França. Era filha dos marqueses do Paraná. Foram seus filhos: Honório de Barros, Constantino de Barros, Maria Emília de Barros, Umbelina de Barros e Januária de Barros. O barão herdou de seu sogro o solar da Rua Marquês de Abrantes, ainda não demolido e os vastos terrenos até o morro da Viúva, onde foram abertas várias ruas. Os inventários dos bens do barão e da baronesa se encontram no Arquivo Nacional.

São João do Príncipe, barão de: era grande fazendeiro de café na província do Rio de Janeiro. Filho do capitão José de Oliveira e Sousa e de d. Maria Antônia da Silva e Oliveira. Faleceu com a idade de sessenta e nove anos, sem descendência, no Rio de Janeiro, e foi sepultado no cemitério de São João Batista. Casou com d. Feliciano Rosa da Silva, nascida em 1811 e falecida a 3 de maio de 1861, na mesma cidade. Era filha

de José da Silva Pereira e de d. Jacinta Rosa do Nascimento. O inventário dos bens do barão se encontra no Arquivo Nacional.

São João do Rio Claro, barão de: Amador Lacerda Rodrigues Jordão. Nasceu em 1824, na província de São Paulo. Faleceu sem descendência. Filho do brigadeiro Manuel Rodrigues Jordão, falecido a 27 de fevereiro de 1826.

São João Marcos, barão e marquês de: a marquesa faleceu a 7 de setembro de 1883. Sua prole foi de treze filhos, quatro do primeiro casamento e nove do segundo.

São João Nepomuceno, barão de: a baronesa nasceu em 1818 e faleceu a 18 de junho de 1893, em Juiz de Fora, e foi sepultada no cemitério de sua fazenda Rocinha, na estação de Paraibuna, da E. F. Central do Brasil. Era filha do coronel Manuel do Vale Amado.

São Joaquim, barão de: a baronesa faleceu a 18 de setembro de 1929, em Petrópolis.

São José, 1º barão de: nasceu a 1789 em Minas Gerais. Faleceu a 12 de julho de 1872, em Rio Preto, sendo sepultado na Igreja do Rosário. Casou com d. Maria Rosa Oliveira Lima, falecida a 10 de novembro de 1875, na referida cidade.

São José, 2º barão de: nasceu em 1810. Exerceu diversos cargos de eleição popular e de nomeação do governo na freguesia de São Gonçalo, Campos, onde residia. Casou em primeiras núpcias com d. Jordiana Francisca de Miranda e em segundas núpcias com d. Quitéria Francisca de Vasconcelos, falecida a 23 de outubro de 1878, em Campos. O barão era filho de João da Silva Pinto e de d. Teresa Lauriana Pessanha. Foram seus filhos: Guilherme, Júlio (barão de Miranda), Isabel, Guilhermina, Carolina, Raquel, Leonor, Augusto e Francisca, todos de Miranda e Silva.

São José da Lagoa: nasceu em Itabira, Minas, onde era comerciante e fazendeiro. Faleceu a 27 de fevereiro de 1897, no rio São Francisco, município de Santa Bárbara.

São José Del Rei, barão de: nasceu em 1826 e faleceu a 9 de julho de 1909, em São José do Rio Preto. Filho de Antônio Bernardino de Barros. Abastado capitalista e importante fazendeiro. Concorreu com a quantia de setenta contos de réis para construção da matriz de Rio Preto. A baronesa faleceu a

3 de outubro de 1912, com a idade de oitenta e três anos, na referida cidade.

São José do Norte, barão e visconde de: natural da cidade do Rio Grande, Rio Grande do Sul. Filho de João Lopes de Araújo e de d. Ana de Araújo. Abastado fazendeiro. Faleceu a 9 de dezembro de 1890. Casou com d. Maria Joana de Araújo, nascida em 1819 e falecida a 12 de julho de 1884. Era filha de Manuel Custódio de Araújo e de D. Gertrudes Pinheiro. Foram seus filhos: Eufrásio, Gertrudes e Maria Joana (baronesa de Pinto Lima), todos Lopes de Araújo.

São José do Rio Preto, baronesa de: nasceu a 21 de fevereiro de 1835, na província de Minas Gerais. Filha de Mateus Herculano Monteiro de Castro. Casou com Domiciano Ferreira Monteiro da Silva, irmão do barão de Santa Helena. Foram seus filhos: Ana Augusta, Protásio Antônio, Antônio Ferreira, Maria Inês, Marcos Antônio, Rosa e José Augusto, todos Monteiro da Silva. Faleceu a 11 de maio de 1900, em sua fazenda Areão, em Matias Barbosa, Minas.

São Leopoldo, visconde de: a viscondessa nasceu a 13 de setembro de 1793. Foram seus filhos: Maria José, Maria Teresa, José (1º), Ana, Maria Rita (1ª), Maria Benedita, Maria Rita (2ª), José (2º), José (3º) e Maria Elisa, todos Fernandes Pinheiro.

São Lourenço, barão e visconde de: a viscondessa faleceu a 22 de junho de 1883, no Rio de Janeiro, com a idade de sessenta e quatro anos, sendo sepultada no cemitério de São João Batista. Era filha do conselheiro Dionísio de Azevedo Pessanha Vilhegas Castelo Branco e de d. Teodora dos Reis. Foram seus filhos Maria José (viscondessa de Passé), Teodora, Dionísio, José e Francisco, todos Gonçalves Martins. Tavares de Lira, tratando deste titular declara: “Teve em nosso país uma das mais auspiciosas carreiras políticas. Em sua terra natal, o chefe mais prestigioso do partido conservador. Muitos aqueles que lhe deveram seus primeiros êxitos na vida pública. Comprazia-se – afirmou de uma feita, em criar águias. Jamais receou que o deixassem na sombra. E este é um dos mais belos traços de sua superioridade”.

São Lucas, barão de: filho de Antônio Pereira de Escobar e de d. Leocádia Antunes. Nasceu em 1802 e faleceu a 26 de dezembro de 1903, em São Borja, Rio Grande do Sul. Rico e abastado, dono de várias estâncias. Benfeitor, fez grandes do-

nativos a asilos e hospitais. Casou em primeiras núpcias com d. Maria Tomásia de Toledo da Paixão, falecida a 5 de junho de 1842, em São Borja, e em segundas núpcias com d. Maria Felícia Vieira de Oliveira. Sua prole foi de dez filhos: sete do primeiro casamento e três do segundo.

São Luís, 1º barão de: faleceu a 5 de julho de 1870.

São Luís, 2º barão de: filho do tenente-coronel Eliseu Antunes Maciel e de d. Leopoldina Rosa Maciel. Nasceu em 1850, em Pelotas, onde faleceu a 5 de maio de 1904. Bacharel em direito pela academia de São Paulo. A baronesa faleceu a 14 de agosto de 1921, em Pelotas, com a idade de sessenta e oito anos, era filha do barão de Butuí. Sua prole foi de doze filhos.

São Luís do Maranhão, barão de: filho do coronel Joaquim José Gonçalves e de d. Isabel Marcolina Nunes Belfort. Nasceu a 6 de abril de 1823 e faleceu a 31 de maio de 1899, no Rio de Janeiro. A baronesa faleceu com a idade de setenta e oito anos, sendo sepultada no cemitério de São João Batista.

São Marcelino, barão de: nasceu a 2 de junho de 1838, no Quilombo, depois União e Palmira, Minas. Filho de Manuel Vieira Tostes e de d. Maria Tostes. Casou com d. Maria Moretson. Faleceu a 13 de maio de 1913, na cidade de Juiz de Fora.

São Mateus, baronesa de: nasceu a 14 de maio de 1786, em Matias Barbosa, capitania de Minas Gerais. Casou com o coronel de milícias José Inácio Nogueira da Gama, grande proprietário, possuidor de dezoito sesmarias. Foram seus filhos: Rosa Mônica do Vale da Gama (2ª condessa de Baependi), Nicolau Antônio Nogueira Vale da Gama (barão e visconde de Nogueira da Gama) e Guilhermina Nogueira Vale. A baronesa de São Mateus despendeu sua fortuna em obras de caridade, socorrendo os necessitados e amparando os infelizes. Faleceu a 16 de junho de 1881 em Matias Barbosa. Seu corpo transladado para o Rio de Janeiro, foi sepultado no cemitério da Ordem de São Francisco de Paula, em Catumbi.

São Miguel, barão de: nasceu a 22 de setembro de 1840, em Catu, Bahia, onde faleceu a 18 de fevereiro de 1932. Casou em primeiras núpcias com d. Joana Delfina de Araújo Góis, falecida naquela localidade a 2 de abril de 1869 e em segundas núpcias com d. Carolina dos Reis, falecida a 5 de novembro de 1936, na mesma cidade.



JOSÉ MARIA DA SILVA PARANHOS

*Visconde do Rio Branco*

(Tela de Sousa Lobo e Nascimento, existente no Museu Imperial).



São Nicolau, barão de: faleceu a 24 de fevereiro de 1881, sendo sepultado no cemitério de São João Batista, no Rio de Janeiro. Sua mãe, d. Maria Benedita Correia da Câmara, era filha do 1º visconde de Pelotas. A baronesa nasceu a 15 de março de 1816 e faleceu a 4 de outubro de 1894 na mesma cidade, sendo sepultada naquele cemitério.

São Roberto, barão de: faleceu a 14 de junho de 1895, no distrito de Gouveia, município de Diamantina, Minas Gerais, com a idade de setenta e três anos. Grande industrial, montou no mesmo distrito um estabelecimento de mineração e duas fábricas de chapéus e de tecidos. Foi casado com d. Maria Cândida Alves.

São Romão, barão de: natural da Bahia. Faleceu a 20 de outubro de 1896 com a idade de oitenta e cinco anos na cidade de Januária, Minas, onde passou a maior parte de sua existência. Foi uma das figuras mais notáveis da região mineira do rio São Francisco, não só pela sua cultura, como pelos serviços prestados à zona na época em que viveu. Casou com d. Inês Maria de Sousa, falecida a 8 de dezembro de 1897, com a idade de setenta e cinco anos. Foi numerosa sua prole.

São Roque, barão de: fazendeiro em Santa Teresa, província do Rio de Janeiro. Fez parte da Câmara Municipal de Paraíba do Sul.

São Salvador de Campos, visconde de: sua mulher era filha do conde de Vila Nova de São José e de d. Gertrudes Angélica Pedra.

São Sebastião, visconde de: nasceu em 1814. Faleceu a 8 de outubro de 1890, em Campos, Estado do Rio de Janeiro. Filho de Miguel Ribeiro da Mota e de d. Rita Maria de Azevedo. O visconde não casou, mas reconheceu onze filhos.

São Sepé, barão de: conselheiro de Guerra em 23 de agosto de 1880. Fez as campanhas do Uruguai e Paraguai. Possuía as condecorações de Avis, Cruzeiro e Rosa e medalhas da campanha do Uruguai, mérito militar e geral da campanha do Paraguai. Nasceu a 19 de agosto de 1821, na província do Rio de Janeiro. Filho do tenente-coronel Manuel Pereira de Carvalho. Faleceu a 13 de agosto de 1891, na capital da República. A baronesa faleceu a 9 de agosto de 1918, na mesma capital. Era filha do marechal Luís Manuel de Lima e Silva e de d. Francisca Júlia de Lima e Silva. Sua prole foi de duas filhas: Francisca e

Maria do Carmo, casadas respectivamente, com os generais Agostinho Raimundo Gomes de Castro e Francisco Flaris, sendo que a primeira faleceu a 28 de agosto de 1921, no Rio de Janeiro, com oitenta e seis anos.

São Tiago, barão de: filho do coronel Domingos Américo da Silva e de d. Ana Joaquina de São José Ribeiro Américo. Faleceu a 28 de agosto de 1891 em estado de solteiro na cidade do Salvador. Era dono dos engenhos São Domingos da Ponte, da fazenda São Tiago e de outros bens. Seu testamento com a discriminação dos legados que instituiu foi publicado no *Jornal de Notícias*, de 31 de agosto de 1891, na capital da Bahia.

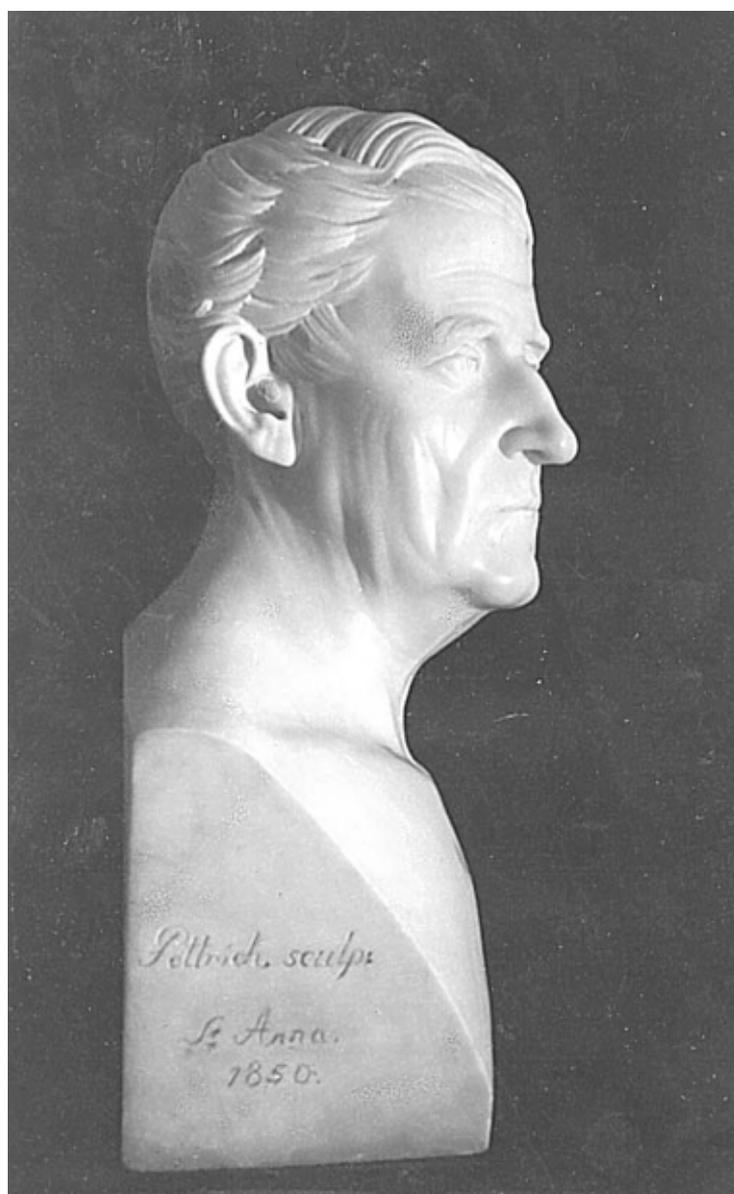
São Tomé, barão de: filho de Antônio Gonçalves da Penha e de d. Florência Maria e São José, casou a 28 de setembro de 1826 com d. Mariana Benedita de Andrade, filha de Francisco José de Andrade e de d. Ana Rosa de Paiva. Foram suas filhas: Maria Francelina de Andrade e Francisca Jesuina de Andrade. O barão foi delegado da instrução da freguesia e distrito de São Vicente Férrer. Faleceu em agosto de 1888.

São Vicente, visconde e marquês de: a marquesa faleceu a 13 de julho de 1883, com a idade de sessenta e nove anos. O solar do marquês na Gávea, arrabalde do Rio de Janeiro, pertence atualmente à prefeitura do Distrito Federal, nele funcionando o Museu da Cidade.

São Vicente de Paula, baronesa de: filha dos primeiros barões de Abadia, nasceu em 1818. Casou com Domingos Pereira Pinto, havendo do consórcio os seguintes filhos: Gregório Pereira de Miranda Pinto, José Pereira de Miranda Pinto, Domingos Pereira Pinto Filho, Jerônimo e Francisco, ambos Pereira de Miranda Pinto. Esmoler e caritativa, manteve em sua residência um asilo de órfãos desvalidos em número superior a cem. Faleceu a 14 de julho de 1890 em sua fazenda Visconde, no município de Campos, estado do Rio de Janeiro.

São Vítor, barão de: nasceu em 1816 e faleceu a 9 de abril de 1887. A baronesa faleceu a 18 de outubro de 1887. Do consórcio houve uma filha, Carolina Resse, nascida em 1841 e falecida em 1918, casada com Pedro Simonard.

Sapucaí, marquês de: casou com d. Ana Vieira de Castro Araújo Viana, que faleceu a 8 de setembro de 1876, no Rio de Janeiro, e foi sepultada no cemitério de Catumbi. Foram



PEDRO DIAS PAES LEME  
*Marquês de S. João Marcos*  
(Mármore de Pettrich, 1850, existente no Museu Imperial)  
Doação das exmas. sras. d.d. Lúcia de Monlevade Tomanick  
e Mariana Vergueiro César



seus filhos: Américo José, Cândido José, Maria Cândida, Ernesto Augusto, Manuel, Januária Leopoldina e Constança Mariana, todos de Araújo Viana.

Sapucaia, barão de: faleceu a 23 de maio de 1886 e foi sepultado no cemitério de Catumbi. Casou com d. Jacinta Cândida de Almeida, falecida a 19 de julho de 1884 e sepultada no mesmo cemitério. O inventário dos bens do barão se encontra no Arquivo Nacional.

Saramenha, barão de: faleceu a 13 de setembro de 1921, em Belo Horizonte. Sua prole foi de quatro filhos: Horácio de Andrade, uma filha casada com o senador Bernardo Monteiro, Cláudio de Andrade e Celuta de Andrade.

Sarapuí, conde de: filho do mestre-de-campo do terço do distrito de Magé, Bartolomeu José Bahia, falecido a 9 de agosto de 1801 e de d. Francisca Josefa de Azevedo Coutinho. A condessa nasceu a 12 de agosto de 1790 e faleceu a 22 de janeiro de 1867, na cidade de Lisboa. Foram suas filhas: Ana e Cecília (condessa de Iguaçú).

Saúde, 1º barão da: nasceu em maio de 1769 e faleceu em idêntico mês de 1858 em Lisboa. Doutor em medicina. Médico da imperial câmara. Físico-mor e provedor-mor de saúde. Presidente da junta de saúde, de junho de 1816 a fevereiro de 1817. Nomeado inspetor do hospital militar em decreto de 22 de março de 1821. Após a abdicação de d. Pedro I, foi licenciado por ato de 12 de abril de 1831, para ir à Europa. Era nessa época físico-mor do Exército e inspetor geral dos hospitais. Seguiu a 13 de abril de 1831 para Europa a bordo da corveta *Volage*, na comitiva de d. Pedro I. Não voltou mais ao Brasil.

Saúde, 2º barão da: nasceu em 1824. Faleceu a 24 de novembro de 1901, no Rio de Janeiro, sendo sepultado no cemitério da Ordem do Carmo. Comerciante na praça da mesma cidade. Casou com d. Joana Amância Dias da Cruz, que faleceu a 23 de setembro de 1908, em Petrópolis, onde foi sepultada.

Sauípe, barão de: filho do coronel José de Sousa Leite e de d. Josefa Maria de Jesus Leite. Nasceu a 24 de agosto de 1830 e faleceu a 10 de fevereiro de 1915, na cidade do Salvador, Bahia.

Sepeitiba, visconde de: sua genitora, d. Francisca Flávia de Oliveira, faleceu a 18 de julho de 1826, no Rio de Janeiro, sendo sepultada nas catacumbas da Igreja de São Francisco de Paula. Juiz de fora e ouvidor de São João Del Rei e juiz de órfãos da corte. Desembargador. Casou em primeiras nú-pcias com d. Adelaide Guilhermina de Castro Rosa, falecida a 20 de setembro de 1843 e sepultada nas referidas catacumbas. Era filha de Joaquim Francisco da Rosa e de d. Rita de Castro. Sua segunda mulher faleceu a 29 de janeiro de 1889, no Rio de Janeiro. Foram seus filhos: Ernesto de Sousa e Oliveira Coutinho e Leopoldina Carolina de Sousa e Oliveira Coutinho, do primeiro casamento, Aureliano de Sousa e Oliveira Coutinho e Brasília de Sousa e Oliveira Coutinho, do segundo casamento.

Sergi, barão de: faleceu a 30 de novembro de 1893 em Santo Amaro, Bahia, onde era fazendeiro. Oficial da Guarda Nacional, fez a campanha do Paraguai, com distinção, durante cinco anos, salientando-se nas ações do desalojamento dos paraguaios no desfiladeiro de Sapucaí a 5 de agosto de 1869 e na batalha de Lomas Valentinas, em 1868.

Sergi-Mirim, barão, visconde e conde de: a condessa faleceu a 9 de fevereiro de 1896, em Santo Amaro, Bahia, com a idade de oitenta e cinco anos. Foram seus filhos: Joaquim da Costa Pinto, Antônio da Costa Pinto (visconde de Oliveira), Mariana da Costa Pinto (baronesa de Geremoabo) e Maria Joaquina da Costa Pinto. Suprimir no Arquivo Nobiliárquico Brasileiro, p. 474, segundo verbete, as palavras: “e, em 1817, teve as honras de tenente-coronel do Exército por relevantes serviços que prestou”.

Serinhaém, barão de: nasceu a 25 de dezembro de 1824 e faleceu a 14 de julho de 1889, em Pernambuco. Casou com d. Maria Líbia Wanderley Lins, nascida a 15 de junho de 1841 e falecida a 19 de outubro de 1924.

Serra Branca, barão de: nasceu a 2 de maio de 1829. Filho do capitão Antônio da Silva Carvalho e de d. Maria da Silva Veloso. Tenente-coronel da Guarda Nacional. Fazendeiro. Militou na política, filiado ao partido conservador, foi deputado provincial por duas vezes. Faleceu a 16 de julho de 1893, nos arredores de Caicó, e foi sepultado no cemitério de Açú. Casou com d. Belisária Wanderley, nascida a 13 de outubro de 1836

e falecida a 12 de abril de 1933. Era filha do coronel Manuel Lins Wanderley e de d. Maria Francisca da Trindade. Sem descendentes.

Serra Negra, barão de: nasceu em 1822. A baronesa faleceu a 9 de outubro de 1888, em Piracicaba. Do consórcio houve a prole de dez filhos.

Serro, barão do: nasceu a 10 de maio de 1832, na cidade do Serro, onde iniciou seus estudos, tendo se graduado em direito na Academia de São Paulo. Fez parte do partido liberal no regime monárquico. Proclamada a República, aceitou o novo regime, sendo eleito deputado à Constituinte e exerceu o mandato até o fim da primeira legislatura. Faleceu a 10 de setembro de 1910, em sua cidade natal. Fazendeiro. Casou com d. Maria Teresa Ferreira Rabelo, falecida a 6 de julho de 1935, em Belo Horizonte. Foram seus filhos: dr. José Joaquim Ferreira Rabelo, coronel Sebastião Ferreira Rabelo e Bernardo José Ferreira Rabelo.

Serro Alegre, barão e visconde do: casou com dona Umbelina Nunes, falecida a 27 de julho de 1886, em Bagé. Era filha de Bonifácio José Nunes e de d. Gertrudes Bernarda de Assunção. Sua prole foi de dezenove filhos.

Serro Azul, barão do: nasceu a 6 de agosto de 1829. Casou com d. Maria José Correia, filha de Manuel José Correia e de d. Gertrudes Pereira Correia. Do consórcio houve um filho, Ildefonso Pereira Correia, falecido a 20 de maio de 1894.

Serro Formoso, barão e visconde do: nasceu em 1803, no Rio Pardo, faleceu em 11 de janeiro de 1888. Filho do capitão-mor Manuel de Macedo Brum da Silveira e de d. Maria de Brum. Casou com d. Francisca Joaquina de Sampaio, falecida a 5 de abril de 1893, em Porto Alegre. Foi numerosa sua descendência.

Serro Frio, visconde do: filho do coronel Antônio da Cruz Machado e de d. Maria José de Velasco. Faleceu a 12 de fevereiro de 1905, no Rio de Janeiro, sendo sepultado no cemitério de Catumbi. Casou com d. Josefina de Brienne Ferreira Carneiro, filha do comendador José Ferreira Carneiro (senhor do Viamão) e de d. Maria Josefina da Horta. Foram seus filhos: Júlia, Artur, Ibraim e Pedro, todos Carneiro da Cruz Machado.

Serro Largo, barão do: filho de João de Abreu e de d. Maria de Sousa. Casou com d. Maria Feliciano da Silva, falecida em 1837. Natural de Porto Alegre e filha de Antônio da Silva e de d. Maria Inácia da Conceição. Foram seus filhos: Cláudio José de Abreu, José Inácio da Silva e Abreu, Cândido José de Abreu e Manuel José de Abreu.

Sertório, barão de: natural da província de São Paulo. Nasceu a 5 de março de 1819. Formou-se em direito na faculdade de São Paulo, em 1841. Seguiu a carreira da magistratura. Quando faleceu era presidente da Relação da capital do Império. Foi presidente da província do Rio Grande do Sul. Possuía as condecorações da Ordem da Rosa e da de Vila Viçosa de Portugal. Faleceu a 19 de outubro de 1888, no Rio de Janeiro, sendo sepultado no cemitério da Ordem da Penitência. A baronesa de Sertório, nascida a 1 de julho de 1848, faleceu a 13 de dezembro de 1898, no Rio de Janeiro, e foi sepultada no referido cemitério.

Sete Lagoas, barão de: fundador da primeira fábrica de tecidos que se estabeleceu na província de Minas Gerais. Faleceu a 9 de outubro de 1907. Casou com d. Maria Cândida Mascarenhas, falecida a 20 de maio de 1907, com a idade de setenta e três anos.

Silveiras, barão de: nasceu a 5 de junho de 1826, no Rio de Janeiro. Casou com d. Deolinda Maria dos Santos, nascida a 13 de março de 1834 e falecida a 5 de junho de 1825, na mesma cidade. O barão foi sepultado no cemitério de Catumbi. O inventário de seus bens se encontra no Arquivo Nacional.

Simão Dias, barão de: agricultor e fazendeiro no município da Paraíba do Sul, província do Rio de Janeiro. Faleceu a 1 de janeiro de 1886 e foi sepultado no cemitério da freguesia de São Pedro e São Paulo do referido município.

Sinimbu, visconde de: faleceu a 22 de dezembro de 1906. Era irmão da baronesa de Atalaia. Casou com d. Valéria Tourner Vogeler, de origem saxônia, falecida a 21 de dezembro de 1889, no Rio de Janeiro, sendo sepultada no cemitério de São João Batista.

Sobral, barão do: nasceu a 11 de maio de 1841. Casou em primeiras núpcias com d. Marieta Gabaglia e em segundas núpcias com d. Maria Francisca Gomes da Costa, falecida a 4



D. VALÉRIA TOURNER VOGELER  
*Viscondessa de Sinimbu*  
(Tela sem assinatura no Museu Imperial)  
Doação do sr. Paulo Simões da Rocha.



de abril de 1908, em Pelotas. Foram seus filhos: José Júlio, Francisco da Costa, Mário, Maria da Glória e Alice, todos Albuquerque Barros.

Socorro, barão do: nasceu a 10 de julho de 1848. Faleceu a 9 de janeiro de 1909. Foram seus filhos: José, Luís, Antenor, Raul, Breno, Lídia, Maria, Luisa, Sofia e Anésia, todos de Sousa Leite.

Soledade, 1<sup>a</sup> baronesa da: filha de José de Oliveira Ribeiro e d. Maria Vitória da Conceição falecidos em 7 de setembro de 1793 e 15 de maio de 1816, em Pati do Alferes. A baronesa casou em 4 de setembro de 1804. Seu marido, rico fazendeiro, deu início à construção da terceira matriz de Pati, cujas obras foram concluídas por sua viúva, que entregou o templo provido de alfaias, mobiliário, objetos do culto divino, tudo avaliado judicialmente em 180:577\$000, incluída a despesa com a compra do terreno e construção de um cemitério.

O casal capitão-mor Manuel Francisco Xavier-Francisca Elisa Xavier não teve descendência. Criou e educou os seguintes enjeitados abandonados, em suas propriedades: Manuel Francisco Xavier, Gil Francisco Xavier, Francisco Manuel das Chagas Xavier, José Maria Xavier, Carolina Francisca Xavier, Belmira Francisca Xavier, Luzia Francisca Xavier e Francisca Elisa Xavier. A baronesa da Soledade, em testamento, legou a Gil Francisco Xavier acima mencionado as fazendas “Freguesia” e “Maravilha”, e aos demais a quantia de vinte e cinco contos de réis, a cada um, em terras e escravos.

Soledade, barão da: nasceu a 18 de março de 1841 e faleceu a 27 de dezembro de 1910, na cidade do Recife. A baronesa nascida a 20 de agosto de 1852, faleceu a 25 de junho de 1914. Foram seus filhos Teresa da Soledade, Maria Teresa Pereira Viana e José Pereira Viana.

Solimões, barão de: nasceu em 1838, em Óbidos. Faleceu a 21 de maio de 1928, na mesma cidade. Filho de Francisco Machado. Militou na política, filiado ao partido liberal, tendo ocupado vários cargos. Foi o último presidente da província do Amazonas no Império. Na República foi senador, literato e jurista.

Sorocaba, barão de: filho de Rodrigo Antônio Pereira e de d. Rita Delfina Pereira. Nasceu em 1788 e faleceu a 29 de

março de 1829, no Rio de Janeiro, sendo sepultado nas catacumbas da igreja de São Francisco de Paula. A baronesa faleceu a 4 de março de 1857, na mesma cidade, sendo sepultada no cemitério de Catumbi. Foram seus filhos: Margarida, Maria Benedita, Mariana, Boaventura, Matilde, Fortunata, Rodrigo e Escolástica, todos Delfim Pereira.

Sousa Fontes, barão e visconde de: a viscondessa faleceu a 5 de abril de 1912, no Rio de Janeiro, sendo sepultada no cemitério de São Francisco Xavier. Foram seus filhos: José Ribeiro, Manuela, Ana Isabel, Luís Ribeiro, Isabel, Oscar Ribeiro, Francisca, Manuela (2ª) e Horácio, todos de Sousa Fontes.

Sousa Franco, visconde de: a viscondessa faleceu a 12 de outubro de 1887, com a idade de cinquenta e sete anos. Era filha de José Joaquim da Silva e de d. Maurícia Josefa da Gama. Foram seus filhos: Pórcia, Bernardo, José da Gama, Teresa, Benjamin, Carino e Catarina, todos de Sousa Franco.

Sousa Leão, barão de: nasceu a 25 de novembro de 1826 e faleceu a 30 de maio de 1904. A baronesa, nascida a 19 de setembro de 1832, faleceu a 19 de julho de 1920. Do consórcio houve uma filha, Teresa de Sousa Leão, falecida a 26 de junho de 1914, casada com o barão de Soledade.

Sousa Lima, barão de: faleceu a 1 de maio de 1909. Militou na política, foi deputado geral pela província do Rio de Janeiro na 17ª legislatura e presidente de Pernambuco. Casou com d. Luísa Amália de Sousa Lima, falecida a 28 de agosto de 1926, no Rio de Janeiro, sendo sepultada no cemitério de Catumbi.

Sousa Queirós, barão de: a baronesa faleceu a 14 de agosto de 1897, com a idade de oitenta e quatro anos. Foram seus filhos: Francisco Antônio, Luís Antônio, José, Nicolau, Antônio Augusto, Frederico, José (2º), Carlos, Carolina, Maria Angélica e Helena, todos de Sousa Queirós.

Souzel, barão e conde de: com o curso completo da Real Academia de Guardas-Marinha de Lisboa, teve seu primeiro embarque a 3 de junho de 1793. Suas promoções terminaram no posto de almirante graduado, tendo solicitado reforma, que lhe foi concedida em virtude da resolução de consulta do Conselho Supremo Militar de 18 de setembro de 1832. Exerceu várias comissões importantes, destacando-se o comando da nau *São Sebastião*, que conduziu para Espanha as infantas Maria Teresa

e Maria Isabel, da divisão que escoltou em 1817 as fragatas austríacas que vieram para o Brasil com a primeira imperatriz dona Leopoldina, da que conduziu d. Pedro I em 1826 ao Rio Grande do Sul, da que transportou para Europa em 1828 a princesa dona Maria da Glória e no regresso trouxe a segunda imperatriz dona Amélia de Leuchtenberg.

Suaçuí, barão de: militou na política, filiado ao partido conservador no regime monárquico. Exerceu diversos cargos de nomeação do governo e de eleição popular. Foi substituto de juiz municipal, delegado de polícia de Queluz e vereador à Câmara Municipal da mesma cidade. Casou com d. Antônia Jesuina Tavares, que faleceu em maio de 1869, sendo sepultada na igreja de Nossa Senhora da Conceição, matriz de Queluz.

Suaçuna, barão e visconde de: casou em 1813 com sua prima, Maria Joaquina Cavalcanti Salgado, falecida a 15 de abril de 1878, na cidade do Recife, sendo sepultada no cemitério de Santo Amaro.

Suaçuna, 2º barão de: nasceu a 21 de dezembro de 1854 e faleceu a 8 de janeiro de 1941, na cidade de Recife. Militou na política, filiado ao partido conservador. Foi deputado provincial e geral e presidente do Senado de Pernambuco. Quer na província, quer na metrópole deixou de sua passagem traços e recordações indeléveis de fidalguia e desprendimento. Era grande sua fortuna avaliada em mais de quarenta mil contos de réis. Casou com d. Maria da Silveira Lins Cavalcanti, nascida a 31 de março de 1857 e falecida a 4 de junho de 1940, na cidade de Recife. Era filha dos barões de Escada e neta do visconde de Utinga.

Subaé, barão, visconde e conde de: nasceu em 1826 e faleceu a 16 de junho de 1888, em estado de solteiro, na cidade do Salvador, Bahia. Foi sepultado na capela do seu engenho Água Boa, em Santo Amaro.

Suruí, barão de: Manuel da Fonseca Lima e Silva. A baronesa nasceu a 11 de março de 1817 e faleceu a 5 de setembro de 1894, no Rio de Janeiro, sendo sepultada no cemitério de São João Batista. Era filha do marechal-de-campo Francisco de Lima e Silva e de d. Mariana Cândida de Oliveira Belo.

T

Tabatinga, barão e visconde de: nasceu a 28 de julho de 1816. Faleceu a 2 de janeiro de 1893, no Recife, e foi sepultado no cemitério público da mesma cidade. Seus restos mortais foram trasladados para o cemitério de São João Batista, no Rio de Janeiro. Era senador ao Congresso do estado de Pernambuco. A viscondessa faleceu a 12 de outubro de 1897, com a idade de quarenta e dois anos. Era filha de d. Joaquina de Paula Cavalcanti de Albuquerque Melo.

Tacaruna, barão de: faleceu a 16 de dezembro de 1887, na cidade de Olinda, com a idade de oitenta anos. Militou na política filado ao partido conservador no regime monárquico. Casou com d. Clara Alexandrina Antunes, nascida a 18 de agosto de 1832 e falecida a 25 de julho de 1916, no Recife, Pernambuco.

Taguaí, viscondessa e marquesa de: serviu em Portugal, na casa real, tendo aos seus cuidados e carinhos, desde a tenra idade, o príncipe d. Pedro, mais tarde d. Pedro I. No Brasil foi dama da imperatriz d. Leopoldina. Na proposta do Orçamento da despesa do Império para 1826, entre as setenta e duas pensionistas do estado, estava incluída a viscondessa de Taguaí com a pensão anual de oitenta mil réis. Faleceu no Rio de Janeiro e foi sepultada no dia 3 de maio de 1831, na catacumba nº 2 da igreja de São Francisco de Paula. Sendo irmã pobre da Ordem Terceira de São Francisco de Paula, a despesa com a encomendação do seu corpo foi realizada à custa da mesma ordem.

Taitinga, barão de: faleceu a 22 de março de 1886, em Nazaré, Bahia, onde era fazendeiro. Casou com d. Maria Angélica da Silva Teles, filha de José Teixeira da Silva e de d. Joana Florência da Silva Teles.

Tamandaré, barão, visconde, conde e marquês de: faleceu a 20 de março de 1897, no Rio de Janeiro. Filho de Francisco Marques Lisboa e de d. Eufrásia Joaquina de Lima. É considerado como patrono da Marinha brasileira. Casou com d. Maria Eufrásia Lisboa, que faleceu a 1 de agosto de 1869, na mesma cidade, com a idade de cinquenta e um anos, sendo viscondessa de Tamandaré. Do consórcio houve a prole de quatro filhos: Joaquim, Isabel, Maria e Francisca, todos Marques Lisboa.

Tapajós, barão de: nasceu a 19 de março de 1831, em Santarém, província do Pará, onde faleceu a 4 de dezembro de

1916. Comerciante e grande proprietário. Militou na política filiado ao partido conservador no regime monárquico. Foi deputado à Assembléia Legislativa da mesma província e intendente municipal de sua cidade natal por duas vezes. Em 1890 foi eleito senador à Constituinte. Casou com d. Cristina de Sousa Pais.

Taquara, barão de: nasceu a 25 de outubro de 1839. Filho do comendador Francisco Pinto da Fonseca, grande proprietário e senhor de engenhos em Jacarepaguá, falecido em 1863. O barão ligou seu nome a vários melhoramentos na freguesia de Jacarepaguá, auxiliando a fundação de escolas e promovendo obras de assistência social. Esmoler e caritativo, era considerado o pai da pobreza. A prefeitura do Distrito Federal deu o nome de Barão da Taquara ao logradouro público denominado praça Seca. Nessa praça foi erigido um busto em bronze ao mesmo titular. Faleceu a 30 de agosto de 1918, no Rio de Janeiro, sendo sepultado no cemitério de Jacarepaguá. Foi casado com d. Leopoldina Francisca de Andrade Teles, nascida a 1 de agosto de 1862. Filha de João Nogueira de Sousa Andrade e de d. Ana Teresa de Andrade. Do consórcio dos barões da Taquara houve a prole de dois filhos: dr. Francisco Pinto da Fonseca Teles, casado com d. Maria Emília Marcondes e d. Ana da Fonseca Teles, viúva do dr. Alfredo Rudge.

Taquaretinga, barão de: faleceu a 1 de setembro de 1897, com a idade de setenta e dois anos e foi sepultado no cemitério de Santo Amaro, na cidade do Recife.

Taquari, barão de: a baronesa faleceu a 23 de outubro de 1866, no Rio de Janeiro, e foi sepultada no cemitério de Catumbi. O barão, falecido na mesma cidade, foi sepultado nas catacumbas da igreja de São Francisco de Paula.

Tatuí, barão de: faleceu a 6 de dezembro de 1914. A baronesa faleceu a 3 de janeiro de 1910, em São Paulo, com a idade de setenta e quatro anos, sem descendência. Foram seus filhos do primeiro casamento: Leonarda, Bento, Francisco Xavier, Rosa, Fernando, Antônio, Maria e Otávio, todos Pais de Barros.

Taubaté, visconde e marquês de: foi secretário de d. Pedro I.

Taubaté, barão de: faleceu a 9 de junho de 1905, na cidade de Pindamonhangaba. A baronesa faleceu a 22 de outu-

bro de 1904, na mesma cidade, com a idade de setenta e cinco anos. Foram seus filhos: Inácio, Maria, José, Maria Eugênia, Maria Risoleta, Olímpia, Julieta e Etelvina, todos Vieira de Oliveira Marcondes.

Taunay, visconde de: sua mãe faleceu a 27 de junho de 1899, no Rio de Janeiro, e foi sepultada no cemitério de São João Batista. A viscondessa faleceu a 27 de setembro de 1938, na mesma cidade. Foram seus filhos: Afonso d'Escragnolle Taunay, Raul de Taunay, Ana Alice de Taunay e Gabriela d'Escragnolle Taunay.

Tefé, barão de: faleceu a 6 de fevereiro de 1921. A baronesa faleceu a 6 de novembro de 1934, em Petrópolis. Era irmã do barão de Javari. Foram seus filhos: Oscar de Tefé, Álvaro de Tefé, Otávio de Tefé e Nair de Tefé, que casou com o marechal Hermes Rodrigues da Fonseca.

Teresópolis, barão de: a baronesa faleceu a 28 de janeiro de 1905, no Rio de Janeiro. Era filha de José Marques de Sá.

Thomsen, barão de: nasceu em 1830. Faleceu a 29 de maio 1898, em Nova Iorque.

Tibagi, barão de: faleceu a 1 de outubro de 1863. Filho de Manuel Gonçalves de Oliveira e de d. Ana Maria de Oliveira. Foram seus filhos: Jesuíno Marcondes de Oliveira e Sá (último presidente da província do Paraná no regime monárquico), Antônio Caetano de Oliveira, Ana Marcondes de Oliveira, José Matias Marcondes de Oliveira e Sá, Francisca Caetana Marcondes de Oliveira e Sá, Maria das Dores, Maria Clara de Oliveira e Zeferina Marcondes (viscondessa de Guarapuava).

Tibagi, viscondessa de: nasceu em 1794. Filha do tenente Manuel José de Araújo e de d. Ana Maria da Conceição de Sá. Casou com o barão de Tibagi. Depois de viúva, foi agraciada com o título de viscondessa de Tibagi. Faleceu a 1 de outubro de 1889. Suprimir no Arquivo Nobiliárquico, p. 507, 4º período, as palavras: “baronesa por decreto de 4 de agosto de 1858”.

Tietê, barão do: foram seus filhos: Cândido Justiniano da Silva, Rafaela Eugênia da Silva, Joaquina Angélica da Silva e Rodrigo Augusto da Silva. Suprimir no Arquivo Nobiliárquico, p. 507, as palavras: “de estado efetivo”.

Timbaúba, barão de: nasceu a 24 de junho de 1825. Filho de Francisco Ludovico Cavalcanti e de d. Josefa da Cunha Rego Barros. Senhor do engenho Natal. Faleceu a 16 de outubro de 1892. Casou com d. Senhorinha Gouveia Muniz, filha de Manuel Paulino de Gouveia Muniz Feijó e de d. Margarida da Cunha Rego Barros. Era irmã do terceiro barão de Goiana.

Timbó, barão do: nasceu a 12 de abril de 1821, no município de Inhambupe, Bahia. Filho do coronel João José Ferreira Leite e de d. Ana Rita de Oliveira Leite. Prestou relevantes serviços por ocasião da Guerra do Paraguai. Comendador da Ordem da Rosa. Faleceu a 5 de agosto de 1920, no município de Estância, Sergipe. Casou em primeiras núpcias com d. Isidora Umbelina de Paiva e em segundas núpcias com d. Joaquina Ermelinda da Costa, que faleceu a 14 de fevereiro de 1897, na cidade de Estância.

Tinguá, 1º barão do: foi batizado a 20 de junho de 1786, em Paraíba do Sul. Faleceu solteiro. Fazendeiro. Fundou a Santa Casa de Vassouras, instalada em 2 de dezembro de 1853, da qual foi o primeiro provedor. Para as obras ofereceu à Câmara Municipal a quantia de dez contos de réis, que não chegou, acabando por gastar vinte contos e quinhentos mil réis. Benfeitor, foi sempre caritativo, socorrendo os necessitados.

Tinguá, 2º barão do: nasceu a 8 de janeiro de 1818, faleceu a 26 de junho de 1896. A baronesa faleceu a 13 de maio de 1889.

Tocantins, visconde e conde de: casou em primeiras núpcias com d. Emiliana de Moraes, filha dos barões de Piraí. Sua segunda mulher, nascida a 27 de janeiro de 1828, faleceu a 20 de setembro de 1912, no Rio de Janeiro, e foi sepultada no cemitério da Ordem do Carmo. Foram seus filhos: Luís César Francisco, Mariana Cândida, Manuel Antônio, Emiliana, Maria Bernardina, Maria Balbina, todos de Lima e Silva, sendo o primeiro das primeiras núpcias e os demais do segundo casamento. O solar do conde de Tocantins, à praia de Botafogo, no Rio de Janeiro, foi adquirido pelo governo da República Argentina para sede de sua embaixada no Brasil.

Toropi, barão de: filho de Antônio Correia de Melo e de d. Betânia Mendes Arruda. Nasceu a 30 de maio de 1827, na vila do Rosário, Rio Grande do Sul. Assentou praça no quarto

regimento de cavalaria da Guarda Nacional. No posto de capitão fez a campanha do Uruguai. Sendo comandante do 26º corpo, tomou parte no cerco de Uruguaiana. No regime republicano foi nomeado pelo marechal Deodoro, comandante superior da Guarda Nacional na comarca de Quaraim. Oficial e comendador da Ordem da Rosa, possuía as medalhas da campanha do Uruguai e do cerco de Uruguaiana. Faleceu a 17 de agosto de 1917, em sua estância São Bento e foi sepultado no cemitério da mesma estância no cerro Davi Canabarro, distrito de Livramento, Rio Grande do Sul. Foi casado com d. Eleufrida da Cunha e Melo, falecida naquela estância e sepultada no referido cemitério.

Torre de Garcia d'Ávila, barão e visconde de: nasceu na Bahia, em 1785. Filho do capitão-mor secretário de Estado José Pires de Carvalho e Albuquerque e de d. Ana Maria de São José e Aragão. Secretário de Estado e Guerra por herança de seu pai, em 1808, cargo que renunciou em favor de seu irmão Francisco Elesbão, depois barão de Jaguaripe. Teve grande realce na campanha da Independência, à qual prestou os maiores e os mais relevantes serviços, organizando e comandando na Torre de Garcia d'Ávila a base de operações do Exército libertador. Membro do Conselho Geral da província da Bahia, de 1828 a 1830. Coronel do regimento de milícias das marinhas da Torre. Último senhor e administrador do morgado da casa da Torre de Garcia d'Ávila. Casou com d. Ana Maria de São José e Aragão, nascida em 1814 e falecida a 30 de novembro de 1855. Era filha dos viscondes de Pirajá. Foram seus filhos: Domingos Antônio Pires de Carvalho e Albuquerque, Garcia Dias Pires de Carvalho e Albuquerque, Catarina Álvares Caramuru Pires de Aragão, Leonor Maria de La Penha, Deus-Dará Pires e Aragão, José Pires de Carvalho e Albuquerque, Francisco Pires de Carvalho e Albuquerque, Teresa Maria Pires de Aragão (baronesa de Mataripe).

Torres Homem, barão de: a baronesa faleceu a 7 de março de 1893.

Tracunhaém, barão de: nasceu a 23 de junho de 1819. Faleceu a 9 de junho de 1891, em seu engenho Cavalcanti, na comarca de Nazaré, Pernambuco. Casou em primeiras núpcias com d. Paula da Silveira Marinho, nascida a 2 de março de 1837 e falecida a 3 de março de 1856. Era filha do tenente-coronel Manuel Felisberto Marinho e de d. Ana da Silveira Ca-

valcanti. Em segundas núpcias com d. Ana Francisca de Paula de Amorim Salgado, falecida a 31 de janeiro de 1866, filha do comendador Paulo de Amorim Salgado e de d. Francisca de Paula Wanderley.

Traipu, barão de: filho do coronel Manuel Gomes Ribeiro Filho e de d. Teresa de Jesus Gomes. Nasceu a 29 de junho de 1841, em Gaparatuba, Sergipe. Faleceu a 27 de julho de 1920, em Penedo. Militou na política. Na qualidade de 1º vice-presidente da província de Alagoas, ocupou por diversas vezes a presidência da província. No regime republicano foi eleito senador à Constituinte estadual e ao Senado Federal por duas vezes.

Tramandaí, barão de: tenente-general a 3 de março de 1852. Conselheiro de Guerra a 3 de julho de 1852. Foram seus filhos: Maria José, Maria Joaquina, Domingos de Lima e Maria Bernardina, todos Ferreira de Brito.

Traripe, barão de: foi batizado a 9 de maio de 1796, na freguesia de Nossa Senhora da Purificação de Santo Amaro, Bahia.

Tremembé, barão e visconde de: nasceu a 16 de dezembro de 1830 e faleceu a 29 de março de 1911, em Taubaté. A viscondessa faleceu a 14 de julho de 1910, na mesma cidade.

Três Ilhas, barão das: filho de Antônio Bernardino de Barros e de d. Inês de Barros. Faleceu na fazenda Boa Esperança, no distrito de Três Ilhas, Minas Gerais, com a idade de noventa anos e foi sepultado no cemitério paroquial do mesmo distrito. Era irmão do barão de São José Del Rei. Casou com d. Maria da Conceição Monteiro da Silva, filha de Protásio Antônio da Silva Pinto e de Ana Helena Monteiro de Castro.

Três Rios, barão, visconde, conde e marquês de: nasceu a 19 de março de 1821. Hospedou, em 1884, o conde d'Eu e a princesa Isabel e, em 1886, d. Pedro II e d. Teresa Cristina. Sua primeira mulher, nascida em 1822, faleceu a 16 de agosto de 1873, sendo baronesa de Três Rios. A segunda mulher, nascida a 11 de janeiro de 1824, faleceu a 19 de outubro de 1894. Foram seus filhos do primeiro matrimônio: Carlos Egídio de Sousa Aranha, Brasília Augusta de Sousa Aranha e Amélia Aureliana de Sousa Aranha.

Três Serros, barão dos: filho do coronel Aníbal Antunes Maciel e de d. Felisbina da Silva. Nasceu a 4 de setem-

bro de 1838, na cidade de Rio Grande, e faleceu a 22 de março de 1897, em Pelotas. Proprietário de várias estâncias no Rio Grande do Sul. Teve grande prestígio político em Pelotas. Prestou relevantes serviços por ocasião da guerra contra o governo do Paraguai. A baronesa faleceu a 14 de janeiro de 1919, no Rio de Janeiro, e foi sepultada no cemitério de São João Batista. Foram seus filhos: Amélia Antunes, Isabel Antunes, Felisbina, Aníbal Antunes e Zulmira Antunes, todos Maciel Hartley. O barão era irmão da baronesa de Arroio Grande. A baronesa era filha do comendador João Diogo Hartley e de d. Isabel Fortunato de Brito.

Triunfo, barão do: em 24 de maio de 1930 foi erigido um busto deste titular no quartel da escola de cavalaria. Em decreto de 1 de agosto de 1934, passou o regimento escola a denominar-se Regimento Andrade Neves. Casou com d. Ana Carolina de Andrade Neves, falecida em dezembro de 1871. Era filha de Francisco Gomes e de d. Ana Gomes. Foram seus filhos: Maria Adelaide de Andrade Neves, José Joaquim de Andrade Neves e Carlos Luís de Andrade Neves.

Turiaçu, barão de: em 26 de agosto de 1846 foi louvado, em nome do imperador d. Pedro II, pela renúncia que fez de todos os vencimentos que lhe couberam como inspetor dos corpos de primeira linha das províncias do Maranhão e do Piauí. Era um homem de inteligência culta, filósofo e cultor das boas letras. Casou com d. Maria Alexandrina Teixeira, falecida a 14 de novembro de 1855, no Maranhão. Sua filha, Rosa Maria Pinto de Magalhães, foi casada com o barão de Penalva.

Turvo, barão do: filho do capitão Joaquim Gomes (dono das terras de Mambucaba) e de d. Maria Isabel de Sousa Gomes.

## U

Ubá, barão de: proprietário da grande fazenda de Ubá, por diversas vezes visitada por Augusto Saint-Hilaire em suas viagens do Rio de Janeiro a Minas Gerais. Essa fazenda teve início na sesmaria de meia légua de terras do sertão da Paraíba, no local Ribeiro da Paz, então habitado por índios, concedida em 10 de outubro de 1804 pelo vice-rei d. Fernando José de Portugal ao futuro barão de Ubá e confirmada em 8 de novembro de 1803, pelo príncipe regente d. João. Abastado negociante na praça do



D. ANA ALEXANDRINA TEIXEIRA LEITE  
*Baronesa de Vassouras*  
(Tela existente no Museu Imperial)  
Doação da exma. sra. d. Margarida Teixeira Leite Penido



Rio de Janeiro. Era deputado da Real Junta do Comércio e Navegação do Reino e Domínios Ultramarinos, quando foi agraciado por d. João VI, em decreto de 21 de março de 1821 com o título de conselho. Na qualidade de membro da Junta do Comércio foi o primeiro inspetor da construção, iniciada a 23 de março de 1829, do canal da Pavuna. Possuía várias condecorações de ordens honoríficas. Faleceu a 1 de janeiro de 1830 e foi sepultado na catacumba nº 118, da igreja de São Francisco de Paula.

Ubá, visconde de: filho do 1º barão de Capivari e de Ana Maria dos Anjos. Foi batizado a 24 de maio de 1821, na Matriz de Nossa Senhora da Conceição do Alferes. Foram seus filhos: Joaquim Ribeiro de Avelar, Maria José Velho de Avelar (baronesa de Muritiba), Joaquim Ribeiro de Avelar (2º), Antônio Ribeiro Velho de Avelar, José Maria Velho de Avelar, Júlia Velho de Avelar, Elisa Velho de Avelar e Luísa Velho de Avelar.

Uberaba, visconde de: nasceu em Vila Rica. Casou em primeiras núpcias com d. Maria José Monteiro de Barros, filha do barão de Paraopeba. Somente teve sucessão do primeiro casamento: uma filha Leonor Miranda Ribeiro. Foi juiz de fora em São João del Rei, juiz do crime no Rio de Janeiro, intendente dos diamantes em Minas Gerais e desembargador da Relação do Rio de Janeiro, cargo em que foi aposentado. Suprimir na p. 518 do Arquivo Nobiliárquico as palavras: “chegou a ministro do Supremo Tribunal de Justiça”.

Una, barão de: faleceu a 24 de abril de 1891 com a idade de 60 anos. Casou com d. Francisca de Caldas Lins, falecida a 12 de julho de 1881. Era irmã da viscondessa de Rio Formoso.

Upacará, barão de: faleceu a 5 de julho de 1889, em Dom Pedrito. Casou com d. Margarida Cândida Xavier, falecida a 25 de março de 1906, na mesma cidade. Foram seus filhos: Maria Cândida Xavier, Galdina Xavier, Etelvina Xavier, Margarida Xavier, Manuel Cândido Xavier, Demétrio Cândido Xavier, Zeferino Cândido Xavier, José Cândido Xavier e Carolina Cândida Xavier.

Uruguai, visconde de: foi sepultado no cemitério de Catumbi. A viscondessa faleceu a 14 de junho de 1884, no Rio de Janeiro, sendo sepultada no referido cemitério. Seu filho de igual nome era senador e presidente do Senado, quando foi pro-

clamada a República. Sua irmã, Valentina Soares de Sousa, foi casada com o barão de Maroim.

Uruguaiana, barão de: filho de Joaquim Cruz da Silva Ferraz e de d. Custódia Muniz da Silva Ferraz. Foi sepultado no cemitério de São Francisco Xavier. A baronesa faleceu a 11 de novembro de 1901, no Rio de Janeiro, sendo sepultada no cemitério da Ordem do Carmo. Foi ministro da Guerra e não da Marinha, como por equívoco está mencionado no Arquivo Nobiliárquico, p. 520. Tavares de Lira, tratando deste titular, declara: “Talvez de todos os homens de estado da monarquia tenha sido o único apto para ocupar qualquer das pastas. Com a mesma proficiência e mesmo, se as circunstâncias o obrigassem a tanto, todas a um tempo. A sua atividade era igual à sua capacidade”.

Ururaí, 1º barão de: faleceu em estado de solteiro.

Ururaí, 2º barão e visconde de: sua mulher faleceu a 22 de setembro de 1884, em Macaé, e foi sepultada no cemitério da freguesia de Quissamã. Era baronesa. Foram seus filhos: Ana Francisca de Loreto, José Maria de Loreto e Mariana, todos de Lima Carneiro da Silva.

Urussuí, barão de: faleceu a 19 de agosto de 1896, em Teresina, Piauí. Com a idade de cinquenta e seis anos. Filho de Joaquim Antônio dos Santos Filho e de d. Cândida Vieira dos Santos. Casou com d. Verônica Castelo Branco, filha de João da Cruz e de d. Lina Joaquina Castelo Branco da Cruz. Foram seus filhos: João da Cruz, Joaquim da Cruz Santos, Lina Amanda da Cruz, Cândida Cruz e Cristina da Cruz.

Utinga, 1º barão e visconde de: nasceu a 13 de julho de 1800 e faleceu a 6 de novembro de 1877. Filho de José Filipe Marques e de d. Ana Rosa Lins. Abastado agricultor. Era senhor dos engenhos Matapiruna, Maçauaçu, Conceição, Sapucagi, Cueirinha e Urucu. Casou com d. Antônia Francisca Veloso da Silveira, falecida a 26 de fevereiro de 1879. Era filha de José Veloso da Silveira e de d. Maria Francisca de Jesus de Oliveira Godinho. Foram seus filhos: Henrique Marques Lins, Cordolina, Belmino da Silveira Lins (barão de Escada), Panfila, Marcionilo da Silveira Lins, Teudelina (viscondessa do Rio Formoso), Florismundo da Silveira Lins (2º barão de Utinga), Antônia e Henriqueta.

Utinga, 2º barão de: filho dos viscondes de Utinga. Nasceu a 9 de abril de 1838. Faleceu a 2 de setembro de 1895, na cidade de Escada, Pernambuco. Casou em primeiras núpcias com d. Teudelina Barros e Silva, falecida a 27 de julho de 1876. Era filha dos barões de Pirangi. Em segundas núpcias com d. Ana Wanderley, falecida a 10 de maio de 1912, com a idade de cinquenta e cinco anos. Foram seus filhos do primeiro casamento: Antônia, Florismundo, Henrique, Henriqueta, Francisco, Marcionilo e José Filipe, todos Marques Lins. Do segundo casamento não teve descendência.

V

Val Formoso, barão de: faleceu a 6 de agosto de 1900 em sua fazenda na estação de Quirino, município de Vassouras, e foi sepultado no cemitério da cidade de Vassouras. Casou com d. Rosalina Gomes Assunção Franklin, falecida no Rio de Janeiro, quando seu marido ainda não era titular.

Valdetaro, visconde de: filho do Dr. Manuel Jesus Valdetaro, escrivão da Provedoria da Fazenda Real e Casa dos Contos, falecido no Rio de Janeiro e sepultado nas catacumbas da igreja de São Francisco de Paula. Juiz de direito das comarcas de Cavalcanti e Vassouras, presidente da província do Rio de Janeiro em 2 de abril de 1848. Deputado à Assembléia Geral pela referida província na 12ª legislatura.

Valença, barão, conde e marquês de: foi o primeiro juiz de fora de São Paulo, cargo criado pelo alvará de 13 de maio de 1810. No Arquivo Nobiliárquico, p. 525, em vez de procurador, leia-se provedor. Os marqueses de Valença faleceram no Rio de Janeiro e foram sepultados no cemitério de Catumbi. Sua prole foi de dezesseis filhos, onze legítimos e cinco naturais legitimados.

Valença, 2º barão de: faleceu a 9 de novembro de 1896, no Rio de Janeiro, e foi sepultado no cemitério de Catumbi. Casou em 1873 com d. Justina Emerich, nascida a 20 de dezembro de 1853, em Porto Alegre, e falecida a 5 de outubro de 1881, em Paris. Era filha do major Maximiliano Emerich e de d. Agnes Ana Camila Wolfram. Foram seus filhos: Maria de Sousa Resende, Maximiliano Alberto de Sousa Resende, Estevão Emerich de Sousa Resende e Ernesto Ribeiro de Sousa Resende.

Vargem Alegre, 1º barão de: casou com d. Joaquina Clara de Moraes. Foram seus filhos: José de Oliveira Roxo (barão de Guanabara), Matias Gonçalves de Oliveira Roxo (barão de Oliveira Roxo), Rita de Oliveira Roxo (baronesa de Santa Maria), Raimundo Breves de Oliveira Roxo e Luís Otávio de Oliveira Roxo (2º barão e visconde de Vargem Alegre).

Vargem Alegre, 2º barão e visconde de: nasceu a 28 de agosto de 1850. Faleceu a 19 de fevereiro de 1937, no Rio de Janeiro, sendo sepultado no cemitério de Petrópolis. A viscondessa faleceu a 2 de junho de 1891, nesta última cidade. Do consórcio houve uma filha, Maria Amália de Oliveira Roxo.

Varginha, barão da: filho de João José Mendes e de d. Bárbara Maria Rangel. Faleceu a 27 de setembro de 1913 com a idade de oitenta e sete anos, em Elói Mendes, Minas Gerais. Casou com d. Mariana Bárbara da Conceição, que faleceu a 22 de maio de 1895, com oitenta e sete anos, sendo sepultada em Elói Mendes, Minas. Agricultor e fazendeiro. Militou na política, sendo acatado chefe do partido conservador no regime monárquico.

Várzea, barão da: omitido no Arquivo Nobiliárquico. José Antônio Sepúlveda de Vasconcelos. Filho do coronel João José de Sepúlveda e Vasconcelos. Nasceu a 8 de setembro de 1819, em Santo Amaro da Ibitinga (vila de Abrantes), Bahia. Seu pai, dono de vastas propriedades agrícolas em Abrantes e fazendas no sertão, veio residir anos depois na Mata de São João no engenho Mata, arrendado ao conde da Ponte, d. Manuel de Saldanha da Gama. José Antônio Sepúlveda, homem muito trabalhador, conseguiu grande fortuna. Casou em dezembro de 1840 com d. Joaquina da Silva Paranhos, falecida a 30 de março de 1884, filha do capitão-mor Tomás da Silva Paranhos, homem de muitos haveres. Sua prole foi de três filhas: Clara, nascida a 8 de janeiro de 1842, que foi casada com seu primo, dr. João José de Sepúlveda e Vasconcelos Filho, enviuvando um ano depois, e Joana e Maria, gêmeas. Joana casou com o dr. Antônio Ferreira Veloso, ficando viúva sobreviveu vinte e cinco anos ao seu marido. Maria faleceu com a idade de quatro anos. José Antônio foi agraciado com a comenda da Ordem de N. S. Jesus Cristo. Prestou relevantes serviços durante a campanha do Paraguai, sendo coronel comandante da Guarda Nacional. Deixou grande fortuna, quatro grandes propriedades agrícolas, três engenhos, todo ter-

reno da vila da Mata de São João, fazendas no sertão e cento e oitenta escravos. Em seu inventário, o monte-mor orçou em mais de novecentos contos de réis, aliás avaliações baixas, porque já se falava na abolição, que de fato veio três anos depois de seu falecimento, que foi a 16 de março de 1885, na cidade de Mata de São João, Bahia. Criação do título – 7 de março de 1885.

Vasconcelos, barão de: não é o título brasileiro.

Vassouras, barão de: faleceu a 12 de maio de 1884 e foi sepultado no cemitério da Irmandade de Nossa Senhora da Conceição da cidade de Vassouras. Sua primeira mulher faleceu a 11 de novembro de 1850. Era filha do comendador Anastácio Leite Ribeiro e de d. Maria Esméria Leite Ribeiro. Casou em segundas núpcias a 2 de julho de 1854, com d. Ana Alexandrina Teixeira Leite, nascida a 11 de maio de 1834, em Barra Mansa, e falecida a 22 de novembro de 1880, no Rio de Janeiro. Era filha de José Bento Ferreira da Silva e de d. Mariana Carlota de Almeida Leite Guimarães. Dos consórcios houve dezoito filhos, sete do primeiro casamento e onze do segundo.

Vergueiro, visconde de: faleceu a 1 de outubro de 1903, no Rio de Janeiro, sendo sepultado no cemitério da Ordem do Carmo. A viscondessa nasceu a 13 de maio de 1833, no Rio de Janeiro, e faleceu a 13 de fevereiro de 1898, sendo sepultada no referido cemitério.

Viamão, barão de: nasceu a 20 de abril de 1816, em Rio Pardo. Filho de José Pereira Fortes e de d. Joaquina Pires Maciel. Faleceu a 18 de setembro de 1889, na cidade de Cachoeira, Rio Grande do Sul. Casou com d. Francisca Fausta da Fontoura, filha do tenente-coronel Antônio Adolfo da Fontoura e de d. Clara Cândida da Fontoura. Do consórcio houve as seguintes filhas: Balbina, Clara, Maria Joaquina e Florisbela, todas Pereira Fortes.

Viana, barão de: nasceu a 28 de setembro de 1806, na Bahia. Faleceu no município de São Francisco do Conde. A baronesa nasceu em Santo Amaro, em 2 de junho de 1822 e faleceu no referido município em 13 de janeiro de 1898, Foram seus filhos: João Vicente Viana, Francisco Vicente Viana, Ana Rita de Almeida Viana, Francisco Vicente Viana, Frutuoso Vicente

Viana, Maria Celestina de Almeida Viana, Rita Emiliana de Almeida Viana, Augusto Vicente Viana. A baronesa de Viana era filha do major Antônio Joaquim Álvares Pinto de Almeida e de d. Rita Maria das Virgens de Uzeda Luna.

Vidal, barão de: filho do barão de Itamarandiba. Nasceu a 10 de dezembro de 1857 e faleceu a 8 de abril de 1932, no Rio de Janeiro. Casou com d. Francisca Leite de Oliveira e Silva, nascida a 9 de agosto de 1862 e falecida a 17 de janeiro de 1914. Era filha de José Antônio de Oliveira e Silva e de d. Mariana Vidal Leite de Castro. Do consórcio houve a prole de quatro filhos.

Vieira da Silva, visconde de: casou com d. Maria Gertrudes da Mota de Azevedo Correia, falecida a 6 de novembro de 1911, no Rio de Janeiro, com a idade de setenta e cinco anos. Foi sepultada no cemitério de São Francisco Xavier. Era filha do conselheiro Joaquim da Mota de Azevedo Correia e de d. Maria Gertrudes de Azevedo Correia. Foram seus filhos: Raimundo José, Maria Gertrudes, Helena e Maria José, todos Vieira da Silva.

Vila da Barra, barão de: militou na política no regime monárquico, filiado ao partido conservador.

Vila Bela, 1º barão de: foi sepultado nas catacumbas da igreja de São Francisco de Paula. Tenente-general a 24 de abril de 1821. Casou, em primeiras núpcias, com d. Rita Delfina Pereira, falecida em fevereiro de 1827. Era filha de Rodrigo Antônio Pereira de Carvalho e de d. Rita Delfina Sanches. Em segundas núpcias, em 1830, com d. Maria José Teles de Menezes Ramalho, falecida a 3 de abril de 1832, no Rio de Janeiro. Era filha de Bernardo José da Silva Ramalho e de d. Inácia Maria Teles de Menezes. Em terceiras núpcias, a 30 de maio de 1835, com d. Francisca de Paula de Oliveira Braga, falecida a 25 de maio de 1872, no Rio de Janeiro, com a idade de setenta anos, sepultada no cemitério de São João Batista. Era filha de Bento Luís de Oliveira Braga e de d. Francisca Mariana de Oliveira Coutinho.

Foram suas filhas: Rita Francisca de Paula Magessi, do primeiro casamento, e Maria Francisca de Paula Magessi, do segundo; não houve sucessão do terceiro casamento.

Vila Bela, 2º barão de: sua segunda mulher faleceu a 18 de janeiro de 1904, no Rio de Janeiro, com a idade de sessenta e nove anos. Foram seu filhos: Domingos de Sousa Leão Júnior, Francisco Magarinos de Sousa Leão e Maria dos Anjos Sousa Leão.

Vila do Conde, barão de: nasceu a 29 de agosto de 1832 e faleceu a 19 de julho de 1901, na cidade do Salvador. Casou com d. Maria Augusta Ribeiro da Cunha, falecida a 19 de maio de 1889, na mesma cidade.

Vila Flor, barão de: filho de Antônio Manuel de Sousa e de d. Teresa Maurícia de Diniz Gouveia. Nasceu a 13 de maio de 1819, em Campos, província do Rio de Janeiro. Exerceu diversos cargos de eleição. Foi presidente da Câmara Municipal de São Fidélis. Faleceu a 29 de fevereiro de 1900, na referida cidade. Casou com d. Maria Balbina Chaves de Siqueira, falecida a 18 de setembro de 1900. Era filha do dr. Antônio José de Siqueira. Do consórcio houve uma filha, Benedita de Sousa.

Vila Isabel, barão de: natural de Braga, Portugal. Filho de Manuel Antônio Afonso e de d. Maria Rosa Afonso Reis. Filantropo. Benfeitor dos pobres e instituições de caridade da cidade do Rio Grande, aos quais legou grande parte de sua fortuna. Faleceu na mesma cidade. Casou com d. Isabel Eufrásia Afonso de Oliveira. Sem descendência.

Vila Maria, barão de: filho reconhecido do padre Joaquim José Gomes da Silva e de d. Rosa Teresa Inocência do Nascimento. Militou na política filiado ao partido conservador. Exerceu vários cargos na administração da província de Mato Grosso. Em 23 de fevereiro de 1865, chegou ao Rio de Janeiro, com 47 dias de viagem, trazendo a notícia da invasão da província pelas tropas paraguaias. Casou em primeiras núpcias com d. Benedita Justina Fausta de Campos, falecida a 6 de julho de 1846, em Poconé, e em segundas núpcias com d. Maria da Glória Gomes da Silva, nascida a 22 de abril de 1831 e falecida a 22 de setembro de 1903, em Corumbá. Foram seus filhos: Firmino, do primeiro casamento, Joaquim José e Joaquim Eugênio, do segundo casamento.

Vila Nova de São José, barão e conde de: Fernando José Carneiro Leão. Faleceu em Niterói. Foram suas filhas:

Guilhermina Adelaide (marquesa de Maceió) e Elisa Guilhermina (viscondessa de São Salvador de Campos).

Vila Real da Praia Grande, barão, 1º visconde e marquês da: foi sepultado no convento de Santo Antônio. A marquesa era filha do tenente-coronel José Manuel Carneiro de Figueiredo Sarmento e de sua mulher, d. Antônia Francisca Gurgel do Amaral. Seu filho foi o 2º visconde da Vila Real da Praia Grande.

Vila Real da Praia Grande, 2º visconde da: foi sepultado no cemitério de Catumbi. A viscondessa, nascida em 1802, era filha de Luís José Viana Gurgel do Amaral e Rocha e de d. Mariana Violante da Gama Freitas. Foram seus filhos: Maria da Assunção, Caetano, Luís, Aires, Maria da Penha (viscondessa da Penha), José e João, todos Pinto de Miranda Montenegro.

Vila Velha, barão de: faleceu a 20 de maio de 1898, no Rio de Janeiro, onde também faleceu a baronesa a 7 de julho de 1922. Ambos foram sepultados no cemitério de Catumbi.

Vila Viçosa, barão de: nasceu a 13 de março de 1841. Filho de Inácio Pires de Carvalho e Albuquerque e de d. Maria Violante de Matos. Militou na política. Deputado à Assembléia Provincial da Bahia, de 1880 a 1887. Deputado à Constituinte em 1891 e à Câmara Federal de 1891 a 1893. Faleceu, em estado de solteiro, em seu engenho Brotas, no município de Santo Amaro, Bahia.

Vista Alegre, barão da: filho de Manuel Pereira de Sousa Barros e de d. Delfina Pereira de Barros, fazendeiro no município de Valença, província do Rio de Janeiro. Faleceu a 8 de janeiro de 1901, na cidade do Rio de Janeiro. Casou com d. Rita Arnalda Pereira de Barros, que perdeu o título de baronesa, por haver contraído novas núpcias com Camilo de Moraes Júnior.

Vitória, barão da: a baronesa faleceu a 1 de abril de 1855, com a idade de setenta e sete anos, na cidade de Olinda, sendo sepultada no cemitério do Recife. Do consórcio houve a prole de cinco filhos e quatro filhas.

W

Werneck, barão de: faleceu a 1 de junho de 1920, em Assis, estado de São Paulo, e foi sepultado no cemitério de São João Batista, no Rio de Janeiro. Foram seus filhos: Maria Alcina, Anita Elvira, Zélia, Otávio da Rocha, Álvaro e Sílvia, todos Werneck.

*Laurênio Lago*



**ARQUIVO DO MUSEU IMPERIAL**



## **A deposição do imperador e a viagem para o exílio**

Existe no Arquivo do Museu Imperial um documento do mais alto valor para o episódio histórico da deposição de d. Pedro II e o relato dos momentos passados pela família imperial no Paço da Cidade naqueles dias históricos e conseqüente viagem para o exílio.

Trata-se de 3 cartas do conde d'Eu, até agora inéditas, citadas, apenas, em seus trechos principais, pelo sr. Heitor Lira na sua "História de D. Pedro II" (Brasiliense, vol.133B, S. Paulo, 1940). São documentos primaciais para a história dos últimos dias da família imperial no Brasil, o golpe de 15 de novembro e a viagem a bordo do *Alagoas*.

Destinavam-se as cartas do conde d'Eu à condessa de Barral e Pedra Branca, d. Luisa Margarida Borges de Barros, filha do diplomata brasileiro dr. Domingos Borges de Barros, visconde com grandeza de Pedra Branca, e de d. Maria do Carmo Gouveia Portugal. Nasceu na Bahia a 13/04/1816 e viria a falecer em França em 1891. Casara-se com o então visconde de Barral, conde do mesmo título em 1856. Era dama da imperatriz e fora preceptora das princesas Isabel e Leopoldina, em cujo posto prestou os mais assinalados serviços.

Seu filho, Dominique, a quem é dirigida uma carta do conde d'Eu, aqui transcrita, ligara-se a tradicional família brasileira, casando-se com d. Maria Francisca da Cunha Lustosa de Paranaguá, filha do marquês de Paranaguá (tão citado nas cartas em apreço) e irmã da baronesa de Loreto, dama da maior intimidade da princesa Isabel e que acompanhou, como se sabe, com seu marido, a família imperial ao exílio.

São as primeiras cartas datadas do Palácio Isabel, residência dos condes d'Eu, situado na então rua Guanabara (hoje Pinheiro Machado) prédio no qual, atualmente, com o nome de Palácio Guanabara, está sediada a prefeitura do Distrito Federal.

As cartas em apreço julgou-se de interesse acrescentar ligeiras notas em pé de página, não com o intuito de demonstrar erudição histórica, mas de esclarecer pessoas e episódios aí citados.

***Lourenço Luís Lacombe***

(Docs. 9435)

Palácio Isabel, Corte, 11 novbre. 89 midi.

Chère Madame la Comtesse,

Je vous ai fermé ma lettre vendredi soir. Samedi, avant hier, la journée a été encore assez pleine. Il a fallu nous mettre en campagne dès 8h  $\frac{3}{4}$  matin pour aller prendre l'Empr. au Palais de ville, puis avec lui en "bond" au Retiro Saudoso pour l'inauguration du nouvel hôpital S. Sebastião, destiné à la fièvre jaune: trajet de 50 minutes: c'est au delà du Cajú. Il y avait là beaucoup de monde, entr'autres les Ramos, avec les jeunes Carneiro et on a fait une visite consciencieuse de l'hôpital qui est fort bien aménagé et joliment situé. On était de retour au Palais de Ville vers midi  $\frac{1}{2}$  ou l'*audiencia* de L'Empereur l'attendait depuis 10h.; et à 1h.  $\frac{1}{4}$  a commencé la séance du Conseil d'état qui, contre l'habitude a duré jusqu'à 3h.  $\frac{1}{2}$ . Il s'agissait d'un crédit de 6.000 contos pour les dépenses de la sécheresse et des maladies passées et futures, et il y a eu des débats aigües entre les ministres d'une part, et de l'autre Andrade Figueira <sup>1</sup>, et même João Alfredo <sup>2</sup>. Après cela l'Empr. a eu son despacho, et moi je m'en suis revenu à temps pour le bain de mer des enfants. Le soir a eu lieu enfin le grand bal offert par le Gouvernement aux officiers chiliens dans l'Ilha Fiscal. Nous sommes sortis de chez nous à 8h  $\frac{1}{2}$  pour aller au Palais de Ville attendre les pères; et, une fois l'Empr. prêt, à 9h20m, notre voiture a suivi la leur où ils étaient avec primo Pedro <sup>3</sup>. Mais l'agglomération était telle que nous avons été coupés d'eux, et arrivés à la station des barques Ferry nous avons eu grand peine à franchir l'énorme *mó de gente* tous allant au bal et, arrivés au bout, la barca était partie avec les pères! Nous avons dû attendre là *une heure*, debout, au clair de lune sur cette jétée flottante, transpirant au milieu de la foule, ou nous avons trouvé pour causer entr'autres, Taunay <sup>4</sup>, les Soares Brandão <sup>5</sup>, et les Dantas (D. Amália épuisée, avait trouvé une chaise ou se laisser tomber) <sup>6</sup>. La suite impériale y était comme nous

1. Conselheiro Domingos de Andrade Figueira.

2. Conselheiro João Alfredo Correia de Oliveira.

3. Príncipe dom Pedro Augusto de Saxe e Bragança. Escrevia o conde d'Eu como os filhos o chamavam.

4. Alfredo d'Escrangolle Taunay, visconde com grandeza de Taunay, por decreto de 06/09/1889.

5. O senador do Império Francisco de Carvalho Soares Brandão, era veador da Casa Imperial.

6. O senador do Império e conselheiro de Estado Manuel Pinto de Sousa Dantas.

c'est à dire, D. Ma. Candida, <sup>7</sup> (heureusement D. Josephina <sup>8</sup> avait demandé excuse), M. Maia <sup>9</sup>, Miranda Reis <sup>10</sup>, Aljezur <sup>11</sup>, Garcez <sup>12</sup>, et nous nous avons le Victe. de Penha <sup>13</sup> et Amandinha <sup>14</sup> bien enrhumée! Enfin la barca est revenue et, après une longue navigation, il était juste 11h quand nous arrivions à rejoindre les pères dans le salon principal du bal. Il y avait de la poussée dans les portes communiquant d'une salle à l'autre mais pas de foule autour de l'édifice, et même dans les salons on était assez à l'aise. Nous sommes partis avec les pères à 1h, avant le souper monstre ou le Pres. du Conseil <sup>15</sup> et le ministre du Chili <sup>16</sup> ont prononcés leurs discours; et cette fois on avait fait venir une petite lancha a vapor qui nous a promptement déposés à l'Arsenal et à 2h. 3/4 nous étions couchés ici. - Le "Jornal do Commercio" prétend qu'il y avait au bal 5.000 personnes! Hier dimanche les pères sont retournés dès 9h du matin à leur clôture de Petropolis où ils sont bien arrivés malgré une pluie torrentielle. Nous, nous sommes restés tranquilles, et à 3h, le temps s'étant éclairci, j'ai mené mes petits à la plage jouer les pieds dans la mer, et à 4h prendre leur bain après quoi nous avons fait une bonne marche jusqu'à plus de 5h: car il faisait très frais. Quant à Mamãzinha <sup>17</sup> une bonne partie de son temps a été pris par des conférences ici et chez Mme. Tosta <sup>18</sup>, avec celle-ci et White <sup>19</sup> et la bne. de Suruhy <sup>20</sup> pour une soirée que nous devons donner aux chiliens.

J'ai eu le bonheur de recevoir vos lettres du 4 au 13 et du 18 octobre, avec le regret que vous ayez perdu la partie du 15. Merci tout de même

- 
7. D. Maria Cândida de Araújo Viana e Figueiredo, dama da Casa Imperial.
  8. D. Josefina da Fonseca Costa, dama efetiva da Casa Imperial, a serviço da imperatriz. Viscondessa, com grandeza, da Fonseca Costa, por decreto de 08/08/1888.
  9. Dr. Cláudio Velho da Mota Maia, médico da Imperial Câmara. Conde de Mota Maia por decreto de 08/08/1888.
  10. Tenente general José Miranda da Silva Reis. Gentil-homem da Imperial Câmara; barão com grandeza, de Miranda Reis por decreto de 20/06/1881.
  11. Francisco Lemos de Faria Pereira Coutinho. Conde de Aljezur pelo rei de Portugal por decreto de 15/09/1858. Autorizado a usar o título no Brasil por portaria de 21/12/1858. Moço fidalgo e gentil-homem da Casa Imperial.
  12. José Garcez Pinto de Madureira, 1º visconde de Garcez pelo rei de Portugal, em 23/01/1874. Veador da Casa Imperial.
  13. Marechal de Exército João de Sousa da Fonseca Costa, visconde, com grandeza, da Penha por decreto de 20/06/1888. Veador da Casa Imperial.
  14. D. Maria Amanda de Paranaguá Dória, baronesa de Loreto pelo seu casamento. Dama efetiva da Casa Imperial com exercício junto à princesa Isabel.
  15. Conselheiro de Estado e senador do Império Afonso Celso de Assis Figueiredo, visconde, com grandeza, de Ouro Preto por decreto de 13/06/1888. Era o chefe do gabinete de 7 de junho de 1889, o último da monarquia, onde exercia o cargo de ministro da Fazenda.
  16. Manuel Villamil Blanco, enviado extraordinário e ministro plenipotenciário do Chile junto à corte do Rio de Janeiro, de 18/08/1888 a 1890.
  17. A princesa imperial d. Isabel.
  18. D. Maria José de Avelar Tosta, baronesa de Muritiba pelo seu casamento. Dama efetiva da Casa Imperial, a serviço da princesa.
  19. Joseph White, famoso violinista cubano.
  20. D. Carlota Guilhermina de Lima e Silva, irmã do duque de Caxias, baronesa de Suruí pelo seu casamento. Dama efetiva da Casa Imperial, a serviço da princesa Isabel.

beaucoup de tout, et des délicieuses annexes. Le dessin de Jean <sup>21</sup> nous fait grand plaisir et encore plus la photographie de son papa qui est *admirable*. Mais nous n'avons pas trouvé "silhouette" que vous dites. Qu'est-ce? Merci de votre lettre à mon père sur la *triste politique* dont vous allez, j'espère, vous distraire à la chère Grde. Garenne <sup>22</sup>.

12 9h soir. – Hier encore, nous sommes restés tranquilles et le marim avons eu la messe pour l'anniversaire de ma mère qui était la veille.

Le soir nous avons eu nos visites de 5h ½ à 7h ½ pas bien nombreuses, et ensuite nouvelle séance du phonographe pour que les enfants l'entendissent et y parlissent; c'est fort drôle quoique quant à moi je ne saisisse qu'une partie des discours répétés, mais très bien la musique. La Princesse. avait convoqué pour cela les Tosta <sup>23</sup>, les demoiselles Penha, <sup>24</sup> White et Bernardelli <sup>25</sup> avec lesquels on a fait jusqu' à 10h ¼ une tournée fastidieuse de la maison pour les préparatifs de la soirée.

Ce matin elle est allée avec la Bne. de Suruhy voir Amandinha qui grace à Dieu est mieux de son rhume, mais affligée de la mort de sa perruche.

Reçu ce soir la chère lettre de Dom. <sup>26</sup> du 15. Merci et souvenirs saudosos a teus les Gasquet Junior (?).

G. O.

Rio de Janeiro, Palacio Isabel, 13 novembre 89. 9h. p. n.

Chère Madame la Comtesse,

Je vous ai expédié une lettre hier soir. Ce matin par un joli temps j'ai fait mon équitation avec mes trois petits de 7h à 8h ½; et de 10h ½ à 3h je suis allé a mon Ql. Genl. pour ma séance habituelle <sup>27</sup>: Louis <sup>28</sup> ayant eu mal aux dents Doutor <sup>29</sup> l'a conduit chez le dentiste qui en a déplombé une et y a mis je ne sais quel remède; mais une fois de retour il s'est senti pire et le bas de la joue sous la mâchoire tout enflée. Il n'a pu

21. Jean de Barral, marquês de Barral-Montferrat, neto da condessa de Barral.

22. Propriedade da condessa.

23. Dr. Manuel Vieira Tosta Filho, barão, com grandeza, de Muritiba por decreto de 13/07/1888. Veador da Casa Imperial e sua mulher, citada à nota 18.

24. As filhas solteiras do visconde da Penha eram: d. Maria Eugênia da Fonseca Costa, (Eugeninha, grande amiga da princesa Isabel) e d. Maria Amália e Maria Elisa (gêmeas) da Fonseca Costa.

25. Rodolfo Bernardelli, escultor brasileiro, nascido no México.

26. Dominique de Barral, marquês de Barral-Montferrat, filho da condessa de Barral.

27. Era o conde d'Eu presidente da Comissão de Melhoramentos do Material de Guerra

28. O príncipe d. Luís, 2º filho do conde d'Eu; tinha então 11 anos.

29. Dr. Benjamin Francklin Ramiz Galvão, barão com grandeza de Ramiz, por decreto de 18/06/1888. Aio dos príncipes, filhos dos condes d'Eu, desde 1882.



*Último retrato da família imperial no Brasil*  
Fotografia de Otto Hees, feita na varanda do Palácio da Princesa,  
em Petrópolis, em 1889.  
Reprodução do original oferecido ao comandante do vapor  
Alagoas, durante a viagem para o exílio.  
(Coleção do Museu Imperial).



prendre le bain de mer et a beaucoup larmoyé les yeux tout injectés. Après le diner il s'est senti mieux et maintenant dort profondement après avoir pris la potion d'aconit et belladone. – Amandinha a passé toute la journée ici, aidant aux interminables arrangements pour la soirée et après diner, nous est restée jusqu'à 7h ½: elle nous est bien précieuse.

14. 9h soir. Ce matin à 9h. 1/2, la Princesse. et moi, nous sommes allés à l' Arsenal attendre l' Empr. qui arrivait de Petropolis avec Aljezur el M. Maia. Nous n' avons fait que lui dire bonjour, et il a couru à son concurso de inglez au Collège D. Pedro II pour rentrer à Petropolis l' après midi.

Quant à nous, tout le reste de notre journée a été pris par les rangements et arrangements dans la maison pour la prochain.e soirée.<sup>30</sup> Quelle fatigue, et surtout quel ennui! Quel tracas que de mettre en état une maison que souffre de l' encombrement d' un tas de choses qu' on ne sait ou fourrer! Combien nous envions votre vaste chateau; et combien surtout il nous faudrait ici, comme jadis votre main de fée pour tout transformer sans hésitation et sans souci! – Louis a continué à avoir la joue enflée et n' a pas quitté la chambre. Mais il ne se plaint pas beaucoup, et a voulu venir à table pour déjeuner et diner. Doutor Marinho (?) est venu le voir, e receitou-lhe um bochecho, et a conseillé de retourner chez le dentiste.

Bord du vapeur *Alagoas* allant de Rio de Janeiro à S. Vicente (Cap Vert).  
19 nov. 7h soir.

Je ne pensais guère en écrivant les lignes précédentes, que ce seraient les dernières tracées cette année au Palacio Isabel! Dans la soirée du même jour (qui était pluvieuse) le Major Leopoldo Amaral<sup>31</sup> m' a fait passer sa carte pour me parler, mais comme elle ne portait aucune indication du motif de la visite, et que la maison était sans dessus dessous par suite des préparatifs de la soirée en l' honneur des chiliens je l' ai refusé. Le lendemain matin, 15 j' ai fait ma promenade à cheval avec Pedro et Totó<sup>32</sup> (Louis ayant toujours la mâchoire enflée), comme d' habitude, à Botafogo sans l' ombre de préoccupation. Au retour, en parcourant tous les journaux (qui sont maintenant 7) je n' y ai rien trouvé, si ce n' est dans le “Diario do Commercio” (pas le “Jornal”), la mention qu' il devait y avoir quelque crainte de sédition à l' Ecole Militaire parce que les ministres avaient été réunis jusque tard dans la nuit au ministère de la guerre. Mais voilà qu' après notre déjeuner, entre 9h ½ et 10h. surgissent tout *esbaforidos*, le Bn. d' Ivinheima<sup>33</sup> et le Vict. de Penha pour me dire que “ha novidade grossa” que la 2nde Brigade s' est révoltée, et que le ministre de la marine, Bn. de Ladário

---

30. Deviam os condes d'Eu oferecer a 16 uma recepção aos oficiais chilenos, aos quais já o governo homenageara com o baile da ilha Fiscal.

31. Major honorário Leopoldo Antônio da Franca Amaral.

32. Os príncipes d. Pedro e d. Antônio, primogênito e 3º filho do conde d'Eu, então com 14 e 8 anos, respectivamente.

33. Conselheiro vice-almirante Francisco Pereira Pinto, barão de Ivinheima por decreto de 27/07/1873. Era conselheiro de Guerra, veador e moço fidalgo com exercício na Casa Imperial.

<sup>34</sup> a été tué (Il n'avait en réalité que reçu 3 balles dans le corps pour avoir refusé de se rendre aux insurgés, mais va mieux). Bientôt arrivent d'autres avec des renseignements confus entr'autres: les Tosta, les filles de Penha avec Calógeras <sup>35</sup>, White, Doutor Ramiz, Amarante <sup>36</sup>, Carapebus <sup>37</sup>, Cattete <sup>38</sup>, Miguel Lisboa <sup>39</sup>, un certain alferes honorário Ismail Falcão (?). C'est celui-ci, ce me semble, qui nous raconte que toutes les troupes sont réunies devant le ministère de la guerre, ayant a leur tête Deodoro et *Bocayuva*. "En ce cas" ne puis-je m'empêcher de dire, "la monarchie est finie". Quelqu'un suggère de faire prendre de renseignements chez le Consr. d'Etat Dantas qui demeure près de chez nous <sup>40</sup> et avant que j'eusse eu le temps de donner un consentement, Tosta y court. Bientôt le père Dantas arrive, nous demandant d'avoir confiance en lui en protestant qu'il ne saurait admettre la République; il s'offre à aller s'informer des intentions des insurgés, et c'est dans ce sens seulement, à titre *d'information*, que nous acceptons cette mission (qui du reste n'a eu aucun résultat). Pour moi, j'insiste à envoyer les enfants à Petropolis pour les éloigner du foyer de l'insurrection, et Doutor Ramiz les emmène en wagonnette à la plage où ils prennent leur bains de mer, afin de s'y procurer une embarcation quelconque, gagner le cuirassé "Riachuelo" et y attendre l'heure du train pour Petropolis. – Peu après nous apparaît Rebouças <sup>41</sup> que me serre dans ses bras suivant son habitude des occasions solennelles, et dit qu'il a combiné avec Taunay un plan d'après lequel l'Empr. doit rester à Petropolis, y convoquer les personnages importants, et y organiser un gouvernement qui tiende tête à l'insurrection de Rio. Cela me semble judicieux. Mais il s'agit de communiquer avec Petropolis: on s'abouche par le téléphone avec le bureau central des télégraphes d'où Capanema <sup>42</sup> répond qu'il ne peut plus rien parce que le télégraphe a été saisi par les républicains. Nous nous disposons à nous rendre à Petropolis et le Bn. de Cattete se charge de nous procurer un "*bond marítimo*" qui nous attendra à Botafogo. Mais voici qu'arrive un télégramme de M. Maia disant: "SS. MM. des-

**34.** Vice-almirante José da Costa Azevedo. Barão de Ladário por decreto de 12/08/1885. Foi o último ministro da Marinha da monarquia (gabinete de 07/06/1889).

**35.** D. Mariana Pinto da Fonseca Costa, casada com dr. Pandiá Calógeras e mais as irmãs cit. na nota 24.

**36.** Tenente-coronel de engenharia Manuel Peixoto Cursino do Amarante. Era auxiliar do barão de Ramiz, como 2º preceptor dos príncipes.

**37.** Dr. Antônio Dias Coelho Neto dos Reis, conde de Carapebus por decreto de 08/08/1888, e d. Francisca Jacinta Nogueira da Gama, filha dos condes de Baependi, dama efetiva da Casa Imperial, com exercício junto à imperatriz.

**38.** Dr. Joaquim Antônio de Araújo e Silva, barão com grandeza do Catete, por decreto de 13/10/1887. Visconde de Silva por Portugal, Foi o 2º marido da marquesa de Abrantes.

**39.** Capitão-de-fragata Miguel Ribeiro Lisboa, filho do barão de Japurá.

**40.** Residia o cons. M. P. de Sousa Dantas à Rua das Laranjeiras, 32 (cf. Alm. Laemmert-1889).

**41.** Dr. André Pinto Rebouças.

**42.** Conselheiro dr. Guilherme Schüch de Capanema, barão de Capanema por decreto de 26/02/1881. Era diretor da Repartição Geral dos Telégrafos da qual fora fundador.

cem”. Pensant qu’ils s’arreteront a S. Christophe nous décidons d’y aller par mer, et vers 2h ce me semble, nous embarquons à Botafogo dans ce *bond marítimo*, seuls avec les Tosta. Mais en passant devant la plage de S. Luzia je vois galopper dans la rue l’équipage impérial. Ma première pensée a été que le President de la nouvelle République s’en était déjà saisi. Mais non, c’était bien l’Empereur. Nous nous arretons au Largo do Paço et envoyons Tosta en reconnaissance lequel nous amène une des voitures impériales qui en une minute nous dépose au Palais de ville ou nous trouvons Empr. et Impce. La première parole de l’Empr. est: “Mon avis est de dissoudre les bataillons”. “C’est facile à dire” lui repliquai-je “mais comment voulez vous dissoudre des Corps qui sont en armes contre vous? il faut d’abord que vous constituiez un gouvernement, puisque le précédent est démissionnaire. – Mais je n’accepte pas cette démission! – Mais les ministres sont prisonniers de insurgés: comment voulez vous qu’ils continuent à gouverner? – Mais si! Ouro Preto va venir me parler”. Ils avaient été mis en effet en liberté sur parole. Ouro Preto parait, et dans une conférence de quelques instants à seul avec l’Empr. sans que personne soit appelé en consultation, il lui suggère de charger du nouveau ministère Gaspar Martins <sup>43</sup> qui se trouvait au Rio Grande do Sul à 3 ou 4 jours de voyage! Aussitôt que j’apprends celà (indirectement par le Chambellan et Consr. d’Etat Olegário <sup>44</sup> qui avait surgi au Palais et a une parenté avec Ouro Preto), je vais à l’Empr. et lui dis: “Comment voulez vous qu’on reste 3 jours sans Gouvernement dans les circonstances où on est? – On attendra. – Mais on dit que le Gouv. Provisoire est déjà constitué, composé de Deodoro <sup>45</sup>, Bocayuva <sup>46</sup> et Benjamin Constant <sup>47</sup>. Demain matin, si ce n’est ce soir, vous verrez ses proclamations affichées – Ta ta ta!” (Ce ne fut pas là l’expression employée, mais le sens) – Je continue appuyé par la Princesse: “Mais convoquez au moins le Conseil d’Etat pour vous éclairer” – “Plus tard”. Après quelque temps de confabulations avec Olegario et Silva Costa <sup>48</sup>, autre Consr. d’Etat qui avait aussi paru lesquels ne parvenaient pas plus qu’Isabelle et moi à resoudre l’Empereur à rien, on annonce le dinez, vers 5h je crois. Avant de nous mettre à table, je reprends: “Me permettez vous au moins de dire à Olegário de convoquer le Conseil d’Etat? - Nous verrons celà plus tard!” Au sortir de table nous prenons sur Isle. et moi d’accord avec Olegario, de faire expédier la circulaire suivante aux 17 consrs. d’Etat présents à Rio (sauf les 2 qui se trouvaient déjà au Palais). “S. A. a Princeza Imperial me encarrega de rogar a V. E. queira com a maior brevidade comparecer no Imperial Paço da Cidade onde se acha S. M. o. Imperador”; signé par Tosta qui cherchait les noms et adresses dans l’Almanach tandis que Lassance <sup>49</sup> écrivait les circulaires puis se chargeait de

43. Conselheiro Gaspar da Silveira Martins.

44. Conselheiro Olegário Herculano de Aquino e Castro.

45. Marechal-de-campo Manuel Deodoro de Fonseca.

46. Quintino Bocaiúva.

47. Tenente-coronel graduado Benjamin Constant Botelho de Magalhães.

48. Conselheiro dr. José da Silva Costa.

49. Tenente-coronel Guilherme Carlos Lassance, mordomo do conde d’Eu.

les faire porter par des hommes d'écurie. Dans la soirée, bon nombre de personnes affluent dans les corridors ou salons du Palais, tous les Consrs. d'Etat présents à Rio (sauf Sinimbu<sup>50</sup> et Nunes Gonçalves<sup>51</sup> et entr'autres sénateurs Taunay et Saraiva<sup>52</sup> qui dans une brève conference dit à l'Empr. qu'il soit tranquille, que l'affaire ne durera pas!! Il avait été, je crois appelé par Dória<sup>53</sup>, seul des ministres sortant qui soit resté cette soirée au Palais. Taunay remet en avant l'idée qui m'était déjà venue, mais avait été repoussée par la Princesse, de tacher de se mettre en rapports avec de Genl. Deodoro puisqu'il est le maître de la situation et qu'on ne le sait pas encore décidé pour la République. Après de longues confabulations, (toujours en dehors de l'Empr.) nous décidons les Consrs. d'Etat Dantas et Correa<sup>54</sup> à se charger de cette mission, comme représentants des deux partis politiques de la monarchie. Ils se rendent chez Deodoro, mais trouvent d'abord porte close, et les domestiques leur disent qu'ils ne savent où il est! – Vers 11h ½ enfin la Princesse, arrive à force de supplications, à décider l'Empr. a réunir les Consrs. d'Etat autour de la table du despacho où prirent place outre l'Empr., la Princesse. et moi, Paulino<sup>55</sup>, João Alfredo<sup>56</sup>, Cruzeiro<sup>57</sup>, Dantas, Paranaguá<sup>58</sup>, Beaurepaire<sup>59</sup> Andrade Figueira, Leão Velloso<sup>60</sup>; Silva Costa<sup>61</sup>, Duarte d'Azevedo<sup>62</sup> et Cavalcanti<sup>63</sup> (ces deux derniers siégeaient pour la lère fois). Bom Conselho<sup>64</sup>, Correa et Olegario s'étaient retirés avant cette séance, apparemment las d'attendre en vain. La solennité du moment et l'heure avancée rendaient les voix encore plus basses que de coutume de sorte que je n'entendis pas une syllabe. Mais la Princesse. me dit, et les journaux ont répété le lendemain, que l'avis unanime fut que l'Empr. devait au plutôt

**50.** Conselheiro e senador João Lins Vieira Cansanção de Sinimbu, visconde com grandeza de Sinimbu em 10/05/1888.

**51.** Conselheiro e senador Antônio Marcelino Nunes Gonçalves, visconde com grandeza de S. Luis do Maranhão em 13/06/1888.

**52.** Conselheiro José Antônio Saraiva.

**53.** Dr. Francklin Américo de Menezes Dória, barão com grandeza de Loreto, em 15/06/1888. Era ministro do Império no gabinete de 07/06/1889.

**54.** Senador Manuel Francisco Correia.

**55.** Senador Paulino José Soares de Sousa.

**56.** Senador João Alfredo Correia de Oliveira.

**57.** Senador Jerônimo José Teixeira Júnior, visconde com grandeza do Cruzeiro, a 13/06/1888.

**58.** Senador João Lustosa da Cunha Paranaguá, marquês de Paranaguá em 13/06/1888.

**59.** Tenente general Henrique Pedro Carlos de Beaurepaire-Rohan, visconde com grandeza de Beaurepaire Rohan, em 13/06/1888.

**60.** Senador Pedro Leão Velloso.

**61.** Dr. José da Silva Costa.

**62.** Dr. Manuel Antônio Duarte de Azevedo.

**63.** Senador Diogo Velho Cavalcanti de Albuquerque, visconde com grandeza de Cavalcanti em 30/05/1888.

**64.** Senador José Bento da Cunha e Figueiredo, visconde com grandeza do Bom Conselho em 13/06/1888.

constituer un nouveau ministère. L'Empr, après quelques instants de réflexion déclara qu'il confiait cette mission à Saraiva! Ce fut Paranaguá qui se chargea de remonter à pied (le plan incliné ne fonctionnant plus à cette heure) à S. Thereza, pour la 3ème fois de la journée pour réveiller et appeler Saraiva: ils reparurent vers 1h ½ je crois et Saraiva, après une courte conférence avec l'Empr., écrivit une lettre au Genl. Deodoro pour lui demander une entrevue dans le but de constituer d'accord avec lui le nouveau ministère, le Major Trompowki <sup>65</sup>, gendre du Consr. d'Etat Andrade Figueira, se chargea de porter cette lettre, et l'Empr. fut se coucher. Mais la Princesse désira veiller jusqu'au retour de Trompowski qui parut vers 3h. disant que Deodoro l'avait reçu au lit mais avait déclaré qu'il n'avait pas de réponse à faire parce que la République était absolument décidée. Il ajouta beaucoup d'autres choses que je n'entends pas: la Princesse me rapporta seulement que Deodoro s'était beaucoup plaint de moi, me considérant comme l'auteur de *l'oppression de l'armée*, supposition entièrement erronée contre laquelle je protestai aussitôt à haute voix.

Nous montâmes nous coucher, et vers 4h je m'étendis sur le lit sans me déshabiller. Mais je ne pus fermer l'oeil, et le jour ayant paru à 5h je me relevai pour aller observer des fenêtres le calme absolu des alentours et les gens portant au marché leur paniers de légumes suspendus aux épaules à la manière chinoise. Où était au matin du samedi 16. Vers 7h on m'apporta les journaux qui donnaient la proclamation de la République, l'organisation du Gouvernement provisoire, la Proclamation signée par celui-ci, la nomination provisoire d'un capitaine d'artillerie comme préfet de police <sup>66</sup> et quelques autres. Les domestiques du palais larmoyaient. La Princesse épuisée domit assez tard, ainsi que l'Empr. et l'Impce. Bientôt vers 8h, je crois, on vit se former devant le Palais un détachement de cavalerie, les carabines dressées sur le pommel des selles, et quelque temps après cette troupe étendit un cordon de sentinelles à cheval autour de l'édifice de façon que les carabines étaient en quelque sorte braquées contre les fenêtres. En même temps on plaçait des sentinelles d'infanterie à toutes les portes. M. Maia avait suggéré que l'Empr. s'en retournât à Petropolis l'après midi afin d'attendre jusque là le rapport de Saraiva. Ah! bien ouit! Au commencement de la journée l'officier de garde laissait encore entrer les visiteurs sur la constatation de leur identité. Mais vers 10h vint ordre de ne laisser plus entrer ni sortir personne! Ce furent alors des heures très pénibles. Nous ne pouvions nous montrer aux fenêtres par crainte de recevoir tout au moins des *lazzis* des groupes d'étudiants que stationnaient. Mais à travers les volets entr'ouverts on voyait par fois errer des personnes venues en vain pour pénétrer jusqu'à nous! Paranaguá, Saraiva, Paulino, Correa, le ministre du Chili que dès la veille avait fait faute ses offres de service, Corumbá <sup>67</sup> grimpé sur un arbre! et le temps passait sans qu'on apprit rien sur le but de cet emprisonnement! Seuls les Carapebús réussirent à pénétrer par je ne

65. Major de engenharia Roberto Trompowski Leitão Almeida.

66. Capitão do Estado-Maior do Exército Vicente Antônio do Espírito Santo.

67. Vice-almirante João Mendes Salgado, barão com grandeza de Corumbá em 20/06/1888.

sais quelle porte de derrière donnant, me dit on, dans le jardin du voisin, et dont on se regarda de parler trop haut. Je ne sais si ce furent eux qui rapportèrent le bruit qu'on allait nous faire conduire sur le cuirassé Solimões, monitor de dimensions tout à fait exigües et ne pouvant naviguer en quelque sorte *que sous* l'eau, toutes le écoutilles fermées! Cette perspective horrible nous fit preter l'oreille à l'idée suggerée par Carapebús de s'entendre avec le mintre. du Chili pour qu'il obtint du nouveau Gouvernement qu'on nous fit conduire à bord du cuirassé chilien, ou même en dernier lieu qu'il nous fit recevoir dans ce but à l'issue secrète. Le Palais étant en face de la mer, une fois la ligne des sentinelles franchies en secret, il n'y aurait pas eu grandes difficultés à gagner un canot.

Mais ces idées que je pris sur moi de présenter a l'Empr. dans l'interêt de sa famille furent par lui repoussées avec indignation; il ne voulait, dans ce cas-ci, pas avoir à faire à des étrangers (il passa une grande partie de ce temps à lire une de ses petites revues scientifiques). Isabelle et moi nous nous résolümes à autoriser Carapebús à tâcher de parler, comme venant de lui seul, au ministre du Chili; et nous lui donnâmes aussi un papier le chargeant de conduire nos enfants à mon père au cas où nous ne pourrions plus les rejoindre! Enfin, sur les 3h parut un escadron de cavalerie en tenue de gala! Le Major<sup>68</sup> qui le commandait et trois officiers subalternes, ayant monté l'escalier, et demandé à parler à l'Empr. furent aussitôt introduits dans le salon où tout le monde s'était réuni à cette occasion; et après avoir salué, le Major remit à l'Empr. un grand papier, en demandant si *Sa Majesté* désirait donner réponse sur le champ. L'Empr. ayant dit que non les officiers saluant se retirèrent. L'Empr. sans rien communiquer à sa famille, emmena Doria dans un coin pour prendre avec lui connaissance de ce factum, puis dit à haute voix que c'était une intimation d'avoir à quitter du pay's dans 24 heures, et qu'il était prêt a partir le soir même<sup>69</sup>. L'Impce. se laissa tomber sur un fauteuil tandis qu'on entendait des cris nerveux d'une

**68.** Major de cavalaria Frederico Sólton Sampaio Ribeiro.

**69.** E do seguinte teor a mensagem do governo provisório: (Doc. 9107 do arquivo do Museu Imperial).

"Senhor. Os sentimentos democráticos da nação, há muito tempo preparados, mas disputados agora pela mais nobre reação do caráter nacional contra o sistema de violência, de corrupção, de subversão de todas as leis exercido num grau incomparável pelo ministério de 7 de junho, a política sistemática de atentados do governo imperial, nestes últimos tempos, contra o Exército e Armada, política odiosa à nação e profundamente repelida por ela, o esbulho dos direitos dessas duas classes, que, em todas as épocas, tem sido, entre nós, a defesa da ordem, da Constituição, da liberdade e da honra da pátria, a intenção, manifestada nos atos dos vossos ministros e confessada na sua imprensa, de dissolvê-las e aniquilá-las, substituindo-as por elementos de compressão oficial, que foram sempre, entre nós, objeto de horror para a democracia liberal, determinaram os acontecimentos de ontem, cujas circunstâncias conheceis, e cujo caráter decisivo certamente podeis avaliar.

Em face desta situação, pesa-nos dizer-mô-lo, e não o fazemos senão em cumprimento do mais custoso dos deveres, a presença da família imperial no país ante a nova situação que lhe criou a revolução irrevogável do dia 15, seria absurda, impossível e provocadora de desgostos, que a salvação pública nos impõe a necessidade de evitar.

Obedecendo, pois, às exigências urgentes do voto nacional, com todo o respeito devido à dignidade das funções públicas que acabais de exercer, somos forçados a notificar-vos

de ses femmes de chambre, Isabelle et presque toutes les dames se mirent à pleurer. Doria se mit à rédiger la réponse à donner par l'Empr., et on rapella le Major à qui, après un assez longtemps elle fut remise par l'Empr., copiée et signée de sa main.<sup>70</sup> Aussitôt le cordon des sentinelles fut retiré.

Chacun pensa alors à prendre ses dispositions. Le mordomo Vict. Nogueira da Gama<sup>71</sup> fit signer à l'Empr. une approbation d'un emprunt de 1.000 contos qu'il venait de conclure il y a peu de jours pour le compte de la maison impériale, avec la Banque du Brésil et une nomination de moço fidalgo déjà décidée (à ce moment!!). L'Empr. et l'Empce. signèrent aussi, des procurations pour la défense de leurs intérêts privés. Nous nous occupâmes de mesures analogues, d'écrire des communications d'adieu soit particulières soit pour la publicité, et aussi de télégraphier à Doutor Ramiz pour ramener les enfants de Petropolis.

Isabelle et Pedro Augusto auraient désiré alter chacun chez soi pour chercher ses affaires, mais après une longue négociation à ce sujet, il fut répondu qu'aucun membre de la famille impériale ne pouvait sortir, mais que les autres personnes pouvaient sortir et rentrer. Mme. Tosta se chargea d'aller à Laranjeiras ramasser au Palacio Isabel tous les objets que nous désirions le plus emporter avec nous.

Après le diner on continua le même ordre de travaux. L'Impce. fut longtemps à dicter je ne sais quois sur ses effets privés a D. Rosinha Calmon,<sup>72</sup> soeur de Mme. de Carapebús, tandis que de mon coté je dictais des

---

que o governo provisório espera do vosso patriotismo o sacrificio de deixardes o território brasileiro, com a vossa família, no mais breve termo possível.

Para esse fim se vos estabelece o prazo máximo de vinte e quatro horas, que contamos não tentareis exceder.

O transporte vosso e dos vossos para um porto da Europa correrá por conta do Estado, proporcionando-vos para isso o governo provisório um navio com a guarnição militar precisa, efetuando-se o embarque com a mais absoluta segurança da vossa pessoa e que toda a vossa família, cuja comodidade e saúde serão zeladas com o maior desvelo na travessia, continuando-se a contar-vos a dotação que a lei vos assegura, até que sobre esse ponto se pronuncie a próxima Assembléia Constituinte.

Estão dadas todas as ordens a fim de que se cumpra esta deliberação.

O país conta que sabereis imitar na submissão aos seus desejos o exemplo do primeiro imperador em 7 de abril de 1831.

a) *Manoel Deodoro da Fonseca*, chefe do governo provisório".

**70.** Existe no arquivo do Museu Imperial o original dessa resposta (embora encimada pela palavra "cópia") com a letra do barão de Loreto. O autógrafo imperial, existente na Casa de Rui Barbosa, apresenta variantes dessa "cópia". Eis o seu texto: "À vista da representação que me foi entregue hoje às 3h da tarde, resolvo, cedendo ao império das circunstâncias, partir com toda a minha família para a Europa, amanhã, deixando esta pátria de nós estremecida, à qual me esforcei por dar constantes testemunhos de entranhado amor e dedicação durante quase meio século em que desempenhei o cargo de chefe do Estado. Ausentando-me pois, eu, com todas as pessoas da minha família, conservarei do Brasil a mais saudosa lembrança, fazendo ardentes votos por sua grandeza e prosperidade. Rio de Janeiro, 16 de 9bro de 1889. – D. Pedro d'Alcântara".

**71.** Conselheiro Nicolau Antônio Nogueira Vale da Gama, visconde com grandeza de Nogueira da Gama, em 08/08/1888.

**72.** D. Rosa Mônica Carneiro Nogueira da Gama.

notes à son mari José Calmon <sup>73</sup> qui va se trouver, en qualité d'assesseur du vieux mordomo son père, chargé principalement de l'administration des bijoux, mobilier des Palais et autres intérêts analogues. L'Empr. fixa le départ à 2h après midi du lendemain dimanche, et on obtin même la permission d'aller à 11h entendre la messe à la chapelle du Carmo attenante au Palais.

A 10h ½ nous nous couchâmes; mais cette nuit là encore je ne dormis pas. J'étais poursuivi par l'idée qu'il surgirait encore du nouveau. En effet à 1h ½ du dimanche 17 on frappe à notre chambre. C'est Lassance. Je vais lui parler et il me dit qu'avec lui est venu le Tente. Corl. Mallet <sup>74</sup> envoyé par le Gouvernement Provisoire pour nous dire qu'on craint des démonstrations de la population en faveur de l'Empr. au moment de l'embarquement, que les étudiants se sont armés (avec fusils et mitrailleuse pour s'opposer à ces manifestations. Et Lassance ajoute *sotto voce* qu'il a oui parler d'assassiner l'Empr.) Bref le Gouv. Provisoire demande à l'Empr. et à sa famille de s'embarquer avant le jour pour éviter l'effusion du sang. Je remonte prévenir Isabelle encore au lit puis redescends battre à la porte de chacun: M. Maia, Pedro Augusto, et les chambellans qui avaient voulu dormir au Palais, dest à dire: José Calmon, Penha avec ses filies et Calógeras, Miranda Reis <sup>75</sup>, Tamandaré <sup>76</sup>, Aljezur. (On oublia l'infortuné Ivinheima dont personne ne me dit la chambre!) Il parut à tous qu'en l'état des choses il ne convenait pas de s'exposer à être mitraillé. M. Maia alia réveiller Empr. et Impce., et à 3h on descendit l'escalier. A la porte principale on entra dans la voiture qu'avait amené Mallet, cinq de famille y compris Pedro Augusto; quoique quant à moi j'eusse voulu aller à pied comme firent les autres hommes, la distance jusqu'au quai n'étant que de 2 minutes. La voiture retourne ensuite prendre D. Josephina et enfin une petite lancha, ou chaloupe à vapeur occupée par une petite garnison d'élèves de l'Ecole Militaire, nous conduisit non pas comme Mallet l'avait annoncé, au paquebot Alagoas, le même sur lequel j'ai fait mon voyage jusqu'à l'Amazones, mais à notre grande surprise, à un petit croiseur ou canonnière nommé Parnahyba. On s'installa sur le pont exigü à attendre le jour. Pendant qu'on était là assis et que justement j'étais entré dans la cabine pour écrire il se presenta, me di-ton un capitaine de l'armée qui remet à l'Empr. un autre grand papier, puis se retira sans donner lieu à ce qu'il fut fait de réponse. C'était un décret signé par tous les membres du Gouvernement Provisoire accordant à la Famille Impériale, à titre de décence de sa subsistance et de ses dépenses de premier établissement à l'étranger, une somme de 5 000 contos (10 a 13.500.000 fr. suivant le change), sans préjudice, était-il dit dans l'article 2nd, de la garantie promise par le Gouv. Provisoire en faveur des droits résultant pour elle des traités et autres actes

73. Dr. José Calmon Nogueira Vale da Gama. Gentil-homem da Imperial Câmara, superintendente da Imperial Fazenda de Petrópolis.

74. João Nepomuceno de Medeiros Mallet.

75. Tenente-coronel conselheiro José Miranda da Silva Reis, barão com grandeza de Miranda Reis em 20/06/1881.

76. Almirante Joaquim Marques Lisboa, marquês de Tamandaré em 16/05/1883. Era ajudante-de-campo do imperador.

en vigueur. L'Empr. après avoir lu ce papier le passa à M. Maia qui vint me le donner, et nous convîmes de le faire garder dans la malle du chambellan Aljezur. – On continua à attendre le jour sur ce pont étroit occupé par un détachement de fusileiros navaes qu'y avaient déposé leurs fusils. Plus tard vinrent un petit nombre de visites que les autorités de bord faisaient retirer promptement: entr'autres un neveu du feu Luiz Carlos, Amarante, D. Maria Euphrasia en larmes parece que les soldats l'avait insultée sur le Largo do Paço, D. Domitilia <sup>77</sup> “um mar de lágrimas.” – On descendit dans la cabine déjeuner sous les auspices des officiers de marine empressés. Les jaunes officiers tinrent à nous servir à table, et on voyait sur leurs casquettes la place de la couronne qu'ils avaient arrachée la veille. En me passant un plat, l'un d'eux me dit: “Faça favor de não acanhar-se (de ne pas vous gêner), quando está entre amigos.” Ils étaient sincères je le veux bien; mais ce sont tout de même de singuliers “amigos.”

Pendant ce temps j'attendais toujours avec anxiété les enfants qui avaient dû quitter Petropolis le matin. Ils nous arrivèrent enfin entre 10h et 11h conduits par Doutor Ramiz et M. Stoll <sup>78</sup>, et accompagnés de Rebouças qui bizarrement declare associer son sort à celui de la Famille Impériale, vu que les républicains actuels n'ont rien de commun, parait il, avec la République qu'il avait lui même rêvée il y a quelques annés, et du ministre d'Autriche <sup>79</sup> venu aussi de Petropolis pour présenter ses adieux et ses offres de services. C'est le seul diplomate dont nous ayons eu signe de vie pendant cette crise, sauf celui du Chili qui à été toujours parfait, celui de la République Argentine <sup>80</sup> qui, me dit on, a paru au Palais un moment le ler, jour et celui de Portugal <sup>81</sup> qui malade au lit a transmis par lettre les offres d'hospitalité chaleureuses de son souverain. (On m'a dit ensuite que l'Internonce, représentant du S. Siège <sup>82</sup>, le mintre. de Belgique <sup>83</sup>, le chargé d'affaires de Russie <sup>84</sup>, et les Mintres. du Chili, de l'Uruguay <sup>85</sup>, et de la République Argentine avec leurs femmes se sont réunis plus tard à l'Arsenal de marine dans l'intention d'aller nous dire adiou, mais que le Gouv't. Provisoire ne leur a pas facilité les moyens de nous rejoindre à Ilha Grande).

Quant aux enfants ils sont arrivés sanglotant et cela a été pour moi la scène la plus déchirante de toute la crise: car, quand il s'est agi de dire adiou au Doutor Ramiz (lequel m'a déclaré dès l'abord qu'il ne pouvait aucunement

**77.** D. Domitila Francisca de Abreu Pereira Jorge, dama da Casa Imperial.

**78.** Frederico Stoll, prof. de ginástica dos filhos dos condes d'Eu.

**79.** Conde Rudolf von Welsersheimb, enviado extraordinário e ministro plenipotenciário da Áustria-Hungria no Rio de Janeiro.

**80.** D. Henrique B. Moreno.

**81.** Cons. Duarte Gustavo Nogueira Soares.

**82.** Monsenhor Francesco Spolverini, internúncio apostólico em missão extraordinária.

**83.** Barão Albert de Anethan, ministro residente.

**84.** Era enviado extraordinário e ministro plenipotenciário do czar da Rússia no Brasil o cons. Alexandre Ionine e encar. de Negócios, interino, o vice-cônsul no Rio de Janeiro, Franklin Álvares (Alm. Laemmert, 1889).

**85.** D. Blas Vidal, enviado extraordinário e ministro plenipotenciário.

aller en Europe), ces sanglots sont devenus quelque chose de phénoménal et d'inquiétant et ont gagné même Toto <sup>86</sup> habituellement si peu sensible. J'entends encore la voix de Bebé Pedro <sup>87</sup> lui criant quand il descendait l'échelle: "Não se esqueça de vir brevel". Je ne me figurais pas qu'ils l'aimassent autant.

Enfin, petit à petit, ils se sont calmés; puis tout à coup, vers midi, sans avis préalable, voilà que le "Parnahyba" se met en mouvement et nous emmène hors de la "barra". On prend à droite et nous apprenons qu'on nous mène au Lazaret d'Ilha Grande! Le petit navire roule beaucoup, et les enfants ont bientôt le mal de mer et se couchent comme ils peuvent sur une banquette ou sur un matelas par terre. Mais les dames tinrent bons assises sur le pont. On longe la côte au paysage toujours glorieux, le temps se mit au beau, et la parlotte de Rebouças de *omni re scibili* entretenit l'Empr. toute la journée. Un peu avant la nuit on s'arrêta dans la rade d'Ilha Grande, dite Seio de Abrahão, et l'Alagoas y arrivait presque en même temps que nous, ce qui nous tranquillisa sur notre sort. On dina dans la cabine de Parnahyba, avec les mêmes soins qu'au déjeuner et quelque temps après, au milieu d'adieux affectueux des officiers du Parnahyba, on se transféra sur l'Alagoas par les ondes. Là on eut le plaisir de trouver les deux ménages Doria et Tosta, <sup>88</sup> venus pour le voyage, ainsi que les femmes de chambre Mariquinhas et Ludumilla, et aussi Amarante, avec sa femme et son enfant venus pour dire adieu mais qui auraient eu bien envie, me dit on, de venir aussi en Europe.

Avant que le Parnahyba les reconduise à Rio, on accorda une petite demi heure de rêpit que je mis à profit pour terminer et confier à Amarante des instructions pour Lassance. Les enfants quoique tombant de sommeil, pleurèrent encore en embrassant le petit Amarante qui était le compagnon de jeux de Toto, puis je m'occupai de les installer. Les Majestés ni la Pcesse, n'ayant pas voulu des cabines sur le pont, je repris la grande cabine du Comt. que j'avais eu pendant mon voyage au Nord, et m'y installai avec Bébé Pedro; non loin de là Louis avec le nouveau valet de chambre anglais. en face M. Stoll; puis Pedro Augusto en face du Commandant. Le reste de la société s'arrangea en bas: la Presse. avec Toto et Ludumila.

On se mit en marche pendant la nuit du 17 au 18 et quand vers 5h j'ouvris ma fenêtre, on était devant Ilha Rasa, et le Pão d'Assucar avec l'entrée de la bate s'étaient dans toute la splendeur matinale. Quelque temps après midi, on passa Cabo Frio; et peu après la terre se perdit de vue. - A partir de la hauteur de Rio nous fumes accompagnés par le grand cuirassé "Riachuelo" chargé de nous surveiller et de faire ralentir notre marche par des signaux, si nous nous en éloignions trop.

Les journées de bord se ressemblent. Notre société comprend en somme: 8 personnes de famille, D. Josephina qui, malgré ses 81 ans a voulu absolument accompagner l'Impce., Aljezur qui accompagne l'Emper. en qualité de

**86.** Príncipe d. Antônio, 3º filho dos condes d'Eu, então com 8 anos.

**87.** O príncipe do Grão Pará, primogênito dos condes d'Eu.

**88.** Os barões de Loreto e Muritiba citados.

chambellan, les deux ménages Doria et Tosta, M. Maia et son fils aîné<sup>89</sup> Rebouças et M. Stoll; la domesticité: les deux femmes de chambre de l'Impce. les deux de la Prcesse. une de Mme. Tosta, (celle de D. Josephina manqué); les deux valets de ch. de nos enfants, et le vieux Boucher, v. de ch. de Pedro Augusto; voilà tout; car les v. de ch. de l'Empr. ont (ilegível) ou manqué le train avec tous ses papiers de sorte qu'il a fallu détacher en service auprès de lui l'un des valets de ch. de nos petits.

La salle à manger est au fond du bateau horriblement chaude parce qu'on ne peut en ouvrir les sabords; aussi n'y étais-je pas descendu à mon autre voyage. La Prcesse, et ses jeunes dames n'y descendent jamais et mangent à l'autre étage qui forme en quelque sorte salon quoique limité par les crairvoies; une partie des enfants aussi. Bébé Pedro descend en général avec nous ainsi que Pedro Augusto; et l'Empr., l'Impce., moi, D. Josephina et tout le reste de la société n'y manquons jamais. Il y a en outre le Comt. du bord, João Maria Pessoa, natif de Lisbonne et excellent, le même qui m'a conduit à l'Amazonas, puis l'officier de marine détaché du "Riachuelo" en quelque sorte pour nous surveiller. C'était d'abord le 1<sup>o</sup> tenente João Augusto de Amorim Rangel, fils d'un général en retraite qui, comme toute l'armée, a été sous mes ordres au Paraguay. Mais au bout de 36 heures il s'est déclaré souffrant (M. Maia qu'il a désiré consulter m'a dit que c'était un gros bobo... entre les jambes empêchant de passer le pantalon!). Il s'est donc enfermé dans sa cabine et a fait arreter pour communiquer au "Riachuelo" qu'il était hors d'état de faire son service. Après visite du médecin du cuirassé on lui a adjoint alors un second officier, 2<sup>o</sup> tenente Antonio Barbosa de Magalhães Castro,<sup>90</sup> aussi d'une famille connue alliée à feu Bom-Retiro, et c'est lui qui mange maintenant à table à coté de nous, l'autre étant toujours à la chambre. Ces jeunes gens sont polis, mais extrêmement réservés; on a avec eux une conversation peu abondante.

Le principal ennui du voyage à été l'état de terreur de Pedro Augusto qui l'empêchait de dormir, parfois de manger, et nous faisait tous craindre pour ses facultés mentales. Les temps d'arrêt causé par le Riachuelo, les mouvements des officiers de marine et de ceux du bord ou même des "Stewards" tout lui était motif à terreur. La marche du "Riachuelo" étant beaucoup plus lente que celle de notre paquebot, celui ci était souvent rappelé à l'ordre par des signaux, c'est à dire obligé de s'arreter ou de tourner pour ne pas perdre de vue ce gardien. Enfin, arrivés à la hauteur de Bahia, le Comt. de notre bord s'est mis d'accord avec les officiers de marine pour demander s'il ne serait pas d'avantage général de nous laisser marcher seuls vers l'Europe, ce qui, 24 heures après, a été accordé, et nous avons eu le plaisir de voir disparaître ce redoutable "Riachuelo". Depuis lors l'état de Pedro Augusto s'est amélioré; mais ses craintes ne sont cependant pas entièrement passées.

Nous voici au 26, 10h soir. Avant hier après midi nous avons passé l'île de Fernando Noronha qu'on a longé d'assez près pour admirer les for

**89.** Manuel Augusto Velho da Mota Maia, então com 10 anos.

**90.** Cf. Almanaque Laemmert para 1889 seu nome era Antônio Acioli de Magalhães Castro.

mes fantastiques de ses sommets rocailleux. Hier on a franchi la ligne à 11h matin et on s'est amusé à baptiser Amandinha et Doria, les seuls de la société qui n'aivaient pas encore passé d'un hémisphère à l'autre. Rebouças a rédigé l'acte de baptême da mãi dos analphabetos e do vate abolicionista! Le temps a été en général superbe. Ajourd'hui seulement li a plu pour la 1ère fois abondamment.

L'Empr. passe toute sa journée à lire, et le soir il se fait lire par Doria: en ce moment ce sont les "Estudos Brasileiros" por José Verissimo de Mattos. – La Prcesse. et moi nous avons écrit et recopié beaucoup d'instructions pour Lassance et des lettres pour Rio. Les enfants s'amuse tranquillement et les deux ainés s'intéressent beaucoup à la navigation et s'informent de tout au près du Comt. et des officiers. Je leur fais apprendre un peu de grammaire anglaise (car on s'est trouvé sans aucun autre livre) et écrire de petites lettres aux connaissances de Rio. J'oubliais de dire que dès les premiers jours le Comt. a exigé que Pedro Augusto fut transféré dans une des cabines d'en bas, vu qu'il avait parlé plusieurs fois de se jeter à la mer!

27. La journée a été sombre, le vent debout avait fraîchi, mais ce soir a baissé graces à Dieu. – Nous avons été surtout occupés de l'affaire dos 5.000 contos que j'avais été d'avis de recevoir, si on le livrait, à titre de garantie pour les avantages que les lois assurent à la famille impériale. Mais la Prcesse. s'y est opposée appuyée par Tosta et Doria, et on a su de plus que l'Empr. avait dit à M. Maia qu'il ne voulait rien accepter de celà; et comme il a paru convenable que ce point fut réglé à l'arrivée à S. Vicente on a rédigé une déclaration que l'Empr. a signée, destinée au Vict. Nogueira da Gama, disant qu'il ne recevrait ainsi que sa famille, que les dotations ou autres avantages auxquels on a droit en vertu des lois et traités existants <sup>91</sup>.

28. Joli temps: ciel clair., brise fraîche toujours debout. Je ne vais guère d'incidents a signaler. Pedro Augusto, quoique encore préoccupé va cependant mieux. Etant venu dans notre cabine pendant je faisais écrire aux enfants des lettres pour Rio (afin de les occuper), il s'est endormi sur mon lit et y a dormi de midi à 4h; c'est le résultat de toutes les nuits agitées qu'il a pasées.

29. 9h soir. Le temps a continué à être beau le vent complètement debout, et assez violent de sorte que le tangage a été très sensible la nuit et

---

91. "Tendo tomado conhecimento no momento da partida para Europa do decreto pelo qual é concedido à família imperial de uma só vez a quantia de cinco mil contos, mando que declare que não receberei bem como minha família senão as dotações e mais vantagens a que temos direito pelas leis, tratados e compromissos existentes; e portanto, se tiver porventura recebido aquela quantia, deverá restitui-la sem perda de tempo.

"Recomendo outrossim que cingindo-se estritamente aos termos desta comunicação dirija officio que fará imediatamente publicar, e do qual me remeterá cópia.

"Bordo do vapor *Alagoas*, ao chegar a S. Vicente, 29 de novembro de 1889".

Minuta (no arquivo do Museu Imperial - Doc. 9109) por letra da princesa, com a seguinte nota do conde d'Eu: "Esta carta foi redigida de acordo pela princesa e por mim que a apresentamos ao imperador. Antes de assiná-la ele nos perguntou se esta ressalva suficientemente os direitos da imperatriz (consagrados no seu tratado de casamento) ao que respondemos afirmativamente (pois não pensávamos que estes direitos e outros não fossem respeitados pelo governo republicano à vista das promessas feitas e principalmente da mensagem do dia 16 do marechal Deodoro ao imperador".

le jour; et mes petits Louis et Antoine, ont de nouveau vomi, ce qui ne les empêche pas de manger aux heures de repas; et le reste de la société est grâces à Dieu devenu insensible au mal de mer et descend comme de coutume, y compris Bébé Pedro.

En ce moment on aperçoit à gauche, vaguement les montagnes de l'île de Santo Antão qui est en face de celle de S. Vicente. J'ai fait coucher mes petits, et vais remonter sur la passerelle voir ce qui en est. 30. – 8h ¼ soir. On a jété l'ancre dans la rade de S. Vicente hier soir à 11h et je suis resté jusqu'à cette heure sur la passerelle par le beau clair de lune, avec M. Stoll, seuls des passagers. Ce matin avant 5h je sautais du lit afin d'être prêt au petit jour et au guet des nouvelles qu'on pourrait trouver, surtout de Rio. Mais rien jusqu'à 6hA0m, qu'accosta enfin la *lancha da saude* que déclara n'avoir aucunes nouvelles récentes. Nous achevâmes de préparer l'énorme correspondance pour Rio à mettre à la poste à terre, et le Comt. de prendre je ne sais quels arrangements, et il était près de 8h quand nous descendîmes enfin dans son canot, lui, mes 3 petits et moi, leur valet de chambre, Pedro Augusto, M. Stoll et le vice-consul du Brésil, Clarimundo Martins (natif du reste de ces les) qui a été des plus obligeants. Longue séance au télégraphe pour telegraphier a Rio, Paris, Bushy, San Lucar, puis à la poste pour entegistrer 12 lettres pour le Brésil dont une en contenant 10 autres (rien de politique je vous prie de croire). En revenant à bord pour déjeuner, un négriillon me remet sur la jétée une lettre (ouverte) pour l'Empr., de l'exPrest. du Conseil vict. d'Ouro Preto qui vient d'arriver en rade sur le paquebot allemanj "Montevideo"! ayant été lui aussi expulsé du Brésil avec sa famille! Malheureusement son vapeur était en quarantaine, de sorte que Doria qui se mit pour celà dans un canot avec M. Stoll, ne put le voir que de loin. D' 11h ½ à 2h nous retournâmes à terre avec l'Empr. et on fit une tournée consciencieuse de "Camara Municipal, Bibliotheca Municipal, Alfandega", Marché, "Palacio do Governo" tout comme dans les provinces du Brésil!! – Notre vapeur prend du charbon et du lest. – Bonsoir; à revoir bientôt j'espère; saudades à tous les Gasquet Jun. (?); souvenirs aux propriétaires de Grde. Garnne, veuillez communiquer toutes ces feuilles à mon père <sup>92</sup> et Tante Chica <sup>93</sup>.

G. O.

Bordo do vapor *Alagoas* da Companhia Brasileira de Navegação a Vapor, indo de São Vicente (das ilhas de Cabo Verde) a Lisboa, 3 de dezembro de 1889. 9h pm.

Chère Madame la Comtesse.

Je vous ai expédié ma longue lettre avant hier de S. Vicente. C'était dimanche, de sorte que nous étant informés que la messe était à 9h nous nous sommes disposés à nous y rendre. La Princesse et ses dames s'étaient préparées aussi dans ce but, mais ont reculé au dernier moment à cause de

<sup>92</sup>. Duque de Nemours.

<sup>93</sup>. Princesa de Joinville, d. Francisca de Bragança, irmã de d. Pedro II.

l'état d'agitation de la mer et de l'exiguïté du canot, de sorte que je suis allé seulement avec mes 3 petits, Pedro Augusto, Aljezur, Doria et Rebouças. En attendant l'heure de la messe on s'est rebattu sur la boutique voisine où les enfants ont aussitôt désiré s'acheter un chardonneret; et après la messe, on a fait ouvrir, le bureau de poste pour expédier nos dernières lettres.

Nous étions de retour à bord à 10h pour déjeuner. – A 5h p.m. on a levé l'ancre et continué le voyage.

Hier, c'était le 2 décembre. On avait convenu pour fêter cette date, de préparer chacun de son côté un écrit à remettre à l'Empr., La Prresse. en a fait un petit pour elle et moi, un autre pour les enfants, Pedro Augusto, une drôle de tirade tirée d'un conte danois et où comme conclusion il semble s'arroger le droit d'avoir quelque chose à pardonner à l'Empr! Rebouças un long écrit, très-bien senti mêlé malheureusement de ses préjugés socialistes. Doria des vers *parfaits*: je n'ai pu voir les productions de Tosta et M. Maia. – Au diner le Comt. du vapeur a fait donner du champagne et salué l'Empr. en son non et en celui du personnel du bord, et Doria aussi a prononcé quelques mots *excellents* em nome dos brasileiros aqui reunidos. – Malheureusement Vóvozinha n'a pu paraître, au diner, se sentant souffrante d'une sorte de courbature que M. Maia a qualifiée de "forte constipação"; et aujourd'hui elle est restée au lit ayant pris de l'huile de ricin; mais se sent mieux grace à Dieu. – La Prresse, aussi a gardé le lit toute la journée n'osant pas affronter le mouvement du bateau qui en effet est devenu terrible par suite d'un enorme ondulation de l'océan qui nous bat le flanc gauche. La nuit passée tout a roulé dans ma cabine: papiers, livres, bougeoir, verres. Ce soir cela semble plus calme grace à Dieu. 4. 10h ½ p. m. Pendant la nuit le mouvement s'est calmé petit à petit et aujourd'hui, à partir du déjeuner le temps a été tout ce qu'il y a de plus délicieux; la mer comme de l'huile, vers 1h on a aperçu par dessus los nuages le Pic de Ténériffe resplendissant de neige comme un sommet dos Alpes. Vers 3h on a rejoint l'île qu'on a longée jusqu'à 9h ce soir, mais les nuages avaient de nouveau enveloppé toutes les hauteurs de sorte qu'on n'a plus rien vu du Pic. – En revanche, entre 5h et 6h on a eu un merveilleux coucher de soleil à l'arrière du bâtiment. 5. 9h p. m. La journée a été calme, mais pas aussi jolie que celle de la veille. Sur les 3h il y a eu un grain de pluie; puis cela s'est remis au beau, et le clair de lune a été de toute beauté. – Pedro Augusto a été de nouveau agité, ne revant que manigances meurtrières de la part des employés du bord! – J'ai fait mes petits écrire un récit de leur départ, à titre d'exercice.

6. 9h soir. La nuit dernière le froid m'a tenu éveillé à partir d'une certaine heure, et la journée a été froide aussi en général. Cependant à l'heure du soleil, non seulement la Prresse. a fait sa petite promenade habituelle sur le pont avec Mme. Tosta, mais l'Empr. aussi est venu s'y asseoir un bout de temps. Ce soir il y a de nouveau un beau clair de lune. – Demain matin nous devons entrer à Lisbonne et j'y mettrai à la poste ceci qui vous arrivera probablement avant mon long récit expédié de S. Vicente.

Bonsoir saudoso a tous les Gasquet Junior (?). Quand aurons nous la joie de nous revoir?

G. O.

Bord du vapeur brésilien “Alagoas” allant de S. Vicente (Iles du Cap. Vert) à Lisbonne, 4 décembre 89.

Merci, cher Dom, de vos bons voeux du 15 octobre.

Je me disposais à répondre à votre lettre lorsque sont survenus d’une manière si subite les événements qui nous ont forcés à quitter le Brésil! Ce que j’avais pressenti de si longues années est arrivé au moment où je ne l’attendais nullement. Les Chambres allaient se réunir le 20 novembre, et la veille encore du soulèvement, c’est à dire le 14, l’Empereur était venu à Rio uniquement pour assister au concours de la chaire d’anglais au Collège D. Pedro 2<sup>e</sup>, et sans voir aucunement les ministres.

Quant à nous ne pensions qu’à mettre la maison en ordre pour la soirée que nous devons donner le lendemain 16 en l’honneur des officiers chiliens.

J’espère au moins que cette catastrophe nous procurera la joie de vous revoir bientôt ainsi que votre chère mère, et Chiquinha <sup>94</sup> et les enfants.

Nous comptons faire visite aux Montpensier <sup>95</sup> à San Lucar puis décider l’Empr. a s’établir pour le reste de la saison à Cannes ou nous pensons faire la 1<sup>ère</sup>, communion de Louis au printemps et lui faire suivre pour cela le catechisme paroissial.

Des Iles du Cap Vert j’ai expédié à votre mère une longue narration de tout ce qui s’est passé, du moins autour de moi.

Graces à Dieu, toutes les santés sont aussi bonnes que possible dans une aussi triste circonstance.

Nos meilleurs souvenirs aux excellents (ilegível) (à qui j’aimerais tant pouvoir de nouveau faire visite!); et veuillez partager avec tous les vôtres les messages bien affectueux de la Princesse et de votre tout affectionné.

*G. O.*

Vous aurez su que les Doria sont à bord avec nous ce qui nous ravit. Mais quelle triste occasion de visiter l’Europe! Je ne sais leurs projets ultérieurs.

---

94. D. Francisca Lustosa Paranaguá, irmã da baronesa de Loreto, marquesa de Barral-Monferrat, pelo seu casamento com Dominique de Barral.

95. Duques de Montpensier, tios do conde d’Eu.



## NOTICIÁRIO





Grupo feito ao assumir o sr. Francisco Marques dos Santos a direção do Museu Imperial, em 28 de setembro de 1954.



## Noticiário

Pelo diretor do Museu foi apresentado o seguinte relatório das atividades da instituição relativas a 1954:

Em 13 de janeiro de 1955.

Senhor ministro:

Em obediência às determinações regimentais, apresentamos a vossa excelência o relatório dos trabalhos realizados pelo Museu Imperial, no decorrer do ano de 1954.

### 1. Posse do diretor

Designado por decreto do excelentíssimo senhor presidente da República, referendado por vossa excelência, assumiu a direção do Museu Imperial, o sr. Francisco Marques dos Santos, que entrou em exercício em 28 de setembro de 1954.

### 2. Movimentação de servidores

Assumindo a direção do Museu, o novo diretor fez diversas alterações de servidores em suas divisões, a fim de melhor atender os seus respectivos serviços.

Também, de acordo com o regimento do museu, foi designado para diretor substituto, o chefe da divisão da monarquia brasileira, Luís Afonso d'Escragolle, conforme aprovação de vossa excelência.

### 3. Serviço auxiliar

#### *Seção de Administração*

Foi o seguinte o seu movimento:

Expedidos: Ofícios: 784; cartas: 332; cartões: 9; portarias: 48; ordens de serviço: 12; atestados: 14; requeri-

mentos: 334; Processos: 47; Relatório: 1; Telegramas: 16; Anuários: 1.922; Guias de remessa de correspondência: 255; Fichas de protocolo: 1.646.

Recebidos: Ofícios: 123; cartas: 184; cartões: 11; telegramas: 35; contas: 21; circulares: 33; processos: 13;

Memorandos: 5; requerimentos: 27; informações: 78; relatórios: 3.

#### 4. Visitação

Durante o ano foi o Museu Imperial visitado por 135.758 pessoas, sendo 51.669 homens, 61.322 mulheres, 16.200 crianças e 6.567 pessoas constantes de visitas coletivas.

Pelas estatísticas dos anos anteriores, verifica-se que vem sempre aumentando a visitação. Ainda uma vez o fato se repete, pois que no ano de 1953 visitaram o Museu 132.196 pessoas, com um acréscimo, assim de 3.662 pessoas a mais no de 1954.

Entre os visitantes, destacaram-se os seguintes: dr. Getúlio Vargas, presidente da República, acompanhado do general Caiado de Castro; embaixador da Itália, sr. Giovanni Fornari e família; ministro da marinha do Paraguai, sr. Gabriel Patiño e família; ministro da Defesa Nacional do Chile, general Abdón Parra Urzúa; embaixador do Paraguai, don Arnaldo Carrasco; príncipe Axel, da Dinamarca; dr. Alfredo Pinilla e professores da Universidade Eva Peron, na Argentina; dr. Juan Vicente Nicoláu, jurisconsulto peruano; Antônio Barratte, ministro do Trabalho do Canadá; oficialidade do cruzador *Quebec*, da Marinha do Canadá; d. Carlos Tasso de Saxe Coburgo e Bragança; d. Filipe Tasso de Saxe Coburgo e Bragança; arquiduquesa d'Áustria, princesa Meclitilde Czartoriscka; senhora Zelpha Chamoun, esposa do presidente da República do Líbano; sir Alexander Fleming e senhora; dr. Delfim Moreira Jr., ministro do Tribunal Superior do Trabalho, acompanhado de vários desembargadores de estados da União; Bartolucci Domênico, vice-diretor da Capela Sistina; Miguel Bemal Jimenez, diretor da faculdade de música da Universidade de Nova Orleans; Auguste Le Guement, diretor do Instituto Gregoriano de Paris; coronel Carlos Muniz Guedes e oficiais do 12º R. I. de Juiz de Fora; gal. Tito Porto Carreiro; cel. Adélio R. de Sousa; alunos do Colégio Estadual da Bahia, Ginásio Mariano Procópio, de Juiz de Fora,

e Escola Maria Raythe; ministro da Educação Pública do Peru, Carlos Gonzalez Iglesias; delegação de esportistas de Montevideu; delegados da legação da Suécia; alunas da Escola Normal Júlio Maria, de Boa Esperança, Minas Gerais, e da faculdade de filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul; professor Pierre Vachet, membro do Congresso Mundial de Energia Elétrica; alunas do Instituto de Educação da Bahia; caravana médica do Congresso de Cancerologia; delegação argentina de escotismo; delegação da União Pan-Americana de Engenheiros; delegação chilena à Conferência Latino-Americana de Mulheres; N. Lopes de Almeida, professor da Universidade de Coimbra; Carleton Sprague Smith; embaixada chilena de farmacêuticos e ministro da Educação Nacional da Espanha, sr. Joaquim Ruiz Jimenez, acompanhado do embaixador da Espanha no Brasil, adido cultural, sr. Viñolas, e outros personagens.

Do livro destinado a impressões de visitantes ilustres, destacamos as seguintes:

“Abandono este Museo gratamente impresionado, por la interesante visita que he realizado.”

*Tet. Cel. Carlos Gonzalez Iglésias.*

(Ministro da Educación Publica del Perú) 02/05/1954.

“We have had many privileges; this is one of the best.”

*Alexander Fleming, May 17-54.*

“Na rápida visita ao Museu Imperial, colhi a grata impressão do cuidado amoroso com que o Brasil procura conservar as velhas coisas do passado, daquele augusto passado que lhe preparou a grandeza e lhe firmou o futuro”.

*José Carlos Martins Moreira*

Vice-reitor da Universidade de Coimbra. 25/09/1954.

“Vim a este Museu reavivar as memórias de uma grande época do Brasil. De fato, tudo nele está ordenado para que essas memórias se fixem perduravelmente em nós. Bem hajam os que assim guardam e defendem as suas tradições.”

*Álvaro J. da Costa.*

“Visitando este Museo de la tradición imperial del Brasil, siento el gran espíritu, la poderosa absorción espiritual de esta gran Nación.”

*Representante del Perú en el Comité Jurídico Americano.*

“À Casa cuja existência se deve à dedicação do brilhante Alcindo Sodré, a comissão por mim representada, entrega a medalha comemorativa do aniversário natalício de um grande príncipe da casa de Bragança, dom Pedro Henrique, no primeiro aniversário do repatriamento dos despojos da princesa imperial dona Isabel e do conde d’Eu.”

*Ovídio Gouveia da Cunha.*

“Con respetuosa admiración a la gloriosa Historia del Brasil, que aquí tiene una parte de sus bellos reflejos.”

*Joaquim Ruiz Gimenez,*

(Ministro de Educación Nacional de España) 12/12/1954.

#### 5. Divisão de Documentação Histórica

Não tiveram o ritmo dos anos anteriores os trabalhos da Divisão de Documentação Histórica, apesar da boa vontade dos respectivos auxiliares, devido principalmente à transferência, julgada necessária pela administração anterior, do acervo da divisão, para o novo e inacabado anexo em que se instalou.

##### *a) Biblioteca*

Procedeu-se um balanço geral e foi revisto o catálogo topográfico. Além desse trabalho, que constitui um passo atrás no desenvolvimento dos serviços, puderam ainda ser classificadas e catalogadas 232 obras, segundo os mapas organizados, empregando-se para isso 1.856 fichas bibliográficas. Na revisão do catálogo foram classificadas 186 obras e substituídas 1.484 fichas.

Encarregou-se ainda a seção da remessa de 430 volumes para encadernar na Imprensa Nacional, com a feitura das competentes indicações para as lombadas.

Procedeu-se também ao expurgo de 42 volumes atacados por papirófagos.

O livro de tombamento de obras impressas atingiu, neste ano, a 266 obras, num total de 361 volumes. Destes, 7 entraram por permuta, 93 por compra e 261 por doação.

A avaliação total do acervo da divisão perfaz a soma de Cr\$ 3.844.982,80 (três milhões, oitocentos e quarenta e quatro mil, novecentos e oitenta e dois cruzeiros e oitenta centavos).

b) *Arquivo*

Foi iniciado o serviço de classificação e catalogação do “Arquivo da Casa Imperial”, estimado em cerca de 60.000 documentos. O arquivo foi procurado por pessoas que consultaram 1.508 documentos. Foram fornecidas 40 fotocópias e 83 cópias datilográficas a estudiosos, especialistas e ao professor Ricardo Román Blanco, credenciado pela Universidade de São Paulo, permitido microfilmar 936 documentos relativos à rainha d. Carlota Joaquina.

c) *Documentação fotográfica*

Deram entrada nesta seção 56 fotografias, todas por doação.

d) *Publicações*

Prosseguiu-se a expedição dos volumes do Anuário do Museu Imperial referente a 1950 (vol. XI), iniciada no ano anterior, dando-se início à do vol. XII, relativos a 1951, remetidos para o país e o exterior.

Acham-se nas oficinas da Imprensa Nacional os originais dos Anuários referentes a 1953 e 1954 (vol. 14-15) e, praticamente pronto para serem entregues, dependendo de pequenos detalhes de acabamento o relativo a 1952 (vol. 13).

Em data de 30 de novembro, recebeu esta casa 3.500 exemplares do catálogo que se encontravam no Departamento de Imprensa Nacional, de autoria de Alcindo Sodr e, 1951, e que constitui ótima fonte de informa es sobre o museu e grande parte de seu acervo, além da esplêndida parte fotográfica, em rotogravura.

e) *Intercâmbio cultural*

Foi o Museu Imperial representado pelo chefe da D.D.H. no Congresso de História realizado no Recife, por ocasião das comemora es do Tricentenário da Restaurac o de Pernambuco, expondo, além do mais, uma cole o de fotografias de suas salas,

peças históricas e principais atividades. Com o mesmo objetivo o nosso representante, sr. Lourenço Luís Lacombe, apresentou uma tese sobre a vida e a organização do Museu Imperial, relatada elogiosamente pelo ilustre historiador português sr. Alberto Iria.

f) *Exposições*

Foi realizada, com brilho a “Exposição Iconográfica sobre Petrópolis e seus Arredores” (1800-1887), organizada pelo sr. Gilberto Ferrez, autoridade no assunto. Essa exposição foi visitada por elevado número de pessoas.

g) *Conferências*

No recinto da *Exposição Iconográfica* feita neste Museu, o Instituto Histórico de Petrópolis realizou uma sessão comemorativa da data de 16 de março, em que se festeja a fundação de Petrópolis, sendo conferencista o sr. Gilberto Ferrez.

A atual administração não mais encontrou o antigo salão que outrora serviu para as conferências então realizadas.

## 6. Divisão da Monarquia Brasileira

Prosseguiu-se o serviço relativo a fichas e etiquetas.

Na divisão entraram objetos por doações, aquisições, transferências e permutas, estimados na importância de Cr\$ 319.850,00 (trezentos e dezenove mil, oitocentos e cinquenta cruzeiros), sendo a seguinte a relação das doações:

Uma carteirinha de couro com iniciais de d. Pedro II, doada pelo Museu Nacional do Rio de Janeiro e avaliada em cinquenta cruzeiros; duas telas a óleo representando os barões de Ipiabas, doadas pela sra. Maria Werneck e avaliadas em vinte e cinco mil cruzeiros cada uma; estojo tinteiro que pertenceu a d. Leopoldina, doado pelo sr. dr. Pedro de Paranaguá e avaliado em três mil cruzeiros; fardas de diplomata que pertenceram a Américo de Castro, doadas pela sra. Arabela Marcondes de Castro e avaliadas em doze mil e cem cruzeiros; móvel secretária, avaliado em cinquenta mil cruzeiros, doado pelo sr. dr. Cândido Guinle de Paula Machado; um par de fronhas, doado pela sra. d. Elvira Mendes de Oliveira Castro, avaliado em hum mil e qui-



Visita do presidente Getúlio Vargas em companhia do governador do E.  
do Rio, Ernani do Amaral Peixoto, em 13 de fevereiro de 1954.



nhentos cruzeiros; uma bengala que pertenceu ao 2º marquês de Paranaguá, doado pelo dr. Pedro de Paranaguá e avaliada em dois mil cruzeiros; uma cadeira oriental, doada pela sra. Luisa Cláudio de Sousa e avaliada em cinqüenta mil cruzeiros; par de jarras com as iniciais D.T. encimadas pela corpa italiana, doação idem, avaliado em vinte mil cruzeiros; busto de bronze, representando o marquês de Tamandaré, doado pelo Ministério da Marinha e avaliado em dois mil cruzeiros; um prato de sobremesa, que pertenceu a Joaquim Egídio de Sousa Aranha, marquês de Três Rios, doado pelo sr. Joaquim Egídio de Sousa Aranha e sra. e avaliado em um mil cruzeiros; uma cremeira, doação idem, avaliada em duzentos cruzeiros, entre outras doações.

#### 7. Coleção Tobias Monteiro

Providenciou a atual administração o recebimento do valioso legado feito a este sodalício por Tobias do Rego Monteiro, historiador do Império.

O diretor, em companhia do testamenteiro sr. Gentil Rego Monteiro e de dois funcionários do Museu, esteve no domicílio do falecido historiador, procedendo à separação dos objetos destinados ao museu, a ele recolhidos, com o máximo cuidado, cinco dias depois, a 8 de outubro de 1954.

O legado Tobias Monteiro consta de 29 itens, neles consignadas peças de mobiliário brasileiro de jacarandá do século XVIII e XIX, constituindo ótima fonte para os estudiosos. Além de estampas e outros objetos, três telas a óleo completam a doação, e constam as telas de uma paisagem da Quinta da Boa Vista, em 1889, por Brocos; um esplêndido retrato de dom Pedro II no fim da vida e um esplêndido retrato de dom Pedro I, pintado no Rio de Janeiro, por Simplício Rodrigues de Sá, em 1830.

#### 8. Divisão de Ourivesaria

Também nesta divisão continuou o serviço de fichas e etiquetagem dos objetos. O valor total dos objetos que deram entrada nesta divisão, monta a Cr\$ 643.800,00 (seiscentos e quarenta e três mil e oitocentos cruzeiros), por doações e aquisições, sendo que por doação foram os seguintes:

Broche constituído de moeda de ouro, com valor de 10\$000, com cercadura de ouro, doação da sra. Mariná de Moraes Sarmento e avaliado em três mil cruzeiros; duas bengalas de moirapinina do Amazonas, com castão de ouro, doações do dr. Pedro Paranaguá, avaliadas em três mil cruzeiros cada uma; leque de penas de avestruz, castanho-matizado, constituído de dezoito varetas de tartaruga, vareta mestra ornamentada com motivos florais, cravejada de minúsculos diamantes, alça de metal dourado, com um pequeno diamante, doação da sra. Carolina Barbosa da Costa Carvalho e avaliado em dois mil cruzeiros; leque constituído de 18 varetas de jacarandá, pintado de preto e folha de gaze preta com flores bordadas à mão, guarnecida de renda Chantilly; doação da sra. Mariná Moraes Sarmento e avaliado em oitocentos cruzeiros; medalha de prata, comemorativa do Tricentenário da Restauração Pernambucana, doação da comissão do mesmo e avaliada em quinhentos cruzeiros; duas medalhas de cobre, comemorativas da Exposição de 1861; duas medalhas de cobre, comemorativas da Exposição de 1873. As medalhas estão acondicionadas em estojos de veludo grená, doação do senhor Adriano Alves Pereira e avaliadas em cento e vinte cinco cruzeiros cada uma; medalha de bronze incusa, comemorativa do 20º aniversário da Fundação do Instituto Argentino-Brasileño de Cultura, doação do mesmo instituto e avaliada em oitocentos cruzeiros; duas medalhas de bronze patinado, comemorativas “Dom Pedro Henrique”; acompanha as medalhas um estojo de veludo verde; doação da comissão promotora da mesma medalha e avaliadas em cem cruzeiros cada uma.

### 9. Aquisições

Por verba própria foram adquiridos os seguintes objetos:

Broche de ouro, que afeta a forma de um ramo florido, cravejado de brilhantes, tendo ao centro da corola um brilhante, de quase 4 quilates, 3 pingentes do mesmo desenho, também cravejados de brilhantes, avaliado em trezentos mil cruzeiros; broche de ouro, com as mesmas características do anterior, tendo ao centro um brilhante de quase 3 quilates, avaliado em duzentos e cinqüenta mil cruzeiros; pulseira de ouro, ornamentada na parte anterior com ramos floridos, cravejados de brilhantes e na parte posterior, seis ornatos de forma anular, superpostas, adquirida

por oitenta mil cruzeiros; violino com as armas imperiais e uma dedicatória em francês a d. Pedro II, avaliado em sessenta mil cruzeiros; espingarda grande com a data de 1857 e a coroa com a inicial P.II, avaliada em seis mil cruzeiros; 2 quadros a óleo pintados sobre madeira, avaliados em quatro mil cruzeiros.

#### **10. Discoteca**

Embora se faça necessária a aquisição de novos discos, a discoteca continuou com apreciável número de ouvintes. A sua frequência foi de 9.542 pessoas, sendo 5.954 ouvintes e 3.588 visitantes.

#### **11. Serviço fotográfico**

Funcionando regularmente, o serviço fotográfico desenvolve constante atividade, habilitando o museu a fornecer valiosa documentação aos interessados e estudiosos. No decorrer da atual administração tem-se esmerado na fatura das fotografias escolhidas para figurar no catálogo da pinacoteca do Museu Imperial.

Foram os seguintes os serviços fotográficos executados:

Objetos históricos, 784; fotocópias, 227; conferências e visitas, 40; reproduções, 246; fotografias internas, 335; fotografias coloridas, 7 e diversos 137.

#### **12. Novas salas**

Durante o ano foram abertas à visitação pública, 3 novas salas. Na parte central do edifício, as salas para jóias, moedas e condecorações, dispostas em vitrinas de metal e vidro, movimentadas a eletricidade e ar comprimido, especialmente mandadas executar pela administração Alcindo Sodré, e no anexo, junto à sala das carruagens, a denominada “Sala do Soldado do Império”.

#### **13. Inventário**

De acordo com o livro de registro geral do material permanente deste museu, compreendendo objetos adquiridos, doados e transferidos, foram escriturados, durante o corrente ano,

1.422 números de registros, na importância de Cr\$ 1.845.621,10 (um milhão oitocentos e quarenta e cinco mil seiscentos e vinte e um cruzeiros e dez centavos).

Assim, somados com as importâncias dos anos anteriores, verifica-se que o acervo do Museu Imperial, atinge o total de Cr\$ 29.186.707,48 (vinte e nove milhões, cento e oitenta e seis mil, setecentos e sete cruzeiros e quarenta e oito centavos).

#### 14. Obras

Ao entrar na investidura do cargo, encontram-se paradas as obras do edifício anexo ao Museu, em cujo segundo andar, inacabado, funciona, sem os requisitos necessários, a importante divisão de Documentação Histórica e sua valiosa biblioteca e seu arquivo.

Esse anexo, cujo projeto foi cuidadosamente estudado, comportará a discoteca, (precariamente instalada em outro anexo do Museu) e o auditório.

O atraso no término deste novo edifício vem acarretando grande prejuízo ao Museu, no âmbito cultural, pela falta da sala de conferências e de projeções luminosas, uma vez que não se pode estabelecê-la em outro local, pelo crescimento que teve a instituição, para a qual afluiu, por compras e doações particulares, o mais valioso acervo que se pode encontrar num museu brasileiro.

Encerrando, senhor ministro, cumpre-nos assinalar a dedicação dos servidores do museu, já insuficientes para atender o desenvolvimento havido em quinze anos de existência desta casa, que se vê tolhida no progresso que deve ter, culturalmente, devido a ainda não se achar terminado o seu importante anexo, cujas obras se acham a cargo dos técnicos da seção de obras do ministério, sob a orientação da Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

Aproveitamos a oportunidade para renovar a vossa excelência os protestos da nossa alta estima e elevada consideração.

***Francisco Marques dos Santos***

Diretor.

Ex.<sup>mo</sup> sr. dr. Cândido Mota Filho,  
D.D. ministro da Educação e Cultura.